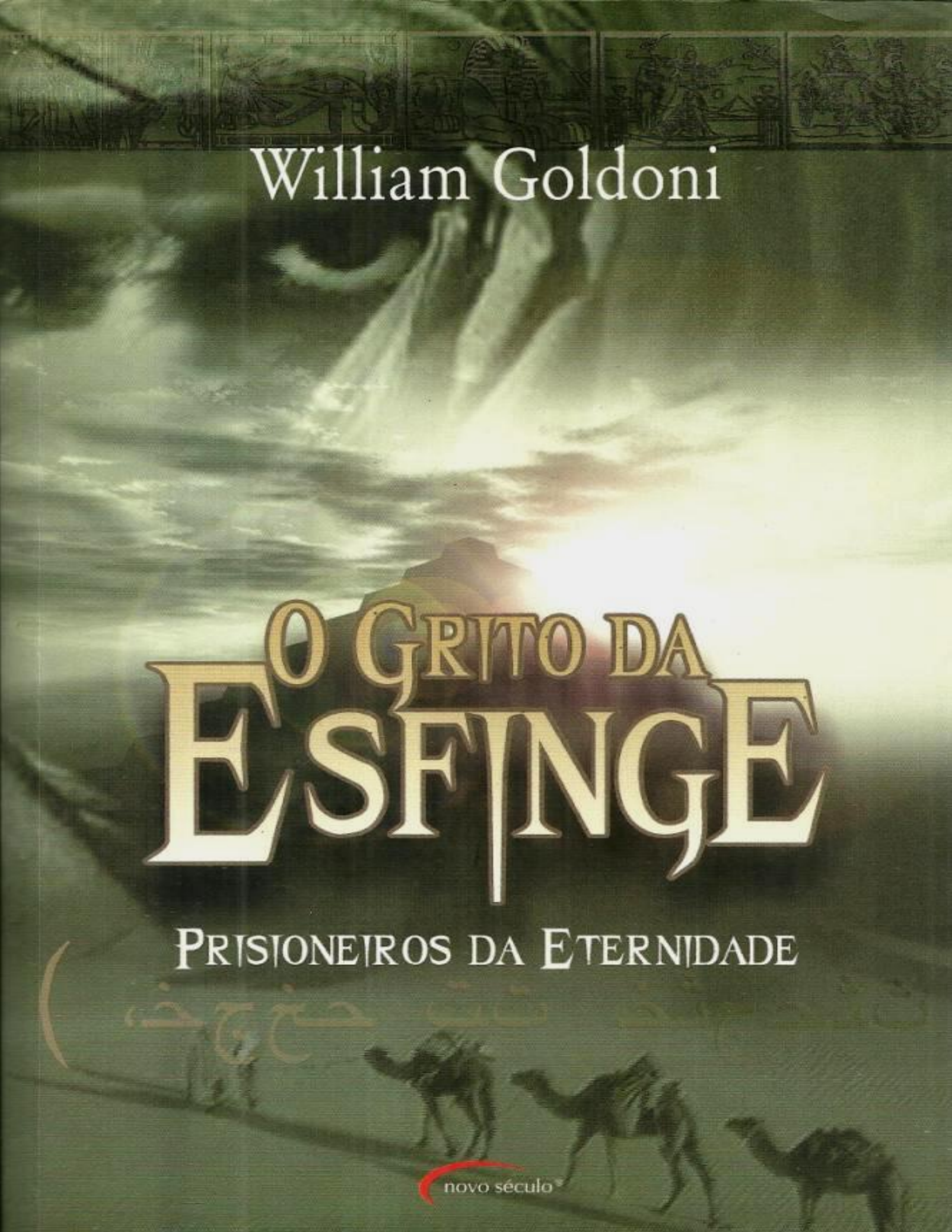




William Goldoni

O GRITO DA ESFINGE

PRISIONEIRO DA ETERNIDADE

novo século



WILLIAM GOLDONI

O GRITO DA ESFINGE

Livro 01

OS PRISIONEIRO DA ETERNIDADE

Novo Século
2005

AGRADECIMENTOS

Ao contemplar um jardim judiciosamente planejado e percorrê-lo em seus detalhes, é um tanto difícil imaginar a equipe que se engajou na preparação dos canteiros, na remoção do entulho e na distribuição de cada planta, tronco, rocha, cascata, luminária e pedrisco. O conjunto final, qual obra de arte viva e em evolução, é admirável. É igualmente admirável é o esforço de conjunto e a boa vontade de todos os participantes que se empenharam para o futuro usuário do jardim sentir-se satisfeito e realizado com seu oásis particular. Cada qual, à sua maneira, põe um pouco de si na obra, embora só o paisagista fique com os louros no final.

Da mesma maneira é a produção de um livro, um esforço de conjunto.

Em especial agradeço à Sra. Juracy Ribeiro, revisora e escritora talentosa, Brasil; ao Dr. Décio Scaravelli, revisor e historiador, Brasil; à Dra. Silmara A. Z. M. Franzese, psicóloga clínica, Brasil; ao Dr. Frederic Luskin, psicólogo da Stanford University School of Medicine, EUA; ao Dr. Nicole Kloth, egiptólogo da Universität Heidelberg, Alemanha; à Dra. Margareth Bakos, historiadora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil; ao Dr. Kerry Muhlestein, egiptólogo da Brigham Young University, Hawaii, EUA; à equipe do Dr. Kent R. Weeks, diretor do Theban Mapping Project da American University in Cairo, Egito.

O meu reconhecimento e agradecimento a todos esses e àqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram com suas valiosas informações, críticas, sugestões e ponderações para que a qualidade do livro melhorasse.

É também meu dever pedir o perdão do leitor pela nomenclatura usada no livro. Recomenda a boa lingüística adotar a grafia dos nomes próprios sempre no mesmo idioma, sendo esse, de preferência, o vernáculo. Contudo, ao tratarmos do Antigo Egito, encontramos na literatura, na TV e no cinema uma mistura de grafias em diferentes idiomas. Por exemplo, a cidade de Ta-Apet foi chamada pelos gregos de Thebas (nome de uma cidade da Grécia), em português tornou-se Tebas e hoje é chamada oficialmente de Luxor; o deus Set foi chamado pelos gregos de Typhon, pelos ingleses de Seth e pelos brasileiros e portugueses de Sete, Tífon, Tifon e Tifão. As próprias palavras *neter* e *netert* foram traduzidas para as línguas européias como "deus" e "deusa", sendo o conceito egípcio dessas palavras um tanto diferente do conceito grego e principalmente do judaico-cristão.

Deuses, personagens históricos, fatos, objetos e lugares são conhecidos popularmente pelos nomes egípcios originais ou por nomes árabes, franceses, ingleses e gregos. No Brasil, todos esses também aparecem em formas aportuguesadas. É comum o mesmo texto acadêmico citar Osíris (nome grego), Set

(egípcio), Amarna (árabe), Ptolomeu (grego aportuguesado) e rainha (não existia essa palavra no egípcio, usava-se "faraó" para o soberano homem ou mulher). A fim de proporcionar ao leitor maior comodidade na memorização e reconhecimento dos personagens e lugares, optei por escrever os nomes próprios do modo popularmente mais conhecido, qualquer que fosse o seu idioma.

William Goldoni

PREFÁCIO

MISTÉRIOS QUE CERCAM AS PIRÂMIDES E A ESFINGE DE GIZÉ

"O Governo Egípcio esconde dados sobre descobertas arqueológicas feitas na Esfinge e nas pirâmides de Gizé" é uma frase constantemente repetida, principalmente nos fóruns de debate da Internet sobre egiptologia. Segundo alguns estudiosos do tema, há por parte daquele governo uma conspiração para sonegar informações e descobertas importantes feitas recentemente sobre a existência de túneis e câmaras subterrâneas no planalto de Gizé: a conspiração de Gizé (*the Giza Conspiracy*).

Será mesmo possível tais câmaras existirem? Estariam os funcionários do alto escalão do mais rico país árabe envolvidos num boicote de informações? O Governo Egípcio atravessou o século 20 negando as duas coisas.

Em 1936, H. Spencer Lewis, "Grande Imperador da Ordem Rosacruz",^[1] publicou um livro na Inglaterra dizendo que espíritos de antigos iniciados egípcios lhe haviam indicado uma rede de fossos e túneis secretos no planalto de Gizé. Segundo o livro, *The symbolic prophecy of the Great Pyramid*, sob a Esfinge de Gizé há salas, tumbas e corredores que levam às três pirâmides maiores: a de Khufu, a de Khafre e a de Menkhaure.^[2] O livro até apresenta um desenho desses túneis.

Spencer Lewis dizia estarem em poder da Ordem Rosacruz manuscritos secretos que indicavam a entrada para essas galerias, mas que não podiam ser revelados.

A voice out of Egypt (1935), de H. C. Randall Stevens, apresentava idêntico mapa. Mais tarde, no livro *Atlantis for the latter days* (1954), ele afirmava ter recebido aquele mapa em 1927 de dois espíritos de antigos egípcios, Oneferu e Adolemay. As salas e os corredores sob a Esfinge são chamados no livro de "Centro Maçônico".

Os dois primeiros livros foram lançados quase juntos e, com as acusações de plágio, a atenção geral se voltou para o mistério. E claro que a polêmica se espalhou como um rastilho de fogo; havia pouco mais de dez anos que a tumba de Tutankhamon fora descoberta com seus tesouros maravilhosos. Com a morte de vários envolvidos na escavação e no transporte da múmia de Tutankhamon para Londres (inclusive de Lord Carnavon, o milionário inglês que patrocinou a pesquisa), nasceu a famosa

hipótese da "maldição da múmia".

E a polêmica aumentou quando, em 1941, o médium norte-americano Edgar Cayce fez impressionantes declarações sobre a existência de uma "Sala dos Registros" escondida sob a Esfinge. Nessa sala estariam guardados arquivos reveladores do surgimento da humanidade e de outras civilizações anteriores às conhecidas pela história.

Essas revelações e profecias, na verdade, reavivaram uma velha lenda: antigos historiadores gregos e latinos, como Heródoto (séc. V a.C.) e Plínio, o velho (séc. I d.C.), haviam falado da existência de compartimentos subterrâneos em Gizé, onde os sábios egípcios zelosamente guardavam as múmias de seus reis.

Muitos outros relatos e lendas surgiram depois, afirmando que naquele país misterioso os sábios egípcios mantinham os Mistérios guardados dos olhos do povo e dos estrangeiros, em galerias e labirintos subterrâneos, só por eles conhecidos.

Em 1977, a Fundação Nacional de Ciência dos Estados Unidos iniciou um projeto com o Instituto de Pesquisa de Stanford para mapear o subsolo do planalto de Gizé. Foram usadas diversas técnicas, como magnetometria, aerofotogrametria, análise de imagens de satélite e de radiação infravermelha. O relatório oficial da equipe, de 1978, diz que:

"Várias anomalias foram observadas nos resultados de nossas pesquisas com resistividade na Esfinge... Atrás das patas traseiras (extremidade noroeste) nós passamos duas transversais. Ambas indicaram uma anomalia, possivelmente devido a um túnel alinhado de noroeste a sudeste."

Outras anomalias, diz o mesmo relatório, foram notadas em profundidade no terreno rochoso *"na frente das patas da Esfinge"*.

Em 1987, cientistas japoneses da Universidade Waseda conduziram novos experimentos com irradiações eletromagnéticas, buscando aferir a veracidade das lendas sobre a existência de câmaras e túneis secretos sob a Esfinge. O trabalho^[3] chegou aos seguintes resultados:

"1. Área sul da Esfinge:

A base de rocha da Esfinge contém mais umidade que a da pirâmide. Isso poderia ser causado por uma correnteza subterrânea próxima. Um dado que foi obtido poderia indicar que existe um poço 2,5 a 3 metros abaixo da superfície do solo próximo à pata dianteira sudeste.

— Área norte da Esfinge:

A base rochosa norte parece ter mais umidade que a sul. (...). Sob a Esfinge, conseqüentemente, pode existir um túnel. Mais além, próximo ao cotovelo, uma cavidade geométrica (1 x 1,5 x 7m) foi detectada, possivelmente contendo metal ou granito.

– Área leste da Esfinge (próximo à pata dianteira):

(...) A superfície, que não é feita de calcário e tem um grande número de rachaduras, não foi medida corretamente devido a uma turbiãenta reflexão nela. A pesquisa preliminar tem indicado a grande possibilidade da presença de uma cavidade de 1 a 2 metros abaixo da superfície do solo."

Uma outra equipe, liderada pelo Dr. Robert Schoch, geólogo da Universidade de Boston, EUA, descobriu, em 1991, cavidades a pouca profundidade no subsolo em torno da Esfinge. A equipe usou, como método de pesquisa, a retração sísmica, a tomografia de refração e a reflexão sísmica.

Entretanto, para surpresa dos atentos acompanhantes do mistério, os pesquisadores Imam Marzouk e Ali Gharib, do *Egyptian National Research Institute of Astronomy and Geophysics*, chegaram a outros resultados. Eles conduziram em 1992 pesquisas sob a Esfinge usando também a técnica da refração sísmica, afirmando encontrar camadas de rochas, mas sem indício de existir cavidades.

Três anos depois, a Expedição Schor, da Universidade Estadual da Flórida, EUA, em abril de 1996, pesquisou através de sensoriamento remoto o entorno da Esfinge e outras partes do planalto de Gizé. A equipe, financiada pela *Association for Research and Enlightenment*, afirmou ter encontrado "salas e túneis".

Atualmente circulam pela Internet histórias e acusações ao Governo Egípcio de ocultar informações sobre recentes descobertas feitas em Gizé, principalmente sobre a Grande Pirâmide de Khufu e sobre a Esfinge. O Dr. Zahi Hawass, Secretário-Geral do Supremo Conselho de Antiguidades do Egito e Diretor de Escavações em Gize, questionado sobre o boicote de informações do Governo Egípcio, afirmou, em entrevista ao *website* NOVA, em 1997, que:

"As técnicas que esses projetos usam não revelam diretamente câmaras e passagens. Elas apenas mostram 'anomalias', que podem ser interpretadas como câmaras e passagens. Falhas e outras ocorrências naturais também podem produzir anomalias. Nós não podemos dar permissão para escavar na rocha natural da Esfinge ou perfurar a base das anomalias na direção da Esfinge, especialmente agora que nossa prioridade é conservar a Esfinge. Os programas de sensoriamento remoto devem ser conduzidos em outros lugares para testar as técnicas, e para demonstrar que funcionam, antes de serem usadas para fazer

declarações sensacionais de salas secretas na Esfinge."

"(...) A lista de pesquisas de sensoriamento remoto na Esfinge prova que nós não temos prevenção contra esse tipo de pesquisa - e a lista é ainda mais longa daqueles que têm pesquisado as pirâmides. Mas agora outras prioridades são muito mais urgentes, e nós não podemos autorizar escavações e perfurações na Esfinge pela possibilidade remota de termos perdido, de alguma forma, pistas de uma civilização perdida."

À medida que outras pesquisas foram feitas, novos fossos e cavidades foram descobertos, alguns deles contendo sarcófagos com múmias. Apesar da declaração acima, o próprio Dr. Hawass realizou escavações em Gizé, em 1999, e descobriu não muito longe da Esfinge uma câmara inundada com alguns sarcófagos, cerâmica e ossos datados de 500 a.C. Essa câmara ele chamou simbolicamente de "Tumba de Osíris".

Apesar da veemência e da fama de certos escritos, como o mapa divulgado pela Ordem Rosacruz e as profecias de Edgar Cayce, nunca foi provado nada além de algumas frestas e fossos onde jaziam escondidas algumas múmias. Mas isso não elimina as grandes questões: por que os resultados das pesquisas são tão contraditórios? E por que o Governo Egípcio se nega a autorizar escavações que esclareçam de vez a polêmica?

A conclusão inevitável é que há algo incomum em Gizé ainda não devidamente esclarecido.

No meio desse tumultuoso debate, o velho e o novo Egito convivem. Entre os países árabes, ele ocupa uma posição singular. Nenhum país do Oriente atrai tantos turistas ocidentais. Ali coexistem o fundamentalismo islâmico mais radical, seitas islâmicas moderadas, cristãos da igreja copta e uma verdadeira ressurreição da antiga cultura egípcia. Esta última, feita principalmente por ocidentais.

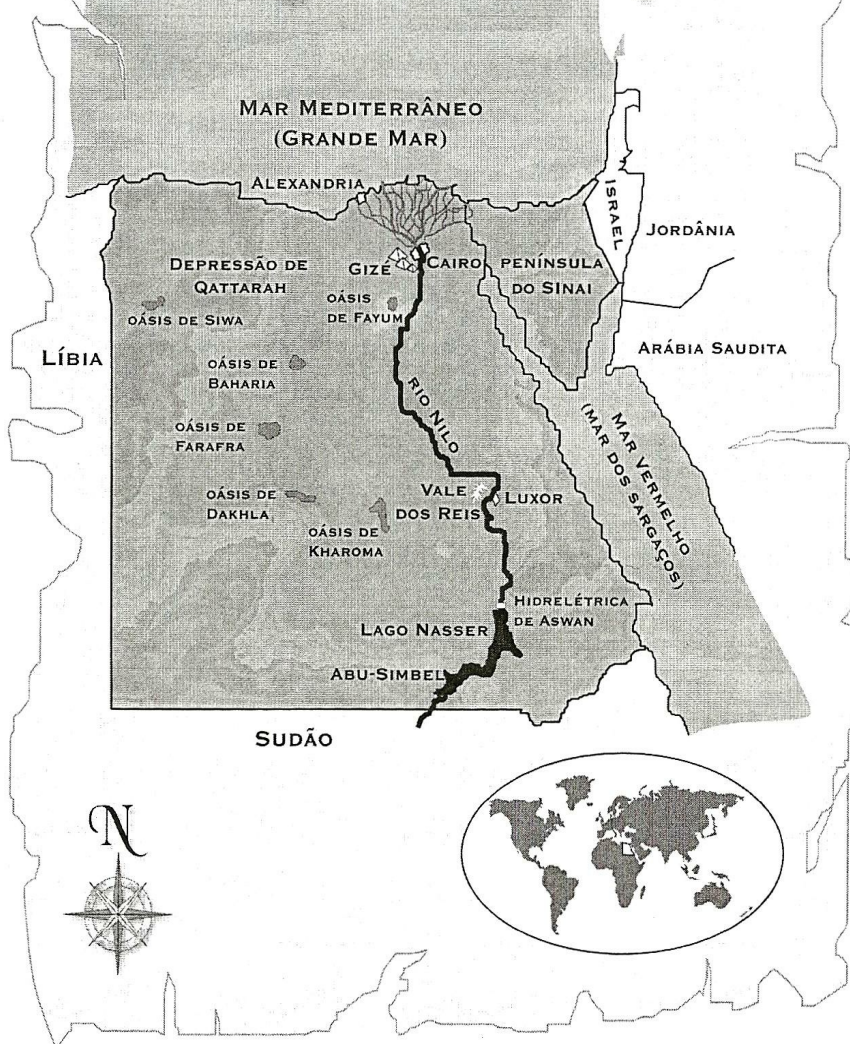
Nos anos 1990, o terrorismo voltou seus olhos para a presença dos ocidentais no Egito: considerados devassos por seus costumes e hereges por se interessarem pelo misticismo antigo, passaram a ser alvo de ataques terroristas com motivos políticos. Turistas, pesquisadores, empresários e refugiados políticos de regimes ditatoriais tornaram-se visados e, algumas vezes, vítimas de ataques violentos.

É nesse mundo turbulento que acontece a história deste livro.

São Paulo, maio de 2004.

William Goldoni

O EGITO



"Meu amigo e eu não encontramos nem sinal da Luz de Osíris, do kopesh de Hórus ou de qualquer outro grande achado arqueológico.

Enquanto procurava por meu amigo, Dr. Mendelson, entrei por engano numa espécie de salão de culto religioso. No fundo da câmara havia uma estátua de um deus com aparência de crocodilo. Era Typhon, o irmão e inimigo do deus Osíris. Andei por entre as colunas de pedra na direção do altar, na tentativa de encontrar alguma pista ou informação útil à minha fuga. Fiquei minto assustado quando vi, espalhados pelo chão, ossos e manchas negras - sangue, certamente. A estátua de Typhon, no fundo da cripta, atraiu minha atenção de modo irresistível, e não consegui deixar de me aproximar para observar detalhes. Por instantes, perdi a pressa de encontrar meu amigo; a estátua era magnífica e seus olhos vermelhos brilhavam de um modo especial. Senti admiração e ódio pela relíquia perfeita do deus que brincava com nossas vidas. Quando olhei para os olhos de Typhon, falei enraivecido:

— O que quer de nós, ser diabólico? Por que espalha a morte dessa maneira? E fiquei olhando para o ídolo, como se ele fosse capaz de me responder. Virei-me para sair. Precisava encontrar o Dr. Mendelson. Nessa hora, um vento frio, surgido não sei de onde, soprou forte. Senti cheiro de esgoto e quase vomitei. Olhei de volta, achando que alguém escondido abrisse alguma porta. Mas não vi ninguém. Vi os olhos da estátua piscarem e tive a impressão de ela ter se movido. Eu ia sair correndo quando, de repente, ouvi uma voz estranha que me deixou paralisado:

— A Luz de Osíris e a saída... Quem não as quer, não é mesmo? Muito sangue ainda irá brotar de corpos inocentes antes que os mortais consigam essas duas coisas! Nunca deveria ter se aventurado a vir aqui, seu verme imprestável! Teu destino está traçado! Há, há, há!

Uma gargalhada medonha seguiu-se e vi vultos escuros, ou sombras, andando entre as colunas. Estava dominado pelo pavor, mas consegui sair correndo pelas galerias como uma criança assustada. Quase me perdi nos corredores. A essa altura, só me importava sair daquele lugar maldito, cercado de feitiços e passagens secretas. O Dr. Mendelson também está perdido. Ou morto.

Agora, após não sei quanto tempo preso aqui, a idéia de mover céus e terra para filmar fossos e câmaras cheios de água me parece distante e ridícula.

O que nos espera? Alguém está..."

NÃO PODERIAM ESTAR ALI ÀQUELA hora; era perigoso. Escondidos pela escuridão da noite, dois vultos caminhavam rápido pelo chão poeirento de uma necrópole¹⁴¹ próxima às pirâmides de Gizé.

O mais alto e mais velho às vezes parava e consultava um pedaço de papel com símbolos misteriosos. Vestido com calça jeans desbotada, camiseta branca e um colete cinzento, levava uma pequena mala, um cantil e o papel.

O mais jovem, um garoto franzino, trajando a túnica branca comumente usada nos países islâmicos da África, seguia-o atentamente, sem nada carregar.

Na planície desértica e arenosa, aqui e além, pedras espalhadas a esmo no chão, partes de túmulos violados por todos os lados e um incontável número de escombros de antigas construções dificultavam a caminhada. O jogo de luz e sombra produzido pelo luar dava à antiga necrópole um aspecto misterioso e assustador. A algumas centenas de metros dali, a Grande Pirâmide de Gizé, assim como suas companheiras menores, também estava magnificamente iluminada pelo luar argênteo.

Em certo instante, o rapaz tropeçou e caiu. Antes de se levantar, à sua frente um escorpião preto saiu de uma toca e correu, escondendo-se atrás de outra pedra.

— O presságio da morte... — murmurou preocupado para si mesmo. Levantou-se e, com visível expressão de medo nos grandes olhos negros e no tom da voz, sugeriu em inglês com forte sotaque árabe — Não prefere vir durante o dia, senhor? É menos arriscado.

— Estamos quase chegando, Gassan — informou o velho, caminhando à frente sem olhar para trás e acertando os óculos de armação metálica no rosto.

Numa depressão do terreno, o ancião de barba branca bem aparada ajoelhou numa laje rochosa, de superfície imperfeita, e começou a limpar a areia para examinar sinais talhados. Um sorriso de triunfo perpassou-lhe os lábios finos. Deslizou a mão enrugada sobre figuras e hieróglifos em relevo e comparou com o desenho que tinha nas mãos. Gassan o ajudava.

Um inesperado vento frio começou a soprar, trazendo nuvens plúmbeas. Um pássaro noturno emitiu um pio alto. Gassan ergueu-se de súbito, assustado.

As nuvens acabaram por cobrir a lua e o ambiente ficou escuro. O vento aumentou com surpreendente rapidez a ponto de levantar areia do solo. Gassan tremia como uma folha de capim em dia de vento. Ele olhava para os lados, temendo alguma coisa. Subitamente, virou para trás e olhou para o topo da Grande Pirâmide. Dois clarões azulados, como se fossem *flashes* fotográficos, porém muito mais fortes, surgiram de um lado e de outro da montanha de pedra. Os olhos do garoto não se arregalaram mais por não ser possível.

— Oh! As luzes! Eu vi as luzes! Não é da vontade de Allah que continuemos aqui!

Vamos embora professor, vamos logo!

O homem apoiou-se num joelho, para olhar para o garoto.

— Que luzes, Gassan? Deve ser algum teste dos equipamentos do *show* noturno. Agora espere ali, atrás daquela pedra maior. Dali você verá se alguém se aproximar. Vou seguir umas indicações aqui no meu mapa e em seguida te encontro lá.

— Isso não é seguro, senhor! Os gênios da pirâmide estão nos mandando sair daqui. Se desobedecermos, pagaremos caro por isso. Na minha família conta-se a história de um homem que vinha aqui e...

— Gassan! Espere lá, ok? Só mais uns minutos e estaremos voltando para o Cairo. Vá logo! — ordenou com impaciência, apontando para um rochedo.

O jovem correu para a pedra indicada, cuja ponta de cima era visível da depressão onde estavam. Ficou de pé ao lado do monólito olhando em derredor como se alguém ou alguma coisa estivesse para surgir a qualquer momento. Esfregava as mãos nervosamente e não tirava os olhos do topo da Grande Pirâmide. De repente, ouviu barulhos, como se as rochas fossem golpeadas por um martelo. A areia jogada pelo vento já incomodava, entrando pela roupa e dificultando ficar de olhos abertos. O barulho dos golpes na pedra cessou. Depois, um clarão amarelo, como o de uma vela ou lanterna fraca, iluminou por um instante o lugar onde o homem estava. Um grito rouco e abafado quebrou o silêncio. A voz do homem sumiu e o clarão também.

O rapaz, trêmulo de medo e de olhos arregalados, aproximou-se cauteloso.

— Teimoso! Por que vir a esta hora escavar? — sussurrou enquanto descia com dificuldade a pequena ladeira da depressão do terreno onde havia deixado o idoso

— Professor? Professor, terminou?

O ruído do vento nos monumentos foi a única resposta.

— Oh! — o jovem pôs a mão na cabeça.

Apenas o cantil estava caído no chão, com a água derramada. As pegadas do professor chegavam até um certo ponto da areia e depois desapareciam. Nenhum rastro. Nenhum sinal.

Ao longe, um relâmpago clareou o horizonte, seguido do ribombar do trovão. O vento frio tornou-se mais forte, erguendo poeira do chão. O garoto, assustadíssimo, correu em volta do lugar, procurando atrás de blocos de pedra e até em algumas frestas maiores nessas rochas, gritando pelo professor.

— A maldição, a maldição... Oh, perdão Allah! Perdão para mim!

A tempestade de areia atingira o auge. Mesmo com a lanterna, Gassan não enxergava além de três metros à frente. Com enorme dificuldade, tropeçando e caindo algumas vezes, o desesperado rapaz conseguiu sair da necrópole e chegar à estrada asfaltada. Pegou a lambreta estacionada e rumou a toda velocidade para o Cairo. Teria sido, pensou, o cientista mais um tragado pelo mistério daquele campo sagrado, onde

extintas gerações de nobres e magos repousavam com seus segredos impenetráveis ao homem comum?

Cairo, Egito
18 de julho de 2003
00h 57min, hora local

CERCA DE UMA HORA DEPOIS, Gassan chegava a uma rua estreita em Boulaq, um bairro do Cairo. Parou em frente a uma porta, à qual bateu insistentemente. A casa grande, branca, no estilo das residências árabes, com dois andares e um terraço no lugar do telhado, era uma pensão muito procurada por viajantes.

Era quase uma da madrugada. A rua não tinha movimento e as pessoas evitavam andar sozinhas naquele trecho além das oito da noite.

— Quem é você? — quis saber uma mulher obesa e não muito simpática.

— Yussef Tarik Gassan. O Sr. Manccini me mandou dar um recado urgente ao Sr. Christian. Eles estão hospedados juntos. O Sr. Manccini é um ocidental idoso, de cabelos e barba brancos. O Sr. Christian tem cabelos e olhos claros e é bem jovem.

— Já é tarde, não sei se ele está acordado.

Dali a instantes apareceu à porta da pensão um jovem ocidental, de cabelos castanhos claros curtíssimos, espetados na frente. O rosto ovalado, com fina expressão de bom humor e calma, era ainda mais expressivo pelos lábios rosa dos e por grandes e enérgicos olhos verdes. Com cerca de um metro e oitenta de altura, usando calça jeans e camiseta laranja com desenhos coloridos nas costas, o jovem de aparentes vinte e poucos anos irradiava simpatia e o bom humor levemente sério da pós-adolescência.

— Olá, Gassan! Entre. Cadê o professor? — disse em inglês.

A mulher de rosto redondo, vendo os dois se cumprimentarem, apenas esperou o árabe entrar para trancar a porta e retirar-se para o interior da ampla casa.

— Algo ruim aconteceu, senhor; preciso te contar.

— Ruim? Vamos ali no pátio.

Eles se acomodaram em bancos toscos de madeira, dispostos num pátio central, aberto por cima. Para esse pátio interno davam as portas e janelas de todos os outros cômodos da casa. Algumas palmeiras enfeitavam modestamente o local, em vasos de cerâmica. Eles falavam baixo para não serem ouvidos.

— Diga, o que houve?

— O professor desapareceu — e após notar Christian franzir as sobrancelhas, narrou o acontecido em detalhes. — Eu fiz de tudo para salvá-lo, mas não consegui. Eu nunca tive medo dessas coisas, senhor. Mas depois ele sumiu... O que eu poderia

fazer?

— Você procurou direito? Verificou se ele não estava por perto?

— Sim, procurei em volta, olhei atrás das pedras, gritei chamando, mas nada! Quando vi o cantil caído, percebi que algo mais grave tinha acontecido. Bem, eu o avisei do perigo! Ele nem ligou...

— Qual perigo?

— O poder protetor das pirâmides! Ninguém deve duvidar disso. Ele não quis me ouvir; o senhor nunca voltará a vê-lo.

— Poder protetor?! Agora as pessoas desaparecem por causa do poder protetor das pirâmides? Eu vou à polícia, Gassan. Em pouco tempo o "protetor das pirâmides" estará na cadeia. Onde estão as coisas dele?

— Não ficou nada. Ele levava a mala e o cantil. Só vi o cantil caído no chão. Eu nem quis pegar, saí o mais depressa possível. Senhor, com todo o respeito, fiz tudo como ele pediu.

— Certo. Agradeço em nome dele — respondeu Christian olhando para cima, meio atordoado.

— Ficou acertado o preço de dezoito dólares americanos, senhor.

— Ah, sim. Aqui está. Obrigado, Gassan.

— Foi um prazer servi-los, senhor.

Christian apenas respondeu com um leve sorriso desanimado. Em minutos estava na rua, procurando por uma delegacia de polícia.

Durante o trajeto pelas ruas desertas e mal-iluminadas, o rapaz teve a impressão de estar sendo seguido. Em certo momento virou para trás, fingindo procurar um endereço. Uma figura toda vestida de preto, com o rosto coberto por um turbante árabe preto, escondeu-se rápido atrás de um poste.

Assustado, Christian acelerou o passo e, após dobrar uma esquina, abaixou-se detrás de caixotes jogados num beco. Mais alguns segundos e, sem fazer o menor ruído, deslizando silenciosamente qual felino perseguindo a caça, o desconhecido passou ao seu lado e seguiu em frente, sem percebê-lo. Nesse instante, Christian observou um detalhe: na mão branca um anel com brilhante pedra negra.

APÓS ESPERAR POR MAIS DE UMA HORA para ser recebido pelo oficial numa saleta abafada, Christian narrou a versão de Gassan. O plantonista, homem de meia-idade com bigodes e cabelos pretos penteados para trás, ouvia a história sem demonstrar qualquer interesse.

— Espere, vamos pelo começo. O que você e esse professor fazem aqui? — perguntou o oficial, em inglês, com um sotaque árabe fortíssimo.

— Fazemos parte de um projeto de pesquisa para decifrar e interpretar milhares de fragmentos de papiro recentemente encontrados. O Projeto Osíris é financiado por

empresas brasileiras e os pesquisadores são também brasileiros e do Museu do Cairo.

Enquanto Christian falava, o oficial não o olhava no rosto; remexia papéis na mesa, guardava uns e redistribuía outros em pilhas sobre a mesa.

— Vocês não podem levar objetos históricos assim. Isso é proibido por lei federal.

— As escavações foram aprovadas pelo Supremo Conselho de Antigüidades.^[5] Ao final das pesquisas os fragmentos ficarão para o Museu do Cairo. Suspeitamos que esses fragmentos expliquem algo sobre o surgimento do Egito e nos esclareça muitas coisas sobre a magia egípcia.

Acima deles um ventilador de teto girava devagar, balançando e assoviando, parecendo prestes a cair sobre eles.

— Deixe-me ver seu passaporte.

Enquanto Christian tirava do bolso da calça o documento, o homem o devassou com o olhar, prestando atenção a cada um dos seus gestos. Quando o garoto o encarava de volta, ele desviava os olhos. Examinou o passaporte rapidamente e o devolveu a Christian com indiferença.

— Brasil. Seu sobrenome é inglês.

— Meu pai é britânico.

— Bem, e... como mesmo seu professor foi parar lá?

O rapaz fingiu não se incomodar com a falta de atenção do homem e contou tudo de novo, repetindo palavra por palavra a narração de Gassan, inclusive sobre os "poderes protetores das pirâmides".

— Então o seu professor sumiu por causa dos protetores das pirâmides... — falou o homem, arqueando as sobrancelhas. — Na semana passada apareceu uma francesa aqui dizendo ter visto discos voadores entrarem na pirâmide por trás. Um americano outro dia me disse ser a reencarnação de Tutankhamon e, por isso, tinha o direito de passar a noite dentro da tumba "dele", apesar de saber ser proibido e de a tumba ficar em Luxor. Estou cheio de serviço aqui e mais ainda de histórias de portais interdimensionais, passagens para o mundo subterrâneo, mulheres solteiras que no topo da pirâmide entram em êxtase e vêem UFOs ao mesmo tempo, reencarnações de todos os faraós e outras sandices mais. Já apareceram por aqui umas trezentas reencarnações de Cleópatra. Todo o mundo escolhe esta delegacia para exigir seus... direitos! — concluiu irônico.

— Oficial, estou apenas denunciando um desaparecimento e a versão da provável única testemunha, só isso.

O ventilador no teto nesse momento fez um barulho mais alto, e Christian achou que ele despencaria naquele instante.

O oficial, olhando-o nos olhos, disse com impaciência:

— Como você sabe se esse Gassan não o assaltou ou seqüestrou? Há centenas de

contrabandistas de relíquias arqueológicas por aí. Se você não viu, não pode denunciar nada! E também não houve tempo suficiente para configurar um desaparecimento. Se até amanhã à noite ele não voltar, avise-me e traga tudo o que possa identificá-lo; aí sim poderei começar a fazer alguma coisa. Entendeu?

— Mas não dá para esperar tudo isso! Ele deveria voltar em menos de três horas. Ele nunca sai à noite. É claro que algo grave aconteceu! E com certeza o lugar será modificado quando outras pessoas passarem por lá amanhã.

— Não posso fazer nada antes desse tempo. Boa noite.

— E se eu mesmo for investigar?

— Se ao investigar encontrarmos evidências de sua presença no local, você, tal como esse Gassan, figurará como suspeito e não poderá deixar o país até ficar provado seu não-envolvimento. Isso pode levar meses. Agora você deve aguardar e procurar, mas sem ir ao local. Se der tempo hoje, pela manhã, passarei lá para dar uma olhada. Você tem o endereço desse rapaz? Ele é o único que sabe aonde foram?

— Tenho, está aqui anotado — Christian retirou do bolso da calça um pedaço de papel com o endereço. — Não sei se alguém mais sabe onde é o lugar. O professor só me disse que iria para Gizé com ele e voltaria em menos de três horas, nada mais.

— Então vá procurá-lo sem ir ao lugar. Boa noite.

Christian despediu-se e deixou a delegacia, meio sem saber como agir. Reconhecia uma dose de razão nos argumentos do policial; ele não tinha nada concreto para pedir providências.

Ele se lembrava de ter avisado várias vezes ao professor Manccini para não levar os fragmentos originais consigo nas expedições. Mas o professor achava mais seguro levar em vez de deixar em hotéis e pensões. Por fim, desanimado, Christian decidiu conversar com Gassan novamente e ir ao Consulado Brasileiro ver qual ajuda poderia obter.

No dia seguinte, na casa de Gassan, encontrou-o auxiliando o velho pai a consertar um banco de madeira. Gassan apenas repetiu o que havia dito na madrugada anterior e acrescentou enfático:

— Não volto mais lá à noite, senhor. Mesmo se me oferecer um camelo de presente!

No Consulado Brasileiro, o cônsul não pôde recebê-lo por estar muito ocupado. Um funcionário informou não haver nada a fazer antes que a polícia concluísse as investigações, a não ser oferecer o apoio costumeiro dado nesses casos: comunicar familiares do professor e orientá-lo sobre a burocracia necessária à permanência no país.

DURANTE DUAS SEMANAS de investigação, a polícia chamou Christian à delegacia para conversar. Enquanto o inquérito caminhava, ele procurou obter informações com quem foi possível, mas nada conseguiu que oferecesse uma pista do paradeiro

do professor.

Numa manhã, recebeu um telefonema da delegacia, chamando-o. Ele correu apressado, ávido por novidades.

O calor estava escaldante. O mesmo ventilador de teto estava lá, com seu assovio ritmado, desafiando a lei da gravidade e a coragem de quem se sentava abaixo dele para conversar. Dessa vez o chefe de polícia o recebeu.

— Sr. Christian Seabra Wardall... Não conseguimos encontrar qualquer pessoa ligada ao desaparecimento do professor Caio Manccini, nem indícios de onde ele possa estar. Não foram encontrados vestígios dele, de outras pessoas, nenhum corpo ou parte em qualquer local. O processo será arquivado, até o surgimento de nova prova, evidência ou testemunha.

— E Gassan?

— Ele nunca teve passagem pela polícia e seus vizinhos e conhecidos o consideram uma pessoa exemplar. Começou a substituir o pai há dois anos na tarefa de acompanhar turistas pelas proximidades do Cairo. O pai está doente e velho e não consegue caminhar por muito tempo — ele pigarreou e continuou, enquanto Christian o ouvia atentamente. — O pai não deixa Gassan conduzir turistas à noite, por medo de assaltos. Dessa vez ele disse ter autorizado pela grande insistência do Dr. Manccini, por quem ele tem grande consideração. Segundo ele, o Dr. Manccini vem ao Egito há mais de dez anos, requisitando seus serviços para tarefas diversas em que precisa de ajuda aqui no Cairo.

— E o cantil, pegadas, não houve qualquer sinal de luta ou outra coisa?

— Não havia pegadas. A tempestade de areia apagou tudo, se realmente estiveram lá. Nas roupas, unhas e cabelos de Gassan não havia nenhuma substância do professor nem de seus objetos. Ele não tocou no professor.

— Bem, a julgar por essa investigação, a explicação dos "protetores" seqüestradores parece ser a única razoável... — falou Christian cruzando os braços, sem esconder a ironia e o desapontamento, enquanto olhava para o lado.

— Ele provavelmente foi seqüestrado ou assaltado. Os criminosos sabem como eliminar sinais de presença. São especialistas nisso. Se Gassan sabia ou não, se foi cúmplice ou não, não temos como descobrir. Justamente para evitar isso, recomendamos não andar em poucas pessoas ou sozinho em lugares ermos ao redor de grandes cidades como o Cairo — concluiu o chefe de polícia, levantando-se. — Nada mais temos a lhe perguntar, você pode sair do país sem problemas.

No caminho para a pensão, sob o sol forte da manhã e com o barulho dos vendedores de todo o tipo de pequenos objetos nas ruas empoeiradas e estreitas, o jovem caminhava alheio ao mundo em derredor. Uma bicicleta quase o atropelou. Ele relembrava como tinha chegado ao Egito pela primeira vez, havia dois anos, animadíssimo com o projeto de pesquisa para o qual fora selecionado.

O Projeto Osíris era um projeto de pesquisa arqueológica e histórica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). O professor Caio Manccini, historiador, Ph.D. em egiptologia pelo Oriental Institute da University of Chicago, era o coordenador geral do projeto. A equipe incluía professores de outros departamentos e faculdades da USP, alunos e consultores de outras universidades brasileiras, norte-americanas e alemãs.

Christian, assim como outros alunos, era estagiário do projeto e, como todos os estagiários, encarregado principalmente das atividades de campo. A análise dos dados cabia aos professores especializados. O projeto limitava-se a reconstituir, mediante programas de computador, trechos soterrados da necrópole próxima à Grande Pirâmide de Gizé. Mas, logo no início das escavações, descobertas importantes fizeram os objetivos do projeto mudar; o professor Manccini descobriu nova câmara numa tumba na necrópole e, dentro dela, alguns pedaços de papiro. O fragmento maior citava o tão controverso e debatido surgimento da civilização egípcia, entre outras coisas.

Na semana anterior ao seu desaparecimento, o professor comunicou à FFLCH ter descoberto milhares de outros fragmentos menores. O restante do texto parecia estar nesses outros fragmentos. Esses pedaços menores variavam entre menos de um centímetro de comprimento até uns quatro centímetros, tornando impossível a leitura. Tão logo a descoberta foi feita, o professor chamou Christian para o Egito. Ele seria responsável pela difícil tarefa de, junto com o professor, convencer o Supremo Conselho de Antiguidades do Governo Egípcio a autorizar a realização de testes de DNA em cada fragmento, para que um programa de computador agrupasse depois aqueles com o mesmo código de DNA e o quebra-cabeça pudesse finalmente ser montado.

O argumento contrário do Conselho era o desaparecimento do DNA do papiro em no máximo oitocentos anos, sendo inútil o teste e prejudicial pela destruição de parte dos fragmentos. Estes, segundo o professor, tinham a inexplicável aparência de novos, como se tivessem poucos anos. E fraudes feitas para turistas não poderiam ser, pois a câmara onde foram encontrados acabara de ser descoberta. Tudo isso tinha agitado a comunidade científica brasileira de historiadores, embora o anúncio da descoberta dos fragmentos e da câmara ainda não tivesse sido feito publicamente. O que ninguém entendia, nisso tudo, era o porquê de o professor Manccini não divulgar onde ficava essa câmara e por qual razão ele se recusava a discutir como os fragmentos poderiam ser novos numa tumba de mais de três mil anos. Nessa situação encontrava-se o Projeto Osíris.

E de repente ele, um estudante de biologia responsável pela tentativa de análise do DNA dos fragmentos, via-se sozinho naquele país distante, sem nunca ter examinado os pedaços de papiro nem a câmara descoberta. Ao retornar ao Brasil, que

explicação daria? O professor Manccini, muito cuidadoso com as descobertas, não o havia levado ainda ao local nem dito onde era. Os fragmentos, ele apenas os viu de relance, guardados dentro da mala que o professor carregava cuidadosamente aonde quer que fosse. Como poderia ele, com tão poucas informações, tomar alguma providência?

Deitado na cama da pensão, esses pensamentos preocupantes cederam lugar a lembranças de situações complicadas pelas quais já passara. Como num filme passado de trás para frente, emergiam as reminiscências. Relembrou de seu pai, que também havia desaparecido misteriosamente no Oriente Médio quando ele, Christian, tinha onze anos.

O quarto, apesar de espaçoso, era mal ventilado e opressor, e o rapaz sentia-se sufocado, sem ter para onde ir.

Pela segunda vez, pensava ele, era um refém dessas situações que o surpreendiam quando sua vida parecia estar dando certo. Se o professor não reaparecesse com os papiros, ele seria acusado de ladrão e talvez de assassino. Sem testemunhas, quem iria defendê-lo? Não importava que a polícia egípcia nada provara contra ele; tal mal-entendido o condenaria a ser alguém marcado na comunidade científica. Certamente seria expulso do projeto e a futura carreira de pesquisador estaria arruinada antes mesmo de começar.

Uma lágrima solitária rolou pela face esquerda, sem que ele percebesse, tão absorto estava em suas lembranças. Olhou prolongadamente para a agenda do professor. Era um caderno de anotações e rascunhos. Ele não mostrou à polícia. Na última página escrita, entre rabiscos e garranchos, estava escrito *Livro de Amenóphis*, umas letras e uns números. Esses dizeres não faziam qualquer sentido para ele.

No dia seguinte tomou o voo para São Paulo, com escala em Londres e muita turbulência na primeira metade do trajeto.

O jovem estudante de biologia da USP não conseguia imaginar o que ainda estava por vir.

USP, São Paulo
4 de agosto de 2003
09h 13min, hora local

A CIDADE UNIVERSITÁRIA, no bairro do Butantã, estava agitada. Com o início do segundo semestre, os alunos estavam ansiosos por saber quem seriam seus professores nas suas novas disciplinas. A USP era um mundo efervescente. Nesse amplo *campus* na Cidade de São Paulo, onde se situa a maioria dos cursos da Universidade, era incontável o número de palestras, cursos, debates, oficinas, congressos, seminários e *workshops*. Nesse dia de agosto, o sol estava forte, e o calor era suportável. No local mais frio da megalópole, a avenida Paulista, os termômetros marcavam 27°C.

Christian chegou num ônibus que atravessava o *campus* e dirigiu-se ao prédio de História da FFLCH. O arvoredo acompanhava as ruas sombreando agradavelmente o caminho. A cada meia dúzia de passos ele cumprimentava alguém conhecido. Ao contrário dos demais alunos, não estava entusiasmado. As notícias que trazia não produziram bons resultados.

Numa sala de reuniões, vários de seus colegas, cada um de um curso diferente, assim como vários professores do conselho diretor da Fundação Archos de Pesquisa Arqueológica, aguardavam sua chegada. A sala era meio escura e tinha o cheiro da madeira dos móveis. Os presentes conversavam despreocupadamente. Todos sabiam do desaparecimento do professor de História Caio Manccini, e nada mais. Christian, quando ainda no Cairo, recusara-se a dar detalhes por telefone e só falaria para todos os integrantes do projeto pessoalmente.

A Archos era uma fundação criada pelos pesquisadores de ciências sociais da USP com a finalidade de captar recursos financeiros para projetos de pesquisa sem a burocracia escravizante que a própria Universidade exigia. A organização realizava cursos, palestras e *workshops* para angariar fundos e, ao mesmo tempo, incentivar o gosto popular pela História e pela Arqueologia. O Projeto Osíris era acolhido por ela e financiado por uma empresa. Com os problemas havidos no Egito, o conselho da Fundação quis apreciar o caso e decidir se continuaria emprestando o nome àquele projeto de pesquisa.

O rapaz abriu a porta e todos o olharam, ansiosos.

— Queiram me desculpar o atraso. A Rebouças estava mais congestionada que o normal.

Alguns professores fizeram algumas perguntas, inclusive se ele trouxera os fragmentos. Christian não respondeu às perguntas e iniciou relatando como foram os primeiros dias da pesquisa e as conversas com os pesquisadores do Museu do Cairo. Depois contou como o professor desapareceu e os resultados da investigação policial.

Um homem de cabelos grisalhos ondulados e óculos com grossas lentes, com uma expressão de péssimo humor, falou, sem esconder sua contrariedade:

— Nós queremos um relatório disso tudo, assinado por você — exigiu ele, batendo

com a ponta do dedo indicador na mesa.

O rapaz tirou da mochila uma pasta preta e a pôs sobre a mesa.

— Aqui está um relatório detalhado, com fotografias e cópia do relatório final do inquérito. Mandeí hoje de manhã também por *e-mail* para todos vocês.

— Essa história toda é muito estranha. E claro que os fragmentos foram roubados. E agora? O que vamos dizer à empresa financiadora do projeto? — duvidou o mesmo homem.

— Eu me fiz essa pergunta o tempo todo, professor. Podemos pedir para esticar o prazo de entrega dos resultados. Não vejo alternativa — sugeriu Christian sem esconder o desânimo, olhando agora para duas janelas que, apesar do calor, estavam fechadas.

— É possível negociar, eles não são inflexíveis — completou uma moça loira, abanando-se com uma folha de papel dobrada. Era uma aluna também integrante do projeto.

— É verdade que, no ano passado, quando tivemos de atrasar o projeto de estudo dos sambaquis de Ilha Bela, eles aceitaram sem problemas — lembrou um aluno de cabelos pretos ondulados.

O professor mal-encarado, olhando feio para Christian e para a garota, não conteve sua contrariedade e gritou:

— O que vocês estão pensando?! Esta fundação é uma instituição séria, que sempre cumpriu seus compromissos em dia! Os projetos de vocês por aí podem estar sempre atrasados, mas aqui não!! O Mancini é um teimoso! Nunca vi um projeto desse porte ter um aluno como coordenador substituto. E agora? Ele morreu, ou fugiu com o material, sei lá. E agora? Quem vai substituí-lo? Você, Christian, o substituto suspeito? — praguejou ele, cravando no garoto os olhos aumentados pelas grossas lentes.

O rapaz abaixou a cabeça ao ouvir a acusação dirigida sem rodeios, e o professor titular continuou:

— Eu, como conselheiro desta fundação promotora de pesquisas de renomados cientistas da USP, voto pelo cancelamento do projeto. E enviarei uma carta ao diretor da FFLCH falando isso, independentemente da decisão deste conselho!

O homem estava tão nervoso que parecia prestes a pular sobre a mesa para bater nos dois alunos que se manifestaram. A mulher responsável pela troca do café das garrafas térmicas parou seu trabalho para olhar os berros do exaltado doutor. Os alunos e professores pareciam conhecer o temperamento dele, pois nem se incomodaram. A moça loira parou de se ventilar com o papel e ia responder, mas um outro professor, bem mais jovem, fez-lhe um sinal com a mão pedindo para que se contivesse. Ela consentiu, contrariada, e voltou a abanar-se, dessa vez mais rápido. Esse jovem professor foi quem falou em seguida.

— É, professor Eurípedes, realmente estamos numa situação complicada. A condição estabelecida pelo patrocinador foi a coordenação por um professor com doutorado ou PhD. Alguém terá de substituir o Manccini. Teremos de nomeá-lo imediatamente. Mas não podemos acusar Christian de ser suspeito, se nem a investigação policial assim o considerou. Não dá para daqui deduzirmos os acontecimentos de lá — disse o jovem professor enquanto se levantava para abrir as janelas.

— O professor Eurípedes tem uma certa razão; sou realmente suspeito. Mas não é preciso cancelar o projeto. Eu decidi sair, para não comprometer o resto do trabalho. Vocês devem continuar e nomear outro coordenador e outro substituto — e, após retirar um envelope fechado da mochila e colocá-lo sobre a mesa, Christian rematou:

— Aqui está meu pedido de desligamento do Projeto Osíris, endereçado à Fundação Archos.

A garota loira não mais se conteve e, antes de o professor Eurípedes falar qualquer coisa, disse em voz alta:

— Não concordo com nada disso! A equipe da Dhraxon Miner nos conhece há anos. Eles sabem que não somos irresponsáveis. Sugiro o seguinte: vamos esclarecer a situação e fazer nossa proposta. Se exigirem outro substituto no lugar de Christian, aí sim escolhemos. Não devemos aceitar o desligamento dele antes disso.

— Esse projeto é um absurdo!! — redargüiu o professor Eurípedes. — Uma pessoa já desapareceu. Vocês não percebem a gravidade do problema? O Conselho Supremo de Antigüidades do Egito pode cassar a autorização para nossas escavações; as fundações estão sendo criticadas pelo DCE e até o Conselho Universitário está...

— Nós não sabemos de fato o que aconteceu, professor!

— disse a garota exaltada, interrompendo o professor Eurípedes.

— Precisamos tentar salvar esse projeto e descobrir o possível sobre o destino do professor Manccini. Não sei quanto aos demais membros, mas minha decisão está tomada. Vou pessoalmente à Dhraxon pedir a continuidade do patrocínio.

— Não vou aceitar isso!! — gritou o professor, no auge da exaltação. — Esse rapaz deve ter vendido a descoberta aos contrabandistas de relíquias! E o Manccini deve ter sido morto por não concordar com ele! Vocês não percebem isso? Não aceito! Não aceito pôr a reputação desta Fundação em risco por um aluno suspeito!

Os demais professores pediram para o professor se conter nas acusações.

— Bem, a julgar pela ficha criminal que o senhor me atribui, acho melhor me retirar

— disse o rapaz, levantando-se e contendo-se para não responder à altura tão graves e levianas acusações.

— Não, Christian, fique, por favor! — pediram todos, penalizados com o rapaz tão rudemente tratado.

— O senhor não pertence ao projeto para nos dizer como administrá-lo! — falou a

moça loira para o professor Eurípedes, provocando-o.

O professor, transfigurado de tão possesso, não pôde responder, pois quase todos os presentes intercederam para acalmar os ânimos. Por fim, o conselho votou e por maioria decidiu pela continuidade da pesquisa. A proposta da garota saiu vencedora. Ficou decidido também que Christian, um professor e a garota loira procurariam a empresa patrocinadora da pesquisa para explicar tudo e propor a continuidade do projeto, apesar das perdas havidas.

Depois de deixarem a sala, Christian foi agradecer à amiga pelo apoio, enquanto caminhavam por uma rua cheia de arbustos nos canteiros. Ela saiu primeiro da reunião e ele, a passos largos, alcançou-a.

— Se não fosse você, Mirella, o professor Eurípedes chamaria a polícia para me prender...

— Ele é invejoso e só nos atrapalha. Nem faz parte da pesquisa! Não entendo por que ele quer tanto o fim do projeto. Ainda bem que os outros conselheiros concordaram em continuar. Vamos conversar amanhã com o professor Wagner e marcarmos um dia para irmos à Dhraxon?

— Vamos. Mas realmente não acho boa idéia continuar no projeto. Ele tem razão em me considerar suspeito.

— Todos nós temos certeza de que você não é assassino nem vendedor de antiguidades roubadas; por isso votamos em você. Olha, hoje vou ligar para eles e tentar marcar um horário. Agora vou indo, o dia hoje vai ser cheio.

— Aula de que agora?

— Só à tarde, História da América Independente. E você?

— Só à noite, Morfologia e Taxonomia de Criptógamas — disse ele sorrindo.

— Socorro... — respondeu ela com outro sorriso — Tchau!

Ela apertou o passo. Ele deu meia-volta e foi para o Instituto de Biociências, onde tinha documentos a entregar.

MAIS DE UMA SEMANA SE PASSOU até as agendas dos patrocinadores, dos dois alunos e do professor Wagner terem um horário em comum. No dia marcado, os três chegaram a um prédio de mais de vinte andares na avenida Brigadeiro Faria Lima. O dia estava meio nublado e a temperatura era amena. Os termômetros da avenida Rebouças marcavam 21°C. O trânsito, como sempre, lento. Na entrada do suntuoso edifício, a placa de alumínio anodizado mostrava um logotipo com os dizeres "Dhraxon Miner Mineração e Processamento S/A".

A Dhraxon era uma companhia multinacional de extração e processamento primário de minérios. Com dezenas de filiais no mundo todo, estava sendo duramente criticada por organizações ambientalistas nacionais e internacionais pela sua ação destrutiva e indiferente à legislação de proteção ao meio ambiente e ao patrimônio

histórico de muitos países. Pesavam em sua imagem as acusações verídicas de destruição e contaminação de florestas, praias e mananciais, além do desrespeito aos achados de interesse arqueológico como fósseis, sambaquis, urnas funerárias e outros elementos protegidos por lei. E, em seu orçamento, cresciam os pagamentos de indenizações por determinação judicial. Desde meados dos anos 1990, o departamento de *marketing* das filiais de alguns países tinha ordens expressas para financiar projetos ambientalistas, arqueológicos e de recuperação do patrimônio histórico e cultural e, é claro, dar-lhes ampla divulgação. O Projeto Osíris era um deles.

Após serem devidamente identificados, os três aguardaram a reunião numa sala de espera do décimo oitavo andar. O ambiente era acarpetado e o luxo residia ali. Obras de arte nas paredes, mesas de vidro com pés de mármore, secretárias com vestuário impecável, sempre sorridentes e com tom de voz baixo.

— Eles irão recebê-los agora. Sigam-me, por favor — pediu a elegante secretária, conduzindo-os por um corredor longo, sempre sorridente.

Na sala de reuniões, um homem de uns trinta e poucos anos, de paletó preto e unhas bem-feitas, e uma mulher de cabelos oxigenados, usando *tailleur* azul-marinho, os esperavam. Após as apresentações, o homem disse ter recebido mensagem por *e-mail* da Fundação explicando tudo.

— Não sei quem mandou a mensagem com a notícia e uma cópia do seu relatório. Era o endereço da Fundação — esclareceu o rapaz de unhas bem-feitas.

— Esse projeto de identificação de fragmentos de papiro pela análise do DNA foi proposto aqui uma vez, mas não deu certo. Eram vocês mesmos? — inquiriu a mulher, olhando sorridente para o professor Wagner.

— Não... — responderam os alunos, surpresos com a informação.

— Eu também não. Era o professor Caio Manccini o coordenador da pesquisa? — intrigou-se o professor Wagner.

— Não, não. Não me lembro do nome dele. Já faz vários anos. Não eram vocês, com toda certeza.

— E por que o projeto não deu certo? — quis saber Christian.

— Porque após um ano de financiamento não houve resultados e... — a mulher franziu a testa e fez uma pequena pausa na explicação. — Houve suspeita de desvio do dinheiro. Aí a diretoria da empresa cortou o patrocínio. Por isso desta vez fizemos mais exigências quanto aos participantes, métodos e prazos.

— Bem, independentemente da mensagem do *e-mail*, aqui está meu relatório, como coordenador em exercício, uma cópia do relatório da polícia egípcia e a carta da Fundação Archos com nosso pedido — adiantou-se Christian.

O professor Wagner tentou esclarecer.

— Na verdade, aconteceu um pequeno...

— Nós sabemos de tudo — interrompeu secamente o homem e dirigindo-se para Christian: — Conversamos com o Consulado Brasileiro no Egito. Eles confirmaram sua versão. Estamos providenciando uma publicidade em torno disso para evitar comentários desagradáveis envolvendo a Companhia, como da outra vez. O governo egípcio também não quer saber de escândalos envolvendo pesquisadores. Seria um desastre para a economia do País se turistas e cientistas começassem a desaparecer e a morrer em atentados e assaltos. O cônsul prometeu-nos se empenhar pessoalmente para reabrir o inquérito e pediu para vocês voltarem para continuar as pesquisas. Nós acertamos com eles, vocês voltarão. Temos, porém, condições. As viagens e todo o transporte de material arqueológico de agora em diante serão feitos por uma equipe mínima de três pessoas — e, aumentando o tom de voz, o homem dirigiu um olhar penetrante ao professor. — Vocês têm o prazo de seis meses para apresentar esses fragmentos, ou o Projeto Osíris estará morto e a Fundação Archos não receberá mais qualquer patrocínio desta companhia. Se isso acontecer, Christian e a Fundação serão acionados judicialmente por estelionato e furto. Está claro?

— Estelionato?! — admirou-se o professor. — Não estamos enganando ninguém e...

— Vocês disseram ter encontrado tumbas e papiros e não apresentaram nada até agora!

Os três admiraram-se de como os executivos sabiam manejar bem as situações e de como estavam bem informados. Christian lembrou-se de sua tentativa de falar com o cônsul quando estava no Egito, sem sucesso. Agora estava prestes a responder um segundo processo criminal. O desânimo estampou-se no rosto do rapaz.

— Acabamos de entrar no período letivo; não podemos viajar agora — retrucou o professor, surpreso. Pelo tamanho daquela empresa, deveria haver um departamento jurídico maior que a própria Faculdade de Direito do largo São Francisco.

A mulher, pondo uma mecha de cabelo atrás da orelha, esclareceu:

— Imagínávamos isso mesmo; por isso a diretoria concordou com o prazo de seis meses. Na verdade, eles queriam dois meses, mas conseguimos seis. Assim vocês terão dois meses de férias para fazer isso.

— Ótimo! Enquanto isso a polícia pesquisará e, quando voltarmos lá, talvez eles tenham algum resultado.

O "voltarmos" de Mirella chamou a atenção do professor e de Christian. Ela, pelo visto, era candidata à viagem.

O homem de unhas bem-feitas, com jeito apressado, levantou-se e despediu-se, dando por encerrado os cinco minutos de conversa.

Minutos depois eles enfrentavam, com toda a paciência, a labiríntica cidade de ruas congestionadas.

As ACUSAÇÕES lançadas pelo professor Eurípedes na reunião e a ameaça de outro

processo martelavam a cabeça de Christian. As coisas iam de mal a pior, pensava ele, e a futura carreira de pesquisador estava quase destruída. Quantos projetos de sua vida acabaram daquela mesma forma? Quando tudo parecia ir bem, um fato inesperado destruía tudo. Fora assim quando pretendia morar na Inglaterra e estudar na Oxford. Com o desaparecimento do pai, o plano foi impedido. Depois, teve de desistir da oportunidade de fazer um estágio na Austrália que prometia um futuro cheio de oportunidades; a mãe ficara desempregada e a irmã deprimida pelo rompimento do noivado. Essas crises passaram e ele tornou-se um bem remunerado professor de inglês para executivos. Nesse momento inicial de sua carreira de pesquisador, antes mesmo de concluir a faculdade, um novo revés mudava tudo.

Numa conversa com a mãe, advogada experimentada e prática, esta sugeriu-lhe aconselhar-se com Helena, velha amiga e colega de turma. Helena era famosa no meio jurídico pela quantidade de casos complexos ganhos. Granjeara apreciável fortuna com isso.

Por tratar-se do filho da amiga, a advogada sugeriu encontrar Christian fora do escritório, oferecendo seus conselhos por amizade e sem o conhecimento dos sócios. O encontro, por sugestão dela, foi num *pub*, na Vila Olímpia. A doutora justificou a escolha do bar dizendo ser apreciadora da cerveja irlandesa. O *pub* estava cheio naquela noite de quinta-feira e o público era dos mais elegantes.

— Você é o Christian? Uau! Como cresceu! Você se sentava no meu colo quando tinha esta altura — disse ela pondo a mão na cintura.

Christian admirou a juventude da advogada solteira. Magra, quase sem rugas no rosto, corpo esbelto e pernas malhadas. Bem diferente de sua mãe. Ambas tinham a mesma idade. O vestido preto e justo caía-lhe muito bem e o cabelo preto liso preso por cima lembrava Audrey Hepburn no filme *Bonequinha de luxo*. De início ficou intimidado, mas a jovialidade de Helena fê-lo se sentir à vontade e ele contou tudo desde a chegada ao Egito até a ameaça da Dhraxon.

— Já entendi tudo. Confesse! Você matou o professor, e Gassan deu sumiço no corpo.

— O quê? Não, jamais eu...

— Brincadeira, fofo. Sei que não. Reconheço um depoimento mentiroso na hora. Não é o seu caso... — sorriu ela, entre goles de um apimentado *bloody mary*, divertindo-se com a seriedade do rapaz.

— Bem, qual sua avaliação de tudo isso? — quis saber, relaxando.

— E, meu jovem... Diria que as chances de você ser condenado são poucas. A acusação e a fofoca... essas sim, vão destruir tudo. O melhor seria você confessar sua negligência em ter abandonado o professor sozinho à noite, para ir a uma boate assistir a uma dança do ventre ou sei lá o quê.

— Mas... Não fiz nada disso! Como posso inventar uma história dessas?

— Isso não interessa! O importante é você se livrar de uma fama injusta. Quem não perdoará um jovem por ter saído à noite para se divertir? Imagino que muitos estagiários e pesquisadores devam fazer o mesmo, não?

— Sim, quase todos fazem.

— Então! A comunidade acadêmica o aceitará profissionalmente se considerar seu erro perdoável. A dúvida por falta de provas, no seu caso, é mais prejudicial. Faça isso, dê uma entrevista ao jornal do centro acadêmico e confesse ter sido irresponsável. Diga sentir-se culpado pelo desaparecimento do seu professor. Depois saia do projeto e espere um tempo antes de entrar em outro. Aí você diz ter amadurecido, pensado muito no assunto... essas coisas. Quem não vai morrer de pena de você ouvindo isso e olhando para esses olhos verdes?

Antes de ele falar alguma coisa, ela recomeçou:

— Grave numa fita os xingamentos desse professor e só fale com ele diante de duas ou três testemunhas da sua confiança. Depois você o aciona judicialmente por calúnia, constrangimento público e outros danos morais. Dependendo do que ele falar e fizer, o processo pode te render para lá de cem mil reais.

— Tudo isso?!

Ela esvaziou o copo e chamou o garçom com um sinal de mão. Depois encarou Christian e acrescentou:

— Não adianta só ser honesto. E preciso *parecer* honesto. Aprenda isso.

O olhar dela pousou em Christian de um modo que nada tinha a ver com advocacia.

Ele sentiu-se acuado e confuso com conselhos tão inesperados.

— Também gosto de um *bloody mary* de vez em quando. E a cerveja irlandesa? — falou ele para quebrar o silêncio constrangedor.

— Odeio cerveja.

— Então por que escolheu este lugar?

— Ah! Ingênuo como o pai... — sorriu ela maliciosamente.

DURANTE OS QUATRO MESES DE AULA, cada qual procurou descobrir o possível sobre os fragmentos desaparecidos e sobre o professor Manccini. Era muito difícil obter alguma informação, pois os fragmentos de papiro ainda não haviam sido divulgados oficialmente como descobertos e, por isso, ninguém sabia deles. O acordo entre todos os membros do projeto, e mais tarde com a Dhraxon, era, para fins de divulgação, de todos se limitarem a procurar pelo professor, em primeiro lugar.

O semestre chegou ao fim e ninguém descobriu nada de novo. Para dezembro estava planejado o embarque de três deles ao Egito. Teriam até o final de janeiro seguinte para apresentar as descobertas, quando se esgotariam os seis meses dados pelo patrocinador. Ainda não haviam decidido quem iria.

Durante esse tempo, um dos alunos participantes do projeto interessou-se pelas

investigações e começou a colaborar. Seu nome era Márcio. Estreitou a amizade com Mirella, Christian e o professor Wagner. Fazia a faculdade de ciência da computação na Escola Politécnica e fora convidado a participar do projeto de pesquisa para encarregar-se da parte de informática. Tinha cabelos pretos ondulados, curtos, olhos castanhos, estatura média, não chegava a ser gordo.

Tanto Márcio como Mirella e Christian ouviram, durante esses meses de aula, os comentários crescentes acerca do desaparecimento do professor. Embora Christian tivesse produzido só um relatório e sempre mantivesse o mesmo relato, novas versões apareceram. Uns diziam ter havido uma briga entre ele e o professor antes do desaparecimento e, por isso, fora considerado suspeito. Outros afirmavam ter ele e o professor se perdido no deserto, e só ele conseguiu voltar. Uma terceira versão dizia que a polícia do Egito resolveu investigar e, ao descobrir o desaparecimento do professor, obrigou Christian a ficar no país, sendo autorizada sua volta ao Brasil para depois, ao final do ano, retornar ao Egito.

E, de caso em caso, cada qual distorcendo mais e mais os fatos, o sumiço do professor Manccini foi se tornando conhecido e Christian tornou-se uma figura visada. O mais chato para ele eram as repetidas explicações pacientemente dadas aos curiosos quando estes lhe apresentavam uma versão distorcida da história. Na primeira semana estava disposto a esclarecer, e sentia-se feliz por as pessoas se importarem com ele e com o professor. Com o tempo, foi ficando incomodado e, mais tarde, irritado com tais perguntas insistentes e insinuantes. As pessoas pareciam ter um prazer sádico em perguntar "E o professor Manccini? Não foi descoberto nada sobre ele? Estão com você os pedaços de papiro?". Isso foi tornando-o mais fechado. Estava estigmatizado como o suspeito número um. A conversa com Helena sempre vinha-lhe à mente, e ele cada vez mais pensava que ela tinha razão.

E a coisa se tornou mesmo desagradável quando Christian ouviu um debate sobre as versões na Rádio USP e dias depois soube que houve uma festa no CRUSP.^[6] Na festa, regada a batidas, cerveja e cocaína, aconteceu um "concurso" de quem contasse a versão mais interessante da história. O "prêmio" era ter de tirar a roupa na frente de todos e deixar os "juízes" fazer o que quisessem ali mesmo... Não faltaram candidatos e as mais absurdas histórias inventadas na última hora propagaram-se rapidamente como verdadeiras.

Christian decidiu seguir o conselho da perspicaz advogada. Chega de tanta indecisão! Por que esperou as coisas chegarem a isso? Ao tentar fazer o certo, estava dando tudo errado. Marcou uma conversa com o responsável pela pauta do jornal do centro acadêmico. Diria tudo aquilo sobre uma boate no Cairo e seu tormento acabaria de uma vez! Essa era a solução: para mentirosos e fofoqueiros, uma versão mentirosa.

Foi difícil, mas, ao fim de uma semana, conseguiu marcar a entrevista para apresentar seu texto e defendê-lo. O responsável pela pauta era um garoto exigente e enjoado. Muito procurado pelos alunos e com o direito de escolher o que seria publicado, acreditava-se verdadeira autoridade.

Avenida Paulista, São Paulo

25 de novembro de 2003

16h 25min, hora local

NUMA TARDE DE NOVEMBRO, Mirella convidou Christian e Márcio para conversar sobre a viagem, mas sem a interferência de outras pessoas. Por isso, ela escolheu reunirem-se num local fora do *campus*. Era pouco mais de quatro horas da tarde quando chegaram à Casa das Rosas, na avenida Paulista.

O céu estava azul e algumas nuvens brancas, como flocos de algodão jogados no céu, deslizavam sobre a megalópole. O vento da tarde fazia ouvir o barulho das folhas das árvores. A temperatura indicada no termômetro da avenida era de 23°C. Era um dia perfeito de novembro. Primavera.

A Casa das Rosas, antiga residência do famoso arquiteto Ramos de Azevedo, era o lugar adequado para uma conversa tranqüila num fim de tarde. Caminhos e escadas de poucos degraus eram dispostos agradavelmente por entre aléias e sob pérgulas floridas. Um pequeno lago com repuxos fazia um delicioso barulho de água em movimento, completando a calma do lugar. Toda essa suavidade contrastava com a agitação da maior artéria financeira do País.

Os três escolheram um recanto para a conversa e sentaram-se nos degraus de uma escadinha, com as mochilas às costas. O vento suave mexia os cabelos loiros de Mirella. Árvores e uma pérgula recoberta por trepadeiras de flores rosadas faziam sombra.

— O consulado tem alguma novidade? — interessou-se Márcio, enquanto verificava que seu telefone celular dava sinal de a bateria estar totalmente descarregada.

— Não. Sempre mando mensagens por *e-mail* perguntando — esclareceu Christian tirando a mochila das costas. Deu um suspiro e rematou: — Se a polícia egípcia não descobrir mais nada, o projeto estará acabado; e eu poderei escolher outra profissão...

— Por isso mesmo tenho uma objeção: não há como descobrir o que aconteceu indo ao Egito às escuras desse jeito. Se nem a polícia descobriu, quem for vai fazer o quê? — retrucou Márcio.

— A única pista é a agenda que o professor deixou na pensão — acrescentou Christian.

— Agenda? Você tem a agenda dele? — admirou-se Mirella. — Você não menciona

isso no relatório.

— Encontrei a agenda nas minhas coisas, quando cheguei aqui. Lembram que falei de um certo *Livro de Amenóphis*? Foi nela que li isso — falou Christian tirando da mochila a agenda de anotações do professor Manccini, enquanto os dois o olhavam surpresos. — O professor descobriu alguma coisa, algum lugar, não sei. E acho que quis deixar essa pista comigo.

Ele mostrou a última página escrita da agenda aos dois.

— Na verdade, sugeri que viéssemos aqui porque um fato novo surgiu... — disse Mirella, entusiasmando-se e prendendo os cabelos com uma caneta.

Os dois olharam-na curiosos.

— Vocês se lembram daquele meu ex-namorado, o Roberto? Ele largou a história e foi fazer engenharia agrônômica, em Piracicaba.

— Lembro. O Márcio não o conheceu.

Márcio fez um movimento afirmativo de cabeça. Uma buzina de ônibus ressoou forte na avenida.

— Pois é. Ontem à noite ele me ligou e contou uma história interessante. Foi o seguinte: no *campus* da USP, em Piracicaba, existe um museu. Esse museu guarda relíquias do curso de engenharia agrônômica desde quando a faculdade foi criada, em 1901, eu acho. Um dia ele visitou o museu e viu um acesso ao andar superior proibido aos visitantes. Quando os funcionários se distraíram, subiu para esse andar e ficou quieto, admirando a construção histórica tão bem conservada. Chegou a hora de fechar e os funcionários foram embora, trancando-o dentro sem saberem. Ele deixou isso acontecer, pois planejava sair pela janela quando estivesse sozinho.

— Uma dúvida: qual o nome dessa faculdade? Eu passei lá uma vez, é um lugar superbonito — quis saber Márcio.

— Esalq: Escola Superior de alguma coisa Luiz de Queiroz. Então, antes de sair, notou haver algumas portas trancadas nessa parte de cima. Procurou as chaves das portas nos quadros de chaves e gavetas, mas nenhuma serviu. Depois de desistir de procurar, ele ia sair pela janela, mas voltou correndo porque dois guardas-parque do *campus* se aproximaram em motos. Um dos guardas chegou para fechar a janela por onde ele saía e disse para o outro fechá-la, porque estava sem tranca, como a de cima. Depois de os guardas irem embora, ele saiu pela mesma janela e viu a de cima encostada, e não trancada como as outras. Esse cômodo de cima era exatamente uma das salas trancadas. Ele escalou uma árvore próxima e conseguiu entrar na sala.

— E o que havia lá dentro? — quis saber Christian.

— Várias estantes e caixas repletas de livros antigos. Alguns tinham até capa de couro, algo superantigo. Segundo ele, o acervo da Esalq é um dos mais antigos do mundo, com volumes originais até mesmo do século XVIII. E como ele começou a fazer o curso de história, ficou encantado com aquilo e remexeu em tudo o que pôde.

Olhou vários livros e um deles se chamava *Livro de Amenóphis*, escrito por um famoso egiptólogo inglês do século XIX, W. M. F. Petrie.

— *Livro de Amenóphis*?! Tem certeza? — Christian arregalou os olhos. — O professor tinha esse livro. Vi uma vez nas coisas dele e ele escreveu na agenda!

— Exatamente. Por isso me interessei — esclareceu ela.

— Vamos comprá-lo imediatamente! — convidou Márcio.

— Estudei quase todas as obras de Petrie, e nunca ouvi falar desse livro — objetou Mirella com toda calma. — Na verdade, se ele escreveu esse livro, nunca foi publicado. A questão agora é: o que há nesse livro e como o professor Manccini o conseguiu?

— Talvez haja alguma menção da tumba recém-descoberta. Ele talvez tenha encontrado no livro alguma pista para localizar a tumba — sugeriu Márcio.

— Ou talvez estivesse envolvido com algo ou alguém que a gente não saiba. A esta altura começo a ter dúvidas sobre seu método sigiloso de trabalhar — refletiu Christian, tentando lembrar-se de alguma coisa.

Um vento mais forte remexeu as árvores frondosas fazendo o ruído característico do farfalhar das folhas. Da avenida vinha um som insistente de ambulância pedindo passagem.

— E o Roberto pegou o livro para você? — perguntou Márcio, depois de olhar por um instante na direção da avenida.

— Claro que não. Só me ligou para contar. Pedi que pegasse o livro para mim, mas...

— Mas?

— "Não é mais minha namorada para pedir essas coisas..." foi sua resposta — ela franziu o canto da boca.

— E qual é seu plano?

— Quero saber se vocês vão comigo para Piracicaba depois de amanhã, para conseguir esse livro. Já decidi, eu vou. O Roberto prometeu me indicar a janela e os horários do museu.

— Ah, essa não... Se formos pegos seremos expulsos da USP, do projeto, da Fundação, de tudo. Acho meio arriscado esse negócio de quadrilha... — Márcio refletiu, em tom quase preocupado.

— Márcio! Trata-se de salvar o projeto e de reencontrar o professor Manccini, se ele estiver vivo. Esse livro é nossa única pista. Se a polícia egípcia não tem novidades, é nossa única chance! — indignou-se ela com a indecisão de Márcio.

Como a expressão do rosto dele não foi das mais animadoras, ela insistiu.

— Regras foram feitas para...? — começou ela, lembrando-se de um filme assistido anos antes no cinema.

— Serem seguidas, mas não estaremos seguindo se...

— Para serem quebradas! Pode ficar tranquilo. Quando isso tudo acabar,

devolveremos o livro. Já planejei tudo!

— Eu irei, Mirella. A que horas vamos? — falou Christian sério.

— Há ônibus para Piracicaba a cada meia hora. Podemos pegar o das quatorze horas. Chegaremos às dezesseis e dará tempo para o Roberto nos explicar como entrar. O Museu fecha às cinco da tarde.

— Depois de amanhã tenho de ir ao centro acadêmico. A reunião está marcada há vários dias. E tem o debate, esqueceu? Não pode ser amanhã? — objetou Christian.

— Melhor ainda! É mesmo, tinha esquecido do debate.

— Estou fora — decidiu-se Márcio. — E continuo não vendo como isso irá resolver alguma coisa. Mesmo se descobirmos para onde o professor foi, de que adiantará?

— O projeto não acabou ainda, Márcio! *Precisamos* voltar lá e continuar a pesquisa — retrucou ela.

— Esperem aí — objetou Márcio. — Vamos esclarecer uma coisa. Eu entrei nesse projeto para trabalhar na parte de informática, no *software* que irá reagrupar os fragmentos de acordo com as semelhanças do DNA de cada um, só isso.

— Você tem razão — Christian ficou de pé. — Mas se não fizermos alguma coisa, as conseqüências serão piores. E o patrocinador está confiando em nós, está nos dando o dinheiro para isso! Não podemos desistir agora. Além disso, temos novas pistas e o professor pode estar vivo. Isso é o mais importante de tudo. Ele sumiu da mesma forma que meu pai e...

— Seu pai?!!

— É. Ele desapareceu no Oriente Médio há vários anos. Talvez esteja no Egito também.

Mirella, amiga de Christian desde a época do vestibular, conhecia superficialmente a história. Achava absurda a hipótese do amigo, mas silenciava por respeito aos seus sentimentos. Márcio, porém, não sabia de nada.

— O que aconteceu com seu pai?

— Ele era, ou é, antropólogo e trabalhava na FFLCH também. Especializou-se em comunidades tribais do Oriente Médio e sempre viajava para lá, estudando por meses a vida de povos do deserto da Síria, da Jordânia e do Iraque. Em 1991, quando foi para ficar oito meses em uma comunidade que vivia em cavernas, desapareceu. Não telefonou mais nem enviou cartas. E não havia como ligar ou escrever para ele. A comunidade era no meio do deserto, onde não havia posto de correios e muito menos energia elétrica. Ele enviava seus relatórios de pesquisa e cartas uma vez por mês, quando ia a uma cidadezinha próxima; era quando telefonava para casa. Depois de uns meses não telefonou nem enviou qualquer papel, nem nos meses seguintes.

Christian, antes calmo e despreocupado, falava agora com profundo pesar. Seu rosto exibía a frustração de ter perdido alguém muito querido de forma tão inglória e

misteriosa. Em cada palavra acentuava a dor pela perda do pai amado. Apesar de o fato ter acontecido há mais de dez anos, ele narrava como se tudo tivesse ocorrido na semana passada.

— Como o Brasil não mantinha relações diplomáticas com aquele país, o Itamaraty nos disse que nada podia fazer. Então fui com minha mãe para lá só seis meses depois do seu último contato. Não tínhamos dinheiro para ir antes.

Ouvimos falar da região onde existiu aquela tribo, mas nada encontramos dele. Os comerciantes das cidades vizinhas disseram que a tribo não existia mais; as pessoas foram achadas mortas, umas queimadas, outras baleadas. A maioria desconfiava de terroristas que assaltavam comunidades. Outros acreditavam serem ladrões comuns, mas acho improvável. E outros, ainda, afirmaram saber de um ocidental, o único sobrevivente do massacre, que fugiu para o Egito. Ninguém sabe ao certo o que aconteceu. Mas que há grupos terroristas envolvidos, não tenho dúvida.

— Como vocês se comunicaram lá? — quis saber Márcio.

— Minha mãe contratou aqui no Brasil um intérprete. Ele foi conosco e nos ajudou o tempo todo.

— E o que você acredita ter acontecido, Christian? — perguntou Mirella delicadamente.

— Ele foi para o Egito. Mais tarde fiquei sabendo que as tribos da região são guerreiras; às vezes guerreiam entre si pela posse de territórios e rotas comerciais. Outras vezes, grupos terroristas assaltam e matam, para obter suprimentos para o grupo, pois não podem trabalhar e têm de se esconder. Eles escolhem essas comunidades pequenas e mais fracas. Muitas vezes, crianças, mulheres e eventuais turistas são levados como escravos ou como reféns. Desde aquela época, os movimentos terroristas têm aumentado e se sofisticado. O terrorismo é algo horrível e precisa acabar, ou ele acabará com o mundo civilizado.

As expressões antes alegres dos três tornaram-se graves e respeitadas. Márcio e Mirella preferiram ficar em silêncio. Não sabiam como abordar assunto tão delicado. Continuar perguntando talvez o aborrecesse mais. Era óbvio que o fato ainda o perturbava, mesmo tendo ocorrido há mais de uma década. Como poderia ele achar que após tanto tempo o pai ainda estivesse vivo?

NO DIA SEGUINTE, POR VOLTA DAS QUATRO DA TARDE, Christian e Mirella chegaram à estação rodoviária de Piracicaba. Para ganhar tempo, pegaram um táxi e seguiram para o endereço da *Gato Preto*, a "república" onde Roberto, o ex-namorado de Mirella, morava com mais quatro alunos.

Foram recebidos por Roberto, que explicou qual era a janela da sala proibida e como era a ronda dos guardas-parque. Ao falar, olhava apenas para Mirella. Quando Christian fazia uma pergunta ou comentário, ele não respondia ou o fazia olhando só

para ela, ignorando-o.

— Coloquei uma pedra grande, do tamanho de um sapato, bem embaixo da janela que te falei, encostada na parede. Assim você não vai errar.

— Obrigada, Roberto. A que horas o museu fecha?

— Às cinco da tarde, daqui a pouco — ele olhou prolongadamente para ela, deixando-a sem jeito. — Você... não quer ficar aqui hoje?

Embora ela estivesse esperando a recaída dele, coisa comum quando conversavam por telefone, não imaginava que ele seria tão direto na frente de um quase desconhecido. Meio insegura e visivelmente inquieta, ela se levantou do sofá, dando a entender estar de saída.

— Oh, não, obrigada. Voltaremos para São Paulo em seguida. Tchau — disse ela estendendo a mão em despedida com toda a formalidade do mundo.

Não foi difícil para Christian perceber que ele ainda era apaixonado por Mirella.

Eles se despediram e se retiraram, dirigindo-se ao *campus*.

— Ele ainda gosta muito de você, garota pedra-de-gelo — comentou Christian sorrindo, enquanto caminhava pela calçada da movimentada avenida.

— Se gostasse não teria me traído. Viu como ele foi deselegante com você? Ele era assim com todos os meus amigos e queria mandar em mim. Ser traidor e mandão é muito defeito num homem só — falou convicta e, após limpar a garganta, prosseguiu: — Ele é desses caras que não sabem construir um relacionamento detalhe por detalhe; eu tinha de aceitar tudo do jeito dele e pronto! — ela se virou na direção da casa do rapaz e apontou-a com o dedo indicador, mantendo o polegar levantado, e fez um ruído, como se desse um tiro. Depois aproximou o indicador dos lábios e soprou. E concluiu, como quem anuncia uma posição bem definida: — Não aceito homem que despreza mulher!

Primeiro passaram em volta do museu, para enxergar melhor o terreno. Depois decidiram esperar o museu fechar e escurecer, para agirem sem serem vistos.

A tarde estava quente, o ar úmido e parado. Enquanto não escurecia, eles admiravam a beleza arquitetônica do lugar e o canto de vários pássaros, muitos não ouvidos nem no Parque do Ibirapuera, na Cidade de São Paulo.

O Museu Luiz de Queiroz ficava na parte do *campus* formada por um imenso gramado circundante. Num grande pavilhão localizavam-se os departamentos de ciências exatas, cercado de prédios menores. Esse pavilhão, de três andares e mais de sessenta metros de fachada, tinha aspecto imponente, reforçado pela cúpula de bronze encimada por um pára-raios. O majestoso edifício, sólido e suntuoso, tinha à frente um amplo lago, em cujas águas sua imagem se refletia. O conjunto era de uma beleza monumental. De frente para esse lago e para o prédio, à direita estava o museu, totalmente branco, meio escondido por árvores frondosas de folhagem verde-escuro, criando um belo contraste.

O museu era uma pequena mansão de dois andares, construída em estilo neoclássico, antiga residência oficial dos diretores da Esalq. A fachada alvíssima da construção era formada por quatro grandes colunas que sustentavam o terraço do pavimento superior e, ultrapassando este, chegavam ao telhado da construção. O pé-direito de cada pavimento tinha mais de quatro metros. O magnífico edifício, apesar de antigo, era mantido muito bem conservado.

Andando despreocupadamente em torno do museu, observaram as árvores próximas, as janelas e tudo em volta que pudesse lhes servir de auxílio quando fossem escalar as árvores para entrar.

— Ali está a pedra que Roberto falou — apontou Mirella para um pedaço de basalto, encostado à parede do Museu.

— Realmente as janelas de cima estão fechadas, mesmo sendo dia, ao contrário das de baixo.

A noite chegou e eles estavam prontos para pôr o plano em ação. Os guardas-parque passaram na sua ronda rotineira de moto e se afastaram. Certificaram-se de não haver mais ninguém por perto e escalararam com rapidez a árvore próxima à janela. Em cinco minutos os dois haviam entrado e encostado a veneziana.

Lá dentro, com faroletes a pilha, admiraram-se com os títulos da seção secreta do museu. Estantes e mais estantes repletas de livros velhos. A sala tinha um cheiro de mofo fortíssimo, fazendo-os tossir e espirrar. A escuridão era total. Consumiram mais de duas horas lendo os títulos dos volumes um a um, até finalmente Christian parecer ter achado algo importante. Iluminaram a capa do livro empoeirado com os faroletes. Mirella havia carregado consigo mais de quinze pilhas elétricas para manter o farolete sempre funcionando.

— É este aqui: o *Livro de Amenóphis*, 1894, W. M. F. Petrie. — Inacreditável! — maravilhou-se Mirella, limpando a poeira da capa.

— Vamos! Estamos demorando muito — Christian guardou o livro na mochila dela.

Eles saíram, encostaram a janela como estava antes e desceram pela árvore. Tão logo chegaram ao chão, dois guardas apareceram em suas motos e eles fingiram estar passeando calmamente pelo parque, e deixaram o *campus* sem levantar suspeitas.

Mirella, morta de curiosidade, assim que se acomodou no ônibus, folheou as grossas páginas do alfarrábio. Após ler e reler trechos diversos, exclamou surpresa:

— Isto é um grimório!

**Auditório do Departamento de História,
Cidade Universitária, São Paulo
27 de novembro de 2003
14h 00min, hora local**

— SILÊNCIO! SILÊNCIO, POR FAVOR, para o debate continuar, senhores! Agora deixem o Dr. Eurípedes continuar sua exposição. Dr. Eurípedes, por favor, continue — falou enfático um senhor de meia-idade e cabelos crespos, sentado ao centro de uma mesa. Era o mediador do debate.

No lotado auditório do Departamento de História da FFLCH, a discussão científica se travava. De vez em quando, os debatedores apresentavam figuras, fotos e tabelas projetadas numa tela por um *datashow* conectado a um *notebook*.

A platéia era formada de professores, pesquisadores e alunos da USP e de outras instituições. Alguns alunos viviam mais intensamente as divergências de opinião, como se assistissem a um duelo, e começavam a discutir entre si, motivando as intervenções do mediador.

— Se os egípcios fossem um povo que tivesse a influência de um outro mais civilizado antes deles, nós já teríamos descoberto isso... — certificou o Dr. Eurípedes com desdém. — Não existe qualquer prova ou evidência de outro povo civilizado ter existido no Oriente Próximo e no Oriente Médio ou mesmo na Europa antes de os egípcios se erguerem. E nem seria possível isso; toda a Europa, Ásia e África eram tomadas apenas por tribos bárbaras que guerreavam entre si pela posse das melhores terras, exatamente como ocorria nas Américas quando os europeus chegaram. Antes eram chamados de bárbaros, hoje de índios, nativos, aborígenes...

— Mas não é estranho, professor, após centenas de milhares de anos vivendo como tribos nômades guerreiras, um grupo organizar um império com economia, política, escrita e até mesmo burocracia em tão poucos anos? — perguntou um jovem, com aquele ar de insegurança e ao mesmo tempo de vontade de manifestar sua opinião com ousadia diante de uma autoridade no assunto. Sem pausar sua fala, continuou: — Um documentário do canal Fox, da semana passada, falava de um povo do mar, vindo do oeste. A lenda dizia que os...

— Lenda?! Eu quero provas, garoto!! Estou falando de provas científicas, e não de lendas inventadas por pessoas que conversam com espíritos, fazem "despachos" e tomam Santo Daime porque não gostam de cerveja!

Um riso generalizado perpassou a assembléia. Até mesmo o professor moderador do debate riu da resposta. Mas o jovem, não se dando por vencido com a piada do abalizado cientista, esperou seus colegas pararem de rir e, pondo-se de pé, olhou para o outro debatedor, uma mulher de meia-idade de cabelos castanho-claros e olhar tranqüilo. Simpática e aberta a novas idéias, fora convidada justamente por seus pontos de vista mais moderados. Era a Dra. Rosana Nascimento, da Unicamp, PhD em egiptologia pela University of Chicago.

— E a senhora, doutora, o que pensa dessa possibilidade?

— É uma possibilidade a ser investigada, como qualquer outra. Devo, porém, reconhecer faltarem evidências suficientes para aferirmos que uma outra civilização

tenha antecedido a egípcia. O erguimento dos egípcios de tribos pastoras a um império organizado foi rápido, considerando-se o ritmo conhecido de evolução dos povos da época, mas não dá para afirmar que isso tenha ocorrido por influência externa. A idéia de as pirâmides terem sido construídas por um outro povo ou por extraterrestres é difícil de aceitar; a defesa dela se dá principalmente por místicos e pessoas que querem que essa seja a verdade, e não por qualquer prova, evidência ou relato.

— Mas lendas são relatos! Ou melhor, alguns relatos foram classificados como lendas — objetou o aluno.

— Se hoje, com quase toda a população alfabetizada, existem lendas e histórias absurdas para explicar tantos fenômenos, imagine numa época com menos de dez por cento da população sabendo ler e escrever. Quantas mentiras podiam ser tomadas como verdades inquestionáveis! Além disso, se essa lenda de que os egípcios descendiam de um povo do mar fosse baseada em fatos reais, como afirmava o filósofo Platão, estaria registrada em algum monumento ou papiro. Certos pesquisadores se lembram de abalos sísmicos e elevações do nível do mar como possíveis removedores de sinais de épocas anteriores às dos nomos.¹⁷¹ Isso é mais plausível. É fato sabido que aquela região sofreu invasão das águas do mar. Isso eliminaria qualquer resíduo de madeira, papiro, osso e metal. Nesse caso, só grandes construções como as maiores pirâmides poderiam se manter. O principal fato que torna aceitável a hipótese de uma civilização anterior é a incrível precisão na construção e a riqueza de associações astronômicas da Grande Pirâmide. Mesmo com a comprovação dos métodos usados para construir aqueles edifícios, projetados e executados com precisão incrível, é difícil acreditar que somente com ferramentas de cobre, um metal mole, fosse possível cortar calcário e granito. É claro que a maior parte do véu que encobre essa civilização misteriosa ainda não foi levantado. E, além disso, a hipótese de as pirâmides serem templos ou coisa parecida está cada vez mais sendo reforçada. Afinal, elas diferem demais de todos os outros tipos de túmulos — ela fez uma breve pausa para respirar e concluiu: — Pode-se dizer o seguinte: do quebra-cabeça de quinhentas peças, conseguimos encontrar umas vinte, sendo muito difícil explicar qual será a figura formada se um dia for completamente montado.

Antes que alguém fizesse outra pergunta, o professor moderador chamou a atenção do público.

— Por uma questão de ordem, cada um deve fazer somente uma pergunta, sem direito a réplica. Dr. Eurípedes, a palavra é sua.

— Essas evidências astronômicas não significam muita coisa. Não há nisso nenhum indicativo da existência de outro povo anterior e muito menos que essa civilização existisse antes das dinastias conhecidas. É ridículo dar valor a teorias como essa;

não se sabe nem por quem foram formuladas...

A Dra. Rosana, pela maneira que fazia com a cabeça, discordava dele.

— O problema da arqueologia e da egiptologia é sempre querer enquadrar as novas descobertas nas teorias antigas, em vez de reformulá-las. Vamos supor que os antigos tivessem algum aparelho rudimentar de vôo, algo semelhante a uma asa-delta; seria perfeitamente possível com a tecnologia da época. Se os egípcios chegaram a projetar um motor a vapor, por que não seriam capazes de construir uma asa-delta? Se descobríssemos hoje ruínas de uma pista de decolagem e desenhos mostrando pessoas voando, o que diriam os arqueólogos? Que três mil anos antes de Cristo havia aeroporto, cursos de vôo e espionagem aérea? Jamais! A resposta pragmática asseguraria serem as estradas avenidas de procissões religiosas e os desenhos de pessoas voando seriam deuses com asas... O assunto estaria encerrado e, é claro, a tradicional autoridade científica acusaria de ridículas quaisquer outras interpretações. Faço minhas as palavras do Dr. Robert Schoch, da Universidade de Boston: "Talvez seja hora de injetar um pouco mais de ciência na egiptologia".

— Acontece, doutora, que teorias absurdas existem aos montes. O papel da arqueologia e da história é justamente eliminar essa ignorância e apurar a verdade. Havia um projeto de pesquisa aqui cujos pesquisadores supostamente encontraram uma nova tumba no planalto de Gizé e milhares de fragmentos de papiro nela. Esses fragmentos e essa tumba nunca foram vistos, e o coordenador da pesquisa foi atrás da lenda de um certo mago (imaginem, mago!), que daria as indicações sobre essa tumba. Resultado: o Dr. Caio Manccini, coordenador do projeto, desapareceu justamente quando seguia essas lendas. Esse ilustre cientista deu ouvidos a essa conversa boba da Internet e acabou morto ou seqüestrado! Esse foi o preço por desdenhar os métodos conhecidos para ir atrás de informantes duvidosos, capazes até mesmo de enganar abalizados cientistas. Nada disso é de admirar; as relíquias egípcias valem hoje milhares de dólares no mercado negro de antigüidades. Só o narcotráfico é mais lucrativo!

Mirella, ouvindo tudo atentamente, interrompeu-o:

— Foram encontrados os fragmentos dos papiros. Apenas não puderam ser trazidos ainda porque...

— Porque era mentira!! — o professor a cortou asperamente. — O falecido professor Manccini, meu grande amigo, não ouviu meus conselhos sobre como conduzir a pesquisa e acabou seqüestrado ou assassinado. E o principal suspeito desse crime horrível continua enganando a todos com essa pesquisa fajuta, usando exatamente esse argumento: vamos seguir lendas! E assim vai se desperdiçando o dinheiro precioso dos poucos patrocinadores da arqueologia científica! — falou o professor, cravando os olhos em Christian.

— Isso não é verdade! — exclamou Mirella exaltada. — O professor encontrou uma

nova tumba com pedaços de papiro e a polícia apenas não conseguiu ainda encontrar quem o seqüestrou!

— Eu disse sem réplicas! — interveio o mediador elevando a voz.

Aquelas palavras atingiram Christian como uma espada atravessando seu peito. O professor olhava para ele como se dissesse "ali está o enganador, o criminoso, o exemplo vivo da fraude científica".

Alunos, alguns amigos, professores e pesquisadores de outras instituições olharam para Christian sem a menor discriminação. Uma arma de mira telescópica com um *laser* vermelho apontado para sua cabeça não o faria sentir-se tão mal como aqueles olhares. Outras pessoas, mais educadas, mesmo sabendo do fato, evitaram olhá-lo para não constrangê-lo. O caso do desaparecimento do professor Manccini tornara-se famoso no meio científico, e os comentários entre alunos e professores eram os mais divergentes. A Dra. Rosana Nascimento também ouvira falar do ocorrido.

Outros presentes fizeram perguntas sobre o legendário Rei Escorpião, a erosão no corpo da Esfinge de Gizé e as controvérsias envolvendo outros pontos específicos da atual teoria do surgimento da civilização sofisticada do Vale do Nilo.

Christian ficou profundamente aborrecido com aquelas farpas atiradas em seu rosto em público. Por que alguém tão ilustre no mundo acadêmico faria isso com ele, um aluno desconhecido, um simples estagiário de um projeto de pesquisa como tantos outros milhares de alunos na mesma universidade? Não conseguiu mais prestar atenção aos argumentos dos debatedores. Retirou-se, sentindo-se humilhado mais uma vez, ao notar vários olhares queimando-o.

A caminho de casa num ônibus, não quis mais pensar em nada. Estava cansado de se esforçar para mostrar sua honestidade. Essa situação tinha de acabar! A pressão e a preocupação estavam se tornando insuportáveis. De repente, pôs a mão na cabeça e falou em voz alta, para espanto da senhora idosa sentada ao seu lado:

— A entrevista! Era à uma e meia...

No DIA SEGUINTE, no Restaurante Universitário Central da USP, os três conversavam sobre quem e quando iria ao Egito. O semestre havia acabado e nada fora definido. Um cheiro forte de fritura impregnava o ambiente. Alunos e professores de vários cursos almoçavam conversando animadamente. Os três haviam terminado a refeição.

— Agora precisamos decidir quem irá — comentou Christian, com sua tranquilidade costumeira, cortando um pedaço de gelatina de limão com a colher de sobremesa.

— Tenho uma sugestão: o professor Wagner e, se ele aceitar... você, Mirella. Será que o Dr. Eurípedes vai querer ir? — considerou Márcio, afastando o bandeirão de inox.

— Ele não é tão atrevido. Só é conselheiro da Fundação, não faz parte do projeto — observou Mirella, antevendo uma situação. — Espero que ele não se atreva a fazer

uma proposta inaceitável como essa.

— O professor Wagner não está tão interessado assim no projeto. Lembra-se do que disse quando entrou? "Entro apenas para colaborar, estou muito ocupado com meu doutorado." Ele tem menos de três meses para entregar a tese. Não vai dar para terminá-la se ficar dois meses no Egito — lembrou Christian, olhando para a gelatina de Márcio depois de a sua ter acabado.

— Quer minha gelatina? — interrompeu Márcio ao notar o olhar do amigo.

— Com tanta insistência, não posso recusar — sorriu o jovem.

Nesse instante, o professor Wagner aproximou-se da mesa, trazendo sua bandeja. Ele parecia estar apressado. Andava rápido e sentou-se depressa.

— Olá, senhores! Temos algumas providências urgentes a tomar, não é mesmo?

— Sim, não compramos as passagens aéreas porque não foram definidos os nomes

— respondeu Christian, olhando para a gelatina do professor.

O professor Wagner começou a comer a gelatina antes do prato principal, frustrando a intenção do garoto.

— O patrocinador me ligou ontem, pedindo os nomes de quem vai. Disse que decidiríamos hoje e ligaria de volta para ele. Ele é meio difícil, não aceitou e exigiu os nomes na hora. Um de vocês deverá comprar as passagens. Aí eu dei três nomes...

— Quem você colocou? — quis saber Mirella ansiosa. — Não me diga que o professor Eurípedes...

— Vocês três.

— *Vocês* três? — perguntou Márcio apontando com o dedo para os demais, excluindo-se.

— Não, *vocês* três. Eu não vou — reforçou o professor cortando a gelatina com a colher.

— Eu também?!! Não posso! Isso não estava combinado! Entrei no projeto para analisar os dados, nada mais. Não, não, não irei. Você precisa ir, professor!

— Impossível. Preciso terminar minha tese e tenho mais três trabalhos para publicar ainda este ano. E o que eu poderia fazer no Egito? Não acompanhei as pesquisas, não entendo nada de escavações arqueológicas. Entrei somente para colaborar na interpretação dos fragmentos, e realmente farei isso quando os dados estiverem disponíveis. Não ajudaria em coisa alguma lá.

— E eu? Como poderei ajudar lá se minha área é a informática? — retrucou Márcio.

— Você estará de férias. Eu estarei mais sobrecarregado ainda. Ora, Márcio, vá conhecer o Egito, aproveite a viagem e salve seu próprio projeto! Você só poderá ajudar, com toda a certeza. Aqui não terá como colaborar. Não se esqueçam de comprar as passagens.

— O Dr. Eurípedes já sabe? — indagou Mirella.

O professor demorou para responder e, olhando para Mirella, falou pausadamente:
— Ele está negociando com a Dhraxon o cancelamento do projeto e o uso do dinheiro noutra pesquisa.
— O quê?!! — indignou-se a garota. — Por isso nenhum professor quis ir?
O professor deu de ombros.
— Os vistos e passaportes de vocês estão em ordem, certo? Se até o dia da viagem ele não conseguir, vocês vão e pronto. O vôo é daqui a oito dias. A reunião dele é amanhã à tarde.
Ele mergulhou os talheres na comida, sem mais dizer. Os três pediram licença e se retiraram, desculpando-se por terem horários e não poderem fazer companhia à mesa.
Christian não falara aos amigos sobre a entrevista ao jornal. Como esqueceu de comparecer, era impensável pedir uma segunda chance ao redator. Além disso, voltara a cogitar a hipótese de investigar por si mesmo o próprio passado. Afinal, o *Livro de Amenóphis* trouxera pistas novas.

MIRELLA NÃO COUBE EM si de indignação com o atrevimento do professor Eurípedes. Naquela noite não conseguiu dormir. A possibilidade de ver seu grande projeto destruído por um professor invejoso enervava-a. No dia seguinte, ela decidiu ligar para a secretaria do Departamento de História, num horário em que sabia que ele estaria realizando uma palestra na Faculdade de Antropologia. Precisava conseguir detalhes.

— Alô. Sou pesquisadora e marquei uma entrevista com o Dr. Eurípedes para hoje. Ele está? — perguntou Mirella simulando um carregado sotaque nordestino.

— Quem é a senhora?

— É Jurema, da Universidade Federal do Piauí. Ele marcou uma entrevista comigo hoje.

— Hum... Não tem nada na agenda dele, Dra. Jurema! A senhora ligou quando ele...

— Minha filha, eu preciso saber se os alunos dele vão viajar para o Egito, porque talvez eu vá junto! Ele precisa me dizer isso com urgência. Meu vôo para Teresina é agora, às três da tarde. Como posso falar com ele? É urgente!

— Ele está numa palestra e só volta depois das cinco... Bom, acho que... Não comente com ninguém, por favor...

— Claro, minha filha, pode falar! Ele não me confirmou até agora e preciso saber.

— Acho que ninguém mais vai para o Egito. Ele chegou de uma reunião hoje dizendo que quase conseguiu encerrar a pesquisa; depois de amanhã fará mais uns acertos e...

— Quais acertos? — interrompeu Mirella, esquecendo de falar com o sotaque.

A secretária demorou uns segundos para responder.

— Ele não me disse nada sobre a senhora, doutora. Você não é...

Mirella desligou o telefone. Tinha de agir rápido. Sem consultar ninguém, sacou parte do dinheiro da conta bancária do projeto e comprou três passagens aéreas para aquela mesma noite. Informou-os mais tarde pedindo sigilo absoluto, prometendo explicar depois. Christian e Márcio, desesperados em arrumar tudo, aceitaram o rumo dado pela amiga empreendedora: viajariam sem os professores Eurípedes e Wagner saberem.

Naquela noite, um avião da Lufthansa deixava o Aeroporto Internacional de Guarulhos rumo a Frankfurt, Alemanha. Lá fariam a conexão para o Cairo. Somente os familiares souberam da viagem repentina.

Cairo, Egito

29 de novembro de 2003

13h 48min, hora local

CAIRO, 40°C À SOMBRA!

A cidade dos mil minaretes, capital do mundo árabe, efervescia de atividade. Torres de aço e vidro ao lado de mesquitas medievais; Mercedes e camelos disputando espaço nas ruas; riqueza e miséria por toda parte. Dezesseis milhões de almas e mil anos de história.

Deixaram o Aeroporto Internacional do Cairo, após a conexão em Frankfurt num vôo da Egyptair. Mirella notou que, enquanto andavam pela maior cidade da África, Christian ia ficando pensativo. Não prestava atenção às conversas. "Deve estar relembrando como foi quando o professor desapareceu", pensou Mirella. Márcio, ao contrário, estava entretido em observar a paisagem e o movimento das pessoas. O medo de viajar foi substituído por um entusiasmo quase infantil. Não percebeu a introspecção do amigo.

Chegaram à mesma pensão onde Christian e o professor Manccini haviam se hospedado cinco meses antes, em Boulaq, bairro da região central do Cairo. Preferiam essa pensão, bem menos cara que os hotéis para turistas e com acomodações limpas e espaçosas, embora sem luxos. Após se instalarem e se distribuírem nas camas de um único e amplo quarto, saíram para comprar comida e mais algumas coisas nos mercados do bairro.

Márcio nunca estivera no Egito e observava tudo atentamente. Chamavam-lhe a atenção os turbantes coloridos, as jóias usadas em quantidade nos braços e pescoço, as comidas com aromas desconhecidos para ele, os mercados ao ar livre com todo o tipo de artesanato e as *galcibias*, túnicas lisas ou listradas vestidas pelos homens e meninos. Algo particularmente intrigante para ele foi ver pessoas gritando nomes ininteligíveis, olhando para a rua. As vezes, um táxi parava e essas pessoas entravam no veículo. Christian explicou que lá era desse jeito, a pessoa deve gritar o nome do

lugar para onde quer ir e o taxista decide se pára para pegá-la ou não. Ele também reparou no trânsito: carros de último modelo, carros velhos, motos, bicicletas e camelos, todos andando juntos na rua, mas só nas de menor movimento. Outro ponto que muito atraiu Márcio foram as grandes construções no estilo árabe. As mesquitas, com suas cúpulas e minaretes, traziam à sua memória cenas de filmes e episódios famosos do imortal clássico *As mil e uma noites*. Ficou muito curioso em conhecer algumas mesquitas e outros pontos turísticos. Infelizmente, não dispunham de muito tempo para visitas.

Era óbvio o quanto ele tinha gostado do país, apesar de lamentar a pobreza de boa parte da população.

— Não dissemos que você gostaria? — comentou Christian com simpatia.

— Christian, onde fica aquele templo, deve ser um templo, com quatro estátuas gigantes de um faraó na entrada?

— Fica em Abu-Simbel, um lugar ao sul. Se der tempo, poderemos visitar.

DE VOLTA À PENSÃO, puseram-se a analisar o *Livro de Amenóphis*, de W. M. F. Petrie. Sentados nas camas, folhearam a única coisa deixada para trás pelo professor Manccini, a agenda.

Mirella tinha feito suspense sobre o *Livro* até aquele momento.

— Preciso dizer algo a vocês. Não tenho mais dúvidas sobre este livro — disse ela segurando o volume na mão.

Eles observaram-na em silêncio, aguardando que prosseguisse.

— Este livro não foi escrito por William Matthews Flinders Petrie. Ele era arqueólogo, e este livro é um grimório.

— O que é isso? — perguntaram os dois.

— Grimório é um livro de magia, uma coletânea de receitas mágicas. As coisas escritas aqui devem datar de pelo menos dois mil anos antes de Cristo e, se Petrie participou de alguma forma, talvez tenha só traduzido o conteúdo para o inglês. E tem mais — ela continuou, cada vez mais séria, abrindo o livro e mostrando aos dois. — Aqui, vejam, uma espécie de preâmbulo, diz só existir este exemplar original, nunca publicado, com dedicatória à rainha Victoria, da Grã-Bretanha e Irlanda, século XIX, e sugestão à rainha para ser guardado a sete chaves.

— E? — Márcio ouviu sem nada entender.

— E Christian viu entre as coisas do professor este mesmo livro, não foi?

— Foi — concordou Christian.

— Então o professor tinha um exemplar. Agora olhem estas folhas amarelas aqui — disse ela oferecendo o livro aberto para os dois folhearem.

Christian pegou o livro e Márcio se aproximou para ver também. Eles folhearam as páginas grossas e amareladas e olharam para ela, mais perdidos ainda.

— Não estou entendendo nada, Mirella — Christian meneou a cabeça levemente.

— Como estavam as páginas do livro do professor?

— Não sei, olhei uma vez só, muito rapidamente.

— Mesmo assim, digam-me: como pode um livro de mais de cem anos estar perfeito desse jeito? Apesar das folhas amarelas e do papel grosseiro, não há rasgos, manchas de bolor nem buracos de traça!

— Você acha o quê? Ele não estraga por ser um livro mágico? — ironizou Márcio.

— Claro que não! — revidou ela indignada. — É um livro falso! E uma cópia feita há pouco tempo para enganar, e muito malfeita. Este papel deve ter sido posto num forno para ficar amarelo. O papel está novo e perfeito.

— Pensando melhor, as páginas estavam perfeitas, realmente. Talvez alguém antes de nós e antes do professor tenha pegado o livro original. Alguém que a esta altura também já sabe onde estão esses pedaços de papiro — concluiu Christian, sério.

— É claro! — concordou ela. — Isso significa que estamos no caminho certo para encontrar o professor. Este livro traz receitas diversas de feitiços e, entre eles, como encontrar o caminho para o "mundo subterrâneo". Ora, o professor, a julgar pelas anotações feitas na agenda, seguiu este roteiro.

— E essa pessoa devia conhecer o lugar encontrado pelo professor Manccini, e talvez o tenha capturado para manter o segredo — completou Christian reclinando-se e pondo as mãos atrás da nuca, olhando para o teto.

— Ou ambos são cúmplices — acrescentou Márcio, finalmente compreendendo.

— Exatamente — concordou Mirella.

— E o que esse grimório diz? Como se entra na tumba? — perguntou Márcio.

Eles verificaram várias passagens do livro, tentando encontrar alguma pista. Leram e releam sem nada encontrar. Por fim, Mirella julgou ter visto algo sugestivo.

— Não é muito claro para mim. Encontrei uma parte... bom, não sei... parece ser uma indicação. É um diálogo entre Anúbis e Benu. Vejam se vocês conseguem entender:

O deus Anúbis diz: O que procura você, ó Benu?

Benu responde: Quero o fogo que me alimenta, a linfa da vida, o sangue do Universo.

Anúbis: Isso você já tem!

Benu: Sim, mas quero a sabedoria, sem ela não posso continuar a existir. Qual é o caminho para o mundo dos sábios, ó Anúbis?

Anúbis: O caminho é sem volta, ó Benu, uma vez nele, sempre nele. Na Terra dos Mortos ele começa, onde Osíris, o senhor do mundo subterrâneo, governa.

Benu: E como poderei achá-lo ?

Anúbis: Procurando a distância dos planetas, as pétalas das flores, as escamas dos

peixes e os galhos dos arbustos. Lá está o caminho.

Benu: Em todos esses lugares? Quantos são?

Anúbis: Em infinitos lugares. São doze. Lá eu estou te esperando, mas não há como me ver. O olho de Ísis verá e, quando ele também ouvir, então você poderá entrar.

Benu: Qual o primeiro?

Anúbis: O um. O um é sempre o primeiro e o segundo. O dois é o terceiro.

Benu: E o que o olho verá?

Anúbis: Se olhar para o oeste, verá o triângulo, a reta, o quadrado, a reta e o pentágono. Isso é o doze.

Ela fez uma pausa enquanto releu em silêncio um trecho. Os dois olhavam para ela esperando alguma declaração.

— É isso — ela suspirou. — Tenho algumas dúvidas. Vocês entenderam?

Os dois rapazes se entreolharam e deram uma gargalhada.

— Não me admira que os sacerdotes escrevessem em hieróglifos para ninguém ler... Se alguém lesse isso certamente jogaria fora em seguida — ironizou Márcio, rindo. Lembrando que Mirella sempre ressaltava terem sido os egípcios os primeiros a inventar várias coisas, gostava de provocá-la, ironizando.

— É um enigma, não poderia mesmo ser claro. Aliás, todas as receitas aqui são enigmas. Ajudem-me a decifrar isto

— redargüiu Mirella, quase ofendida com a brincadeira. Para ela, falar mal do Antigo Egito era pior que falar mal do Brasil.

— Bem, em primeiro lugar, quem são Anúbis e Benu?

— quis saber Christian.

— Anúbis é o deus dos mortos, ou melhor, o deus com cabeça de chacal que conduz a alma do morto até o julgamento diante dos quarenta e dois juízes, presidido por Osíris

— esclareceu ela. — E Benu é a ave chamada hoje de fênix ou flamingo. Eles acreditavam que ela nascia num vulcão e mesmo se fosse queimada até virar cinzas renasceria ainda mais bonita.

— E por qual razão esse pássaro haveria de pedir ao deus dos mortos alguma coisa se ele não podia morrer? — disse Márcio, prosseguindo com o sarcasmo e completamente descrente da utilidade de um livro de receitas mágicas.

— Bem, vamos ver — ponderou Christian. — O flamingo é uma ave, não um pássaro. Ele come algas das águas próximas a vulcões e...

— Não é por aí, Christian — interrompeu-o Mirella. — Pela biologia não iremos descobrir. E o fato simbolizado o importante a ser entendido, não o ser real usado como símbolo. Benu é a capacidade de renovação, a imortalidade, o recomeço de tudo. Mas acho...

— Eu insisto: por que o pássaro... a ave, desculpe, imortal, faz perguntas ao deus justamente dos mortos?

— Talvez por Anúbis ser o condutor das almas. Ele sabe como e onde levar. Mas eu ia dizer que o mais importante é o diálogo, não esses detalhes — acrescentou Mirella.

— A "Terra dos Mortos" pode ser uma alegoria para tumba, sarcófago ou necrópole?

— quis saber Christian.

— Eles costumavam falar disso como um lugar para onde o *ba* vai depois da morte, não como um lugar material. Neste caso, como fala de um mundo subterrâneo, talvez seja

— disse ela.

— Ba? — falou Márcio.

— A alma do morto — explicou a especialista.

— Vejam — sugeriu Christian após reler um trecho do estranho diálogo. — Nessa Terra dos Mortos estão os planetas, as flores, os peixes. Qual é o lugar onde há tudo isso? Qual é o lugar do olho de Ísis?

— Cadê a agenda do professor Manccini? — interessou-se Márcio.

— Está aqui — Christian tirou um pequeno caderno de capa colorida da mochila e abriu-o na última página escrita.

Márcio olhou as várias anotações sobre datas, lugares e tarefas, onde o professor marcava telefonemas e visitas que tinha de fazer, nos dias anteriores ao seu desaparecimento, a pesquisadores e ao Museu do Cairo.

— A última anotação é esta aqui mas... não entendi — Márcio indicou a folha escrita, com os seguintes dizeres:

Livro de Amenophis



KV- 12

915,369 m Oeste

— Pois é. O *Livro de Amenóphis* nós encontramos — Christian apontou para a parte inferior da página. — Não faço idéia do que seja este código.

— KF12? Isto é um "F" ou um "V"? — sussurrou Márcio — Há isso escrito no *Livro*?

— Deve ser KV-12 — sugeriu Mirella. — É o código internacional de identificação das tumbas do Vale dos Reis! Mas não há nada parecido com isso neste livro. Os dois a olharam surpresos. Ela tinha respostas para tudo. Continuou:

— KV é de *Kings Valley* e são até hoje sessenta e quatro tumbas descobertas, se não me engano — ela rapidamente tirou da mala um livro e consultou uma lista e, por

fim, anunciou: — É uma tumba de proprietário desconhecido, por ter poucos desenhos nas paredes.

— Bem, temos somente estes dados esparsos, mas, de alguma forma, parecem indicar um lugar. A questão é onde está essa entrada? Na tumba 12? — falou Christian, olhando para a agenda.

— Mas o professor não sumiu em Gizé? — objetou Márcio.

— Foi o que Gassan contou. Mas nem a polícia tem certeza disso; houve uma tempestade de areia e as pegadas desapareceram — falou Christian apoiando o queixo com a mão.

— Meu palpite é a tumba 12. Este livro diz que a tumba tem salas com escavação incompleta. O professor talvez tenha encontrado alguma nova câmara. Ou talvez uma nova tumba a novecentos e quinze metros da KV-12, na direção oeste... — rematou Mirella, confusa, passando os olhos pelo teto do quarto e fazendo sinal negativo com a cabeça. Sentada na cama com um travesseiro no colo, esforçava-se para dar coerência às pistas. Apesar da familiaridade com o assunto, era realmente difícil compreender uma linguagem propositadamente cifrada como aquela. E seus dois amigos, conhecedores superficiais do assunto, não a ajudavam muito.

Eles também se esforçavam por reunir os dados, mas não conseguiam.

Ao cabo de alguns segundos, Mirella quebrou o silêncio, com insegurança na voz:

— Minha hipótese é a seguinte: em tumbas estão desenhadas flores, peixes, estrelas e muito mais. O olho de fsis eu entendo como sendo o olho de Hórus. Quando ele é branco, é também chamado de olho de Osíris, e representa o dia, e quando é preto é chamado também de olho de Isis e representa a noite. São imagens muito comuns em tumbas. Nela deverão estar desenhadas ou esculpidas aquelas figuras geométricas. Deveremos procurar esses sinais descritos na conversa de Anúbis e Benu. Ou então nessa outra entrada que o professor deve ter descoberto. Talvez lá estejam esses desenhos.

— O professor sumiu em Gizé, Mirella. E ele achou uma *nova* tumba — insistiu Márcio.

— Ninguém sabe — afirmou ela, agora entusiasmada com a própria hipótese. — Se ele foi seqüestrado ou assaltado para lhe roubarem os fragmentos, poderia ser em qualquer lugar. Tudo, porém, deve ter começado perto da tumba KV-12, antes de Christian chegar ao Egito. Só pode ser isso. O Vale dos Reis se encaixa perfeitamente neste enigma. Anúbis é um deus sempre presente nos túmulos. E também tudo aqui parece falar de túmulos e necrópoles. Não consigo enxergar outra coisa. Temos de ir para lá e procurar a décima segunda tumba.

— Mirella, nossa licença é só para escavar em Gizé, não no Vale dos Reis — objetou Christian com calma.

— KV só pode ser o Vale dos Reis! Não há como ser outra coisa — ela respondeu

enfática.

Os dois concordaram, sem a mesma convicção. O que poderiam dizer? Não eram capazes de formular melhor hipótese.

Ela, por outro lado, sentia-se orgulhosa de seu conhecimento, de ser capaz de decifrar o intrincado enigma que dois homens não conseguiram. Rematou suas palavras com um sorrisinho de superioridade que os dois não perceberam.

— Devemos primeiro ir à delegacia saber se há novidades. Depois vamos ao Vale — ponderou Christian.

— Hoje não dá mais tempo. Amanhã podemos ir à delegacia e depois de amanhã cedo pegamos um ônibus para Luxor — propôs Mirella.

— O que há em Luxor? — perguntou Márcio.

— É o lugar mais próximo do Vale dos Reis, para onde se pode pegar ônibus daqui — respondeu ela.

O DIA PROMETIA SER INTERESSANTE. A temperatura estava amena, o céu azul com algumas nuvens esparsas e um vento agradável. Márcio estava ansioso por provar a comida egípcia. Após acordar, comeram a comida comprada em Frankfurt. Iriam à delegacia e, como não daria tempo de irem para Luxor e depois para o Vale dos Reis no mesmo dia, aproveitariam a parte da tarde para passear. Márcio tinha uma lista imensa de pontos turísticos a visitar.

Na delegacia de polícia em Boulaq, no centro da cidade, foram recebidos após uns vinte minutos de espera. O chefe de polícia que havia conversado com Christian da vez anterior os recebeu. No teto, o ventilador continuava o mesmo. Dessa vez, desligado.

— Olá Sr. Jamal. Lembra-se de mim? Sou Christian Seabra Wardall, do Brasil. Estive aqui há cinco meses e...

O homem, sem qualquer alteração da expressão, estendeu-lhe a mão sem se levantar da cadeira.

— Sim, lembro. Como vai?

— Bem, obrigado. Este é o senhor Márcio Melo e esta é a senhorita Mirella Cardellini.

Ele cumprimentou os dois, dando um leve sorriso para Mirella.

— Eles trabalham na mesma pesquisa que eu. Vimos procurar novidades sobre o cientista que estava comigo aqui e desapareceu. O consulado nos disse que o inquérito foi reaberto...

— Foi, por pedido do Governo — esclareceu o policial com enfado. — Por qual motivo não sei. Afinal, nenhuma novidade apareceu. Em um mês as conclusões foram as mesmas: não se sabe onde ele está nem há pistas.

— Bem, estaremos no Egito pelas próximas semanas continuando nossas pesquisas.

Caso alguma coisa aconteça, avise-nos, por gentileza. Aqui está o endereço de onde estamos hospedados — falou Christian estendendo ao oficial um pedaço de papel dobrado.

Os três se despediram e saíram. Christian realmente esperava por aquilo. Evitou, porém, comentar com os amigos. Na verdade, sugerira que passassem pela delegacia para seus amigos ouvirem da própria polícia o resultado do segundo inquérito. Queria deixar claro, o máximo possível, mesmo àqueles que confiavam nele, nada ter a esconder.

Deixando a delegacia, decidiram caminhar pela cidade para Márcio conhecê-la melhor. Andaram durante quase três horas a pé. Márcio frustrou-se um pouco por não conseguir falar com quase ninguém. Nos locais turísticos ou com afluência grande de turistas, as pessoas falavam inglês ou pelo menos entendiam algumas frases. Excetuando-se esses lugares, em toda parte só se falava o árabe. Nenhum dos três falava esse idioma. Mirella e Christian sabiam apenas algumas frases simples usadas pelos turistas para perguntar preços, endereços, cumprimentar e despedir-se, nada mais. Os amigos também alertaram-no sobre alguns costumes importantes: não entregar objetos só com a mão esquerda, não cumprimentar pessoas do sexo oposto tocando-as, não mostrar a sola do calçado quando estiver sentado, não andar de bermuda em público, chamar as pessoas pelo sobrenome e outras regras da etiqueta islâmica.

Visitaram mercados de artesanato, de comida e de móveis e depois foram à belíssima mesquita de Mohamed Ali. Márcio ficou encantado com as cúpulas e os minaretes. Era impossível não perceber que ele era estrangeiro. Ele não escondia a admiração quase infantil que os turistas exibem quando se defrontam com monumentos vistos apenas no cinema ou por fotografias.

Depois desse tempo, a fome aumentou e eles resolveram procurar um restaurante. Numa grande e moderna avenida muito movimentada, entraram num salão cheio de pequenas mesas de madeira. A arquitetura interna e o espaldar das cadeiras reproduziam o desenho preferido dos construtores islâmicos: a ogiva.

Eles saborearam algumas delícias da cozinha árabe: a salada *baladi*, feita de pepino, cebola, tomate e folhas, o *tabule*, com trigo mourisco e bastante hortelã e os deliciosos bolinhos fritos de grão-de-bico, molhados com *tahine*, um molho à base de gergelim. Tudo acompanhado de pão e sopas.

Os três apreciavam a culinária diferente da tradicional. Apesar de no Brasil ser comum a repetição de certos pratos diariamente, eles não eram dessas pessoas que rejeitam toda comida diferente. Ao contrário, quanto mais diferente fosse o prato, mais se interessavam em prová-lo. Para Christian havia algumas restrições. Era vegetariano. Só ocasionalmente comia carne de peixe e frutos do mar.

— Existe cerveja aqui? — interessou-se Márcio.

— Existe, mas há bebidas alcoólicas falsificadas no País. Muitas pessoas morrem ou ficam doentes. É melhor não arriscar — esclareceu Christian. Também não apreciava bebida alcoólica, exceto um bom vinho.

Após deixarem o restaurante, rumaram para a pensão a passo lento, conversando animadamente. Enquanto caminhavam pela avenida larga, um início de tumulto chamou a atenção dos três. Do outro lado da avenida, um homem estava envolto em chamas, gritando repetidamente uma palavra difícil de entender. O homem incandescente estava em frente a um escritório do governo egípcio. A bandeira vermelha, branca e preta pendia sobre a entrada. As pessoas em volta gritavam e corriam para longe. Duas delas, vestidas com roupas ocidentais, pareceram paralisadas de horror, sem se mover do local.

Os três nunca chegaram a um acordo sobre o que aconteceu depois.

Um clarão amarelado, seguido de fumaça cinzenta, partiu do homem, acompanhado do estampido violento de explosão. Pedacos do homem infeliz voaram em todas as direções. O trânsito parou imediatamente e os vidros dos carros que passavam perto foram quebrados. Após o vento levar a maior parte da fumaça, foi possível ver as duas pessoas antes paradas ao lado do homem-bomba. Estavam a alguns metros de distância, caídas no chão sem se mover, queimadas e com partes da roupa em chamas. Manchas de sangue tingiam as paredes do prédio do governo e a lataria de um carro estacionado em frente. Os vidros foram todos estilhaçados e os pneus do lado da explosão estourados. As vidraças do edificio também quebraram e a porta foi arrancada e jogada para dentro. As cortinas da janela do andar térreo pegaram fogo. Em segundos, um cheiro nauseante de carne queimada encheu a rua. As pessoas de todos os lados corriam, gritavam e choravam.

Os três observaram boquiabertos e paralisados o espetáculo de horror. Mirella desmaiou e só não caiu porque inclinou-se para o lado de Márcio, que a segurou. Márcio e Christian não conseguiram controlar a forte náusea. Não tiveram opção a não ser vomitar ali mesmo.

Em cinco minutos, ambulâncias e carros de polícia cercavam o local, removendo os feridos e isolando a área. O trânsito foi desviado e as pessoas passavam para um lado e outro chorando e falando nervosamente sobre o acontecido.

Meia hora depois, os três chegaram abatidíssimos à pensão. Uma tristeza sem fim os dominava. A cena fora impressionante demais para eles, acostumados a ver tal violência somente em filmes. A imagem do corpo explodindo repetia-se diante dos três a cada minuto.

Para Márcio, a alegria e o bom humor inspirados pelo povo egípcio desapareceram. O horror, a crueldade e a falta de valor dados à vida humana criavam-lhe um misto de nojo, tristeza e medo. Como poderia alguém ser capaz de fazer aquilo consigo e com outras pessoas? Como? De que valia a vida humana, o esforço, a cultura e os

pensamentos refinados, se tudo poderia acabar desse jeito? De uma hora para outra, pessoas com uma longa e rica trajetória de vida, cheias de planos e de metas, de idéias sofisticadas desapareciam num segundo, por causa da loucura egoísta de um ignorante!

Conversaram com outras pessoas da pensão hábeis em inglês e souberam mais detalhes do fato. A televisão falada em árabe era ininteligível para eles.

Os dezesseis milhões de habitantes do Cairo não falaram de outra coisa naquele dia. Segundo a polícia, o homem-bomba era um radical político-religioso de oposição ao governo egípcio, cuja bandeira era a ilegalidade de todas as outras religiões que não a seita professada por ele e por seu grupo, e a instalação de um governo islâmico para expulsar imediatamente os turistas e as empresas estrangeiras do país. Segundo a perícia policial, ele pretendia explodir-se dentro do edifício. Como algo deu errado, o combustível inflamou antes. O segurança do prédio, percebendo o perigo, trancou a porta com rapidez. As duas vítimas fatais da calçada eram egípcias também.

Um senhor de barriga respeitável e grandes bigodes negros, também hospedado na pensão, conversou mais prolongadamente com eles. Era um industrial de Alexandria e estava no Cairo a negócios.

— Isso nunca havia acontecido no meu país. De repente o terrorismo chegou aqui. Aquele atentado contra os setenta e um turistas estrangeiros em Luxor, em 1997, chocou a todos nós. E agora — finalizou desolado, — ataques assim acontecem todos os meses.

— Em Luxor? — questionou Márcio.

— É. Um franco-atirador disparou contra a multidão no Templo de Hatshepsut. Nunca ouviu falar? Essas coisas ficam a cada dia mais fora de controle. O terrorismo espalha-se como um câncer... — comentou Christian, lembrando-se de seu desaparecido pai.

— Não consigo entender como um ser humano é capaz de fazer isso. Não parece real. Parece que não aconteceu — respondeu Márcio, deprimido.

— O terrorismo é assim. Uma coisa estranha, com motivos absurdos e às vezes gratuitos. Isso precisa acabar. Os governos têm de fazer alguma coisa para acabar com isso — suspirou Christian assumindo repentinamente um ar sóbrio e distante. O industrial observou curioso a densidade com que Christian falava e estranhou alguém tão jovem se alterar daquela forma pelo simples mencionar do assunto.

DURANTE A MADRUGADA QUENTE E ABAFADA no quarto da pensão, Christian teve um sonho agitado. As imagens sucediam-se na sua tela mental e ele resmungava coisas incompreensíveis.

Numa planície arenosa, de aspecto meio surreal, estava ele, caminhando sozinho e descalço. Ele sabia que estava procurando alguém, embora ninguém lhe tivesse dito

isso. Não havia mais nada nem ninguém. De repente, uma estátua estava mais à frente. Uma estátua gigante, bem mais alta que ele, surgida não se sabe de onde. Ora parecia uma estátua, ora parecia um edifício ou uma torre de pedra. Ele parou para olhar a construção a vários metros dela. Em seguida, sem vir de lugar algum, um homem de paletó e calças pretos apareceu parado na areia, de costas, entre ele e a torre. O homem não se mexia. Ao vê-lo, Christian começou a chamá-lo por um nome nunca antes ouvido: Vashtar. Ele chamava com insistência e o homem nem se movia. Por algum motivo, não quis mais andar em direção ao homem. Em seguida, uma amargura sem fim tomou conta dele. Começou a chorar desconsoladamente sem saber por quê. De repente, uma depressão começou a surgir na areia, no espaço entre ele e o homem. A depressão foi ficando mais e mais funda, e a areia em volta começou a ser arrastada para o centro do buraco, criando a forma de um cone com a ponta para baixo. Esse buraco afunilado foi se aprofundando e se alargando até chegar aos pés do homem de costas, que caiu dentro. Ao cair, foi totalmente engolido pelo buraco. Christian resolveu sair correndo, mas, quando se virou para correr, já estava dentro do buraco tentando sair. Subitamente, o buraco parou de crescer e a torre ou estátua estava dentro do buraco também, junto com ele, parecendo bem menor, perfeitamente de pé. Na parede da torre, bem próxima a ele, viu escrita a frase, com tinta preta e letra de forma: "*Você é Vashtar!*" Após ler aquilo, tocou na torre e falou alguma coisa para ela. A construção começou a desmoronar, e os tijolos de pedra caíram sobre ele. Começou a gritar, mas, para sua surpresa, quando os tijolos o tocavam não doía. Mesmo assim assustou-se e o sonho cessou. Começou a gritar, sem conseguir acordar.

Márcio e Mirella acordaram com os gritos e o sacudiram. Ele finalmente se levantou ofegante e, indagado pelos amigos, contou resumidamente o sonho.

— Tenho esse sonho há anos. Não entendo por que me assusto tanto com os tijolos que caem mas não machucam — ele suspirou longamente. — Quando penso ter desaparecido, esse sonho sempre volta.

Vale dos Reis, Luxor, sul do Egito

1º de dezembro de 2003

13h 14min, hora local

O DIA AMANHECEU SEM NUVENS e, apesar de ser outono no hemisfério norte, o calor era muito grande naquela manhã de dezembro. Os três saíram logo cedo da pensão e pegaram um ônibus para Luxor, cidade próxima ao Vale dos Reis.

Houve vários guias turísticos se oferecendo para conduzi-los. Decidiram ir sozinhos. Mirella conhecia o Vale e este era relativamente bem sinalizado.

Os três vestiam calças jeans e camisetas de mangas compridas, para evitar o sol.

Christian e Mirella usavam bonés, enquanto Márcio preferiu uma touca. Christian carregava em sua mochila o *Livro de Amenóphis*, a agenda do professor, uma caixinha de primeiros socorros, papéis para anotação e um desenho feito por Mirella, com o olho de Hórus, o número doze e as figuras geométricas referidas no texto do *Livro*. Márcio estava carregando três lanternas, pilhas elétricas, um martelo, uma picareta e três capacetes, desses usados na prática de espeleologia, com uma lâmpada em cima. E Mirella levava em sua mochila alguns sanduíches, garrafas de água e de isotônicos. Levaram também uma trena para medir a distância da tumba ao local onde chegariam.

O Vale dos Reis é daqueles intrigantes lugares que parecem ter sido construídos pela natureza num momento de fúria. Qual gigantesca cicatriz rasgando o planalto rochoso, o enorme *canion* é formado por dezenas de morros e gargantas erodidas, formando um labirinto ramificado e árido. As escarpas íngremes formam paredões de dezenas de metros de altura, onde se vêem em algumas partes camadas rochosas sobrepostas, fruto do trabalho paciente da natureza na deposição dos estratos da rocha calcária. Uma paisagem lindamente melancólica.

Nessas formações, os construtores das tumbas dos faraós escolheram abrir os suntuosos túmulos para seus imortais proprietários. Justamente nessas encostas encontra-se a maioria das entradas, na forma de escadarias ou corredores descendentes avançando vários metros pela rocha sólida, originalmente bloqueados por portões. Quando o Vale dos Reis foi descoberto pelos europeus, no século XIX, quase todas as tumbas estavam abertas, e seus pertences saqueados. Somente a tumba do faraó Tutankhamon foi encontrada intacta, descoberta pelo inglês Howard Cáster, em 1921. Devido aos tesouros e à magnificência dos pertences, a múmia do jovem rei e seu tesouro ganharam fama internacional, e o Vale dos Reis tornou-se conhecido, passando depois a figurar nos roteiros turísticos.

Mesmo com clima árido e ainda mais quente que o do Cairo, ocorrem chuvas ocasionais que, por serem violentas, provocam enchentes no Vale. O governo egípcio construiu estradas de concreto cercadas por muretas que chegam às entradas das tumbas, a fim de os transeuntes circularem mais comodamente e impedir a entrada da água nos túmulos.

O ar estava meio agitado por ventos súbitos um tanto fortes, levantando poeira a todo momento. Os turistas enchiam o Vale, caminhando, fotografando e filmando tudo pelas estradas cimentadas que conduziam às entradas dos túmulos abertos ao público. Quem diria que esse parque de diversões tinha sido uma necrópole onde foram enterrados os poderosos filhos dos deuses? As procissões fúnebres foram substituídas por alegres grupos falando japonês, inglês, francês, português, alemão, espanhol, italiano e muitos outros idiomas que nenhum dos três conseguiu identificar. O árabe, por outro lado, era raro ser ouvido.

Num certo instante, Márcio, erguendo a touca, comentou:

— Minha testa está cheia dessa areia fina, mesmo usando a touca.

— Não é areia, é sal. O suor evapora muito rápido neste ar seco — esclareceu Christian.

O trio caminhou até chegar à tumba KV-12, indicada por placas e com poucos turistas interessados em visitá-la. Quase sem desenhos e sendo desconhecido o faraó ou nobre ali sepultado, não constava na maioria dos roteiros turísticos.

Eles desceram a escadaria e entraram pelos corredores e câmaras, seguindo o guia responsável por aquela tumba. Márcio foi o último a entrar e pareceu incomodado ao fazê-lo. O guia explicava tudo e fiscalizava cada movimento deles, para evitar depredações. Um vidro isolava os visitantes das paredes. Eles analisaram e analisaram, sem encontrar nada digno de maior atenção.

— Aqui não tem nada do diálogo entre Anúbis e Benu. E nem dá para examinar qualquer coisa nas paredes sem autorização — falou Mirella quando caminhavam rumo à saída.

— Até onde sei, o professor não tinha autorização para escavar aqui — observou Christian.

— Vamos sair logo. A pista quente deve ser esses novecentos e quinze metros a oeste. Este lugar me incomoda — falou Márcio, saindo apressadamente do túmulo.

Esperaram mais algum tempo e, num instante de distração dos vigias do Vale, os três correram por entre as gargantas pedregosas e puseram-se a salvo da vista dos guardas e turistas.

Até certo ponto do trajeto, a caminhada foi fácil. Depois as encostas ficaram mais íngremes, cheias de frestas e blocos de pedra de todos os tamanhos espalhados pelo chão. As formações rochosas por onde passavam eram cheias de formas estranhas, resultado do trabalho milenar da erosão do vento e da água num passado longínquo. Quando uma rocha rolava ou algum deles falava alto, o eco respondia. O cenário era desolador e magnífico.

— Já devemos ter andado pelo menos quinhentos metros a oeste — sugeriu Mirella, respirando fundo. Ela sentia-se muito cansada e não conseguia acompanhar o passo dos dois, mas, para não mostrar fragilidade, esforçava-se e fingia estar bem preparada fisicamente.

Após quase uma hora de difícil caminhada, estavam cansados e ofegantes, e Mirella se rendeu, pedindo de vez em quando para pararem um pouco. O sol não dava trégua. Nem uma nuvem no céu desde o início da jornada. Aquela areia que de vez em quando o vento levantava estava em toda parte, nos cabelos, nas orelhas, por dentro da roupa. Decidiram procurar um local para comer e beber.

— Eu tenho algo a dizer a vocês... — anunciou Márcio enquanto andavam.

— O quê? — indagou Mirella sem fôlego.

— Há uns anos sofri um acidente de carro e me puseram um pedaço de platina na perna. Toda vez que a perna começa a doer na parte da platina é porque estou entrando numa encrenca. E, por acaso, ela está doendo agora...

Mirella e Christian riram da história e, sem responder, continuaram o passo acelerado pela garganta rochosa e ressecada do Vale. Ao cabo de mais uns quinze minutos, a garganta terminou e eles chegaram a uma planície aberta, cercada de paredões de todos os lados e entradas para outras gargantas. O chão pedregoso e irregular era entrecortado de rochedos de tamanhos diversos.

— Estou começando a achar que nos enganamos. Os novecentos metros dão bem ali, no morro. Não há sinal de terra removida — comentou Christian ao parar para tomar fôlego.

— Vamos descobrir — sugeriu Mirella olhando para a frente e retomando o passo. O terreno era cheio de imperfeições e obstáculos, impedindo um passo mais rápido. Eles levaram quase vinte minutos para ultrapassar a ladeira íngreme e, quando chegaram ao ponto que julgaram corresponder à distância de novecentos e quinze metros, pararam.

— É por aqui. Em algum lugar deve haver um sinal do professor — falou Christian, olhando para o chão e retirando a mochila das costas.

Circularam por vários metros quadrados, sem nada encontrar. Em todo o trecho o chão era arenoso e não havia pegadas de ninguém, a não ser as deles. Ao fim de quase uma hora olhando em toda parte, estavam desanimados.

— É melhor voltarmos. Erramos o lugar. Não há nada aqui — observou Christian sentando-se no chão, seguido por Mirella.

— Há um outro problema... — comentou Márcio olhando para trás, de pé. Os dois olharam para ele, aguardando a explicação.

— Nós saímos de qual *canion*? — ele apontou para onde tinha olhado.

Eles olharam para o lugar indicado por Márcio. A fisionomia dos dois se alterou. Atrás deles, os paredões rochosos desgastados, elevados a dezenas de metros, formavam corredores e gargantas seguindo direções diversas. Cada uma com centenas de metros de comprimento, até sumirem em curvas ou em novas ramificações. Realmente, olhando do ângulo em que estavam, era impossível saber de qual delas haviam saído.

— São tão parecidos — sussurrou Mirella, procurando alguma parte que lhe fosse familiar.

— Vamos comer primeiro, depois resolvemos isso — sugeriu Christian, cansado e igualmente prevendo a dificuldade para sair do Vale. — Podemos sentar naquela laje ali no alto; ficaremos na sombra, livres dessa areia levantada pelo vento.

A essa hora, uma ave se destacou voando no céu azul por sobre as escarpas, emitindo um pio agudo e prolongado, que ressoou pelo Vale.

Recomeçaram a caminhada e chegaram a uma escarpa vertical amarelada por onde subia uma espécie de trilha natural, formada pela fratura das rochas. Eles subiram pela trilha e depois de uns dez minutos chegaram a um local plano, uma espécie de laje de pedra formada pelo alargamento do caminho. Ali poderiam sentar-se à sombra para comer, à beira do desfiladeiro. Enquanto Mirella tirava apressada a sacola plástica com a comida, a água e os isotônicos, ela afastou e pisou numa parte da laje que cedeu. Aquela parte estava trincada. Como a fissura estava preenchida com areia, era difícil enxergar sem prestar maior atenção. Ela perdeu o equilíbrio e, ao se afastar para não cair, pisou numa pedra pequena, perdendo o equilíbrio mais rápido ainda. Tentou manter-se de pé e deu dois passos para trás, mas tropeçou num pedregulho bem maior, caindo de costas. Não fosse Christian segurá-la pela roupa, ela teria rolado pelo despenhadeiro. Ao tentar se segurar em Christian, soltou a sacola plástica, que desceu rolando pela encosta, espalhando a comida e as bebidas dezenas de metros abaixo entre as frestas das pedras.

— Você quase adquiriu a vida eterna — brincou Márcio aproximando-se dela. — É melhor evitar andar nas beiradas.

Ela estava pálida, assustada e nem conseguia falar. Christian ajudou-a a se sentar. Depois de se acalmar, permaneceu alguns segundos olhando para o chão. Eles a observavam em silêncio. Enfim ela resmungou desanimada:

— Não há tumulto nenhum, nem água, nem comida, nem caminho de volta.

— Só com essas poucas pistas nunca encontraremos — reclamou Christian.

— Sempre achei uma loucura termos vindo. Se nem a polícia descobriu, nós descobriríamos? Vamos voltar para o Brasil antes que algo pior nos aconteça. Ai, que sede!

Desde a saída da pensão no Cairo, às sete horas, estavam sem comer. Já eram quase quatro horas da tarde. Reconheciam estar perdidos. E, mesmo se encontrassem o caminho de volta, gastariam pelo menos umas três horas caminhando.

— Ficar sem comer tudo bem. O problema é ficar sem água nesta atmosfera seca — esclareceu Christian olhando para o céu, como se procurasse por uma nuvem que escondesse o sol escaldante.

A hipotética tumba estava quase esquecida. Refletiram sobre a situação desfavorável. Não havia muito a fazer. Estavam, de fato, perdidos. Como ninguém sabia para onde tinham ido, ninguém os procuraria. Os telefones celulares não funcionavam naquela área e em duas horas a noite chegaria. Estavam cansados e mal-humorados. O silêncio daquele instante era um eloqüente grito de socorro.

— Não tem jeito, vamos ser realistas: é melhor dormir aqui e amanhã tentar encontrar o caminho de volta — propôs Christian, tentando pôr fim aos pensamentos lúgubres que os dois certamente estariam alimentando.

— Tive uma idéia... — falou Márcio. — Podemos escalar aquele penhasco mais

alto. Ele parece mais fácil. Do alto podemos tentar ver alguma coisa, talvez o *canion* pelo qual passamos.

— A visão de cima é diferente. Mesmo se o virmos não reconheceremos — suspirou Mirella.

— Sim, mas aquele trecho possuía camadas de rocha mais escura em cima; era o único trecho assim por onde passamos. Se virmos isso do alto ficará mais fácil voltar para lá. Aprendi isso na Chapada Diamantina.

Após descansarem mais uns minutos, puseram-se a caminho, escalando uma escarpa íngreme cujo topo era mais elevado que os paredões em volta. Christian, como sempre, andava rápido, e os dois se esforçavam para acompanhar seus passos. O sol tinha se posto quando atingiram o platô rochoso de onde talvez tivessem melhor visão do caminho já percorrido.

Ao chegarem nesse platô, notaram num paredão buracos grandes, parecendo escavados. Mirella disse serem antigas grutas de eremitas. Tinha certeza de estarem abandonadas; caso contrário haveria sinais de presença humana recente, como carvão, lixo, utensílios etc. Poderiam passar a noite ali.

Afastaram-se da gruta escura e viraram-se para o abismo estendido à frente, procurando uma pista do caminho por onde vieram. O vale era um espetáculo monumental da natureza. As rochas, os penhascos, os desenhos formados pela fratura dos rochedos e o desgaste caprichoso da pedra lembravam uma ciclópica escultura, talhada com esmero pelo cinzel das forças naturais.

Acima deles, muito acima, a mesma ave ainda sobrevoava o vale, soltando de vez em quando seu piado prolongado e melancólico.

"Ela está esperando três cadáveres para o jantar", pensou Christian sem, contudo, falar nada para não piorar ainda mais o desânimo dos amigos. Mirella, por sua vez, sabia ser o deserto egípcio habitado por abutres e pensou a mesma coisa. Ficou quieta pelo mesmo motivo. E Márcio, certo de os dois nem imaginarem o significado daquele vôo solitário, sentiu-se inteligente e genial por decidir não comentar sua opinião.

Eles olharam e olharam e não conseguiram avistar a camada de rocha mais escura referida por Márcio. O jogo de luz e sombras do fim da tarde tornava difícil diferenciar quais rochas eram claras e escuras.

Enquanto olhavam, silenciosos e absortos, para o cenário majestoso e desafiador, uma figura saiu de uma das cavernas atrás e se aproximou cautelosa. Parou a alguns metros deles e observou-os contemplarem o Vale. A figura fitava-os curiosa, parecendo procurar alguma coisa. Ela os perscrutou um por um, observando os detalhes da roupa e do corpo, guardando certa distância. Por fim, pareceu concluir seu exame.

— É bonita esta visão do Vale, não é mesmo? — disse o inesperado visitante com

forte voz masculina, grave e calma, em excelente inglês.

Os três viraram-se rápido, assustados, e Márcio se desequilibrou, quase caindo. Diante deles estava um homem de estatura alta, magro e forte, pele levemente bronzeada, cabelos pretos lisos curtos e grandes olhos castanho-claros irradiando uma vontade indomável. Não usava barba nem bigode. Aparentava ter uns vinte e poucos anos. Trajava uma túnica árabe branca justa. Usava sandálias de fibra. Apesar da energia do olhar, a expressão do rosto era de calma e simpatia. O rosto era belo e de feições harmoniosas. Parecia *um fellah*.

— Vocês sabem falar? — ironizou o homem misterioso, esboçando um sorriso.

Christian respondeu:

— O senhor veio nos roubar? Aviso que não temos dinheiro.

O homem respondeu sem a menor perturbação, desviando por um instante o olhar para a magnífica paisagem à frente deles:

— Eu estava passando por aqui e parei para apreciar esta paisagem silenciosa e formidável.

Nenhum dos três respondeu. Mirella julgou-se diante do seqüestrador do professor Manccini. Certamente o professor descobriu os fragmentos ali no Vale dos Reis e esse salteador o seguiu, para depois capturá-lo em Gizé. E eles, por um acidente, não encontraram a tumba. Esse platô com cavernas era certamente o esconderijo do criminoso. Christian achou ser simplesmente um *fellah*. Márcio teve certeza de tratar-se de um contrabandista de relíquias.

— Tenho a impressão de que vocês se perderam. Mas não é difícil sair daqui, eu lhes indico a saída. Querem água antes de ir?

Sem esperar resposta, o homem voltou alguns passos e pegou uma espécie de bolsa de tecido deixada no chão.

Os três imaginaram haver ali uma arma de fogo ou, se realmente houvesse um frasco com água, esta poderia estar envenenada; seria uma forma fácil de dominá-los naquele lugar isolado e sem testemunhas. Márcio imaginava-se como um corpo morto jogado no deserto, sem ninguém capaz de encontrá-lo, cercado de abutres bicando seus braços e pernas. Decididamente não beberia água nenhuma.

O homem retirou da bolsa, para surpresa de todos, garrafas plásticas de água mineral, fechadas, iguais às vendidas nos restaurantes. Márcio notou serem exatamente da marca comprada por eles. O homem estendeu-lhes uma e abriu outra para si, bebendo em seguida no gargalo. Após o primeiro gole, ele se desculpou:

— Não trago copos para não aumentar o peso.

O receio deles acabou em um segundo. Christian sentia algo dentro de si dizendo que aquele homem não era mau. Uma impressão forte, vinda de dentro, dizia-lhe haver sinceridade na oferta. Estendeu a mão e pegou a garrafa, bebendo em seguida e passando-a aos amigos. Márcio e Mirella beberam avidamente, até acabar todo o

conteúdo. Ele ofereceu um outro litro, mas os garotos agradeceram, dizendo estarem com pressa, pois precisavam partir.

— Vocês estão indo para Tebas, quero dizer, Luxor?

Eles responderam afirmativamente sem mencionar que estavam perdidos.

— O caminho mais curto é seguir por aquela garganta da esquerda. Por ela vocês chegam ao local onde os turistas entram no Vale em menos de uma hora. Caso vocês se percam, lembrem-se de caminhar sempre na direção daquelas três estrelas alinhadas ali — e indicou um grupo de estrelas visível no horizonte sul.

— Eu também preciso ir agora — disse ele, arrumando a sacola.

— O que o senhor faz sozinho num lugar distante como este? — falou Mirella de repente.

— Estou de passagem, indo para outro lugar, como disse. Gosto deste Vale. É um local agradável para pensar. Sempre venho aqui.

Os três garotos não conseguiam parar de prestar atenção àquele homem estranhamente cortês, elegante e simpático. Ao mesmo tempo que era fino, era simples, mas seu olhar era fulgurante, quase hipnótico. Energia e inteligência intensas irradiavam-se dele. Havia naquele homem algo estranho, indefinível. Isso tudo tornava difícil aos três disfarçar a curiosidade.

— Obrigado pela água, senhor. Temos de ir agora antes do anoitecer. Estamos muito longe do Cairo — agradeceu Mirella, quebrando o silêncio ao lembrar novamente da urgência em pegar o caminho de volta.

— Claro, claro. Perdoem-me a indiscrição, me digam: e vocês? O que fazem num lugar ermo como este?

— Bem, nós procuramos uma tumba para pesquisar — falou Christian hesitante.

— Não há tumba alguma neste trecho. Aliás, a mais próxima fica a cerca de duas horas daqui. Vocês não sabiam disso?

— É... sabíamos. Procurávamos por uma... bem, não importa! Ela não está aqui e precisamos ir agora. Estamos indo.

Nesse momento, Christian começou a mexer em seus objetos e o desenho feito por Mirella caiu no chão. O vento o fez rolar, e, se o homem não tivesse pego, seria levado embora. O homem olhou para o desenho e franziu as sobrancelhas:

— Esse é o local da tumba?

Eles concordaram constrangidos.

— Conheço esse lugar. Não é aqui! É a Cidade dos Mortos no lado oeste das pirâmides de Gizé!

— Cidade dos Mortos?! — exclamou Mirella admirada com a rapidez do homem em identificar os símbolos.

— Sim. Este desenho existe na necrópole a oeste da pirâmide maior — ele indicou no papel o signo de Anúbis.

Christian, menos desconfiado, tentou obter algum dado útil.

— E estes sinais? — perguntou ele apontando as figuras geométricas. — O senhor sabe onde ficam?

— Essa pedra fica realmente atrás da pirâmide — afirmou o homem pondo a mão no queixo ao examinar o papel.

Christian voltou a achar estranho aquilo. O homem parecia um *fellah*, habitante da zona rural e das regiões menos modificadas pelo progresso. Esses agricultores e pescadores eram, em sua maioria, de baixo nível de instrução. Como poderia ele falar um inglês tão perfeito e ainda conhecer detalhes da simbologia egípcia?

O homem interrompeu seus pensamentos:

— Vocês estão procurando tumbas e galerias. Quero alertá-los de uma coisa: muitas dessas antigas construções possuem forças desconhecidas para vocês, ocidentais. Elas podem ser perigosas. Não é aconselhável entrar nesses lugares sem a devida proteção.

— Senhor, estamos apenas tentando localizar antigos túmulos, nada mais — respondeu Márcio, adquirindo coragem para abrir a boca pela primeira vez.

— Imagino. Vocês não se lembram de tantos outros pesquisadores e seus ajudantes que morreram das mais variadas doenças e acidentes? As mortes sempre ocorreram envolvendo quem entrou em contato com os túmulos e sarcófagos. Nem todos morreram, mas muitos.

— E como fazer? Desistir e ir embora? Não faremos isso — revidou Mirella.

— Nesse caso, tenho algo que poderá ajudá-los.

O homem voltou a remexer na sacola de tecido vegetal e retirou um embrulho amarrado por cordas finas também de tecido. Abaixou-se e depositou o embrulho no chão. Após desatar a amarra, os três puderam ver algumas jóias, objetos metálicos, maços de plantas secas e alguns frascos tampados. Ele selecionou três objetos: uma faca, uma corrente fina com um pingente em forma de sol alado e um bracelete estreito. Todos os objetos eram dourados e os estudantes reconheceram pelo brilho e coloração serem de ouro. Cada objeto possuía uma pedra colorida, perfeitamente polida, incrustada.

— Estes amuletos foram preparados por um mago poderoso e irão protegê-los de certos problemas. Além disso, eles têm poderes especiais muito úteis a vocês.

Mirella não conseguiu conter a estranheza pelas circunstâncias e pelo interlocutor, e perguntou de chofre, sorrindo:

— O senhor é feiticeiro? É um eremita? Ou vende antigüidades?

O homem sorriu, exibindo uma fileira de dentes brancos perfeitamente alinhados, e respondeu bem-humorado:

— Feiticeiro? Hmm... talvez. Costumo oferecer remédios, digamos assim, para os *fellahs*, quando precisam de ajuda. Não cobro por isso.

O homem misterioso pegou a faca e estendeu o cabo em direção a Christian. O objeto tinha acabamento perfeito, e no cabo de marfim um rubi vermelho-escuro estava preso, envolto por um anel metálico de ouro.

— Pegue. O rubi e a faca o protegerão de energias agressivas enviadas contra você. Com ela você também poderá desfazer certos tipos de feitiço, quando eles estiverem presos a objetos. Se você quebrar o objeto com a faca, o feitiço nele será desfeito.

Christian pegou a faca devagar, olhando para o homem. Louco? Mentiroso? Ou um *serial killer* divertindo-se antes de capturar suas vítimas?

O homem pegou o bracelete, de três centímetros de largura, com uma safira ovalada azul presa. Ele estendeu o objeto a Márcio:

— Esta safira e o bracelete lhe darão a capacidade de induzir pensamentos e sensações nas pessoas e animais.

Finalmente, entregou a Mirella a corrente com o sol alado pendurado como pingente. As asas eram de ouro e o disco central era uma esmeralda verde-escuro.

— A esmeralda e o sol têm a propriedade de alterar a água onde forem mergulhados. Nela você poderá enxergar locais distantes assim como o pensamento de outras pessoas. Essa água também é terapêutica: cicatriza ferimentos e desintoxica.

Para Márcio aquilo estava sendo ridículo demais. Eles estavam atrasados para sair daquele lugar e continuavam ouvindo as explicações absurdas de um desconhecido. Ele não conteve um comentário desdenhoso:

— Amuletos mágicos... Era o que estava faltando nesta viagem...

O homem olhou-os enigmaticamente, deixando-os constrangidos, e advertiu:

— Cuidado com o que procuram, pois cedo ou tarde encontrarão!

Recolheu seu embrulho e sua sacola e, sem esperar resposta, despediu-se apenas mostrando a palma da mão direita, caminhando na direção oposta à indicada aos três.

Christian respondeu "adeus" e sugeriu apressarem-se a voltar.

Estava escurecendo.

DURANTE O CAMINHO, AS MAIS VARIADAS ESPECULAÇÕES surgiram sobre o desconhecido. Acabaram apelidando-o de "eremita"; julgaram ser um curandeiro do deserto. A idéia de ser um criminoso foi afastada, exceto para Márcio; ele insistia ser tudo uma grande armadilha.

— Que homem estranho! Ele tem uma presença marcante, forte — comentou Christian.

— Na minha opinião é um contrabandista de antiguidades. Quis ser agradável porque descobrimos a rota dele. Não nos matou porque, se sumirmos, virão nos procurar aqui e seu esconderijo será descoberto — disse Márcio remoendo suas teorias.

— E por qual razão nos daria estes amuletos? — discordou Mirella.

— Porque, ao chegarmos a Luxor, a polícia estará nos esperando após ter recebido uma denúncia anônima de roubo de tumbas protegidas por lei.

— Bem, se ele fizer isso não vai funcionar. Estamos aqui com autorização para pesquisar e retirar as relíquias menores. Se o plano dele foi esse, não deu certo. Nós, então, o denunciaremos — ponderou Christian, olhando para o céu estrelado e mantendo o passo acelerado.

— Não o tínhamos visto. *Ele* quis vir conversar. Se estivesse fazendo algo escondido, ficaria quieto ao invés de se expor como fez. Deve ser um curandeiro ou feiticeiro, aprendeu inglês e gosta das coisas antigas — rematou Mirella.

A caminhada estava menos difícil. Sem o sol, o calor diminuía consideravelmente. Logo a lua apareceu e iluminou o caminho o suficiente para enxergarem por onde estavam passando. Como o luar estava fraco, algumas estrelas estavam bem visíveis, inclusive aquelas indicadas pelo inesperado transeunte.

Após exatos quarenta e cinco minutos, chegaram ao ponto onde haviam entrado no Vale. O caminho indicado pelo "eremita" era bem mais curto que o usado por eles na ida. Pegaram um ônibus para Luxor. Em Luxor, após três horas de espera, tomaram outro ônibus para o Cairo, o último da noite. Chegaram à cidade quase ao amanhecer.

Cairo, Egito
2 de dezembro de 2003
16h 23min, hora local

NA PENSÃO, OS TRÊS, MUITO CANSADOS, apenas tomaram banho e se jogaram na cama, dormindo pesadamente. Acordaram tarde e continuaram exaustos, como se nem tivessem dormido. A temperatura estava amena e um vento leve soprava, arejando o quarto. Fizeram o desjejum no próprio cômodo e decidiram só sair à tarde, para comer. Nenhum dos três se sentia muito bem. Tontura e uma leve dor de cabeça os incomodava, só diminuindo à base de remédios, por algumas horas. Mirella teve febre.

No restaurante, quase nem tocaram nos pratos. O mal-estar ia e voltava, tirando a fome.

— Talvez tenha sido o sol que nos fez isso, ou a desidratação — comentou Mirella enquanto comia um doce como sobremesa, feito de pistache, nozes, avelã e mel.

— É melhor não sairmos de novo hoje, vamos aproveitar para descansar e lavar roupas — completou Márcio, enquanto bebia sua água mineral com gás.

Com a aventura e o susto por que passaram no Vale dos Reis, e com a agitação da vida no Cairo, o horror do atentado presenciado dias antes ia diminuindo e sendo esquecido. A impressão deprimente ia desaparecendo e eles voltavam-se novamente

para o objetivo de sua tarefa no Egito.

Christian, após a refeição, folheava um livro de Mirella. Deteve-se numa foto aérea do planalto de Gizé.

— No lado oeste da pirâmide de Khufu há uma necrópole. Esse lugar é onde Gassan disse que o professor desapareceu — comentou ele, sem olhar para os dois, que comiam e bebiam tranqüilamente.

— Podemos chamá-lo de novo e pedir que nos leve lá — sugeriu Mirella passando um guardanapo de papel nos lábios.

— Para quê? Para desaparecermos também? — perguntou Márcio, antevendo novas complicações e interrompendo subitamente seu gole de água.

Um garçom gentil aproximou-se e perguntou se estavam satisfeitos. Eles agradeceram. Christian falou com firmeza:

— Vimos aqui para descobrir, precisamos nos arriscar um pouco.

— Um pouco? Depois da turbulência do avião, do atentado terrorista e de nos perdermos naquele vale, você acha que devemos nos arriscar *mais um pouco*?

— Qual turbulência? Foi só uma tremidinha normal! Precisamos fazer alguma coisa, Márcio. Não podemos ficar só na pensão comendo e passeando — reforçou Mirella.

— Não acho boa idéia chamar Gassan — prosseguiu Christian, considerando como certa a ida a Gizé. — Se ele estiver envolvido no desaparecimento, irá informar sobre nós aos criminosos. Pensando melhor, nem deveríamos ter ficado na mesma pensão.

— Bom, vocês vão e eu fico de longe espionando; dá mais certo assim — propôs Márcio, tentando escapar de novos problemas.

— E melhor decidirmos na hora como fazer. Não sabemos o que vamos encontrar. Se for só um túmulo violado ou um pequeno fosso, tanto faz — comentou Christian, finalizando depois: — Se a coisa for mais complicada, será melhor ficarmos juntos. Amanhã podemos ir.

Passaram o resto da tarde lavando roupas e descansando na pensão. O mal-estar e as dores iam e voltavam. Mesmo não acreditando na história do "eremita" sobre os amuletos, cada um guardou o seu num bolso da roupa, como ele havia dito, e não parou de comentar sobre a estranha conversa. O debate avançou noite adentro.

— Bem, só há um jeito de saber: vamos ver se os amuletos funcionam como disse o eremita — propôs Christian.

Os outros concordaram. Incontinenti, Christian encheu um prato de água da torneira. Pôs o prato no chão e sentou-se em frente. Depois pediu para Mirella pôr o pingente na água. A garota assim fez e sentou-se no chão também, seguida por Márcio.

— Olha, a água está brilhando! Não é possível! — espantou-se Márcio.

Os três ficaram pasmos e não sabiam o que dizer.

— Ele disse ser possível ver lugares e pensamentos de outras pessoas. Vou pensar

numa coisa — Mirella fechou os olhos e se concentrou.

Os dois notaram assustados a água se agitando no prato, como se existissem correntezas, iluminada com uma cor esverdeada. Depois voltou a ficar parada e tornou-se esbranquiçada, parecendo leite. Em menos de um minuto estava totalmente branca e opaca, ocultando a pedra verde. Na superfície, formaram-se manchas escuras, pontos claros e umas luzinhas brancas e vermelhas em movimento. As manchas se uniram e se tornaram cada vez mais nítidas. Em segundos formou-se a imagem de uma avenida asfaltada, durante a noite, com veículos indo e vindo. Pessoas caminhavam pelas calçadas. Letreiros luminosos e grandes *billboards* no alto de algumas torres. Prédios e árvores estavam cobertos por luzinhas da típica decoração de Natal.

— Avenida Paulista, metrô Trianon-Masp! — exclamou Christian olhando para ela.

Ela abriu os olhos rápido e olhou para o prato, reconhecendo a imagem.

— Incrível! Com todos os detalhes que pensei!

Logo depois a imagem empalideceu até a água ficar totalmente branca como antes. Depois o branco foi se tornando transparente até mostrar o amuleto no fundo, sem qualquer luminosidade.

Eles se levantaram enquanto Mirella enxugava o amuleto.

— Algo muito estranho está acontecendo aqui. Não acredito que estejamos narcotizados, por um motivo muito simples: alucinações não são presenciadas por outras pessoas! — ponderou Christian seriamente.

— O que está acontecendo então? Você acredita no eremita? Para você, essas imitações de objetos de três ou quatro mil anos têm poderes especiais? Isso é absurdo — objetou Márcio de chofre.

— Se é um absurdo, por que funcionou exatamente como ele disse? — desafiou Christian olhando Márcio nos olhos.

— Não sei — e, antes de Christian responder alguma coisa, ele prosseguiu, completando seu pensamento. — Ou melhor, sei que existem truques de todos os tipos em todos os lugares. Não é por não saber explicar este que vou aceitar explicações sobrenaturais.

— Márcio, como poderia ser fraude a imagem da água? Não temos aqui nenhum projetor ou minitelevisão — argumentou Christian, sorrindo.

— Você acredita em contos de fada, duendes, essas coisas?

— Não, mas acredito no que vi aqui, mesmo sem saber explicar. É um absurdo negar os fatos, Márcio. O fato aconteceu! Com ou sem boas explicações. O amuleto mostrou os pensamentos dela na água! Não dá para você negar isso.

— Já sei. Vamos fazer também experiências com os objetos de vocês. Se derem certo também, aí acreditarei em algo diferente aqui.

Mirella, acreditando haver algo sobrenatural nos objetos, respondeu ironicamente:

— Todo ateu fala isso, mas nunca muda de idéia depois...

Eles fizeram então experiências com o bracelete de Márcio. Christian pediu para Márcio pensar na mulher da recepção vindo ao apartamento deles bater na porta. Márcio, apesar da descrença, visualizou a mulher caminhando pelo pátio e batendo à porta deles. Mirella sugeriu pensar sem parar na mesma cena.

Passaram-se quase cinco minutos.

— Chega, não agüento mais pensar nisso. Viram? Não aconteceu nada — concluiu ele satisfeito.

Eles entreolharam pela janela e não viram ninguém caminhando pelo pátio. Quando Mirella se afastou da janela, ouviram batidas à porta. Christian sorriu e foi atender.

— Pois não, senhora!

A mulher olhou para o lado e depois para o moço algumas vezes e falou, com ar embaraçado:

— Hum... bem, eu vim dizer que... hum... Está tudo bem aqui?

— Sim, tudo perfeito. Obrigado por perguntar.

— Ótimo. Boa noite.

Mirella achou interessantíssimo o resultado, enquanto Márcio ficou completamente surpreso; tinha certeza de que não funcionaria. Obstinado e teórico em suas especulações, continuava a achar que sua forma de entender o mundo era mais realista do que os próprios fatos.

— Agora vamos ver se a faca funciona — propôs Mirella. — Segundo nosso eremita, a faca de Christian é capaz de defendê-lo de feitiços. Podemos fazer o seguinte: você, Márcio, induzirá Christian a fazer alguma coisa que nem eu nem ele saberemos. Deve ser algo dentro do quarto. Algo assim: pegar um travesseiro e pôr na outra cama, abrir a mala, fechar a janela, qualquer coisa visível. E você escreve num papel o que mandou ele fazer. Ele, enquanto isso, deixará a faca longe. Depois você escreve outro papel com outra coisa para ele fazer, mas então ele segurará a faca. Vamos descobrir se a faca impede o feitiço do seu amuleto de atingi-lo.

Eles fizeram o combinado. Márcio escreveu num papel "sinta coceira nas costas e coce bastante". Christian sentou-se na cama e encostou-se na parede, esperando alguma idéia surgir. Os outros dois continuaram de pé. Depois de menos de três minutos ele afastou-se e começou a coçar as costas. Coçou e parou. Coçou de novo. Márcio tinha parado de pensar. No fundo, preferia que a experiência não desse certo.

— Nenhuma idéia surgiu, Christian? — perguntou Mirella.

— Não. Não tive idéia de fazer nada até agora.

Então Márcio pegou o bilhete e o abriu, mostrando-o aos dois. Eles sorriram admirados.

— Agora segure a faca — sugeriu ela.

O rapaz pegou a faca e a manteve na mão. Márcio escreveu no bilhete "pegue o

travesseiro e ponha no colo". Ele deu o bilhete para Mirella segurar. Depois fechou os olhos e pensou firmemente na imagem de Christian estendendo o braço esquerdo para o lado, pegando o travesseiro e trazendo-o para o colo. Ele imaginou a cena, repetindo várias vezes em pensamento aquela mesma ordem, até sua concentração ser interrompida por algo inimaginável.

A faca de Christian brilhou como se fosse ferro em brasa, sem, contudo, esquentar. Depois faíscas azuis saíram da lâmina e uma espécie de relâmpago vermelho-fogo partiu da faca, atingindo Márcio no peito, acompanhado de um ruído idêntico ao estalar de um chicote.

Márcio deu um grito e caiu de costas na cama, aparentemente desacordado. Os dois correram apressados e começaram a chamá-lo. Quase em seguida ele abriu os olhos. Os dois perguntaram umas cinco vezes cada um se ele se sentia bem.

— Ah... Nossa... Minha cabeça... — ele franzia a testa ao falar e passava a mão pela cabeça.

— O que aconteceu? Como está se sentindo? — perguntaram os dois.

— Uma loucura! Estou meio tonto, mas tudo bem — ele se sentou na cama e começou a explicar: — Depois de pensar por várias vezes na idéia de você pegar o travesseiro e pôr sobre as pernas, ouvi o estouro e vi a luz vermelha vindo na minha direção. Então minha visão sumiu. Depois essa mesma imagem plantou-se tão forte e tão violentamente nos meus pensamentos que quase enlouqueci! Era como se umas dez pessoas gritassem de uma vez nos meus ouvidos "pegue o travesseiro e ponha no colo!!", não me deixando pensar mais em nada. E parecido com uma crise de... Depois uma tontura me dominou e perdi o equilíbrio. Minha cabeça parecia prestes a estourar. Não cheguei a desmaiar de verdade. Ai!

Eles ficaram pensativos sobre o que tinham presenciado. Christian interessou-se pelo fenômeno, como se tivesse descoberto novas leis da física. Armas completamente diferentes das tradicionais foram postas nas mãos deles. Qual motivo teria o eremita desconhecido para fazer isso?

— Bom, se o nosso São Tomé incrédulo concordar, amanhã poderemos tentar localizar onde o professor entrou. Com nossos amuletos mágicos, claro — Mirella falou, sorrindo.

Planalto de Gizé, a poucos quilômetros do Cairo

3 de dezembro de 2003

10h 18min, hora local

GIZÉ... QUANTAS VEZES NÃO FORA O famoso planalto devassado pelos caçadores de tesouros, relíquias, descobertas arqueológicas e mistérios milenares? Até mesmo nos tempos faraônicos existiram tais aventuras. Segundo a lenda, o jovem príncipe

Tutmés sonhou que o deus Horakhti lhe pedia para remover a areia que na época envolvia a Esfinge até o rosto. Se o fizesse, o deus lhe prometia o trono do Egito. Após algum tempo, o jovem conseguiu livrar o colosso da areia e poucos anos depois foi coroado faraó, Tutmés IV.

A Esfinge, ao lado da principal estrada que conduz às pirâmides e ao complexo de templos e túmulos, lá estava, observando a todos que chegavam, com seu irônico e eloqüente silêncio: "Venha e olhe tudo o que puder, pois sairá sem entender nada!".

Segundo o palpite do "eremita" do Vale dos Reis, o local procurado por eles ficava próximo às pirâmides. Depois de muito debate, concluíram que a Cidade dos Mortos do diálogo entre Anúbis e Benu era a necrópole a oeste da Grande Pirâmide

O dia estava bonito e, como sempre, ensolarado. Os turistas andavam por toda parte. Ao passarem perto deles, tal como acontecera no Vale dos Reis, os garotos ouviram diálogos de todas as procedências: italiano, francês, português, japonês, inglês, alemão, espanhol e muitos outros irreconhecíveis para eles. Todos filmando e fotografando tudo. Chegavam em ônibus, vans, táxis, cavalos e camelos.

— Por mais que eu tenha visto em fotos e filmes, ver essas pirâmides ao vivo é uma experiência impressionante! — declarou Márcio, deslumbrado ao sair do táxi.

No campo ocidental de túmulos, repleto de mastabas^[8] e outros sepulcros, os três puseram-se a reler o *Livro de Amenóphis* e a agenda do professor Mancini.

— Para mim continua indecifrável esse diálogo aí — Márcio apontou para o trecho do grimório que tinham lido.

— O eremita nos deu uma dica fundamental; neste trecho do planalto deve estar o olho de Hórus olhando para o oeste — comentou Christian.

Mirella mostrou aos dois alguns olhos de Hórus em baixo-relevo em várias tumbas para que ambos ajudassem na busca. Logo após iniciarem a procura, notaram que havia olhos de Hórus por toda parte. Detiveram-se naqueles de frente para o oeste. Depois de quase três horas de meticuloso exame, ficaram indecisos entre seis tumbas, ou melhor, restos delas, mostrando o sinal "olhando" para o poente.

Para não perderem tempo buscando lanchonetes, levaram comida. Ao meio-dia eles estavam exaustos de tanto andar. Sentaram-se no chão arenoso, à sombra de um monólito e, entre um sanduíche e outro, debatiam as possibilidades.

— Esta parte é a mais complicada: a distância dos planetas, as pétalas das flores, as escamas dos peixes... Não há esses desenhos por aqui. Como poderia estar desenhada a distância dos planetas? — indagou Mirella entre goles de isotônico.

— Anúbis falou em doze lugares... — comentou Christian pensativo, enquanto desembrulhava seu sanduíche de queijo.

— Tenho um palpite: esses doze lugares devem estar representados por essas coisas: planetas, peixes, galhos, não todos juntos. Um em cada tumba talvez — sugeriu Márcio, arrumando sua touca à prova de tempestades de areia.

— Também acho isso — concordou Mirella. — Mas ainda assim não entendo...

Christian foi o primeiro a terminar de comer. Levantou antes dos outros e pôs-se a analisar um monumento funerário com o olho de Hórus, a alguns metros deles. Examinou e examinou, e depois examinou um outro a alguns metros de distância do primeiro. Fez o mesmo com um terceiro. Depois esticou a trena e mediu as distâncias entre eles. Como ficou pensativo depois de medir, os dois não resistiram à curiosidade e aproximaram-se logo que terminaram de comer.

— E então? — perguntou Márcio, aproximando-se com um saco plástico onde ele enfiava o lixo que sobrou da refeição.

Mirella foi logo em seguida, mais devagar. O sol inclemente não dava trégua.

— O que diz mesmo o texto sobre primeiro e segundo?

— perguntou Christian, olhando fixamente para os monólitos com os olhos de Hórus.

— *"Qual é o primeiro?", falou Benu. "O um. O um é sempre o primeiro e o segundo. O dois é o terceiro", respondeu Anúbis*

— esclareceu Mirella lendo o *Livro*.

— Olha que interessante... — falou Christian, intrigado.

— Este olho é o mais a leste de todos. O segundo está a oeste, a uma distância de seis metros e trinta e cinco centímetros, ali

— disse ele apontando um outro monólito à frente.

— E? — Mirella fez sombra nos próprios olhos com a mão.

— E o terceiro está a mesma distância, também na direção oeste — continuou ele.

— E? — disse Márcio sem entender onde ele queria chegar.

— E o quarto está também a oeste, com o dobro da distância, formando uma linha reta exata. Vejam daqui — disse ele pondo-se em frente ao monumento e mirando os três primeiros.

— Ainda não entendi — falou Mirella, já meio esgotada com o sol. Nenhum vento havia naquele instante para tornar menos cansativa a expedição. As nuvens também estavam muito longe do astro-rei.

— O primeiro e o segundo são sempre um, diz Anúbis. A primeira e a segunda distâncias, não os monumentos, mas as distâncias, são iguais. A terceira distância salta para o dobro. Vamos ver a quarta. Segure esta ponta da trena — explicou ele pondo a ponta sobre o olho de Hórus para Márcio segurar.

Mirella e Márcio não estavam entendendo nada. Christian, porém, parecia sentir o cheiro da descoberta. Uma intuição forte dizia-lhe ser essa a lógica a ser seguida: havia ali alguma relação a ser enxergada. Ele gostava de fazer isso; quando a racionalidade não o ajudava, tinha o costume de esperar um palpite vindo de dentro, uma sugestão não pensada e não sentida que afluía na hora certa. Correu pela necrópole mais uma dúzia de metros à frente dos outros e parou, com a trena metálica esticada, observando um quinto monólito, similar aos anteriores, com o

desenho do olho de Hórus.

— Exatamente doze metros e setenta e um centímetros. Entenderam? — gritou sorridente.

— O quê? — os dois estavam mais confusos que nunca.

— A primeira distância é igual à segunda. A terceira é o dobro. A quarta é a terceira mais a segunda.

— E daí?

— Fibonacci! — respondeu ele.

— Quem?! — perguntou Mirella.

Márcio olhava para Christian, aguardando a hipótese enquanto o amigo se aproximava e a trena ia se enrolando sozinha na embalagem.

— A seqüência de Fibonacci. Os olhos de Hórus seguem a seqüência — explicou ele ao chegar e terminar de recolher a trena.

— Hmm... — completou Márcio olhando para cima e fazendo um esforço de memória. — Um, um, dois, três, cinco, oito, treze e por aí vai.

— Exatamente! — apoiou Christian, abrindo um largo sorriso.

— Não sei do que vocês estão falando — afirmou Mirella, solene.

— A seqüência de Fibonacci é essa que Márcio falou: cada número é a soma dos dois anteriores, começando com um. As distâncias entre os monumentos com o olho estão seguindo a seqüência.

— E os peixes, galhos e planetas? Não vimos nada disso aqui — objetou Mirella.

— E não veremos. A seqüência de Fibonacci aparece em muitos fenômenos naturais, como as distâncias dos planetas, a ramificação dos galhos de árvores, a distribuição das pétalas de certas flores e muitas outras coisas. É um padrão matemático e geométrico comum na natureza. Um mistério.

Correram em frente, deduzindo que o sexto olho deveria estar a trinta e um metros e setenta e um centímetros à frente do anterior. Seguiram esticando a trena e lá estava ele, perfeitamente alinhado com os cinco anteriores. Correram novamente para encontrar o sétimo, a presumíveis cinquenta metros e oitenta e cinco centímetros. Nada havia, contudo, parecido com o olho de Hórus ao final dos cinquenta metros. Eles procuraram e procuraram nos monumentos em volta, mas nada encontraram.

— Talvez os próximos não estejam marcados — ponderou Mirella, apoiando-se num resto de parede e respirando profundamente. Estava exausta com a corrida.

— Bem... então... — disse Christian pegando um papel e fazendo anotações. — Então... um, um, dois, três, cinco, oito, treze... vinte e um... trinta e quatro... cinquenta e cinco... Hmm... oitenta e nove... vamos ver... cento e quarenta e quatro. Aquela distância vezes cento e quarenta e quatro...

Ele foi calculando no papel e falando em voz alta, sentado numa pedra.

— Isso dará um somatório de... vamos ver... novecentos e quinze vírgula trezentos e

sessenta e nove metros desde o primeiro olho de Hórus que vimos.

— O que você disse? — perguntou Márcio, franzindo as sobrancelhas.

Christian repetiu o número.

— Faça de novo a conta para ter certeza — sugeriu Mirella.

Ele refez e conferiu com o resultado anterior.

— É a anotação da agenda do professor! — exclamou ela. Pegou a agenda e eles olharam o manuscrito.

— Não é KV-12, é KF12! — falou Márcio exaltado, pondo a mão na testa. — Como não pensei nisso antes? "K" é o sinal matemático para "constante"; e isto não é um "V" com um hífen, é um "F", de Fibonacci. A décima segunda distância é esta, a partir do primeiro olho de Hórus.

Quase desesperados, eles caminharam, estendendo a trena sempre na direção oeste, por entre os túmulos do campo ocidental das mastabas, a oeste da Grande Pirâmide de Khufu e ao norte da Pirâmide de Khafre. Era difícil caminhar em linha reta em meio a tantos escombros e restos de túmulos. Ao chegarem à distância calculada, procuraram tudo em volta parecido com o olho de Hórus. A maior parte dos túmulos ficara para trás e ali só ocasionalmente apareciam lápides e pedaços de tumbas entre as rochas.

— Achei! Aqui está! — gritou Mirella contente, apontando para uma pedra. — E em alinhamento com os anteriores!

— Sim, e o texto diz que ele deve olhar para o sul e ver umas figuras geométricas — comentou Márcio.

— O triângulo, a reta, o quadrado, a reta e o pentágono — leu Christian no *Livro*, em voz alta.

Eles observaram cuidadosamente em volta. Não encontraram as figuras em lugar nenhum. A essa altura, um vento mais forte começou a soprar. Nuvens cinzentas acumulavam-se no horizonte.

— Será que isso também se refere a algum teorema ou número especial? — indagou Márcio.

Mirella, nesse momento, pareceu ter reunido as pistas. O entusiasmo fazia-a esquecer o cansaço. Fixou o olhar numa peça à frente e seus olhos brilharam.

— E aquele disco de pedra! — disse ela apontando para uma depressão do terreno onde havia uma pedra circular, coberta de areia e pedaços de rocha.

— Não entendi. O disco? — duvidou Márcio.

— Não há desenhos geométricos ali, só hieróglifos — completou Christian.

— O triângulo é o número três; a reta é o um; o quadrado é o quatro; a outra reta é outro um; e o pentágono é o cinco. Qual número formou? — propôs ela com um sorrisinho de triunfo.

— Trinta e um mil, quatrocentos e quinze — respondeu Christian sem entender.

— Não. É três, quatorze, quinze. E o número irracional "pi", para se calcular a área do círculo! Aquele círculo! As figuras geométricas representam isso! — explicou ela triunfante. Correu para a peça de pedra e limpou a areia com as mãos. — Aqui está o signo de Anúbis!

Os três surpreenderam-se de como a coisa se confirmava matematicamente. Mirella, porém, não se sentiu tão feliz; nunca tinha ouvido falar dessa sequência de Fibonacci e nem sabia que os antigos egípcios pudessem tê-la utilizado. Queria ter sido ela a descobridora do enigma. Contudo, esse pensamento não durou mais que um segundo e ela sinceramente alegrou-se por encontrarem o que procuravam.

Nesse momento, o vento havia se tornado estranhamente frio e bem mais forte. A poeira principiava a se levantar do chão. Os três ficaram apreensivos, com medo de uma tempestade de areia, e decidiram acelerar a investigação. Antes, porém, de prosseguirem, o vento aumentou rapidamente e a areia levantada começou a entrar na roupa e a incomodar os olhos. Ao longe, alguns trovões foram ouvidos. Eles persistiram, mas em menos de cinco minutos tornou-se humanamente impossível ficar ali.

Os turistas, distantes dali, igualmente aborrecidos com o inconveniente, saíram apressados em direção aos ônibus parados nas estradas asfaltadas que circundam a Grande Pirâmide e a Esfinge. Os três não tardaram em desistir e, desapontados, foram embora. Ao final de uns quinze minutos, a passo rápido entre os monumentos, com muita areia nas orelhas, no nariz e na boca, conseguiram finalmente pegar um ônibus e voltaram para o Cairo.

A tarde, horas depois, retornaram e, mal começaram a caminhar, nova tempestade de areia os pôs para correr. Como os noticiários de TV informaram que as tempestades estavam se repetindo várias vezes por dia, eles ficaram frustrados, sem saber o que fazer. A paciência dos três durou mais quatro dias de tentativas interrompidas. Os súbitos vendavais de areia iam e vinham. As autoridades, para evitar acidentes, impediram o trânsito de turistas em certas partes quando as tempestades se aproximavam, inclusive naquela onde eles queriam chegar.

No quarto dia, um policial, vendo-os repetidamente medindo os monumentos, verificou a licença para escavação e afirmou não estarem autorizados a pesquisar ali. Tiveram de sair. Christian então sugeriu que fossem à noite, sem ninguém saber, preparados para agüentar a tempestade de areia por mais forte que fosse. Márcio e Mirella, amedrontados, mas incapazes de confessar, acabaram por concordar. Compraram túnicas pretas no bazar Khan El Khalili, uma espécie de mercado onde se vende de tudo.

DEPOIS DA MEIA-NOITE, eles estavam de volta, completamente sozinhos. A noite estava calma, sem vento, e o céu estrelado parecia um veludo negro recoberto de

brilhantes. Não havia luar. A escuridão era quase total, o que fazia do firmamento límpido um espetáculo de rara beleza, como só no Oriente existe. O ar estava fresco e parado. Ocasionalmente, ouvia-se algum barulho de animais noturnos. As pirâmides eram perceptíveis apenas pelas colossais silhuetas escuras. O *show* de luzes, raios *laser* e sons realizado à noite na Grande Pirâmide para os turistas tinha acabado havia horas e o silêncio reinava no deserto. No horizonte, apenas o clarão do Cairo e de Nazlet El-Samman, um bairro adjacente a Gizé.

Os três caminharam silenciosos, iluminando o chão com lanternas a pilha. Vestiam túnicas pretas e às costas levavam as indispensáveis mochilas, com sanduíches, água, isotônicos, pilhas elétricas, um martelo, uma picareta, canetas e papéis. E óculos de mergulho, para poderem enxergar na tempestade de areia.

Caminharam cuidadosamente por entre pedras e escombros, temerosos e apreensivos. O que encontrariam pela frente? Salteadores? Contrabandistas? Assaltantes comuns de turistas desavisados? Não haveria testemunhas nem policiais para ajudá-los. Quando uma coruja piava, eles se arrepiavam. A escuridão e os restos de túmulos, junto com a expectativa do desconhecido, tornavam tudo fantasmagórico.

Andaram por mais de uma hora pela necrópole, localizando cada olho de Hórus com maior dificuldade devido a escuridão. Finalmente pararam na depressão onde estava a rocha circular com o signo de Anúbis.

— É aqui. Essa é a pedra — falou Christian, apontando para a laje coberta de areia. Removeram a areia com as mãos para Mirella ler os hieróglifos. A leitura foi interrompida por um bloco de basalto sobre a laje.

— Ajude-me a empurrar esta pedra, Márcio — pediu Christian.

— Minha platina está doendo de novo... — sussurrou Márcio.

Depois de removido o pesado bloco, os três ajoelharam-se sobre a pedra e, com a ajuda de faroletes, puseram-se a ler os sinais, o *Livro* e as anotações da agenda.

Mirella rapidamente traduzia-os para o português. Christian acompanhava os mesmos dizeres na cópia do *Livro de Amenóphis*, em inglês. A maioria das expressões e palavras era bastante similar.

Um vento frio começou a soprar de leve.

Eles continuaram removendo a areia da pedra e Mirella continuou lendo.

— São nomes de deuses, os doze deuses do zodíaco egípcio — concluiu ela, pondo-se de pé.

— Bem, o olho de Hórus nós já sabemos que "vê" esta pedra. Como poderemos saber se ele ouvirá alguma coisa?

— questionou Christian pensativo.

— Qual é a maneira de o olho ouvir? — completou Márcio, prestando mais atenção ao vento, que estava ficando forte. Algumas nuvens distantes mostravam clarões,

seguidos do trovão.

— Não sei, não sei... — respondeu Mirella pensativa. Nesse momento, um vento surpreendentemente frio

soprou forte, fazendo-os olhar para cima, como se esperassem por chuva. O gesto foi instintivo, pois eles se esqueceram ser isso raríssimo ali. O horizonte clareou novamente, indicando relâmpagos distantes.

— Não é possível, vamos comer areia de novo — comentou Márcio, sentando-se no chão. — Se durante o dia não vimos tumulto nenhum aberto, como encontraremos uma fresta nesta escuridão?

— Talvez se o olho "ouvir", uma nova pista apareça — falou Christian.

— Como? — duvidou Márcio. — Vamos cantar, gritar, chamar algum desses nomes?

— *Anúbis diz... "o olho terá de ver e ouvir os doze"... Será...*

— falou Mirella, sem completar a frase.

— O quê? — interessou-se Christian.

— Podemos bater na pedra redonda onde estão os deuses até o som ser audível pelo décimo segundo olho de Hórus.

— Boa idéia. Márcio, você pode ficar perto do olho e me dizer se ouve? — pediu Christian.

O ventou continuava aumentando e a areia começou a se levantar e a incomodar.

Márcio parecia ter a atenção desviada.

— Tive a impressão de ouvir alguma coisa atrás de nós. É a segunda vez — comentou inseguro.

— Não vejo nada — acrescentou Mirella, espiando.

— Apaguem as lanternas. Vamos nos esconder entre as pedras. Se alguém estiver nos seguindo, perceberemos — sussurrou Christian.

Agacharam-se. Dali a instantes, para terror dos três, passos cautelosos foram ouvidos na areia. Mirella teve coragem suficiente para espiar. Uma pessoa totalmente envolta em túnica e turbante negro, segurando alguma coisa pequena, vinha na direção deles. Ouviram a respiração ofegante do desconhecido. Christian retirou com cuidado a faca dada pelo eremita.

Incapaz de controlar o próprio medo, Márcio acabou por se mover e, perdendo o equilíbrio, tombou para a frente, apoiando-se com as mãos no chão. Os objetos na mochila fizeram barulho e o homem o viu.

Então, tudo foi confuso e muito rápido. O perseguidor disparou dois tiros. Márcio levantou-se e correu, tropeçando. O homem passou perto de Christian enquanto atirava. O rapaz, num salto, golpeou o assassino nas costas com a faca e segurou a mão do revólver. Os dois rolaram pelo chão. Outros tiros disparados. Gritos. Um gemido. Mais tiros. Três vultos rolando na areia. Mirella caída ao lado dos dois.

Por fim, tudo voltou ao silêncio. Mirella levantou-se, segurando um pedregulho

numa mão, e a outra, no peito. Sangue escorria da testa do assassino, caído inerte. Christian pegou o revólver e jogou-o longe.

— Ele está vivo? — ela quis saber apavorada, sob intensa taquicardia, ofegante, os olhos arregalados cravados no corpo caído.

— Está respirando — disse Christian pondo a mão nas narinas do homem. — E agora?

— Cadê o Márcio? — ela olhou em volta, sem enxergar ninguém.

— Márcio! Márcio! — gritou Mirella várias vezes. Não tendo resposta, anteviu o amigo baleado, caído e sangrando por ali. Começou a chorar.

— Márcio! Márcio! — Christian gritava, andando e olhando em derredor.

Depois de ser chamado várias vezes, ele saiu detrás de uma pedra cautelosamente, espiando.

— Ah!! Pensei que você tinha morrido!! Por que não respondeu? — ela gritou possessa.

Antes de Márcio responder e fazer perguntas, Christian decidiu rápido:

— Vamos localizar essa entrada antes que ele acorde. Pode haver outros — e dizendo isso, Christian amarrou as mãos do criminoso para trás com a túnica e desceu as dobras do turbante sobre os olhos. Ao fazê-lo, notou na mão do homem um anel com brilhante pedra negra. — Vamos depressa! Encontramos essa tumba agora ou fugimos por outro caminho. Márcio, vá para o olho de Hórus e diga se ouve as batidas.

— Mas... Mas isso é hora de procurar tumba? Temos que fugir logo daqui!

— Com essa areia não dá para ver mais nada — retrucou Mirella. — Se fizermos outro caminho vamos nos perder e nos encontrarão mais facilmente.

— Ele vai acordar daqui a pouco e chamará outros ou a polícia. Vá logo! — finalizou Christian autoritário.

Como a poeira dificultava ficar de olhos abertos, puseram os óculos de mergulho.

Mesmo apavorado, Márcio correu para o monólito. Por que Christian — pensou — insistia nessa aventura insana, mantendo-se frio desse jeito? Aquela não era hora para uma busca científica; tinham de fugir! Tirou o telefone da mochila para ver as horas. O visor mostrava sinais confusos. Ao chegar, gritou avisando.

O vento continuava aumentando, arrancando ruído das pedras.

Christian tirou a picareta da mochila e, sob a indicação de Mirella, golpeou de leve uma parte da pedra redonda onde os doze deuses estavam representados segurando as estrelas.

— Ouviu? — berrou ele para Márcio.

Márcio não respondeu. O barulho do vento estava alto e a areia raspava no rosto como uma lixa. Christian bateu com mais força, produzindo um som forte e estranho, parecendo um sino metálico, fato inesperado para uma rocha granítica.

— Ouvi! — gritou Márcio antes de o amigo perguntar.

Christian então bateu em ordem na pedra nos doze locais próximos às figuras dos deuses zodiacais, arrancando de cada um deles um som diferente. Essa diferença de sons de uma mesma rocha foi totalmente incompreensível para eles. Márcio confirmou cada sinal ouvido.

Mirella dividia a atenção entre Christian e o homem estendido na areia. Empunhava o pedregulho, pronta para golpeá-lo novamente se acordasse.

Ao fim das batidas, o vento tinha alcançado tal velocidade que eles já estavam se vendo engolidos pela areia. Batendo as roupas e os cabelos, o vento erguia a areia tão alto que mesmo com as lanternas não era possível enxergar além de uns cinco metros. Só o ribombar de trovões distantes era ouvido. Cobriram a boca e o nariz com a túnica, para respirar.

Márcio, com muita dificuldade, chegou perto dos dois. Em seguida, ouviram um barulho de pedra sendo arrastada. Os três viram, estupefatos, alguns passos à frente, num rochedo irregular, uma fresta iluminada se abrir. A passagem se alargou até cerca de meio metro, mostrando seu interior fracamente iluminado por um clarão amarelo bruxuleante.

Por um instante, ficaram sem ação e esqueceram-se da tempestade de areia. Aproximaram-se sem acreditar no que viam. Perto dessa entrada, uma escadaria descia dezenas de metros pelo subsolo. Alguns archotes presos à parede garantiam a iluminação fraca e ondulante do corredor.

— Vamos! — gritou Christian resolutivo, tentando ser ouvido em meio ao ruído do vento, pondo-se à frente, na direção da entrada.

Mirella vacilou por um segundo. A decisão de Christian, porém, impressionou-a e ela decidiu entregar-se à aventura do desconhecido.

— Eu ficarei aqui esperando, caso alguma coisa aconteça — gritou Márcio afastando-se dos dois e tentando esconder o medo e a indecisão.

— O quê?! Não, não dá! Precisamos nos proteger uns aos outros, Márcio — retrucou Mirella surpresa, iluminando o rosto dele com o farolete. O vento chacoalhava os cabelos dela, enquanto a areia insistia em entrar-lhe pela roupa.

— E se nos perdermos lá dentro? Quem voltará para pedir ajuda? — objetou Márcio direcionando seu farolete para o rosto de Mirella.

— Como você vai fazer sozinho? — perguntou Christian, não tão surpreso como Mirella. — O assassino vai acordar daqui a pouco!

— Eu sei, mas talvez eu...

— Márcio, não dá para esperarmos pela polícia! — interrompeu Christian. — Somos uma equipe! Não devemos nos separar. O professor desapareceu por não confiar em ninguém. Se agirmos igual, poderemos perder tudo de novo! Venha, precisamos de você e do poder do seu bracelete. Encontramos a tumba! Anda logo!

A tempestade de areia atingia o auge. O gemido do vento nas rochas era tão alto que parecia uma multidão assoviando. A areia fina batia no rosto e nas mãos com força, causando ardência. A força do vento chegava a empurrar os três e eles tinham de se apoiar nos escombros para não cair.

— Eu tenho claustrofobia! — gritou Márcio no auge da indecisão.

— O quê?! — Christian pensou não ter entendido.

— Claus-tro-fo-bi-a! Não posso ficar... em lugares subterrâneos... — ele deixou areia entrar na boca e no nariz, levando-o a um acesso de tosse.

Christian e Mirella não o enxergavam mais e, para protegerem-se da areia, desceram os primeiros degraus.

Márcio se via diante de um dilema real. Ficara apavorado com a idéia de descobrirem a tumba antes mesmo de saírem da pensão. Se entrasse, como sairia depois? E se os seqüestradores do professor os capturassem também? Se a passagem se fechasse e ficasse preso lá embaixo, teria uma crise de claustrofobia terrível. Quando isso acontecia, passava mal, sentia vertigens, vomitava e às vezes desmaiava, além de ser tomado por um pânico incontrollável. No entanto, como sair daquele tufão de areia em meio a assassinos que poderiam estar por ali? Por fim, o mundo exterior pareceu-lhe mais assustador que a entrada subterrânea.

"Seja o que Deus quiser!" pensou, aproximando-se da entrada. Num gesto rápido, pegou a picareta que Christian deixou no chão e a pôs bem na entrada, de modo que o cabo impedisse o fechamento da passagem.

— Só por precaução... — murmurou para si mesmo.

Eles desceram a escadaria íngreme de pedra, aliviados por estarem a salvo da tempestade, com crescente curiosidade pelo lugar. A escadaria era mais larga que a entrada. Após descerem os primeiros degraus, a passagem se fechou rapidamente e o cabo da picareta foi esmagado como se nem existisse. Eles voltaram correndo e forçaram a parede de pedra, sem sequer encontrar uma junção.

— Não adianta. Vamos ver aonde isto nos levará. Talvez haja outra saída — convidou Christian.

Márcio ia discutir e protestar, mas Christian e Mirella pediram silêncio; não sabiam quem os esperaria lá embaixo.

Nas paredes e no piso mal-acabados não havia qualquer inscrição ou desenho. O ar era fresco e cheirava a incenso. O percurso pareceu interminável. Desceram uns cinquenta metros pelo menos. Pararam numa sala cúbica, com paredes, teto e chão de pedra sem uma única emenda ou junção. A galeria fora escavada na rocha viva. Sacudiram-se e o chão escuro ficou coberto de uma fina camada de areia. Havia areia pelo corpo todo, até no canal do ouvido. Tiraram as túnicas pretas e guardaram-nas nas mochilas.

— Será a tumba descoberta pelo professor? — falou Márcio. — Mas quem abriu a

porta?

— Não, não... Isto não é uma tumba — respondeu Mirella explicativa, passando as mãos pelas paredes da câmara e olhando para a escadaria. — Foge completamente aos padrões. Não tem os rebaixos no teto, nas paredes. Toda tumba tem um mecanismo para fechar as portas por fora. Aqui, no final da escada, deveria haver uns rebaixos na parede por onde deslizam madeiras puxadas por cordas para fechar a porta, mas não tem nada. E ali...

Enquanto Mirela explicava e Christian acompanhava a explicação, Márcio se virou e instantaneamente ficou petrificado. Esticou o braço e tocou no ombro de Christian. Este se virou, seguido por Mirella. Os três ficaram sem ação.

No outro extremo da câmara, saído de uma porta não vista antes, estava parado um homem, olhando para eles. O homem tinha pele bronzeada e cabelos pretos lisos presos atrás. Seu corpo era forte e magro. Usava apenas um saiote branco e uma sandália de fibra amarelada. Nenhuma jóia, adereço ou qualquer outra peça de roupa além do saiote. O mais estranho era o olhar. Seus olhos apenas faziam pequenos movimentos ocasionais, como se não estivesse prestando atenção em nada. Seu rosto não expressava qualquer curiosidade, desconfiança, interesse ou hostilidade para com eles.

Christian, tomando a iniciativa, dirigiu-se a ele amigavelmente, em inglês:

— Olá! Como vai? Pode nos dizer que tumba é esta?

O homem não respondeu e não teve qualquer reação visível às suas palavras. Christian tentou em árabe, sem resultado. Os três se entreolharam confusos. Mirella tentou dirigir-se a ele no antigo idioma egípcio. Também não funcionou.

Subitamente, o homem ergueu o braço direito na direção deles, segurando um grande cristal lapidado e reluzente. Estranha luminosidade azul partiu da pedra. Mirella e Márcio cravaram os olhos no objeto, parecendo hipnotizados. Christian, à frente dos dois, num gesto de autodefesa instintiva, desviou o olhar e tirou a faca do "eremita" do bolso e a estendeu na direção do homem. Assim que a luz refletiu-se na lâmina, um estouro seguido de um clarão vermelho fez o homem cair para trás, desacordado. O cristal caiu no chão e se partiu, apagando.

Eles se assustaram e por um instante não sabiam como agir. A faca os defendera de alguma coisa? Parecia que sim. Sem dizer nada, Christian atravessou a passagem aberta.

Do outro lado, outro homem idêntico estava parado. Christian apontou-lhe a faca. Assim que o homem viu os símbolos nela desenhados, cruzou os antebraços sobre o peito e curvou-se reverente. Sem saber como agir, os três ficaram a olhá-lo. O homem principiou a andar devagar, convidando-os com gestos de mão a segui-lo.

Seguiram o estranho por um corredor escuro de centenas de metros. Fizeram várias perguntas, sem obter qualquer resposta. O estranho mordomo era surdo ou fingia não

ouvir. Alguns archotes iluminavam de vez em quando o extenso caminho. A caminhada sem fim foi interrompida quando o homem silencioso parou de repente e pressionou a parede com a mão. A parte pressionada, não distinguível do resto, afundou, fazendo uma porta abrir ao lado. Antes, as juntas eram invisíveis. O homem atravessou a passagem e foi seguido pelos garotos.

Após a passagem se fechar, eles se viram num túnel de teto em forma de arco, com uns quinze metros de altura no ponto mais alto e uns dez metros de largura na base. Essa base eram águas correntes. O ar era úmido e parado, mas respirável. As paredes eram retas e rústicas até chegarem ao início da curvatura do teto, quando passavam a ser perfeitamente lisas e cobertas por desenhos e hieróglifos. Era de se desconfiar que aquele túnel na rocha maciça fora construído há milhares de anos, pois visivelmente o leito do canal fora aprofundado pelo desgaste, como evidenciavam as paredes erodidas. Como poderiam ser aquelas águas correntes? Seria o canal um braço do Nilo? E como seria na época das cheias do rio? Eles se perguntavam tudo isso, sem nada comentar. Mirella prestou atenção aos desenhos do teto. Pássaros, gansos, peixes, papiros, flores de lótus, sicômoros, barcas, pessoas e deuses. Cenas representando a vida egípcia de outrora, com aquela simplicidade, colorido e formalidade próprios da arte egípcia. Pareciam feitas havia poucos dias, tal o frescor e a vivacidade. A beleza das pinturas também chamou a atenção dos dois rapazes. Archotes a espaços regulares iluminavam o túnel sem fim, refletindo a luz amarelada nas águas que corriam suaves. As paredes pareciam tremer com o balanço das chamas.

Da passagem pela qual saíram, degraus de pedra desciam até a água. Bem em frente deles, nos degraus, havia um barco pequeno amarrado a um poste metálico. Esse barco tinha a exata aparência dos barcos do Antigo Egito: proa e popa bem erguidas acima das demais partes da nave, sendo a popa em forma de flor de lótus e a proa em forma de lâmina, com o desenho de um olho no casco. O barco acomodava umas quatro pessoas sentadas mais o remador atrás, de pé.

O homem entrou na embarcação e segurou o remo. Com um gesto de mão, indicou o chão do barco. Os três entenderam que deveriam entrar e se sentar, e assim fizeram. Um desenho muito bonito no teto chamou a atenção deles: Isis amamentando o filho Hórus, exatamente como num desenho do *Livro*. Os braços fortes do homem cravaram o remo na água e o barco começou vagarosamente a se deslocar, seguindo a correnteza. O canal era longo e a viagem parecia infundável. Muito tempo depois, o remador estacionou o barco noutros degraus de pedra, indicando uma porta no alto dos degraus com a mão.

Quanto tempo e que distância haviam percorrido? Trinta minutos? Duas horas? Quinhentos metros? Cinco quilômetros? Impossível saber. Os três saíram do barco e rumaram para a porta, perplexos, assustados e sem entender nada. Márcio e Mirella

estavam confiando em Christian. E Christian confiava na faca. Para ele, o lacônico mordomo lera os hieróglifos dela e os conduzia até alguém. O homem inexpressivo saiu atrás, puxou uma alavanca na parede e a porta se abriu. Caminharam por um outro corredor extenso, iluminado fracamente por archotes a espaços regulares. O ar era carregado de forte cheiro de plantas queimadas.

Até aquele instante, os três estavam preocupados, porém calmos. Quando aquele cheiro forte foi sentido, a idéia de em breve encontrar pessoas se avolumou, e o nervosismo começou a dominá-los.

Márcio começou a sentir as mãos frias e suadas, as batidas cardíacas aceleradas, e o medo do ambiente fechado crescia de maneira incontrollável. Uma vontade irracional de sair correndo e gritando apossou-se dele e a força feita para não satisfazer essa vontade levou-o ao limite de seu autocontrole. Quando pensou não mais poder conter a crise de pânico, chegaram ao fim do corredor, e o estranho mordomo abriu uma porta de madeira, sem qualquer segredo. Eles se viram num grande salão circular de teto abobadado, cheio de portas por toda a parede. O salão deveria ter uns cem metros de diâmetro e uns vinte de altura. O terrível mal-estar de Márcio subitamente passou. Foi como se uma onda no mar crescesse ao se aproximar, erguendo-o em sua crista, para depois abaixá-lo de uma vez, sem ter como voltar.

O homem atravessou o salão, rumando para uma porta.

Os três o seguiram silenciosos. Mirella e Christian digladiavam-se por dentro na busca da melhor forma de agir em tão inusitada situação: fugir, correr, lutar com o estranho condutor ou simplesmente segui-lo como faziam? Preferiram ver aonde aquilo os levaria. Além de nervosos, estavam tomados de crescente apreensão. Márcio, por sua vez, experimentava, após o clímax do pavor, a repentina sensação de calma como se não existisse qualquer perigo por perto.

Depois da porta, longa escadaria. Subiram e chegaram a um salão. Ao fundo, uma porta dupla. Quando o homem abriu a porta, uma luz forte de dia claro invadiu o salão. Eles saíram e não acreditaram em seus olhos. Extensa praça estendia-se ao ar livre, cheia de jardins, lagos, templos, pirâmides pequenas, esfinges com cabeça humana e de carneiro, obeliscos com pontas douradas e outras construções no antigo estilo arquitetônico egípcio. Tudo cercado por jardins ricamente vegetados e estradas de areia intercomunicando as construções. Sobre eles, o céu maravilhosamente azul com algumas nuvens brancas, e a luz do sol, clara e forte. Nos horizontes, o inacreditável: para oeste, o deserto sem fim; para leste, o rio Nilo, com as margens emolduradas pelos maciços de papiro e, vez por outra, interrompidas por belíssimas construções.

Christian e Mirella pararam de caminhar, tão estarecidos que ficaram. Márcio, antes que o mordomo notasse, cutucou as costas de Christian e eles recomeçaram a andar. Tinham saído de uma pequena pirâmide de ponta dourada com desenhos em relevo.

Na margem oposta do grande rio havia casas e palácios cercados de palmeiras. O cenário dava a impressão de eles haverem retrocedido pelo menos uns três mil anos. As construções, muitas pintadas de branco e ornamentadas com detalhes coloridos e dourados, brilhavam ao sol. Era possível ver mansões, palácios, templos e o mais incrível de tudo: a certa distância deles, mas do mesmo lado do rio, o conjunto de Gizé, com a Esfinge, as três pirâmides maiores, as menores e o complexo de templos e túmulos em volta! Tudo em perfeito estado, de uma beleza e perfeição jamais vistas por eles em qualquer reconstituição!

Notaram estupefatos a brancura e lisura do revestimento do trio de pirâmides maiores. As encostas delas eram *perfeitamente* lisas. Era possível perceber isso por não haver a mínima distorção dos reflexos que delas se projetavam, como se fossem ciclópicos espelhos de cristal. O sol, atingindo as superfícies, refletia-se no chão por centenas de metros, formando o desenho de três estrelas de quatro pontas de diferentes comprimentos sobre a vegetação rasteira. Cada uma possuía a ponta dourada, dando a impressão de ser uma única placa de ouro revestindo a cúspide. Exceto na Grande Pirâmide. Nesta faltava a cúspide; o revestimento branquíssimo terminava numa pequena plataforma, onde repousava uma esfera de cristal translúcido sobre um suporte metálico que lembrava duas mãos segurando a esfera, com os antebraços unidos formando o pé. O brilho iridescente da esfera de cristal irradiava-se em várias direções.

A Esfinge, mais próxima deles, com a cabeça e o rosto perfeitamente conservados, tinha o corpo avermelhado e não exibia as emendas e juntas. A cavidade retangular estava preenchida pelas águas paradas de um lago magnificamente decorado com ilhas de ninféias, touceiras de papiro e de juncos. As patas e o ventre do colosso de pedra assentavam-se exatamente no nível da água, criando a impressão de que o ciclope repousava sobre a lâmina líquida. Garças brancas, conhecidas no Antigo Egito como íbis, revoavam de vez em quando sobre as águas e paravam depois nas margens, à cata do que comer. Todo o planalto em torno da Esfinge e do trio de pirâmides era coberto de grama e de maciços vegetais, templos e outros monumentos hoje desconhecidos. A guardiã de Gizé, soberba e perfeita, repousava sobre o espelho líquido cercada pelo imenso tapete verde.

O Nilo, hoje distante das pirâmides, formava um amplo e largo leito na região, chegando quase ao pé delas, da necrópole e do complexo de templos. Toda a região, atualmente uma planície de areias ressecadas, estava ali, diante deles, repleta de vegetação aquática e palustre e de aves e pássaros de tamanhos diversos indo e vindo. As estradas asfaltadas e todas as construções modernas de Gizé e das proximidades não estavam lá. Nem mesmo o Cairo existia.

Também notaram haver na praça uma farta vegetação embelezando os jardins das construções. Papiros, palmeiras, acácias, arbustos com flores perfumadas, cedros-

do-líbano, ninféias e juncos nos lagos, tudo era magnificamente cuidado e mantido. Uma particularidade só percebida por Christian foi a inexistência de restos mortos de plantas; não havia folhas e galhos secos no chão nem na água dos lagos. Quando o vento mexia a folhagem, nem uma folha sequer caía. Seriam os jardineiros tão eficientes ao ponto de não deixarem uma única folha no chão, nem nos próprios canteiros? Improvável, o local era completamente deserto; exceto por eles, ninguém transitava ali.

Passaram em frente a um templo que os deixou boquiabertos, tal sua suntuosidade e beleza. Grossas colunas cilíndricas de granito polido, com capitéis em forma de flor de lótus, sustentavam uma viga de rocha escura. Eram doze colunas de uns doze metros de altura, mais ou menos. Do patamar sobre o qual se assentavam, descia uma escadaria ladeada por pequenos canteiros quadrados, cheios de plantas e pequenas palmeiras. No pé da escadaria havia duas esfinges com cabeça de carneiro, uma de cada lado. De cada lado da colunata e alguns metros atrás, paredões de forma trapezoidal mais altos eram recobertos de baixos-relevos coloridos exibindo cenas de deuses e humanos em cerimônias e rituais diversos. Por trás desses paredões, outras paredes e tetos se elevavam, em alturas e larguras variadas, formando um amontoado de construções geométricas irregularmente agrupadas. Sobre alguns desses tetos, outros jardins despontavam. Todo o templo era cercado por um lago retangular com papiros, ninféias e outras plantas aquáticas, formando grupos e ilhas. Da escadaria partia uma estrada de pedra em linha reta atravessando o lago e chegando à via em que caminhavam. Puderam notar, não menos admirados, algumas íbis pescando nas margens do tanque. Numa outra parte do lago, observaram alguns crocodilos imensos nadando vagarosamente com suas caudas ondulantes.

No centro da imensa praça havia um templo ainda maior. Devido à distância, não foi possível enxergar detalhes. Somente conseguiram perceber ser uma construção imensa e cercada de lagos e jardins.

Aquela paisagem superava a mais arrojada imaginação dos três sobre a terra dos faraós no tempo de sua maior pujança. Como sempre, a realidade era bem mais rica e imprevisível. Para Mirella, os milhares de trabalhos científicos sobre o que fora o Egito empalideceram diante da formidável paisagem. Mas o que seria tudo aquilo? Um cenário? Uma reconstituição? Não faziam idéia. Dividiam sua atenção entre as especulações e o medo do minuto seguinte. Continuaram caminhando e, à medida que observavam em derredor, cada um percebia milhares de novos detalhes interessantes. A estranheza da situação impedia qualquer comentário ou parada.

A atenção deles foi desviada novamente para o enigmático mordomo. Ele parou e virou subitamente, fazendo um gesto com a mão para pararem e esperarem ali. O homem caminhou em direção a um local distante da praça, rumo a um templo de

gigantescas paredes e colunas de pedra com capitéis em forma de cabeça de vaca. A praça continuava deserta.

— Tenho algo a dizer. Isto é demais para mim. Reconheço minha loucura. Estou tendo alucinações. Vocês dois, meus amigos, por favor, me levem agora para um manicômio — brincou Márcio olhando em volta.

— É noite agora, como pode estar esse céu azul? — perguntou Mirella olhando para cima. — E nós entramos na parte oeste do planalto. Estamos no leste. Como pode ser isso?

— Vamos, é nossa hora de fugir. Com essa quantidade de galerias e construções, conseguiremos nos esconder — disse Christian, olhando para o homem subindo a escadaria do templo distante.

Após o homem entrar no santuário, correram em direção à porta da pirâmide de onde saíram. Desceram a escadaria às pressas, chegaram ao salão redondo, completamente deserto, e escolheram uma passagem qualquer para entrar. Christian fez menção de memorizarem a porta do corredor vindo do canal, para quando decidissem sair dali. Escolheram um corredor qualquer e correram por ele. No extenso trajeto, viram diversas portas de madeira, todas fechadas e desenhadas com hieróglifos. Quando estavam bem longe do início do corredor, entraram numa sala e a fecharam por dentro, com um ferrolho. Christian entrou com uma tocha retirada do corredor, para manter alguma iluminação.

A sala era retangular e bem espaçosa. Mais de quatro metros de altura e uns vinte de comprimento por uns dez de largura. As paredes pareciam, como em todas as galerias, escavadas na rocha maciça. Não havia emendas nem tijolos. Só a pedra viva e sólida. Nenhum desenho ou baixo-relevo decorava o local. Mesas de pedra e móveis empoeirados de madeira estavam espalhados em desordem, parecendo ser um depósito de coisas velhas. Próximo à porta, aberturas retangulares rentes ao teto garantiam ao local boa ventilação.

— Podemos amontoar ali os móveis e, quando alguém se aproximar, nos escondemos atrás — sugeriu Christian indicando o canto oposto à porta, entulhado de pedaços de móveis destruídos.

— Se entrarem aqui e virem a tocha, poderão desconfiar. E melhor devolvê-la ao corredor e destrancar a porta — completou Mirella. Christian concordou e, após destrancar cuidadosamente o ferrolho para não fazer barulho, espiou o corredor. Ninguém passava. Ele repôs o archote no buraco da parede e voltou. Enquanto isso, Mirella acendeu seu farolete a pilha.

Eles empurraram as cadeiras, caixotes e poltronas de madeira e arrumaram tudo de forma a se esconderem das vistas de quem transitasse na sala, exceto se a pessoa pulasse por cima dos entulhos.

Discutiram por horas o que poderia ser tudo aquilo, sem chegarem a uma conclusão.

Por fim, muito cansados, decidiram dormir ali mesmo. Não havia a menor possibilidade de saírem dali tão rápido quanto imaginaram antes de entrar.

Cripta em Gizé
8 de dezembro de 2003
Início da manhã

ACORDARAM E COMERAM SANDUÍCHES. Quanto tempo dormiram? Impossível saber, os relógios e celulares não funcionavam mais, mostrando sinais estranhos.

— Tenho a seguinte sugestão: vamos encontrar logo o professor e sair o mais rápido possível daqui. Temos comida e água para apenas uns três dias. Quero sair ainda hoje — disse Márcio olhando para o teto e relembrando-se da crise de pânico.

— Hoje? Nem sabemos se é dia ou noite. Devemos observar na água do meu amuleto se existe alguém nas câmaras e corredores. Se não funcionar, entramos em cada sala e vasculhamos tudo — respondeu Mirella, antevendo que levariam um bom tempo para pesquisar aquele amplo mundo subterrâneo.

Podemos começar pela última sala deste corredor e, uma a uma, chegarmos até a última. E assim fazemos com todos os corredores. Numa delas estará o professor e talvez... Vou fazer um desenho para não nos perdermos neste labirinto de túneis — propôs Christian, enquanto tirava da mochila um papel e uma caneta.

Mirella pegou uma vasilha plástica com água, tampada hermeticamente. Abriu e mergulhou o amuleto do sol alado com a esmeralda. Fechou os olhos e visualizou o corredor do lado de fora. Após terminar a concentração nessa idéia, abriu os olhos. A pedra começou a brilhar como se tivesse uma lâmpada por dentro. O brilho aumentou e os móveis e paredes do salão escuro ficaram iluminados por uma fraca cor verde. A água da vasilha também começou a brilhar e depois ficou esbranquiçada e opaca. Quando a água se tornou tão branca quanto leite, não era mais possível ver o amuleto e tampouco a sua luz verde. Na superfície do líquido apareceram manchas escuras borradas que se tornaram gradualmente nítidas.

— Ainda não consigo acreditar nessas coisas. Se formos racionais teremos de reconhecer que ficamos loucos todos de uma vez — sussurrou Mirella olhando maravilhada para a água luminescente. — Olhem, é o corredor!

Em segundos estava perfeitamente visível no líquido a imagem do corredor, com as chamas dos archotes balançando.

— Ninguém. Agora veja a última sala — pediu Christian sem deixar de olhar para a imagem formada.

A moça fechou os olhos e pensou com energia na última porta do corredor. A imagem do corredor foi perdendo os contornos e adquirindo novos. Em segundos, delineou-se uma nova imagem. Christian chamou a atenção de Mirella:

— Mirella, você está pensando nesta sala, não na última.

Ela olhou para a água. A imagem era a da própria sala onde estavam, cheia de móveis amontoados e com os três curvados para baixo olhando a vasilha.

— Incrível!... Não conheço aquela sala, como posso pensar nela?

— Tente imaginar a porta abrindo e você entrando e tentando ver alguma coisa. Talvez... — sugeriu Márcio.

Ela fechou os olhos e seguiu a sugestão. Imaginou-se abrindo a porta e tentando enxergar o lugar, evitando imaginar qualquer coisa dentro dele. Quase instantaneamente a imagem anterior se desfigurou e outra rapidamente adquiriu contornos definidos. Uma porta de madeira se abria e dentro aparecia uma sala com mesas de pedra, cadeiras e paredes com prateleiras, na forma de nichos escavados na pedra, com vasos altos, tampados. Cada vaso possuía um hieróglifo. Márcio pediu para Mirella olhar a figura e explicar aquilo.

— E uma biblioteca! Os vasos servem para guardar rolos de papiro. Incrível! Vamos lá agora, deve haver muita coisa para descobrir e...

— Não — interrompeu Christian secamente. — Precisamos encontrar o professor primeiro. Vou anotar aqui essa imagem e só. Não dá para você traduzir agora essas centenas de rolos. Ali, com certeza, não haverá notícias do professor, se ele realmente estiver aqui. Passe para a próxima.

Eles concordaram com o senso prático de Christian e a garota assim fez. Dessa maneira, visualizaram mais de uma dezena de salas com papiros, caixotes, baús, estantes, mesas, sarcófagos, móveis ou completamente vazias. Consumiram horas nessa tarefa sem nada encontrar de esclarecedor. Numa visualização, formou-se uma cena que os arrepiou até a alma.

— Olhem, um homem vestido com os trajes sacerdotais e a *klafta*! — indicou Mirella admirada.

— O que é isso? — perguntou Márcio.

— A *klafta*? É esse turbante egípcio listrado, preso por uma tiara. A roupa dele saiu de moda há mais de mil e oitocentos anos. Vejam, há um sarcófago com uma múmia! Na imagem da vasilha, uma ampla sala de teto abobadado aparecia, iluminada por archotes nas paredes. Blocos cúbicos de pedra branca estavam dispostos pelo salão. Atrás deles, na parede de fundo, portas de madeira entreabertas mostravam armários vazios, insculpidos na rocha. Na outra extremidade do recinto, sobre uma mesa maciça de pedra, de forma trapezoidal, repousavam objetos.

Sentado à mesa, um homem, vestido com a tradicional túnica do sacerdócio egípcio dos tempos faraônicos, lia compenetrado um papiro à luz de uma lâmpada a óleo. A *klafta* era branca com listras verdes. Braceletes de ouro com pedras coloridas nos antebraços e um colar em forma de peitoral de pedraria completavam a vestimenta do homem misterioso. A aparência era de um hierofante, um sacerdote de graduação superior entre o clero egípcio. No chão, próximo à mesa, um sarcófago aberto

repousava com uma múmia dentro. Devido ao tamanho diminuto da vasilha, não era possível enxergar detalhes, como o rosto da múmia ou o que eram os objetos sobre a mesa. Depois de pouco mais de trinta segundos de observação, a imagem começou a empalidecer.

— Vale a pena dar uma olhada nessa sala. Se for o professor Manccini, não teremos muito mais a fazer aqui — sugeriu Christian com ar de preocupação.

— Qual pessoa, o homem de branco? — perguntou Márcio.

— Não! A múmia! — respondeu Christian.

— O homem vai nos ver! Não podemos ir agora! — objetou Márcio.

— Você, com seu bracelete, irá induzi-lo a procurar alguma coisa noutra sala; um papiro, um copo de água, qualquer coisa. Enquanto ele estiver fora, Mirella observa o corredor, e nós examinamos a múmia.

Márcio tinha dúvidas se o bracelete funcionaria. Em todo o caso, tentaria. Começou a imaginar, por sugestão de Christian, o sacerdote com sede, saindo para procurar água na praça ensolarada. Fixou a imagem na mente e repetia em pensamento: "Você está com muita sede, muita sede. Vá pegar água fresca na praça, vá agora, agora!".

Depois de uns três minutos, Mirella viu, pela porta entreaberta, o homem de branco sair para o corredor e dirigir-se ao salão redondo.

— Vamos, ele já foi — convidou ela em voz baixa.

Os três, quais ratos furtivos num paiol, correram em silêncio pelo corredor e entraram na sala vista na água. A sala era exatamente como na imagem: um salão amplo, com vários metros de largura e alguns de altura, paredes e teto desenhados, cubos de pedra calcária dispostos geometricamente no chão, a mesa com alguns objetos estranhos, o sarcófago no chão e os armários entreabertos no fundo.

Márcio e Christian acercaram-se da múmia, enquanto Mirella espiava pela porta. O corpo estava envolto por ataduras, deixando ver apenas o rosto magro e um tanto enegrecido. Parecia ser um homem idoso. Os braços cruzados sobre o peito e amuletos diversos pendurados ao pescoço. Um cheiro forte de resinas e essências vegetais desprendia-se do corpo conservado.

— Não é o professor. Essa múmia deve ter muitos séculos, está bastante desidratada. Veja como parece ressecada — disse Christian apontando para a face cadavérica do ancião.

— Você achou que era ele? — Márcio fazia uma expressão de asco e nem chegou muito perto para verificar pormenores.

— Não, mas devemos investigar todos os vivos e mortos — Christian estava bem curioso, notando cada mínimo detalhe.

Mirella era cientista demais para perder uma oportunidade como aquela. Abandonou a porta e foi observar a múmia com os dois.

Márcio, ao contrário, sem interesse, foi para a porta espiar pela fresta. Assim que

olhou pela abertura deu um pulo para trás.

— Há um monte de pessoas vindo para cá! Não dá para sair agora!

— Depressa, nos armários! — Christian apontou para o fundo da sala.

Correram e entraram nos nichos espaçosos. Encostaram as portas de madeira e deixaram apenas estreitas aberturas para ouvir e ver se alguém entrasse no recinto.

Em instantes, vários homens e mulheres vestidos com roupas sacerdotais e *klaftas* listradas entraram na sala conversando. Usavam a mesma roupa do homem vestido de hierofante e das sacerdotisas egípcias: túnica branca de mangas curtas, cintos de ouro, sandálias de fibra vegetal, colares em formato de peitoral repleto de pedrarias, braceletes e anéis metálicos com gemas incrustadas. Eles foram se sentando nos cubos de pedra conversando em voz baixa.

Dali a minutos, o homem visto na imagem entrou no salão e todos os presentes pararam de falar e o cumprimentaram com uma mesura respeitosa. Seu olhar enérgico perpassou os presentes como se penetrasse no mais fundo de suas almas. O homem, de aparentes trinta e poucos anos, acercou-se da mesa e falou, num tom de voz calmo, firme e grave:

— Sejam bem-vindos, meus queridos discípulos! É um prazer para mim recebê-los mais uma vez para auxiliá-los a despertar as faculdades latentes que permitem ao mago controlar as forças da natureza. Outro dia prometi demonstrar como criar e materializar criaturas habitantes do Reino de Osíris, assim como criações mentais. É exatamente o experimento de hoje. Vejam!

Essas frases, pronunciadas clara e fluentemente, deixaram os três estupefatos. Mirella parecia arrebatada para outro mundo; tinham acabado de ouvir a pronúncia do extinto idioma egípcio! A língua egípcia nunca fora ouvida antes. Desde quando o francês Champollion decifrou a escrita hieroglífica, no século XIX, a partir da pedra de Rosetta, o conhecimento da gramática e do vocabulário egípcios foi ampliado pela pesquisa dos egiptólogos e papirólogos. Sobre a pronúncia quase nada se descobriu. Infelizmente, no idioma egípcio escreviam-se apenas as consoantes, sendo as vogais só pronunciadas, como ocorre no hebreu e no árabe. O professor Manccini, exigente com seus estagiários, fê-los estudar o idioma até adquirirem prática; afinal, o projeto girava em torno da tradução de hieróglifos. E eles assim fizeram. Conseguiram ler com certa rapidez textos grafados em hieróglifos. E a pronúncia, claro, era apenas por suposição.

A fluência e a elegância do falar do hierofante os surpreenderam. Estavam acostumados a pronunciar de maneira lenta e entrecortada. Mesmo desconhecendo várias palavras e algumas construções de sentenças, entenderam parte do discurso.

O hierofante pegou uma tigela de barro e despejou nela um líquido vermelho de uma pequena ânfora. Depois adicionou um pó branco e mexeu vigorosamente com uma vareta de madeira. Após despejar o pó, um barulho de fervura fez-se ouvir e uma

fumaça amarelada se desprende da mistura. Mexeu algumas vezes e pôs a tigela no chão para todos poderem vê-la. Ele se postou entre a mesa e a tigela e continuou, com sua voz vigorosa:

— É do mais elementar princípio de magia que o pensamento não é apenas uma impressão restrita à nossa mente, e sim uma força poderosa capaz de produzir coisas tangíveis, se adequadamente desenvolvido. Quando uma pessoa pensa numa flor, por exemplo, sem saber, ela cria diante de si uma flor feita de matéria mental, tão precisa quanto for exato o seu pensamento. Se a pessoa não se lembra direito como são as pétalas da flor, as pétalas construídas serão igualmente imperfeitas. E tão logo a pessoa esqueça esse pensamento, a flor mental começa a enfraquecer e a dissolver-se, até a matéria reunida pela mente dissipar-se pela atmosfera. Isso, todo ser humano, por menos capaz que seja de raciocinar, faz o dia todo. O mago, quando possui a disciplina da mente, sabe concentrar-se com força na idéia. Quanto mais força e energia for posta na construção da criação mental, mais tempo ela durará. Uma pessoa comum, quando pensa repetidamente numa idéia fortemente cultivada, cria formas capazes de permanecer vivas alguns meses. Um pensamento ordinário, como a lembrança casual de um lugar, pessoa, objeto ou acontecimento, dura apenas alguns segundos. Magos poderosos e adestrados para aplicar sua vontade desenvolvida criam pensamentos com compactação da matéria mental intensa, capazes de durar milhares de anos.

O sábio fez uma pausa e bebeu um gole de água de um copo próximo, em forma de flor de lótus. Seus ouvintes prestavam respeitosa atenção e mantinham silêncio absoluto.

Os garotos, escondidos no armário, agiam da mesma forma. Entretanto, estavam encantados e incrivelmente surpresos. Além da fluência do falar, o hierofante tinha um jeito todo especial, assim como seus atentos alunos. Ele falava, gesticulava e se posicionava diferentemente de todas as pessoas que eles conheciam. Era extremamente desvolto e expressivo, seguro e elegante nos movimentos. Era como se cada gesto, palavra e pensamento fosse levado à extrema perfeição e domínio. Nenhum vacilo, insegurança, dúvida ou erro nos menores detalhes da sua atitude.

Mirella, conhecedora mais profunda da cultura antiga do Oriente, percebeu, além daquelas particularidades, que o hierofante também usou duas palavras gregas e uma latina.

Ele continuou:

— No entanto, de que serve uma criação feita de matéria mental? Essa criação poderá atuar apenas nesse plano, influenciando os seres que lá vivem e, quando se acercar de alguém vivo neste mundo, influenciar seus pensamentos.

Ele olhou para um dos presentes, simpaticamente:

— Se eu imagino, por exemplo, você, Aba-Aner, sentando-se naquele lado da sala,

essa imagem se constrói imediatamente diante de mim e se projeta até você. Se eu fizer isso com vontade suficiente, a imagem irá persegui-lo e em poucos instantes lhe ocorrerá a idéia de você mudar para o lugar pensado por mim. Para isso funcionar, meu pensamento terá de ser potente, capaz de ultrapassar certas barreiras: a insensibilidade de seu cérebro para minhas criações mentais, o fato de você poder estar pensando em outra coisa, seu desejo de permanecer onde está e outros fatores capazes de bloquear ou adulterar minha mensagem.

Os discípulos acompanhavam as explicações profundamente concentrados.

— Além da forte concentração mental, a criação se tornará mais poderosa se eu carregá-la de emoção. Essa emoção pode ser um desejo, uma atração, uma aversão, amor, ódio, compaixão, raiva, ternura, amizade ou qualquer outra atitude emocional. Acontecendo isso, vocês já devem imaginar que a criação mental aglutinará também matéria astral, isto é, matéria do plano emocional. Isso dá mais estabilidade à própria matéria mental, tornando mais prolongada sua existência. Se minha criação enviada a Aba-Aner possuir uma idéia e também um sentimento, bom ou mau não importa, ele sentirá a emoção correspondente e a idéia sugerida. Carregada de um impulso emocional, minha sugestão será mais facilmente percebida e aceita. Essa criação mental-emocional poderá também ser captada pelos habitantes do mundo astral e do mental, desde que pensem e sintam de maneira similar.

Ele deu uns passos à frente, bebeu um gole de água e, como se desse tempo aos ouvintes para assimilarem suas palavras, olhou-os em silêncio por alguns segundos. E recomeçou:

— Quando você pensa num parente ou amigo morto e seu pensamento se carrega de emoção, você envia na direção dele aquelas idéias e ele as sente dentro de si. Esse é o fundamento da evocação dos mortos e das orações aos deuses. Sabendo disso, não é difícil deduzir que uma oração, promessa ou pedido dirigido aos deuses nem sempre atinge seu destino. Quando não possui convicção nem desejo sincero, as substâncias mentais e emocionais fornecidas são precárias e frágeis. Por conseqüência, a forma criada é tão débil e instável quanto uma bolha flutuando no caudaloso Nilo: terá poucos segundos de existência e não atingirá a alma para a qual foi dirigida. Assim, quanto mais detalhadamente e convictamente for construída uma idéia, e quanto mais emoção ela carregar, mais duradoura e eficaz ela será, podendo ser aumentada e fortalecida pela repetição dos mesmos pensamentos e desejos.

Ele interrompeu novamente o raciocínio e, após caminhar com elegância para outro lado da mesa, recostou-se e recomeçou:

— Essa criação mental-emocional, é claro, não poderá se manifestar neste mundo material, ficando restrita ao mundo dos mortos. Para se materializar, a criação terá também de incorporar substâncias físicas. Como vocês também sabem, é possível extrair de minerais, plantas, animais e pessoas uma certa quantidade de substância

etérica. Isso dará densidade à criação. Quando um morto quer se fazer visível e palpável aos vivos, usa exatamente esse recurso; ele reúne em torno de seu duplo astral essa energia pastosa e, por alguns minutos, consegue construir um corpo físico, ainda que frágil. Da mesma forma, pode o mago revestir sua criação dessa energia pastosa e dar-lhe temporariamente existência material. É exatamente neste ponto que eu queria chegar. Diga-me, Sesóstri, algo que você gostaria de ver materializado aqui, agora. Algo pequeno, fácil de criar.

O sacerdote nomeado pensou por três segundos e sugeriu:

— Uma concha do mar, mestre.

O sábio fechou os olhos. Os presentes notaram sua fisionomia, habitualmente séria, ficar ainda mais sisuda. As sobrelanceiras apertaram-se uma contra a outra. Dali a pouco, sobre a tigela no chão diante deles, uma fumaça esbranquiçada começou a se levantar do líquido vermelho. A fumaça parou alguns centímetros acima da tigela e começou a se tornar mais densa. Em segundos não parecia mais fumaça, lembrava uma massa esbranquiçada, como se fosse farinha de trigo molhada e amassada para fazer pão. Um inexplicável cheiro de ozônio inundou o ambiente nessa hora. Depois, a pasta branca começou a se colorir e a diminuir de tamanho, tomando aspecto ovalado. Em menos de um minuto a pasta tinha o formato exato de um caramujo comprido, que foi adquirindo coloração alaranjada com estrias negras. O caracol grande se formou, com todos os detalhes. O objeto flutuava no ar, um palmo acima da tigela.

Os alunos observaram satisfeitos o poder mental de seu mestre.

Os três garotos, dentro do armário, piscaram várias vezes, acreditando não enxergar direito. Márcio tinha absoluta certeza de estar diante de um truque barato. Enquanto assistia ao estranho fenômeno, sua preocupação era encaixar o que via numa teoria aceitável, ao invés de prestar atenção.

Christian, por sua vez, não se preocupava em julgar o fato; prestava toda a atenção possível, como se ele todo fosse apenas olhos, nariz e ouvidos.

O sacerdote continuou:

— Este objeto, sem dúvida, não é um caracol material e, por isso, não serviria de habitação para nenhum animal marinho... Ele não é feito de substância realmente material, e sim da massa etérica que adquire consistência sólida durante poucos instantes. Vejam.

Ele pegou a concha e com delicadeza pressionou um de seus lados com o dedo indicador. A concha, de aparência sólida como qualquer concha calcária, deformou-se com a pressão como se fosse de borracha. Ao retirar o dedo, ela foi tomando vagarosamente o aspecto anterior sem, contudo, voltar à perfeição original. O mago continuou sua aula.

— Essa substância não nos oferece mais que isso. Além disso, ela também possui

mais duas limitações: dura pouco e não resiste ao toque de metais — após dizer isso, pôs delicadamente a concha no chão. Pegou de cima da mesa uma faca com cabo de madeira e atravessou a concha com a lâmina. Mal o metal tocou o caracol, faíscas azuis pularam para todos os lados e um estalo forte foi ouvido. Uma leve fumaça preta se elevou, e a concha tinha desaparecido.

— É possível fornecer substâncias mais densas para a criação habitar um corpo sólido. Isso é um pouco mais difícil de conseguir, mas vale o esforço porque a criação pode durar muito tempo. Esta mistura que usei é um preparado à base de sangue animal, ervas aromáticas e um tipo especial de sal feito de ossos de peixe. Para pequenas materializações simples é o suficiente, mas, para um morto se manifestar com perfeição, os produtos animais são por demais grosseiros e somente demônios conseguem aparecer, e de maneira disforme. Essas aparições, além de repugnantes, são pouco úteis e um tanto perigosas. Os deuses e os mortos bem-intencionados, quando só encontram esse tipo de matéria grosseira, fazem no máximo escrever, mover objetos ou falar poucas palavras, nada mais.

O mago tomou mais um gole de água e se aproximou do sarcófago onde jazia a múmia.

— Assim como certos animais, plantas e minerais possuem a substância etérica para materializações em maior quantidade, algumas pessoas a possuem mais que outras. Durante os milhares de anos de experiências nos templos, os sábios perceberam que na presença de certas pessoas as materializações aconteciam por elas possuírem um teor mais alto da substância. Depois observaram que somente nas proximidades dos sábios, eremitas e sacerdotes de vida pura aconteciam as mais perfeitas materializações. Foram feitas experiências de todos os tipos imagináveis e descobriu-se também serem as múmias de tais pessoas capazes de preservar a substância etérica enquanto se mantivessem bem-conservadas. Isto é, enquanto o corpo se conservar, o *ka* também estará nele preservado; essa substância é parte do *ka*. Ora, isso foi uma ótima descoberta. O fato permitiu aos templos terem ao seu dispor uma fonte inesgotável daquela substância tão útil aos experimentos mágicos. Foi então que se passou a guardar cuidadosamente as múmias dos sumo-sacerdotes e de outras pessoas que possuíam teores maiores ou menores, de boa qualidade, nos próprios templos. E, mais tarde, os templos passaram a ser construídos sobre tumbas. Os faraós e seus dignitários imitaram os sacerdotes por pura vaidade, pois não sabiam desses fenômenos.

— Os gatos, macacos e outros animais também são mumificados com essa finalidade, mestre? — perguntou uma esbelta jovem de cabelos negros jogados para trás, sentada ao fundo do salão.

— Dentre os animais, o gato apresenta um dos maiores teores de substância etérica, e de boa qualidade - *para manifestações simples*. Não se presta, como nenhum

animal, às grandes materializações, mesmo juntando dezenas de múmias. O gato acumula também outros tipos de energia úteis a outros feitiços; é dos poucos animais capazes de captar as sete fases da energia solar. O macaco possui a substância etérica de qualidade mais próxima à humana, podendo ser útil quando não se dispõe de múmias humanas. Vamos agora extrair dos resíduos animais e vegetais substâncias para uma materialização bem mais complexa que a concha criada mentalmente. Depois faremos o mesmo usando como fonte a múmia de Hekatef, um poderoso mago morto há três mil e quatrocentos anos. Sesóstri, Henenu, Amásis, Kiya, Minkhat, Sitra e Tamin convidarão Kalil a nos visitar. Vocês usarão somente os pós vegetais e os líquidos preparados com sangue de animais sagrados sacrificados na hora astrológica correta. Levem a múmia para uma sala distante daqui, assim ela não fornecerá sua substância.

Quatro alunos se adiantaram solícitos e carregaram o sarcófago para uma sala situada no mesmo corredor há dezenas de metros.

— Mestre, Kalil concordará em nos visitar? Ele era tão rebelde e distante de nós — observou uma das sacerdotisas nomeadas.

— Quem sabe, cara Sitra? Ele está muito desorientado e odeia com todas as forças aqueles que o prejudicaram. Por isso não consegue se desligar do ambiente onde ocorreu sua desgraça. Já faz mais de trezentos anos e ele ainda revive o instante fatídico naquele oásis cheio de salteadores. Às vezes, ele vem conversar comigo. Vamos tentar.

O hierofante, com a ajuda de um dos discípulos, arrastou uma grande ânfora para a frente da mesa e despejou todo o líquido vermelho de cheiro azedo numa bacia de madeira. Depois os aprendizes despejaram nele um jarro menor do pó branco. O líquido borbulhou e dele se levantou uma fumaça amarela, que se dissipou rapidamente. Eles acenderam fogareiros sobre tripés e começaram a pôr plantas secas sobre as brasas. Densa névoa se levantou dos braseiros e inundou o ambiente. O aroma de plantas queimadas e resinas era forte. O ar estava quase irrespirável. O mago e seus discípulos deveriam estar acostumados àquela atmosfera; não pareciam sentir a densidade do ar e observavam com naturalidade.

Os três garotos, quase sufocados pela fumaça, faziam esforço sobre-humano para não tossir.

Após o retorno dos quatro sacerdotes, os sete se aproximaram uns dos outros e deram as mãos formando uma roda. Um deles começou a dizer, em voz alta:

— Ó Kalil, querido amigo tornado Osíris, habitando o mundo inferior e contemplando a face radiosa do grande deus esposo de Ísis! Venha até nós, querido amigo, para podermos conversar e aprender. Nós te pedimos, ó Kalil, vir até aqui e falar conosco para podermos ajudá-lo. Todas as plantas e incensos são oferecidos a você, nossos pensamentos repousam em você, e nosso mais fundo desejo é que a luz de Osíris o

ilumine hoje e sempre. Venha até nós, discípulo da sabedoria!

O moço fez uma curta pausa e continuou:

— Osíris, senhor e juiz do mundo inferior! Nós te rogamos a iluminação e proteção para nosso experimento! Ajude-nos, ó grande deus, a aprender mais da ciência invisível para podermos nos aproximar e reconquistar o Reino da Luz de onde saímos!

Enquanto o sacerdote Amásis falava, os outros discípulos, de olhos fechados, pareciam profundamente concentrados, talvez pensando naquele a quem se dirigia a evocação. As plantas continuavam queimando e a fumaça subindo. Eles aguardaram mais de cinco minutos em total silêncio e nada aconteceu. Amásis recomeçou.

— Ó Kalil, elevamos nossas preces até você e não tivemos qualquer sinal de sua presença. Não somos nós dignos de sua confiança para se comunicar conosco? Aqui estão todos os meios necessários para sua manifestação entre nós. Não nos deixe, querido amigo, precisamos de você aqui. Venha até nós Kalil, venha!

Enquanto Amásis falava, os demais discípulos aumentavam a concentração. Olhos apertados, suor e veias da testa dilatadas indicavam o esforço da vontade. Alguns minutos se passaram e um som semelhante a um galho seco estalando foi ouvido na sala escura. O som se repetiu outras vezes. Faíscas azuis e amarelas voaram pelo ar. Depois um vento frio bafejou todos. O vento era real, pois movimentava a fumaça e a roupa dos presentes. O cheiro forte de ozônio encheu novamente a sala. Mais alguns instantes e uma nuvem esbranquiçada, fracamente iluminada, começou a se formar próxima aos magos em roda. A nuvem foi se alongando e uma forma humana foi se definindo. Finalmente, a figura de um homem um tanto disforme se delineou. As roupas árabes estavam repuxadas, os braços tinham comprimentos diferentes e o homem tentava falar, sem conseguir. Ele parecia uma estátua de cera derretendo. Ao ver o mago-mestre de um lado do salão, a aparição sorriu, mostrando sua boca torta. Os três no armário ficaram petrificados de pavor. Não conseguiam raciocinar. Toda atenção deles se concentrava no espectro. Arrepios percorreram cada um deles algumas vezes. Mirella achou que ia desmaiar, mas nada aconteceu. Márcio não acreditava nos próprios olhos e ficava procurando alguma fresta ou porta secreta de onde o homem esquisito teria saído. Os assistentes, porém, não demonstravam surpresa alguma.

O hierofante aproximou-se do homem disforme e disse cordialmente:

— Olá, meu amigo! Ficamos felizes com sua visita. Deve estar difícil para você organizar esse corpo. Posso oferecer-lhe outro meio mais apropriado?

A alma do outro mundo, tangível como se fosse de carne e osso, fez um sinal afirmativo com a cabeça. O hierofante, então, acendeu uma grande tocha e forte luz inundou o salão. Instantaneamente o corpo do homem-espectro começou a derreter e uma poça de líquido vermelho formou-se no chão. Essa poça foi encolhendo e uma

fumaça escura foi se desprendendo dela. Segundos depois a fumaça havia desaparecido completamente, assim como a poça. O aroma de ozônio desapareceu. O mestre ordenou que a múmia fosse trazida imediatamente. Quando a múmia chegou, o sarcófago foi posto de pé, encaixado num nicho na parede com tamanho exato.

Os magos em roda concentraram-se novamente. Dessa vez, Amásis nada falou. O mestre apagou a tocha maior numa tina de água. Apenas uma pequena lamparina a óleo permaneceu acesa, deixando o salão mergulhado na penumbra. Um momento se passou em total silêncio. Dali a pouco, pancadas se fizeram ouvir, como se alguém esmurrasse o sarcófago, sem haver ninguém perto dele. Depois, barulhos de galhos secos estalando e de marteladas em madeira repetiram-se algumas vezes. Novamente rajadas de vento frio e o cheiro característico do ozônio.

A cada pancada e estalo, Mirella levava um susto, temerosa de algum soco invisível a acertar no rosto. Ela pôs a mão na boca, num gesto de proteção instintiva. Christian e Márcio tiveram o mesmo receio desagradável.

Faíscas e pequenos *flashes* azulados surgiram em várias partes do salão. Depois o ar carregado de aromas foi substituído por um vento fresco e puro, como se estivessem ao ar livre, em pleno deserto. Então, da múmia começou a desprender-se um vapor branco. Da boca e das narinas da múmia partiram grossos rolos dessa fumaça branca. Do resto do corpo também se desprende a mesma fumaça em menor quantidade, atravessando as faixas de tecido como se o corpo estivesse se incendiando por dentro. O vapor fluía do sarcófago na direção do local onde Kalil se materializara antes. A névoa se amontoou numa única massa. A nuvem, então, se alargou e manteve-se rarefeita, depois sumiu.

Uma parede lateral do salão, à direita dos alunos, pareceu distanciar-se e o chão de placas de granito se transformou em areia cheia de pedras. Mais um pouco e aquela parede e o teto do salão sumiram, e uma planície ressecada se estendia dos pés dos atentos discípulos até o horizonte. Acima via-se o céu estrelado. A areia estava fracamente iluminada pelo luar. De um lado, uma vegetação alta formava um maciço escuro, entremeado de luzes elétricas.

Do meio daquela vegetação surgiu caminhando um homem de pele bronzeada, usando uma *galabia* branca com barras douradas e um turbante azul-claro com uma pedra vermelha como enfeite. Grossa faixa violeta bordada a ouro enrolada à cintura servia de cinto. Desta vez, nem a roupa nem os braços do homem do além estavam distorcidos. Era uma pessoa perfeita e esbelta que poderia passar por viva. Um detalhe na elegante indumentária chamava a atenção: à altura do peito e do estômago, o tecido da roupa estava rasgado e ensangüentado. A aparição, olhando para o hierofante, sorriu. Os dentes brancos contrastavam com a cor escura da pele e com o olhar triste e sofredor.

— Olá, mestre Nebseni! Estava esperando seu chamado. Não consigo resolver meu problema no oásis.

— Eu te saúdo, Kalil. Chamamos você aqui porque meus discípulos estão aprendendo a conversar com quem está no reino de Osíris. Diga-me, ainda não saiu do oásis?

— Não, não consigo encontrar os criminosos que me mataram — falou o espectro em tom rancoroso. — Não vou descansar enquanto não os encontrar. Minha mulher eu não sei para onde foi; procuro-a e não a encontro. Mas quando eu achar esses assaltantes... Vou persegui-los através da eternidade!!

— Esqueça isso, Kalil, eles devem estar longe. A mão de Osíris descera sobre eles, cedo ou tarde. Enquanto você odiar desse jeito, não conseguirá se curar.

A simples menção da palavra "curar" pelo sacerdote fez o espectro olhar para os próprios machucados. Imediatamente o sangue começou a sair pelas feridas abertas. Mirella levou de novo a mão à boca. Márcio se recusava a acreditar no que via, e Christian observava tudo sem perder um detalhe.

— Veja o que eles me fizeram, mestre! — gritou o espectro com voz entrecortada e olhar embaciado, evidenciando seu desequilíbrio emocional. — Como posso perdoar e esquecer?! Eles estão por perto, Nebseni! Não poderiam fugir tão rápido. Logo pegarei todos eles. Aí, meu amigo, não terão tempo de se arrepender. Você vai ver. Não descobriu nada sobre eles?

— Não. Acredite, Kalil, eles estão longe, pois já faz...

— Não tem problema! Eu mesmo vou achá-los. Agora preciso ir.

O mestre Nebseni, penalizado e ao mesmo tempo resignado com a impossibilidade de fazer o homem livrar-se daquela obsessão, fez um aceno de adeus e limitou-se a observar o infeliz correr de volta ao oásis. Toda a cena começou a esfumaçar-se e, em segundos, a parede, o teto e o chão do salão eram os mesmos de antes. O ar voltou à temperatura anterior e o cheiro de ozônio desapareceu rapidamente. Depois, a névoa branca se formou vinda de todas as partes do salão e fluíu para a múmia, sendo completamente absorvida pelas narinas, pela boca e pela superfície enfaixada do corpo.

Nebseni suspirou, desanimado. Acendeu a tocha maior novamente, clareando o ambiente, e esclareceu seus curiosos alunos:

— Kalil ficou pouco tempo aqui em Maha-Ettel estudando conosco. Aspirava voltar à vida comum na corte do irmão, um poderoso e rico califa. Voltou para seu país e casou-se com belíssima jovem de família nobre. Certo dia, durante uma viagem, quando sua caravana parou num oásis, ele e a esposa foram assaltados e mortos. Isso aconteceu há mais de trezentos anos e ele não pensa em outra coisa a não ser encontrar os assassinos para se vingar. Sempre converso com ele, mas é difícil fazê-lo mudar de idéia. Seu ódio obsessivo deixa-o cego para a realidade.

— Ele não era imortal, mestre? Como pôde morrer? — questionou um dos alunos.

— Sim, ele tomou o fogo líquido de Osíris e adquiriu a imortalidade. Depois de uns quatrocentos anos aqui, ficou entediado e chegou a revoltar-se, criando problemas. Ele mesmo propôs sua saída, e nós dissemos ser isso impossível. Como ele criou muitos problemas e levava vida inútil aqui, o Conselho dos Doze Sábios exigiu dele uma escolha: voltar ao mundo sem qualquer memória e sem a imortalidade ou desintegrar o corpo. Ele escolheu a primeira opção. Nós apagamos de seu consciente toda lembrança de sua estada aqui e plantamos em sua memória a idéia de ter feito uma simples viagem pelo Egito. Poucos anos após sua saída, o terrível assassinato vitimou-o e à esposa. Só então, depois da morte, recuperou a memória do tempo vivido entre nós. Até hoje, mais de trezentos anos após o crime, ele não percebe a passagem do tempo e simplesmente se nega a tomar outro rumo. O que fizemos por ele foi uma exceção. Quem entra nas galerias de Maha-Ettel não sai jamais!

Nebseni falava com pesar, sentindo a infelicidade daquela alma cega e ignorante. Pelo visto, os dois haviam sido amigos noutros tempos. Por segundos, reminiscências povoaram a mente do sábio.

Ao ouvirem a última frase do feiticeiro, os garotos arregalaram os olhos e um pavor irracional tomou conta deles. "Quem entra em Maha-Ettel não sai *jamais*?" Cada um deles teve uma seqüência de impulsos sem conseguir atender a nenhum. Márcio pensou em chorar, depois ocorreu-lhe sair correndo do salão na frente dos magos, ou gritar e xingar os alunos daquela escola diabólica, ou então ficar quieto, como se nada tivesse acontecido. Mirella não conseguiu pensar em nada. Ficou atônita e via-se transformada em múmia, servindo de material para rituais de magia. Christian, apesar do medo causado pela notícia, reagiu dizendo para si mesmo: "Veremos se ninguém sai daqui!". Um turbilhão de possibilidades extremas desfilou diante de cada um, sem conseguirem fazer nada. Se nesse instante alguém perguntasse a algum deles "Qual é seu nome?", teriam de pensar antes de responder.

Nebseni, retomando sua expressão de energia controlada, olhou para os ouvintes e prosseguiu:

— Essa demonstração serviu para vocês verem a diferença de qualidade da substância de diferentes fontes. Só com os produtos animais não dá para fazer algo muito melhor que a concha. Tal recurso atende apenas às manifestações breves, curtas e pouco elaboradas. A substância fornecida pela múmia de Hekatef, sábio de vida honrada e livre dos vícios destruidores do corpo e da sensibilidade, é de excelente qualidade. Enquanto sua múmia for bem-conservada, a substância etérica para as materializações estará disponível — e após ligeiro olhar para o sarcófago, prosseguiu: — Observaram a complexidade atingida na materialização? Não apenas o corpo se materializou, mas também partes do ambiente onde Kalil estava. Essa é uma forma mais avançada de materialização, possível graças à sinergia criada pela cadeia de magos. Um mago, para fazer isso sozinho, precisa ser realmente muito poderoso e adestrado nesse exercício. Há outras formas de se produzirem materializações. Na Índia, a mãe da sabedoria de todo o Oriente, os sábios utilizam um método mais limpo e avançado. Explique para nós como funciona, Parnad.

Um dos alunos se levantou. Embora vestisse a túnica sacerdotal egípcia, era visível tratar-se de um indiano. Ele não usava *klafta*. Olhos grandes e negros denotavam inteligência. Os cabelos negros e longos, partidos ao meio à moda indiana, eram presos atrás. A pele era clara, levemente bronzeada, com a tonalidade cinzenta comum às etnias da península indostânica. Nos lábios percebia-se suave predominância do superior sobre o inferior. O conjunto formava um belo rosto de aspecto calmo e imperturbável. O jovem tinha olhar misterioso e profundo. Sua alma deveria esconder enigmas indecifráveis, tal como a Índia esconde seus segredos.

— O método sobre o qual falarei aprendi com meu primeiro mestre. Ele se tornou eremita depois de viver muito tempo entre os sábios de Arunachala, a montanha sagrada. Em nossos trabalhos não usávamos qualquer incenso, pó e muito menos múmias, pois preferimos não deixar resíduos do corpo morto, ao contrário daqui. Mediante potente concentração, conseguimos extrair do próprio éter da Terra as substâncias necessárias à materialização, sem a variação de qualidade dos corpos animais, vegetais e minerais. A substância tirada do seio da Terra é virgem, não possui diferenciações e, por isso, é mais fácil de ser manipulada. É inesgotável e pode ser extraída em qualquer ponto do planeta.

— Parnad está conosco há quase um milênio, e muito temos aprendido com ele — esclareceu Nebseni. — Em nossa próxima reunião ele demonstrará como se faz isso e como nossas criações mentais também podem se revestir dessa substância etérica, para se manifestarem materialmente. Agora pratiquem e façam experimentos com o aprendizado de hoje até adquirirem a *perfeição*. Afinal, a sabedoria só é real quando o conhecimento foi exaustivamente experimentado, compreendido, dominado e

transformado em hábito salutar com intenções nobres!

O sábio Nebseni despediu-se de seus alunos e em alguns minutos todos haviam deixado a sala. Somente uma tocha pequena foi deixada acesa. Encaixado no nicho também permaneceu o sarcófago com a múmia.

Os três abriram as portas do armário devagar e saíram. A categórica sentença do sábio: "Quem entra nas galerias de Maha-Ettel não sai jamais!" impediu-os de prestar atenção aos comentários seguintes. Estavam chocados e apavorados.

— Maha-Ettel... Então este é o nome deste labirinto — lamuriou Mirella.

— Eu sabia que acabaria assim. Mesmo sem ter poderes sobrenaturais, consegui prever isso... — disse Márcio sarcástico, olhando com indiferença para os objetos da mesa.

— Temos de reconhecer: eles têm *know-how* em assombração profissional... — falou Mirella completando a ironia, quase chorando.

— Até agora nosso plano deu certo. Se o professor foi seqüestrado por esses doidos, é claro que teremos de sair sem pedir autorização. Vamos continuar procurando — sugeriu Christian. Ele falava com calma, dando a entender que não se surpreendera tanto. Na verdade, tentava convencer a si mesmo ao dizer aquilo. Pensando melhor, talvez o bruxo estivesse com a verdade; se as pirâmides e outras ruínas do Antigo Egito, tão pesquisadas por cientistas do mundo todo, nunca revelaram essas galerias e sua sociedade secreta, era porque dificilmente alguém escaparia dali. Quantos projetos utilizando técnicas sofisticadas existiam para descobrir mais detalhes do planalto de Gizé, sem nunca ninguém considerar seriamente a possibilidade de uma rede de túneis profundos? Somente lendas defendiam essa hipótese.

E, além do sugerido pelas lendas, havia nos túneis uma comunidade esquecida da passagem do tempo. Uma comunidade que conservava roupas, hábitos, idioma e utensílios com mais de dois mil anos de idade. A polícia e os cientistas estavam muito longe de suspeitar de qualquer coisa. Era forçoso reconhecer: não viria de fora qualquer tipo de ajuda.

Um arrepio de medo perpassou Christian, não percebido pelos amigos, também preocupados e agora cientes das dimensões do problema no qual se enfiaram. Na verdade, ao planejarem a busca da suposta tumba encontrada pelo professor Manccini, nenhum dos três se preocupou muito com o que encontrariam depois. A empolgação pela descoberta falou mais alto e a prudência foi posta de lado.

Voltaram para a sala cheia de entulhos, escolhida como esconderijo. Estavam esgotados. Quantas horas haviam se passado desde quando entraram? Seria noite ainda ou teria amanhecido? Eles não saberiam dizer.

— Os celulares de vocês também ficaram loucos? A cada momento o meu mostra uma hora diferente ou mostra sinais sem sentido. Talvez as rochas por cima

atrapalhem o sinal — falou Mirella.

Márcio, estudioso de informática e eletrônica, explicou, olhando para o próprio telefone:

— Quando estávamos do lado de fora, no local da entrada, percebi diferença no meu telefone. Esse problema é característico de campos eletromagnéticos fortes. Nenhum aparelho eletrônico vai funcionar direito aqui.

— Por que aquele homem tentou nos matar? E por que o eremita nos deu estas jóias?

— falou Mirella, mais confusa do que nunca. — Em que loucura nos metemos?

— Isso não tem nenhum sentido — acrescentou Márcio.

— Acho que tem. Alguém não queria que chegássemos aqui e tentaram nos matar por isso. Mas chegamos. E vamos descobrir onde está o professor!

Comeram sanduíches e finalmente dormiram, completamente exaustos.

Câmara dos crânios
8 ou 9 de dezembro de 2003
Hora local desconhecida

APÓS ACORDAR, COMER E PROCURAR um lugar na praça para servir de banheiro, voltaram a pesquisar as salas com a ajuda do amuleto de Mirella. Pesquisaram e pesquisaram, visitaram várias, saíram correndo de algumas e não poucas vezes quase foram percebidos. Rapidamente, habituaram-se a não fazer barulho ao vasculhar.

Assim eles pesquisaram uma infinidade de salas, salões, câmaras e outras estruturas cuja utilidade não conseguiram compreender: fossos, corredores sem saída e sem portas e túneis de traçado ramificado que não levavam a lugar algum. Nessa busca, perderam a noção das horas e até mesmo dos dias. Desconfiavam que um dia inteiro havia se passado somente quando chegavam à praça dos templos ou viam-na através da água e percebiam ter anoitecido. Parecia que o tempo transcorria de modo diferente ali, mais rápido. Christian dizia que o lugar era uma escola de magia.

— Todas as pessoas aqui se vestem como sacerdotes e passam o tempo todo estudando ou fazendo experiências mágicas — apoiava Mirella.

— Isto é uma sociedade secreta clandestina. Deve haver tráfico de drogas, contrabando e outros crimes — acrescentou Márcio com enfado.

— Não sei não. Eles não são pessoas comuns. São diferentes — objetou Christian.

— Não sabem que estamos espionando, por que fingiriam? Isto aqui é um museu vivo do Antigo Egito, que sobreviveu a tudo...

— Isso é absurdo! Como poderiam sobreviver aqui dentro? — discordou Márcio.

— Não imagino. Mas não há dúvida, é uma escola de magia.

Certa vez, uma câmara vislumbrada na água com o amuleto de Mirella chamou-lhes particularmente a atenção. Nela havia alguns sarcófagos fechados. Eram sarcófagos simples, sem decoração alguma. Talvez o professor Manccini estivesse dentro de um deles, ponderaram. Não puderam entrar; pessoas conversando surgiram de repente no início do corredor. Tiveram de entrar às pressas numa câmara próxima, ainda não pesquisada através do amuleto.

A sala, como quase todas, era ampla. Pé-direito de mais de cinco metros, largura e comprimento superiores a trinta metros, no tradicional formato retangular. Representações do deus Toth, o deus-escriba, com cabeça de íbis, estavam no teto e nas paredes. O deus aparecia escrevendo e desenhando. A maior parte das paredes, porém, não estava desenhada. Eram ocupadas por pequenos nichos escavados formando prateleiras. Centenas de pequenos cristais de quartzo, esculpidos em forma de crânio humano, ocupavam os nichos. Hieróglifos coloridos em cada nicho formavam conjuntos identificados de pronto pelos três como números.

Mesas de pedra e cadeiras de madeira eram a única mobília do local. Como nas demais salas e túneis, a ventilação era boa e algumas tochas na parede garantiam a iluminação.

— O que será isso? Nunca vi tal coisa em nenhum museu ou tratado de egiptologia — falou Mirella ao conferir aquele estranho arquivo de minúsculas esculturas idênticas umas às outras.

— Cada um deles tem um número. Alguma coisa diferente eles possuem — disse Márcio tocando num deles.

— Não há sinal do professor por aqui. Vamos para a próxima... — convidou Christian.

Assim que Márcio tocou no objeto, sua cabeça pendeu para a frente e ele fechou os olhos. Em seguida, sussurrou:

— Registro da criação da quinta raça-raiz.

— O quê? — perguntaram os dois.

O rapaz repetiu a mesma frase com idêntica entonação. Christian, ao notar sua posição estranha, perguntou se ele se sentia bem. Não houve resposta. Eles se aproximaram do amigo e repetiram a pergunta de outras formas. O garoto não se movia nem falava.

— Quinta raça-raiz? Onde você leu isso? — perguntou Mirella.

Ele sussurrou novamente:

— A raça atual, criada pelos sábios de Aztlan antes de a catástrofe matar todos.

Os dois entreolharam-se por um segundo, sem entender coisa alguma.

— Quando foi criada essa raça? — perguntou Christian.

— Hmm... Contando... Hmm... Quando Ra estava cinco signos atrás, em seu grande giro.

— Ele parece estar num tipo de transe — arriscou Mirella.

— Está tirando as respostas do crânio — completou Christian em voz baixa, olhando para ela. Voltando-se para Márcio, perguntou em voz mais alta: — Qual a diferença da quarta raça para a quinta?

— A quarta não conseguia fazer construções mentais complexas como a quinta faz. Só os pensamentos concretos ocupavam suas mentes. Eles eram impulsivos e seus instintos eram quase incontroláveis. Pela fraqueza da alma e pela grosseria do corpo, quase todos fracassaram e não puderam voltar para a sua origem — o rapaz apontou com o indicador para cima quando completou a frase.

— Por que fracassaram? — perguntou Christian, sem entender.

Márcio alterou a fisionomia. Parecia emocionado. Começou a responder com a voz meio trêmula:

— Não foram fortes o bastante para a vitória da virtude... O vício e o crime venceram em suas almas fracas e corruptíveis... — ele fez uma pausa, já quase chorando, depois prosseguiu: — Grande foi o esforço para nascer e não souberam aproveitar. Os corpos eram grosseiros, ajudavam pouco. Mais de dois terços teriam de esperar a quinta raça-raiz para tentar novamente, com corpos melhores e cérebros mais capazes.

Nem Christian nem Mirella estavam compreendendo. Aquilo não fazia qualquer sentido. Raça-raiz? Seria alguma outra nação da Antigüidade?

— Onde fica Aztlan? — perguntou Christian, sem saber como conduzir o inaudito diálogo.

— Não existe mais. O grande cometa caiu na Terra e explodiu. Nesse dia Aztlan e todos os outros reinos do continente afundaram no mar. Poucos barcos conseguiram escapar.

— Como se sai destas galerias para o mundo exterior? — perguntou Christian, voltando sua atenção para o problema longe de ser solucionado.

— Só há uma saída de Maha-Ettel.

— E qual é?

— A morte. Os que pretendem sair sempre acabam por encontrá-la, cedo ou tarde.

Christian afastou-se de súbito de Márcio, olhando-o fixamente sem saber o que pensar. Um misto de raiva e pavor dominou-o. Antes de poder fazer qualquer

comentário, vozes se aproximaram, vindas do corredor.

— Tire a mão dele do crânio! — sussurrou Mirella correndo para trás da mesa de granito.

Christian afastou a mão de Márcio com rapidez. Ele imediatamente abriu os olhos e ergueu a cabeça, perguntando o que poderiam ser aquelas esculturas. Ao ver os dois correndo e ouvir as vozes, escondeu-se também. Adquiriram prática nisso.

Em segundos a porta da sala foi aberta e dois sacerdotes entraram. Um deles, o mais alto e mais velho, espiou desconfiado para o lado de fora e depois fechou a porta rápido, trancando-a com o ferrolho. Ambos vestiam a túnica branca de mangas curtas e usavam *klaftos* e jóias em quantidade. Cintos e faixas à moda do sacerdócio egípcio completavam a indumentária. O mais alto foi quem primeiro falou.

— Ahmed, estou autorizado a mostrar-lhe o depósito, com a condição de você jurar por sua estrela de mago que se filiara hoje à nossa comunidade. Sem essa adesão, não há como participar de nossos trabalhos.

— Não sei, Seneb... Tenho ouvido coisas estranhas sobre essa sociedade. Soube que são exigidos dos filiados pesados tributos. Não sei se estou pronto para tal dedicação. Você me prometeu alguns mortais sem mencionar tal exigência — vacilou o outro homem, com ar de preocupação.

— Está além do meu poder de decisão, Ahmed. É uma exigência do poderoso Seth. Não ousarei desobedecê-lo. O deus é poderoso e prometeu me favorecer com uma série de coisas às quais não posso renunciar. Se você quiser usar mortais para seus trabalhos, preciso do seu juramento.

O mago mais baixo pensou por uns segundos e, sem dizer nada, tirou da túnica uma delicada corrente de prata presa ao pescoço, tendo por pingente uma estrela dourada de cinco pontas. No Egito, era o símbolo do conhecimento superior, adquirido após intensa dedicação à ciência e comprovada sabedoria. Ele a pôs sobre o colar e espalmou a mão direita sobre ela, dizendo solenemente:

— Juro por minha estrela de mago: farei parte da comunidade dos seguidores de Seth.

Seneb esboçou um leve sorriso de satisfação.

— Ótimo. Venha, vou te mostrar.

Ele aproximou-se de um nicho na parede e pegou o crânio, depositando-o numa mesa próxima. Enfiou a mão no fundo do nicho e pressionou. Um ruído de pedra deslizando foi ouvido. Girou a mão em sentido anti-horário duas vezes.

Os três garotos espiavam tudo atrás das mesas.

Após os movimentos giratórios da mão de Seneb, uma porta abriu-se silenciosamente numa parte da parede sem nichos e com desenhos de deuses. As frestas e juntas eram antes totalmente invisíveis. Na porta havia a imagem do deus Toth da altura de uma pessoa. Da passagem descia uma escadaria. Seneb

atravessou-a, seguido por Ahmed. Após Ahmed passar, Seneb aproximou-se da porta, indicou o puxador nela do lado da escadaria e depois apontou para um pequeno buraco preenchido por uma esmeralda translúcida. Do outro lado, a esmeralda correspondia exatamente à íris do olho da pintura do deus Toth.

— Não se esqueça de fechar a porta após passar. Para abrir pelo lado de dentro é só empurrar. Mas veja antes por aqui se a sala está vazia — disse Seneb indicando a esmeralda.

Seneb fechou a porta, cujos vãos desapareceram de vista.

Os três decidiram esperar eles voltarem e saírem para o corredor, para então eles próprios verificarem onde dava a escadaria. Talvez o professor estivesse lá, prisioneiro, esperando para ser usado numa experiência demoníaca...

Enquanto aguardavam pacientemente, Márcio perguntou a Mirella o que eram aqueles crânios.

— Você deve saber melhor que eu. Deu tantas explicações...

— Como? Você é a egiptóloga aqui. Nunca vi isso na vida.

— E por que disse tudo aquilo sobre Aztlan, raça-raiz...? Não se lembra do transe?

— Transe?! Raiz de Aslan?!

— É. Você disse essas coisas para nós ali — interveio Christian.

Márcio não se lembrava de nada. Durante o transe ficara inconsciente, só retornando à consciência quando deixou de tocar no cristal. Enquanto discutiam, a porta secreta se abriu novamente. Os magos saíram e, após fecharem a passagem cuidadosamente, destrancaram o ferrolho e saíram para o corredor.

— Este mundo paralelo é um museu de aberrações: feitiçaria, culto a Seth, um dos mais demoníacos deuses egípcios, escravidão de quem entra... E vocês perceberam uma coisa? Quase não há mulheres aqui. Esses homens são muito machistas — falou Mirella indignada.

— Não é tanto assim, há várias... — discordou Márcio. — Sabe, mesmo vendo tudo isso, parece irreal, parece que não está acontecendo.

— Agora é a nossa vez de descobrir o segredo do fim da escadaria. Veja se o caminho está livre — disse Christian para Mirella, convidando os amigos à ação.

Ela abriu a vasilha com água trazida na mochila e pôs o amuleto dentro. Após as transformações de cor e luminosidade da pedra e da água, formou-se a imagem do corredor descendente vazio. Depois essa imagem foi substituída por uma sala cheia de altas caixas de pé, enfileiradas, sem qualquer indicação de haver alguém vivo no lugar.

Christian acionou o mecanismo no nicho como fez o sacerdote Seneb e a porta se abriu. Desceram a escada com a ajuda do farolete a pilha. Desceram uns vinte metros, pelo menos, até chegarem a uma imensa câmara iluminada por archotes nas paredes. A chama dos archotes não era amarelada como a dos outros, era verde. A

câmara era redonda e o teto tinha formato de abóbada. Deveria ter pelo menos trinta metros de diâmetro e o mesmo de altura. Era uma meia esfera. Um cheiro forte de resinas vegetais era sentido. Nenhum desenho ou relevo nas paredes. Silêncio total. Com crescente admiração, viram fileiras paralelas de sarcófagos simples, de madeira, mal-acabados e abertos.

Os sarcófagos estavam levemente reclinados para trás, encaixados em pedestais de pedra. Dentro deles, corpos humanos jaziam. Eram centenas.

Ao se aproximarem das múmias, medo e nojo se apossaram deles. Notaram que os corpos não estavam envolvidos em bandagens, como ocorre com as múmias. Homens, mulheres, jovens, adultos e idosos.

As roupas pareciam ser de todos os períodos da história: uma mulher de meia-idade, de traços finos, vestia uma toga de patricia romana. Um jovem de beleza invulgar, cabelos encaracolados cor de mel, usava um peplo azul-claro, dos tempos da Atenas democrática. Mais além, um ancião de cabelos nevados e barba rala vestia calças verde-musgo justas e um colete largo da mesma cor, com mangas bufantes, parecendo medieval. Um outro rapaz, de nariz avantajado e lábios finos, usava um uniforme militar do exército de Napoleão. E um outro, ruivo e sardento, vestia o uniforme militar dos nazistas, facilmente identificável pela cruz suástica numa faixa presa ao braço. E muitos outros trajes de época vestiam a multidão silenciosa. Várias roupas eram completamente desconhecidas para eles, mesmo para Mirella.

Eles também notaram a aparência de vida dos corpos. Se não fosse pela palidez cadavérica, poderia dizer-se que todos ali dormiam tranqüilamente e acordariam com um barulho. Os corpos não apresentavam os sinais de desidratação e oxidação da pele, responsáveis pela aparência murcha e enegrecida das múmias. Todos tinham dois detalhes comuns: um pedaço de tecido sobre a testa e algo como cera tapando as narinas e os ouvidos.

Continuaram andando pela sala sombria, arrepiados com a presença daquelas pessoas com aparência de vivas e mortas ao mesmo tempo. Eles paravam na frente das figuras, admirando as roupas de épocas antigas e enojados por estarem diante de cadáveres.

— Há quantas centenas de anos estão aqui? — perguntou Mirella.

— Se eles fossem de épocas tão remotas, como estariam as roupas tão bem-conservadas? Isso deve ser coisa de uma mente doentia: capturam as pessoas para vesti-las com roupas do passado, como eles próprios fazem usando roupas egípcias — sugeriu Márcio observando um homem com roupas pretas e vermelhas idênticas às de um cruzado.

Christian discordou.

— É possível, mas para mim o mais estranho são eles, os sacerdotes.

— Estranhos em quê? São pessoas comuns — quis saber Márcio.

Foi Mirella quem respondeu.

— Eles são o exato tipo físico egípcio: cabelos pretos, pele mais ou menos bronzeada, estatura média e nariz aquilino.

— E daí? — retrucou Márcio. — Os árabes têm essa mesma fisionomia.

— Não, não têm! Os árabes têm um nariz diferente. O tipo físico egípcio não existe mais. Todos os sacerdotes daqui têm o nariz igual ao dos desenhos e baixos-relevos!

— Qual a diferença do nariz? — falou Márcio.

— É um nariz sem esta reentrância aqui — ela indicou em si própria a curva onde o nariz se encontra com a testa.

— Nos antigos egípcios essa parte era reta. Olhe nos desenhos e veja como o nariz e a testa são desenhados numa reta só. É porque eles eram assim mesmo.

— Também notei isso. Nunca tinha visto — disse Christian.

— Esse detalhe é facilmente produzido por uma cirurgia plástica. Não é o suficiente para convencer — discordou Márcio, incomodado com o rumo ingênuo da conversa. Mirella estava convicta de tratar-se dos legítimos egípcios antigos. Em sua opinião, a semelhança era muito grande. Ela respondeu, sem olhar Márcio de frente.

— Esse tipo de nariz ainda existe hoje, mas é bem raro. Aqui não: todos têm essa e as outras características de uma etnia desaparecida. Vocês repararam nos tempos que eles falam? "Há mil anos quando aconteceu tal coisa...", "Ele está aqui há tantos séculos". Aqui é uma cápsula do tempo, um pedaço do Antigo Egito preservado da destruição da época de...

— Ora, Mirella, como você pode acreditar nisso?! — Márcio parou de observar detalhes do sarcófago à sua frente e, arcando as sobancelhas, olhou para ela desafiadoramente, interrompendo-a — Isto aqui é um teatro, uma loucura, sei lá. Você nunca ouviu falar de um grupo aqui no Egito que se diz descendente dos antigos e cultua as tradições antigas? Não me lembro do nome. Devem ser eles. Só pode ser eles!

— Márcio, há algo estranho em tudo isso! É impossível a esta altura, depois da materialização do homem do deserto, do seu transe no salão dos crânios e de outras coisas mais, você ainda insistir não haver nada de anormal aqui!

— Há muitas coisas anormais aqui, é claro; pessoas alienadas do mundo exterior divertindo-se ao montar truques, fraudes e alucinações coletivas. Só vi isso até agora.

— Quando você tocou o crânio, começou a falar coisas sobre...

— Isso *vocês* me disseram! Lembro-me perfeitamente do que aconteceu: entrei na sala, peguei um crânio e o devolvi à parede quando alguém chegou, e corri para me esconder, assim como vocês. Não vejo nada de sobrenatural nisso... — e aumentando o tom de voz, continuou: — Querem me fazer acreditar que esses doidos estão vivos há milhares de anos? Maquiagem e cirurgia plástica no nariz são

improváveis... Esse é o argumento? Raciocinem comigo, vocês estão enxergando magia e feitiçaria porque *querem* enxergar, não por ser real. Esses caras são espertos e sabem da existência no mundo todo de pessoas como vocês, que criam fantasias e procuram explicações sobrenaturais para os fatos. Eles recriaram um cenário aqui e se aproveitam da ingenuidade das pessoas para tirar algum proveito. Ninguém poderia mesmo sair daqui, é claro! Se conseguir sair, a pessoa chamará a polícia imediatamente. Aliás, pretendo fazer exatamente isso. Fico admirado de como vocês, tão acostumados ao rigor da pesquisa científica, sejam tão facilmente influenciáveis. — Justamente por conhecer esse rigor desconfio que não se trata de truque ou fraude. Você deveria observar mais antes de...

— Observar mais? Não foi suficiente para você? Vejo um homem com disfarce de bruxo de três mil anos atrás dizendo trabalhar aqui há milhares de anos. Que mais devo observar? Está claro: é louco ou mentiroso, não há terceira opção. Não há como discutir isso, Mirella!

Christian estava preocupado sobre como agir naquela situação cada vez mais complicada. Tinham de descobrir onde estava o professor. Meio alheio ao debate dos amigos, observava atentamente as múmias, para talvqz encontrar entre elas o professor Manccini. Com o aumento do tom de voz de ambos, voltou sua atenção para a acalorada conversa.

— Vocês estão exagerando. Não vimos aqui para esclarecer se eles são loucos, mágicos, magos ou extraterrestres; vimos para encontrar o professor e, se possível, os fragmentos. Esse é o nosso Graal e não uma teoria para este mundo bizarro. Não agora.

Mirella admirou-se de Christian não tomar seu partido. Nesse instante, ela estava em frente a uma mulher de uns cinqüenta anos vestida com roupas de ocidental do início do século vinte. Irritada, ela subitamente retirou da cabeça da mulher o pano e, ao sentir certa umidade, soltou-o imediatamente no chão, com asco. E continuou:

— Os fatos são reais, não alucinação coletiva. Alucinógenos não fazem três pessoas verem exatamente as mesmas coisas na mesma hora. Não é por não saber explicar como podem existir a praça e a paisagem lá fora que aquilo tem de ser alucinação. É um absurdo você não aceitar o que estamos vendo...

— Absurdo é acreditar ingenuamente no que estamos vendo! Só alguém...

Christian, vendo o debate se transformar em discussão, interveio:

— Esperem, esperem. Isso não interessa agora! Vocês não estão enxergando como a coisa está difícil para nós? Se as histórias dessas pessoas são reais ou não, se tudo isto aqui é ou não um cenário, não interessa agora! Estamos perdidos neste labirinto de túneis, se formos descobertos seremos aprisionados, e não conseguimos sequer saber se o professor passou por aqui. Vamos deixar para discutir a melhor hipótese científica depois de sairmos, ok?

Mirella reconheceu a sensatez de Christian e ficou quieta. Enquanto Christian falava, a expressão de Márcio alterou-se. Olhava fixamente para o sarcófago e não prestou atenção às palavras do amigo. Os dois notaram que o rapaz arregalou os olhos e empalideceu, não piscava e começou a abrir a boca.

Os dois olharam rápido para trás. A mulher da qual Mirella tirara o pano da testa, antes com aparência de viva, começou a murchar e a enrugar, desprendendo uma poeira ou fumaça com cheiro de queimado. A roupa, assim como o corpo, esfarelou-se. O cabelo também. As partes metálicas da roupa caíram no fundo do sarcófago e apenas mechas cinzentas restaram dos antes negros cabelos. O corpo de aparentes setenta quilos tornava-se um esqueleto recoberto por pedaços de pele seca e enegrecida. Em mais alguns segundos o esqueleto entortou para a frente e desmontou, caindo no fundo do sarcófago e espalhando pedaços de ossos e poeira de couro ressecado no chão.

— Foi o pano... — disse Christian. — Ele conservava o corpo com aparência fresca.

— Limpe sua mão logo! — aconselhou Márcio.

Mirella olhou para a própria mão como se estivesse coberta por feridas horríveis e esfregou-a na roupa.

— E agora? Quando passarem por aqui verão o sarcófago vazio e a infeliz amontoadá no chão — ponderou Christian. — Temos de tirar os ossos daqui e pôr outra no lugar, me ajudem.

— Vamos rápido. Alguém pode chegar — acrescentou Márcio.

Arrastaram com cuidado o pesado sarcófago para um local distante da sala. Depois escolheram uma mulher com idade e aparência semelhante à que havia sido destruída e carregaram seu sarcófago para colocá-lo no lugar do outro. Enquanto arrastavam a pesada carga, Mirella parou de repente, ergueu-se e começou a chorar. Levou a mão à boca e o choro incontrolável a impediu de falar. Os dois olharam para ela sem entender e se levantaram. Ficaram também emocionados.

Num sarcófago a dois passos deles, com a mesma palidez de cadáver e com o pano posto na testa, jazia o professor Manccini. A figura do querido professor ali parado, talvez morto, contrastava com a imagem que os três faziam dele. Instantaneamente vieram à lembrança deles cenas da vida diária no *campus*: as aulas carregadas de detalhes e informações, as palestras e debates em que o professor tomava parte, suas opiniões originais e pouco ortodoxas sobre o Egito, seu esforço para o sucesso do projeto, seu entusiasmo e dedicação à pesquisa, seu bom humor jovial, enfim, cenas do dia-a-dia de uma pessoa cheia de vida, com a energia própria dos perseguidores obstinados de um ideal.

A muito custo aproximaram-se do sarcófago e observaram a fisionomia do professor, agora sisuda. A estranha expressão dos que cruzaram os umbrais da morte estampava-se em seu rosto.

Um tremor nervoso em Márcio fê-lo afastar-se rápido. Horror e tristeza o dominavam. Mirella não parava de chorar, sem conseguir dizer uma única palavra. Christian relembrava a noite de julho quando tudo aconteceu.

— E a mesma roupa da noite do desaparecimento — comentou o rapaz, olhando para o teto da caverna e enxugando uma lágrima que escorria solitária.

— Estão... todos mortos. O professor... nunca teve essa cara — conseguiu falar Mirella, soluçando. Ela enxugou o rosto e prosseguiu com dificuldade, olhando para o sarcófago a ser substituído. — Vamos logo.

Sem dizerem uma única palavra, arrastaram e fixaram o sarcófago com a mulher no local do anterior.

— E agora, levamos o corpo? — hesitou Márcio.

— Vamos levá-lo para... — Mirella não pôde finalizar. Vozes vinham da escadaria. Correram para o extremo oposto da sala e se esconderam por trás de sarcófagos vazios amontoados.

Eram os mesmos sacerdotes vistos pouco antes: Seneb e Ahmed. Atrás deles vinha um homem de dorso nu, vestindo apenas um saiote branco e sandálias. O mesmo olhar beócio do primeiro homem visto por eles na entrada de Maha-Ettel estampava-se no rosto deste. Ele seguia os magos com atitude servil, caminhava atrás deles e, quando paravam, parava também, como um cão adestrado atento às ordens do dono. Ao contrário dos magos, seguros e desenvoltos, o servo era uma sombra.

— ... e desde aquela época ele se tornou o guardião do fogo líquido de Osíris. Você sabe, todas as fontes de fogo líquido do planeta têm um guardião. O daqui é Anfion — disse Seneb, finalizando uma explicação.

— Sim, lembro quando você mostrou a entrada. Não posso ir lá, Seneb?

— Impossível. Seth não permite. Ele exige, como sinal de obediência à sua autoridade, que o fogo líquido só seja oferecido a quem ele deixar. Quando conseguirmos nosso objetivo, ele mesmo será o guardião.

— Bom, quantos mortais poderei levar para minhas tarefas?

— Um.

— Só um? É muito pouco, Seneb! Preciso de pelo menos três corpos para meu experimento. A energia vital de uma pessoa não é suficiente!

— Seth precisa do maior número possível para o dia da vitória. Não vai ser fácil, Ahmed — Seneb olhou para as fileiras de sarcófagos e perguntou, encerrando a discussão: — Qual deles você quer?

Os três ficaram indignados com a possibilidade de o corpo do professor poder ser escolhido para fazerem experiências. Permaneceram em silêncio.

Ahmed observou os sarcófagos e, ao cabo de alguns segundos, escolheu um rapaz jovem, de porte atlético, com roupas de soldado romano. Seneb fez um sinal afirmativo com a cabeça, indicando que aprovava a escolha. Ahmed olhou para o

servo e indicou com a mão o soldado de Roma. O servo adiantou-se rápido. Pôs a mão primeiro na testa do rapaz, mantendo o pano seguro. Com a outra, dando-lhe as costas, puxou-o para a frente, fazendo-o cair sobre seu ombro. Com uma das mãos segurava o pano e com a outra a cintura do soldado, sobre o ombro. Parou, aguardando nova ordem.

Ahmed indicou o chão. O servo deitou o moço no piso, sempre mantendo o tecido encostado à testa. Depois os três caminharam para o fim do corredor, aproximando-se dos sarcófagos caídos no fim da fileira. O sangue dos três gelou com os passos próximos.

— Qual deve substituí-lo, Seneb?

— Pode ser aquele do fundo. É forte e jovem também. Ninguém saberá da substituição.

O corpo indicado por Seneb estava a menos de cinco passos do esconderijo dos três. Qualquer ruído, qualquer tosse, espirro ou mesmo o atrito da roupa poderia denunciá-los. Christian e Mirella lembraram-se de quando o assassino os perseguiu em Gizé e Márcio saiu correndo, pondo a vida de todos em risco.

— Como será viver desse jeito? Não estar vivo nem morto; não poder viver neste nem no outro mundo — perguntou Ahmed, depois de indicar o corpo ao servo.

— Por que entraram aqui sem ser convidados? Azar deles. Merecem viver como se estivessem mortos até a nossa vitória. Bem, falta pouco para isso. Então... todos serão libertados... Há, há, há! — gargalhou Seneb.

O servo carregou o moço para o sarcófago vazio do soldado romano e o colocou na posição original. Em seguida, aguardou a saída dos dois sacerdotes, seguindo-os com toda a subserviência do mundo e com o soldado no ombro.

Depois de os sacerdotes deixarem a câmara e suas vozes não serem mais ouvidas, saíram do esconderijo.

— Bem, é uma boa notícia, estão vivos! — comentou Christian.

— E serão libertados — completou Márcio.

— Qual dia da vitória? Não dá para entender — indagou Christian.

— Ei, vejam isto — convidou Márcio apontando para um pedaço de papel amassado, caído no chão perto deles. Ele desamassou a folha, manuscrita em inglês — É uma carta. Não, é uma página de diário!

— É do professor? O que diz? — quis saber Christian.

— Acho que não. Diz o seguinte:

"Meu amigo e eu não encontramos nem sinal da Luz de Osíris, do *kopesh* de Hórus ou de qualquer outro grande achado arqueológico.

Enquanto procurava por meu amigo, Dr. Mendelson, entrei por engano numa espécie de salão de culto religioso. No fundo da câmara havia uma estátua de um deus com

aparência de crocodilo. Era Typhon, o irmão e inimigo do deus Osíris. Andei por entre as colunas de pedra na direção do altar, na tentativa de encontrar alguma pista ou informação útil à minha fuga. Fiquei muito assustado quando vi, espalhados pelo chão, ossos e manchas negras - sangue, certamente. A estátua de Typhon, no fundo da cripta, atraiu minha atenção de modo irresistível e não consegui deixar de me aproximar para observar detalhes. Por instantes, perdi a pressa de encontrar meu amigo; a estátua era magnífica e seus olhos vermelhos brilhavam de um modo especial. Senti admiração e ódio pela relíquia perfeita do deus que brincava com nossas vidas. Quando olhei para os olhos de Typhon, falei enraivecido:

- O que quer de nós, ser diabólico? Por que espalha a morte dessa maneira?

E fiquei olhando para o ídolo, como se ele fosse capaz de me responder. Virei-me para sair. Precisava encontrar o Dr. Mendelson. Nessa hora, um vento frio, surgido não sei de onde, soprou forte. Senti cheiro de esgoto e quase vomitei. Olhei de volta, achando que alguém escondido abrisse alguma porta. Mas não vi ninguém. Vi os olhos da estátua piscarem e tive a impressão de ela ter se movido. Eu ia sair correndo quando, de repente, ouvi uma voz estranha que me deixou paralisado:

— A Luz de Osíris e a saída... Quem não as quer, não é mesmo? Muito sangue ainda irá brotar de corpos inocentes antes que os mortais consigam essas duas coisas! Nunca deveria ter se aventurado a vir aqui, seu verme imprestável! Teu destino está traçado! Há, há, há!

Uma gargalhada medonha seguiu-se e vi vidtos escuros, ou sombras, andando entre as colunas. Estava dominado pelo pavor, mas consegui sair correndo pelas galerias como uma criança assustada. Quase me perdi nos corredores. A essa altura, só me importava sair daquele lugar maldito, cercado de feitiços e passagens secretas. O Dr. Mendelson também está perdido. Ou morto.

Agora, após não sei quanto tempo preso aqui, a idéia de mover céus e terra para filmar fossos e câmaras cheios de água me parece distante e ridícula.

O que nos espera? Alguém está..."

— Termina aqui. Coitado... — rematou Márcio dobrando o papel, pensativo. — Typhon? Quem é?

— É o nome dado pelos gregos ao deus Seth — esclareceu Mirella fechando os olhos.

Os três ficaram em silêncio. Não eram os primeiros a passar pelo drama da sobrevivência naquelas galerias. Talvez todas aquelas pessoas nos sarcófagos tivessem passado por isso. Desânimo mortal os abateu.

Após alguns segundos de desolador silêncio, Christian sugeriu mudarem o plano; precisavam comer, beber, ir ao banheiro e descansar. Márcio e Mirella não se opuseram.

Chegaram à grande praça. Para surpresa deles, era noite. As construções estavam

iluminadas pela luz amarelada de tochas. A planície desértica estava escura. Mal dava para enxergar a silhueta das pirâmides. Não havia lua e o céu era um espetáculo de rara beleza. As estrelas reluziam no fundo escuro, convidando à meditação e à introspecção. As ruas de areia e a praça estavam vazias. Procuraram moitas e arbustos nos jardins para servir de banheiro.

— Tanta arte e beleza não combinam com tanta crueldade — murmurou Márcio.

— Estranho — comentou Mirella ao reencontrá-los. — Minha menstruação chegou cedo.

— Viagens e mudança de rotina provocam isso — observou Christian.

— Não comigo. A minha é sempre regular. Faltava ainda uns dez dias...

Rumaram apressados para a sala-depósito, transformada em dormitório e quartel-general. Comeram sanduíches e frutas secas. Na verdade, não sabiam quantas horas haviam se passado. Haviam perdido completamente a noção do tempo. Desde que saíram e encontraram a sala dos crânios, aguardando estarem sozinhos para caminhar, quanto tempo teria transcorrido? Duas horas? Dez? Tudo parecia rápido, mas estavam bem cansados e com sono. Os fatos e conversas presenciadas eram por demais perturbadores e eles ficaram com medo de dormir.

— Bem, talvez seja boa idéia tentar entender onde estamos, sem nos perdermos em discussões teóricas! — disse Christian, sentando no chão empoeirado da sala-depósito. Em seguida, imprimiu mais seriedade à voz: — Por que capturam pessoas? Essas múmias servem aos rituais de feitiçaria, como o homem do oásis materializado. Eles extraem alguma energia delas.

— Aquela era uma múmia de verdade. As de agora há pouco não são — objetou Mirella, deitando-se no chão.

— Ele falou em "dia da vitória". Não consegui entender.

— Nem eu. E "nesse dia todos serão libertados". Mas... se ninguém pode sair daqui...

Márcio ouvia a conversa sem interesse em participar. Na opinião dele seus amigos eram vítimas fáceis da ilusão transmitida sofisticadamente pelos fanáticos religiosos. Sentou-se com as pernas cruzadas no chão e encostou-se na parede, limitando-se a ouvir.

— Talvez estejam tramando libertar as pessoas, por isso agem secretamente. Talvez essa vitória seja a libertação. Deve haver dissidentes ansiosos por sair — falou Mirella.

— Se for isso, poderíamos esperar ao invés de tentar libertar o professor. Só não sabemos quando isso vai acontecer. Não, não dá. Temos de fazer alguma coisa logo.

— Eles comentaram sobre uma pessoa chamada Anfi...

— Anfion — completou Christian.

— Essa pessoa é o guardião do fogo líquido de Osíris. Talvez esse Anfion seja o

chefão aqui. Ele deve ser o ditador tirano de Maha-Ettel.

— O que é esse fogo líquido?

— Nunca ouvi falar nisso.

Márcio não resistiu mais e entrou na conversa.

— Essas informações todas não têm lógica! Esse bando de lunáticos acredita ser os sacerdotes de antigamente. E, para enganar todo mundo, aprisionam as pessoas e fazem truques mirabolantes. Não dá para concluir outra coisa.

O professor está morto. Se não era uma múmia com todos os detalhes técnicos, era um boneco empalhado, como a mulher. Para empalhar um animal retiram-se todos os órgãos e deixa-se só a pele. Por isso a mulher murchou e esfarelou. Por isso os ouvidos e o nariz estão tapados. Era só pele. Eles são assassinos e nada mais.

— E como a pele enegreceu e virou poeira tão rápido? — desafiou Mirella.

— Isso não é difícil. Imagine se o corpo estivesse cheio de um gás inflamável. Existem gases e ácidos capazes de queimar só pelo contato com o ar. Se você retirar o pano úmido, o ar entra no corpo e o gás queima, e junto com ele a pele da pessoa. É um artifício perfeito para despistar a polícia e peritos criminais. Se os policiais removerem os corpos, eles se queimarão em segundos, sem fogo nem fumaça. Quem poderia provar suas identidades e a maneira como foram mortos? Impossível. Exceto se houver marcas nos ossos. E perfeito. Deixem de ser teimosos e acreditem em mim: estamos diante de loucos muito inteligentes. Não é à toa que nunca foram descobertos. E quem os descobriu não voltou para contar. Aliás, vou além, essa fantasia toda de Antigo Egito é perfeita. Quem não ficaria confuso? Se víssemos metralhadoras e uniformes de guerrilha, tudo seria óbvio. Vendo cajados mágicos e tónicas sacerdotais, a coisa ganha um brilho especial, e sonhos como vocês ficam realizados. Digam-me a verdade: estão felizes por existir tudo isto. O que vocês mais querem é estar certos. E muito mais agradável encontrar um mundo mágico paralelo ao problemático mundo real.

— E na sua opinião, qual o objetivo de fazerem tudo isso? — quis saber a moça cruzando os braços.

— Assaltar, roubar, contrabandear, produzir e distribuir drogas, manter uma organização terrorista clandestina, fanatismo religioso, sei lá. Motivos não faltam.

— Você pode ter razão, Márcio, mas sua tese está longe de explicar a materialização do homem do oásis. Não adianta você dizer que aquilo foi projeção cinematográfica, lavagem cerebral, alucinação ou qualquer coisa assim. Não foi! Sentimos o vento do deserto, a areia no chão, e ouvimos explicações detalhadas. Lembro de o vento balançar as roupas das pessoas. Não entendo nem estudo ocultismo, mas o pouco que sei é suficiente para reconhecer: eles fizeram algo muito parecido com a magia cerimonial do século XIX.

— Magia cerimonial...

— É. Houve, no século XIX, na Europa, pesquisadores da magia de vários povos. Eles sintetizaram os resultados das pesquisas numa série de métodos. Isso ficou conhecido como magia cerimonial. Li há alguns anos um livro a respeito.

— Como era o ritual? — interessou-se Christian.

— No livro há um arsenal necessário para uma sessão de magia: roupas especiais, espadas, desenhos no chão, palavras em grego e latim, conjuração dos quatro pontos cardeais, incenso, velas e outras coisas de que não me lembro. Tudo isso para materializar "larvas", o nome dado aos seres monstruosos do outro mundo.

— Mirella, você sabe ler, escrever e falar na língua *klingom*? — perguntou Márcio.

— Não, nunca ouvi falar desse idioma. E de algum povo oriental?

— *Klingom* é o idioma dos arquiinimigos do capitão Kirk e da Enterprise. Pessoas no mundo todo, principalmente nos Estados Unidos, vivem de tal maneira a história da série de TV ao ponto de existirem à venda dicionários, Bíblias e outras publicações no idioma *klingom*. E cada vez mais pessoas aprendem a falar essa língua! Imagine se o antigo idioma e cultura egípcios ressuscitassem; milhares de seguidores surgiriam no mundo. Certamente muitos deles se diriam a reencarnação de faraós e rainhas. E... — Márcio deu uma risadinha, — tenho certeza de uma coisa: você será a primeira a fazer parte disso. Ou vai me dizer que nunca quis *estar onde nenhum homem jamais esteve*?

Christian pela primeira vez pensou que o amigo poderia ter toda razão. De quem teria ouvido semelhantes comentários? Mesmo se a aparição do homem do oásis e outros fatos estranhos fossem verdadeiros, isso de forma alguma eliminava a possibilidade de haver intenções criminosas.

— Não vou mais discutir isso. Nós sequer conseguimos entender direito a pronúncia deles. Acreditem no que quiserem. Christian, você tem razão. A única coisa importante é sair daqui — rematou Márcio. Realmente, pensou, seus amigos estavam perturbados. Precisavam sair dali o quanto antes. Talvez dali a pouco iriam querer fazer parte daquela comunidade fanática por coisas antigas.

Mirella também tinha ficado confusa. Os argumentos de Márcio poderiam estar certos. Ao menos em parte.

— Vamos descansar um pouco — sugeriu Christian.

Câmara dos crânios
Talvez 10 de dezembro de 2003
Hora local desconhecida

— MÁRCIO, PEGUE AQUELE CRÂNIO para mim, por favor. Não o alcanço. — pediu Mirella, indicando uma parte mais alta na parede da sala repleta das pequenas esculturas em cristal.

O rapaz pegou o crânio e imediatamente ocorreu o esperado: fechou os olhos, a cabeça pendeu para a frente e ele disse, num sussurro:

— Registro da primeira viagem à terra de Poun.

Mirella esboçou um sorriso de satisfação e acrescentou:

— Pronto. Em transe e sem reclamações. Gostaria de poder filmar isso para mostrar a ele.

— Por que só com ele acontece isso? Quando tocamos essas peças não acontece nada — falou Christian. Sem esperar resposta, virou-se para Márcio e disse, em voz alta, pondo a mão em seu ombro:

— Quero saber como despertar pessoas quase mortas...

— Mil novecentos e vinte e sete — foi a resposta.

O olhar de Mirella percorreu ágil os nichos na parede, procurando o número indicado. Após encontrá-lo, pegou rápido a peça. Tirou a anterior da mão de Márcio, que acordou de repente. Antes que fizesse alguma pergunta, ela pediu que segurasse a outra. Ele não recusou e em seguida falou em voz baixa:

— Registro dos poderes do fogo líquido de Osíris.

Christian perguntou:

— O que é o fogo líquido de Osíris?

— E a substância que flui do centro da Terra para fora, inundando todas as coisas. O fogo líquido garante a vida e a estabilidade física de todos os corpos, vivos e sem vida. Quando ela acaba, o corpo morre. Quem beber do fogo ou tocá-lo terá a mais plena saúde enquanto o próprio planeta viver. Quando o planeta esfriar e se desintegrar, o fogo não fluirá mais. Então, todas as criaturas também se desgastarão mais e mais rápido, perecendo enfim.

— Onde se encontra essa substância?

— Em todas as coisas. Cada coisa possui uma porção, alterada de acordo com a matéria que a contém. Mas há fontes puras, não alteradas pela matéria.

— Onde estão essas fontes?

— As fontes encontram-se nos sete grandes blocos continentais. Há outras doze fontes menores, espalhadas pelos continentes e oceanos. E há uma infinidade de pequenas fontes espalhadas pelo mundo todo. As sete e as doze principais não são conhecidas pelos mortais.

— O fogo líquido de Osíris serve para acordar uma múmia?

— Sim.

— E para quem parece múmia, sem estar morto?

— O fogo líquido de Osíris restaura a saúde e a vitalidade a qualquer corpo no estado de pouca saúde, letargia ou mesmo morto. Para devolver a um corpo vivo apenas a saúde, sem conferir-lhe a imortalidade, deve o corpo entrar em contato apenas com o vapor da substância, por poucos segundos.

— Ele ressuscita um corpo morto?!

— O vapor não. O contato com o fogo líquido reconstrói o corpo integralmente. A alma que o habitou é violentamente trazida de volta. Se a alma estiver vivendo em outro corpo, aquele morrerá e ela será puxada com força para voltar a habitar este, reconstruído. Esse corpo reconstruído será imortal.

— Então, só o vapor é suficiente para restituir a saúde e a vida a uma múmia?

— A saúde a um corpo vivo sim. A vida a uma múmia não.

Christian olhou para Mirella, para ter certeza de ela também ter ouvido e não haver dúvidas sobre o procedimento. Depois voltou-se para Márcio novamente:

— Há alguma fonte aqui?

— Onde é aqui? — quis saber Márcio.

— Egito.

— Sim, mas o caminho é vedado. O guardião impede a passagem.

— Quem é o guardião? Onde ele está?

Márcio nada respondeu. Christian repetiu a pergunta, em voz mais alta. O silêncio foi a única resposta.

— Como posso encontrar o guardião?

— O caminho é vedado.

— O que é preciso fazer para o guardião mostrar o fogo? Márcio permaneceu em silêncio. Christian comentou, baixinho:

— Ele não vai dizer. Vamos acordá-lo.

— E quando ele acordar? Vai nos acusar de loucura e não vai querer procurar esse fogo líquido conosco. É melhor dizermos alguma outra história — sugeriu a moça.

— Acho melhor falarmos a verdade. Se ele não acreditar e não quiser nos ajudar, será por responsabilidade dele mesmo, não nossa.

Mirella concordou e tirou o crânio da mão de Márcio. Ele acordou perguntando o que iriam fazer com as "cabecinhas de cristal". Eles explicaram tudo, mas Márcio mantinha-se irredutível. Para ele, seus amigos estavam ficando perturbados e estavam querendo torná-lo também. Como seria possível ele dizer tudo aquilo e não se lembrar de nada? Acusou-os de tentarem fazer lavagem cerebral nele.

— Se tudo é verdade, provem. Como vocês quiserem. Provem e eu acreditarei — falou ele, desafiador, com a certeza de estar diante da oportunidade de demonstrar aos dois quão insanos estavam sendo.

— Vamos fazer o seguinte — sugeriu Christian. — Você fica num lugar determinado, sentado, e nós te pomos um crânio na mão. Você entra no transe. Nós te arrastaremos até outro lugar e depois tiramos o crânio da sua mão. Você sai do transe e verifica onde está sentado. Ok?

O rapaz concordou sem objeção e sentou-se no chão, com as pernas cruzadas, em frente a um nicho com um símbolo. Ele memorizou-o sem falar para os amigos. Eles

lhe deram um crânio qualquer e o transe se produziu instantaneamente. Em seguida, Mirella e Christian o puxaram pelo chão por uns vinte metros. Esticaram-lhe as pernas e puseram as três mochilas no colo dele. Depois tiraram o crânio da mão dele. Ao abrir os olhos, o garoto conferiu o símbolo do nicho à sua frente, verificou ser outro e olhou em derredor. Estava longe de onde havia se sentado. E, sem dúvida, notou as pernas esticadas e as mochilas sobre as coxas.

Quando Mirella e Christian viram a expressão de admiração do amigo, que não entendera como aquilo havia acontecido, deram uma gargalhada. Christian o provocou:

— E então, São Tomé incrédulo? Qual a explicação para sua mudança de lugar e de posição? Há, há, há!

Márcio não riu. Ele realmente não conseguia entender. Sua mente positivista tentou fazer uma autópsia em tudo aquilo, sem encontrar meios de explicar. Perda de consciência realmente poderia ocorrer pelos mais variados motivos, como choques elétricos, problemas nervosos, doenças e outras coisas. Mas ali não era nada daquilo. Nem mesmo choque elétrico ele poderia alegar; o quartzo, material tão utilizado em componentes eletrônicos, é isolante elétrico.

— Hmm... — gaguejou ele confuso. — Tenho de reconhecer... Algo estranho aconteceu.

Christian logo lembrou das providências que tinham a tomar.

— Bem, nós também não sabemos como acontece. O fato é que acontece. Precisamos é saber como agir para recuperar o professor. Se conseguirmos isso, talvez encontremos os fragmentos.

— Como? Se o crânio não disse como encontrar o fogo líquido de Osíris nem esse guardião — objetou Mirella.

— Aquele sacerdote Ahmed comentou com o outro sobre a entrada para o caminho do fogo, lembram? — perguntou Christian.

— É mesmo. Márcio poderia atraí-lo e eu veria na água com meu amuleto onde fica a entrada, ou quem é o guardião. Talvez seja o outro feiticeiro, ele sabia como entrar — completou Mirella.

— Mirella, tente descobrir onde ele está, depois... — Christian pensou por um segundo. — Não, não podemos chamá-lo para cá. É melhor o seguirmos. Veja onde ele está.

Márcio não conseguia prestar atenção à conversa. O acontecido o havia perturbado. Por mais que tentasse entender como poderia perder e recuperar a consciência apenas tocando num objeto inerte, não conseguia encontrar uma explicação. Sua mente cética tinha o vício de simplesmente rejeitar fatos para os quais não conhecia explicação científica. Essa era, na verdade, uma posição mental das mais cômodas adotadas por ele; em qualquer história, fato ou reportagem com algum componente

espiritual, místico ou sobrenatural, sua reação era previsível: considerava a história uma mentira, sinal de loucura ou fraude. Nunca se incomodara o suficiente para conferir fatos de perto e muito menos ler livros que tratassem seriamente do assunto. Não precisava. Sempre tinha todas as respostas. Religião, acreditava ele, era o ópio do povo, como dissera Karl Marx, a fase infantil e confusa do pensamento da humanidade. Só isso.

Em seguida, uma avalanche de lembranças das mais variadas histórias, ouvidas desde a infância, derramou-se sobre ele. Lembrou-se de sua avó falecida, uma benzedeira conhecida no bairro onde morava. Ela benzia os doentes com galhos de arruda até os ramos murcharem. A avó pegava então um novo ramo e continuava o benzimento. E assim prosseguia até os ramos não murcharem mais. Só então ela liberava o doente, abençoando-o e desejando-lhe melhoras. Outras vezes, quando o doente não a podia visitar por se encontrar em estado grave, punha três incensos numa bacia com água e, dentro da água, algum objeto com o qual o doente estivera em contato. Se após os incensos queimarem afundassem todos, a morte do doente era certa e breve. Se só um ou dois afundassem, ele continuaria vivo, com a doença grave. E se os três flutuassem, o restabelecimento da saúde seria apreciável. Teria sido ela uma feiticeira? Nunca deu atenção a esse lado da sua querida avó. Depois se lembrou de outras histórias ouvidas de amigos ou vistas em programas de TV, em que fenômenos paranormais dos mais variados eram apresentados. Lembrou-se também do caso de uma amiga. A garota tinha certos sonhos e, meses depois, as coisas aconteciam exatamente como ela sonhara. Poderiam essas coisas ter algum fundo de verdade?

Todas essas imagens e suposições confrontavam-se com suas mais profundas convicções. E se seus amigos estivessem certos? E se a materialização do homem do oásis fosse mesmo real? Não era possível. Não era possível estarem errados os renomados cientistas do mundo todo, enquanto místicos e ignorantes estavam certos! Era muito pouco provável. Ao cabo de alguns minutos, completamente ensimesmado, concluiu que a melhor coisa era esquecer o fenômeno dos crânios. Afinal, não havia como chegar a uma conclusão razoável. Talvez a atitude de Christian fosse a mais conveniente: "não importa a explicação, importa descobrir como salvar o professor e sair daqui". Sentiu vontade de jogar fora o bracelete encantado. Decidiu a partir desse instante ficar em silêncio, para não ter de discutir. Não se livrou do amuleto apenas para não ter de dar explicações aos amigos.

— Márcio! Vamos! Está em transe de novo? — brincou Christian. — Vamos, Mirella localizou Ahmed. Vamos segui-lo. Venha.

O rapaz, levantando-se, seguiu os dois maquinalmente. No meio do caminho, um corredor fracamente iluminado; ele perguntou:

— Onde está Ahmed?

— Está indo para uma caverna encontrar com outros bruxos. Lá poderemos descobrir se ele ou algum outro conhece a entrada — respondeu a garota.

Caminharam por centenas de metros por vários corredores. Quando chegaram ao início de um corredor curto, notaram que alguns magos entravam todos num mesmo lugar.

— Deve ser ali. Como vamos entrar? — perguntou Christian. Sem esperar resposta, entreabriu uma porta próxima e, não vendo ninguém, entrou, sendo seguido pelos dois. Depois sugeriu: — Aqui a água do amuleto poderá nos mostrar como é a sala em que se reúnem.

A sala onde os três aguardavam era diferente das demais. Era baixa e pequena. Estantes de madeira estavam repletas de frascos e pacotes de plantas secas amarradas. Numa outra parte, jarros com pós coloridos, pedras e cristais se amontoavam. Num canto, uma mesa de granito estava cheia de papiros e uma pequena lamparina a óleo iluminava fracamente o lugar. Alguns baús de madeira com detalhes dourados estavam dispostos em fileira no fundo da sala.

Tudo ali era decorado com a antiga arte egípcia. Os móveis tinham desenhos e relevos de papiros, flores de lótus, pessoas, deuses, antílopes e outros animais. Pedras preciosas e ouro formavam os detalhes desses relevos. Uma pele de leopardo estava jogada casualmente sobre o espaldar da poltrona.

— Estamos num laboratório de feiticeiro — anunciou Mirella, olhando para o teto.

— Encontrei algo que pode nos ajudar... — respondeu Márcio, após erguer a tampa de um baú.

Ele tirou do baú uma túnica sacerdotal egípcia, branca, com mangas curtas.

— Não temos muito tempo, o dono pode chegar a qualquer hora. Mirella, olhe na água como é a sala. Enquanto isso, eu e Márcio vamos pegar três túnicas e três *klaftas* emprestadas...

Dali a instantes, os dois rapazes tinham vestido as túnicas e *klaftas*, e Mirella visualizara o ambiente. Era uma sala comum, com uma passagem secreta para uma escadaria escura descendente.

— Assim será mais difícil sermos descobertos — disse Christian ajeitando a *klafta* de listras vermelhas na cabeça. — Ninguém fica na sala?

— Não. Eles entram e descem em seguida, fechando a passagem secreta — respondeu ela. — O dispositivo para abrir é igual ao da sala dos crânios.

Mirella vestiu rápido a túnica e o turbante por cima da roupa. As mochilas não havia como disfarçar.

— Estão vendo? Falta pouco para nos tornarmos fanáticos como eles — comentou Márcio.

Saíram furtivos da sala e sem perda de tempo chegaram àquela em que os magos entravam discretamente. Ninguém os viu. Mirella reconheceu na parede o local de

acionar a abertura da passagem secreta e pressionou-a. Num trecho da parede pintado com a figura do deus Hórus, a parede deslocou-se silenciosamente, abrindo uma passagem. Uma escadaria escura descia. Somente fraca luz amarelada e bruxuleante de tocha era visível mais abaixo. Os três entraram e puxaram a porta, sem qualquer ruído.

Cautelosamente, e sem fazer barulho, desceram a escadaria de pedra. Era um túnel escavado na própria rocha, sem qualquer acabamento. Uma única tocha presa à parede iluminava todo o percurso. Deveria ter mais de trinta metros de comprimento. Um cheiro forte de plantas queimadas e resinas vegetais subia pelo túnel. Certamente rituais de magia estavam sendo realizados lá embaixo, pensaram eles. No final da escadaria, viram uma ampla câmara redonda.

A câmara tinha uns dez metros de altura e pelo menos uns quarenta de diâmetro. Os sacerdotes se amontoavam numa parte do salão, sentados em blocos de granito. Não havia qualquer desenho ou relevo nas paredes escuras.

No centro do recinto alguma coisa muito alta e comprida estava coberta com um tecido. Somente algumas tochas presas à parede circular forneciam iluminação fraca ao amplo ambiente. Próxima à parede, uma mesa de pedra com alguns objetos e vasos de cerâmica no chão. Não muito distante da entrada, blocos de pedra e mesas se acumulavam desordenadamente. Eles estranharam o fato de aquele amplo salão ser totalmente revestido por placas metálicas. Nenhuma outra câmara era assim.

Os três agilmente esconderam-se entre os blocos. Na escuridão, seria quase impossível para alguém enxergá-los. Alguns minutos se passaram e mais magos se juntaram ao grupo, todos vindos da escadaria. Como estava escuro, não dava para reconhecer ninguém e, se Ahmed estava entre eles, não foi possível saber.

Por fim, um homem falou alguma coisa em voz alta e as demais tochas da parede foram acesas, clareando bastante o local. Perceberam ser Seneb.

— Fiéis seguidores de Seth! — iniciou ele com sua alta voz metálica.

Os magos presentes calaram-se e se sentaram nos blocos de pedra, olhando para ele. O poderoso feiticeiro prosseguiu:

— O grande deus saúda a todos vocês e promete recompensá-los por sua fidelidade. Nossa sociedade milenar, a Serpente Vermelha, sabe possuir em Maha-Ettel valorosos colaboradores para o triunfo final de Seth. Aproxima-se o momento de a Serpente Vermelha sair vitoriosa e, como vocês sabem, de sua mordida não há quem escape!

Ele fez uma ligeira pausa, apoiou-se na mesa de pedra e continuou:

— Reuni todos hoje aqui para transmitir-lhes o que o potente deus me confiou e para mostrar como nosso plano de libertação segue adiante. Seth confiou-me em nosso último contato a profecia mais esperada de todas: Anfion, nosso odiado Sumo Sacerdote, tem seus dias contados neste planeta!

Um rumor de admiração percorreu os magos. Alguns fizeram comentários em voz baixa.

Seneb, pedindo silêncio com um gesto de mão, continuou:

— Eu sei, vocês estranham essa afirmação. O poderoso Anfion é, todos sabemos, imortal como nós. Aliás, ele foi o primeiro a beber do fogo líquido de Osíris, quando fundou esta comunidade secreta. A situação agora é outra. Após quase cinco séculos de experimentos, com a ajuda de Seth e de outros seres invisíveis, conseguimos descobrir uma substância capaz de reverter a ação do fogo líquido. Sim, após fazermos vários testes com animais e com simples mortais capturados lá fora, fizemos uma importante descoberta: o próprio fogo líquido, quando colhido no momento do refluxo de Ra e preparado por um mago poderoso, pode fazer o corpo expulsar a substância vital, tornando o corpo mortal novamente. Esse segredo, fácil de ser compreendido, levou muito tempo de minhas pesquisas para ser descoberto. Vejam!

O mago tirou de uma caixa de madeira um escorpião preto, de tamanho muito maior que o normal. O artrópode deveria ter mais de quarenta centímetros das pontas das quelas ao ferrão venenoso. Seneb, com a mão envolta num pano grosso, pegou-o pela "cauda" e o jogou no chão. Depois, com um bastão comprido de madeira segurou o animal pressionado contra o chão, impedindo-o de andar.

— Este escorpião recebeu há poucas semanas algumas gotas do fogo líquido de Osíris e, desde então, não parou de trocar de pele e de crescer. Agora vejam o que acontece quando respingo nele algumas gotas do fogo líquido letal.

Com a outra mão, o mago alcançou sobre a mesa um pequeno copo em forma de flor de lótus e pingou algumas gotas de um líquido negro como piche sobre o escorpião. O animal parou subitamente de espernear. Uma fumaça começou a se levantar do corpo do bicho e ele passou a se contorcer freneticamente, como se tomado de dor violenta. Mais alguns segundos e o animal paralisou-se. Seneb retirou o bastão e se afastou. Todos então puderam ver o ser esbranquiçar, depois trincar e esfarelar. Em segundos, só um pó branco restava no chão. Os presentes observavam estupefatos. O mago retomou a palavra, em tom enigmático:

— Eis a chave da nossa primeira vitória. Amanhã, ao entardecer, visitaremos Anfion no Templo de Osíris. Pediremos a ele uma reunião. Com a substância vital extraída do sacrifício dos corpos em letargia, Seth e seus demônios se materializarão. Nessa luta, eu próprio me encarregarei de jogar em Anfion e nos seus protetores o fogo líquido letal. Finalmente assumirei o lugar que sempre me foi devido: o de Sumo Sacerdote de Maha-Ettel! E, com isso, todos aqui serão beneficiados. Estamos cansados desta vida de reclusão e das proibições de Anfion. Ele não nos deixa aprender todas as ciências, não nos permite fruir os prazeres da vida no mundo exterior e ainda nos proíbe de usar mortais em nossas experiências! Somos magos,

discípulos da sabedoria egípcia, e não podemos nos curvar a essa autoridade injustificável! Segundo seu argumento, nossa interferência no mundo exterior deve ser apenas para sutilmente incentivar o progresso dos povos sem lhes tirar o livre-arbítrio. Eu, porém, pergunto: e o *nosso* progresso? Não adianta termos poderes sobre os quatro elementos, sobre as forças da natureza, sobre os gênios elementais e até sobre a morte, se não podemos usufruir disso. O mundo lá fora progrediu desde a época de nosso ingresso em Maha-Ettel. Existem muitos países e povos para fruirmos as delícias da vida que só um mago pode apreciar.

— Seneb, como poderemos lutar contra Anfion? Todos sabemos ser, de longe, o mais poderoso mago desta comunidade. Nenhum de nós terá forças para enfrentá-lo. A maioria aqui domina alguns elementos. Ele sozinho domina com perfeição os quatro!

— duvidou um sacerdote sentado ao fundo do salão.

— Acalme-se, Merisu. Eu e alguns outros também dominamos os quatro elementos

— disse Seneb, tirando da cintura e erguendo um bastão de madeira de uns quarenta centímetros, semelhante a um galho de árvore, com quatro nós. E prosseguiu: — Além disso, teremos a ajuda adicional de Seth; o poderoso inimigo de Isis e Osíris nos auxiliará. Tenho a palavra do próprio deus! E não tenho tanta certeza do poder de Anfion; por que ele nunca mostra seu cajado mágico?

Todos viram em seguida um homem de cabelos loiros meio grisalhos, aparentando uns cinquenta anos, com roupas típicas de ocidental do século XXI, aproximar-se de Seneb. O homem era a expressão do mau humor e da indiferença. O mago continuou:

— Este é Webermann. Um mortal. Achei melhor tê-lo como aliado a sacrificá-lo. Ele, com a ciência dos mortais, prometeu fabricar algumas coisas para nós se em troca eu lhe permitisse a vida eterna e alguns reinos do mundo exterior para governar.

Os magos acharam espúria aquela troca de favores entre um mago e um mortal qualquer. Afinal, era um simples ocidental, cuja vida de poucas décadas era alheia aos conhecimentos secretos. Como poderia ensinar algo ao poderoso Seneb, experimentado na magia há tantos séculos? Seneb, percebendo a inquietação, explicou:

— Eu sei, de fato não são simpáticas a qualquer um de nós tais relações. Contudo, este mortal é também um estudioso da natureza no seu país e mostrou-me algumas coisas e inventos interessantes. Asseguro-lhes: eles podem nos ser úteis. Após alguns anos de trabalho, ele e eu chegamos aos resultados que mostrarei agora. Observem. Harkhuf!

A esse nome atendeu um jovem e magro sacerdote de nariz fino e lábios grossos. O rapaz, como todos ali, vestia a túnica e a *klafta* listrada. Sentou num bloco de pedra posto em destaque, à frente de todos. Seneb tirou de uma caixinha de madeira da mesa uma corrente, da qual pendia um pequeno objeto brilhante. Esse pingente parecia feito de pedaços de cristal de quartzo envolvidos por fios dourados

agrupados em feixes e noutras partes separados.

Seneb entregou a corrente a Harkhuf. Este imediatamente pôs a corrente no pescoço e deixou o pingente para fora da túnica.

— Agora — ordenou Seneb ao moço.

Harkhuf fechou os olhos e pareceu concentrar-se em algo. Dali a segundos o cristal começou a brilhar, expedindo uma luz azul. A luz foi se tornando forte e depois alguns feixes de faíscas azuis começaram a partir do pingente. Os feixes faziam um movimento circular, saindo do pingente de cristal e dando uma volta completa em torno do rapaz. Em poucos segundos, a quantidade de faíscas aumentou e elas começaram a se unir. Finalmente uma capa azulada estava formada em torno do jovem mago, como se ele fosse um molusco dentro da concha.

— Agora vejam — disse Seneb.

Ele pegou um pedaço de granito, propositalmente posto no chão ali perto, e atirou a pedra contra Harkhuf. A rocha bateu violentamente na capa luminosa e explodiu, mandando minúsculos fragmentos em todas as direções. Depois Seneb fechou os olhos e começou a fazer uns gestos com seu cajado. Ele fez um desenho no ar e do desenho surgiu uma chama. Esta ficou suspensa, sem qualquer apoio visível. Depois Seneb fez um gesto rápido com a vara e a chama jogou-se contra Harkhuf como se fosse um jato de lança-chamas. A chama simplesmente desapareceu ao tocar a calota luminosa em torno de Harkhuf.

— Um escudo de Tesla! Como eles... — murmurou Márcio baixinho, reconhecendo o fenômeno. Sua mente fervilhava tentando entender o espetáculo.

Mirella cutucou Márcio para que parasse de falar. Christian e ela estavam igualmente curiosos, mas nem sonhavam fazer qualquer barulho.

Querendo demonstrar mais ainda, Seneb desenhrou no chão um círculo em torno de si com a ponta do cajado, pronunciando frases cadenciadas em linguagem ininteligível. Esse círculo tornou-se ígneo, como se estivesse soltando fogo. Depois apontou com o bastão mágico para os quatro pontos cardeais.

Logo depois, gritos, urros, sons sibilantes e silvos agudos começaram a se fazer audíveis. As criaturas mais medonhas começaram a se materializar. Seres alados, com cauda, garras afiadas, barbatanas, umas peludas, outras emplumadas, outras escamadas, umas com bicos, outras com bocas; enfim, as mais estranhas formas, cores e combinações apareceram ali. Seres ápodas, bípedes, quadrúpedes e com mais membros apareceram. As cores e os tamanhos também variavam. Esses seres estranhos agruparam-se em torno da circunferência desenhada no chão por Seneb. Eles se aproximavam dela, sem ultrapassá-la, como se estivessem detidos por uma cerca invisível. Os braços e tentáculos da multidão monstruosa avançavam para dentro da área circular, tentando agarrar Seneb. Este ergueu o cajado e, com voz tonitroante, gritou:

— Afastem-se, criaturas elementais, e obedeçam ao mago!

As criaturas afastaram-se uns passos da circunferência e começaram a se agrupar, formando ao cabo de minutos quatro grandes grupos posicionados nas mesmas direções dos pontos cardeais para os quais ele havia apontado com o cajado mágico. Cada grupo guardava certa semelhança entre si.

Um grupo era formado quase totalmente por seres alados, de aspecto nebuloso e com plumagem ou pelagem esvoaçante. Uns lembravam vagamente aves e insetos voadores, outros não lembravam nada conhecido por mais que se tenha conhecimentos de zoologia. Outro grupo lembrava peixes e moluscos, de aspecto gelatinoso e órgãos apropriados à vida dentro d'água. Também nesse grupo muitos não tinham qualquer semelhança com os organismos aquáticos conhecidos. O terceiro grupo era formado por seres similares a animais vertebrados, inclusive mamíferos e humanóides, e artrópodes de terra firme; alguns rastejantes, outros saltadores e a maioria capaz de andar e correr. O quarto grupo, finalmente, era o mais diferente, pois seus integrantes não lembravam nenhum animal conhecido; tinham aspecto de folhas de plantas, lâminas de capim, fagulhas, labaredas, espinhas de peixe e outros formatos alongados. Eram bastante móveis, deslocavam-se sem andar, simplesmente flutuando.

Seneb fez um gesto com o bastão e depois bateu-o no chão com força. Um estalo semelhante ao de um chicote fez-se ouvir e o grupo dos seres alados saiu em revoada em direção a Harkhuf. Um vento forte começou a soprar dentro do grande salão e algumas trovoadas e relâmpagos apareceram, fazendo o chão tremer. O teto pareceu pronto a desabar. Um pequeno relâmpago atingiu Harkhuf, mas a capa luminosa em torno dele fez o raio entortar e atingir o chão. Depois um vento forte começou a sacudir o ambiente. O vendaval era forte o suficiente para fazer Harkhuf sair voando. Nada aconteceu. O mago permanecia imóvel e suas vestes nem se mexiam. Então, o vento começou a soprar mais forte dentro da gruta, agitando as roupas e as *klaftas* de todos. O vento foi aumentando e logo avistou-se uma espiral descendente, um pequeno tornado. Pequenos objetos do chão foram sugados pelo tornado: pedaços de pedra, caixas de madeira, jarros e potes de cerâmica. Esses objetos rodopiavam com o vento e eram jogados justamente contra Harkhuf.

O fenômeno parecia perfeitamente natural. É sabido que em tornados e ciclones o material arrastado de baixo é mais tarde jogado para fora pela parte de cima da coluna de vento, caindo aleatoriamente em volta. Nesse caso, os objetos também eram sugados, subiam e, quando se afastavam do centro do tornado, caíam. A queda, porém, acontecia exclusivamente sobre Harkhuf. Se um estatístico cético estudasse o fato, diria ter sido absolutamente natural, sem qualquer fraude ou indução, com a raríssima coincidência de mais de dez objetos caírem exatamente sobre o mesmo ponto, fato com probabilidade de ocorrer uma vez em sabe-se lá quantas milhões de

vezes. Nenhum dos objetos atravessou a capa de energia e o vento fortíssimo sequer moveu as roupas do mago.

Harkhuf observava sossegado os eventos do lado de fora.

Depois de o tornado se desfazer, os seres estranhos se lançaram contra Harkhuf. Ao tocarem a cúpula energética, eram violentamente jogados para trás, com queimaduras e ferimentos. Por fim, os seres esgotaram suas formas de ataque e acabaram por ficar em volta de Harkhuf apenas observando-o.

Seneb agitou a vara mágica e os seres do elemento ar desapareceram. Um outro gesto seguido de uma palavra estranha, e os seres viscosos e aquáticos cercaram Harkhuf. Tentativas de morder, agarrar, arranhar e outras formas foram em vão. Os seres saíam machucados e se afastavam. Em seguida começou a se fazer ouvir dentro do enorme salão um barulho de água corrente, como se uma grande cachoeira existisse ali dentro.

Dali a pouco, água passou a brotar do chão, molhando os pés de todos os presentes. A água começou a formar ondas, espumantes, como se estivessem numa praia. De repente, uma onda surgida próxima à parede cresceu num percurso de menos de seis metros, chegando a uns quatro metros de altura. A muralha líquida desabou violentamente sobre Harkhuf. Se isso ocorresse no mar, seria suficiente para virar um pequeno iate. A água, ao tocar a cúpula de energia protetora, não a empurrou; explodiu na forma de vapor, provocando um estampido ensurdecedor. Todos sentiram o vapor quente inundar o ambiente. O salão transformou-se em verdadeira sauna. O mago continuava protegido e totalmente seco dentro de seu casulo de força.

Depois de a onda gigante se desfazer, a água começou a esfriar e o vapor sumiu do ambiente. A água do chão esfriou rapidamente e cristalizou-se como gelo. O ar, antes quente, esfriara incrivelmente. Dali a pouco, gritos baixos de "Oh!" fizeram-se ouvir e todos olharam para cima da imensa caverna arredondada. Uma gigantesca estalactite pendia do teto exatamente sobre Harkhuf. O bloco de gelo deveria ter pelo menos três toneladas, pois tinha uns três metros de altura por um metro, mais ou menos, de diâmetro. O bloco respingava, soltando pedaços pequenos e fazendo o barulho típico do gelo trincando. Em segundos, desprendeuse por completo do teto, caindo de chofre sobre o mago. O gelo, ao tocar o escudo energético, quebrou-se em milhares de pedaços que se espalharam pelo chão, sem afetar Harkhuf. Dentro de poucos instantes, os pedaços de gelo estavam completamente derretidos e a água secou em segundos. Os seres da água acabaram por desistir e Seneb os fez desaparecer em seguida.

Os próximos foram os seres da terra. Como uma horda de bárbaros enfurecidos, urravam e corriam em volta de Harkhuf. Com clavas, pedaços de pedra e de pau, tentavam ultrapassar o escudo, sem qualquer sucesso. Tentaram agarrá-lo e saíram

com as mãos e garras em chamas. Depois de desistirem do ataque direto, ouviu-se um barulho semelhante ao de uma explosão ocorrida ao longe, como sons ouvidos quando rochas são dinamitadas e um tremor se faz sentir no solo. Os sons se repetiram algumas vezes e dali a pouco todos viram um imenso rochedo aparecer preso à parede da cripta.

Os magos próximos imaginavam o que aconteceria e se afastaram apressados.

O enorme bloco de várias toneladas desprendeuse da parede e caiu sobre Harkhuf. Como era previsto, nada aconteceu, e a rocha se fracionou. Os muitos fragmentos ficaram espalhados pelo chão. Depois esses pedaços começaram a emitir calor e em poucos minutos estavam vermelhos, derretendo-se no chão. Cada um deles virou uma poça de lava fervente. Elas aumentaram de tamanho até se misturarem umas às outras. Em breve um rio ígneo e borbulhante se formou correndo na direção de Harkhuf. O ambiente esquentou a um ponto insuportável. Vapores sulfurosos provocaram tosse e ardência nos olhos dos magos e dos garotos escondidos e terrificados. O rio de lava correu depressa para o escudo protetor e, ao tocá-lo, não o atravessou. Ao contrário, uma explosão aconteceu e espessa fumaça se levantou. Harkhuf continuava imperturbável. Não sendo suficiente esse recurso, logo o rio de lava desapareceu e as poças também.

Em seguida, o chão começou a tremer e depois a sacudir com violência, numa perfeita situação de terremoto. O tremor violento fez alguns magos se desequilibrarem. Todos arranjaram onde se apoiar. Depois uma fissura surgiu no solo e se alargou, chegando a quase dois metros de largura. A fissura foi se abrindo em direção a Harkhuf. Como ele não saiu do lugar, os magos pensaram que ele seria engolido pela fresta. A rachadura parou a uns dois metros do rapaz. Várias outras rachaduras surgiram, sem conseguir engolir o mago. Ao fim de alguns minutos, os seres da terra haviam desistido e desapareceram por ordem de Seneb.

Por último, haviam sobrado os seres do fogo. Sob o comando de Seneb, eles envolveram Harkhuf como se fossem flechas lançadas simultaneamente de todas as direções contra um único alvo. Com incrível rapidez, voaram para o casulo de força e o cercaram. Investiram ferozes contra o casulo, tentando atravessá-lo. Ao contrário das demais criaturas, não saíram queimados nem feridos. Apenas não conseguiam transpô-lo. Tentaram de várias formas, mas não atravessaram a barreira de jeito nenhum.

Dali a pouco, um barulho semelhante a uma explosão fez-se ouvir e um jato de fogo desceu do teto da caverna e atingiu o casulo de energia, sem conseguir atravessá-lo. Outros jatos de fogo com outras cores e texturas também atingiram o escudo, mas nenhum o atravessou. Em seguida, uma pedra vermelha translúcida surgiu em frente a Harkhuf, a uns três metros dele, flutuando no ar. A pedra vermelho-escura começou a brilhar, como se estivesse acesa, e de repente um raio luminoso vermelho

partiu dela e tocou a concha de energia. Nada aconteceu. Outros objetos estranhos se materializaram, dos quais partiram raios luminosos mais ou menos visíveis, outros invisíveis. Nenhum ultrapassou o cobertor de energia. Eram formas diversas de energia desagregadora da matéria, como raios ultravioleta, microondas, raios X e vários outros feixes de partículas radioativas e radiações ionizantes.

Os seres do fogo acabaram por desistir e se aquietar, sem mais terem o que tentar. Com um gesto do bastão mágico de Seneb, eles sumiram.

O círculo mágico foi desfeito e no ambiente não havia qualquer sinal dos violentos fenômenos naturais. Água, gelo, rochas, lava e rachaduras, tudo havia desaparecido. Harkhuf continuava calmo. A assistência estava maravilhada com o poder oferecido pelo novo aparelho.

Seneb estava satisfeito com o aspecto admirado da platéia. Além de demonstrar como era seu plano, havia mostrado a todos como era poderoso no manejo dos quatro elementos, aumentando assim sua liderança. Ele retomou a palavra:

— O aparelho protegeu Harkhuf por ser ele um grande mago com domínio sobre as criaturas dos quatro elementos. Se, por exemplo, ele não dominasse os seres da água, os gênios aquáticos de Nun teriam atravessado a concha e o agredido.

— Como atua o aparelho, Seneb? — perguntou um sacerdote de voz meio rouca, sentado à frente.

— Ele faz a defesa do mago envolvê-lo sem precisar responder a cada golpe, Radamés. Harkhuf poderia se defender de cada golpe das criaturas, mas isso lhe exigiria boa habilidade e total atenção — o bruxo fez uma pausa e continuou: — Não devemos, porém, esquecer do principal: o contragolpe acontece normalmente. Se, ao invés dos seres elementais, eu mesmo atentasse contra Harkhuf, o contragolpe me atingiria imediatamente. Esse detalhe talvez nos ajude amanhã, quando Anfion e seus defensores investirem contra nós.

— Hum... — redargüiu Radamés. — É meio arriscado, Seneb. Se o grau de pureza e evolução do mago for maior, seu encantamento nos atingirá facilmente.

Um outro sacerdote, no fundo, concordou com Radamés:

— É verdade, Seneb. Não acredito que Anfion e seus magos sejam menos puros que nós ao ponto de terem medo de nos atacar.

— É, eu sei. Vocês têm razão. Esse é um risco inevitável. Não darei tempo para Anfion me atingir. Vou fazê-lo molhar-se com o fogo letal! — ele parou, meio pensativo e depois continuou, decidido. — Agora cada um pegue aqui seu amuleto protetor. Amanhã estejam aqui bem cedo para eu mostrar o resto de nosso invento.

Todos se levantaram e saíram pela escadaria ascendente. Em menos de um minuto ninguém mais estava no local, exceto o ocidental de nome alemão, Webermann. Por mais algum tempo ele permaneceu ali. Os três, escondidos, não conseguiam ver direito. As tochas foram apagadas e somente uma, do outro lado, permaneceu acesa.

Como o grande objeto coberto no centro do salão bloqueava a visão, apenas entreviram o homem entrar e sair da porta da sala do outro lado.

Mais um tempo se passou e ele finalmente rumou para a escadaria, deixando a tocha acesa. Ele carregava uma pequena mala e uma caixa com CD. Quando passou pelos três, os olhos de Christian se arregalaram, e, a muito custo, conteve-se para não correr atrás dele. Algum tempo depois de o homem subir, falou, enfático:

— Era a mala do professor Manccini! Era ela!!

— Você tem certeza? — admirou-se Márcio com o arroubo do amigo que nunca perdia a serenidade.

— Sim, está até com o lado rasgado de quando ele a deixou cair na escada da pensão, no Cairo. Precisamos pegá-la!

— Tenho uma sugestão: como o feiticeiro disse, amanhã cedo estarão aqui para continuar planejando esse golpe político. Poderíamos dormir aqui mesmo. Será menos arriscado que andar por aí — sugeriu Márcio.

Os outros concordaram. Deviam estar acordados a umas doze horas, pelo menos. Estavam cansados e com sono.

Christian estava em grande excitação. Os dois ficaram surpresos. Ele falava rápido e apertava as mãos. Mas logo recobrou a calma habitual.

— É muuuito poder para nós... — prosseguiu Mirella desanimada. — Confesso: o que acabamos de ver supera minha mais arrojada imaginação sobre o alcance das ciências ocultas. Apesar de acreditar no outro mundo, duvido de meus próprios olhos a cada minuto neste lugar!

— Se você duvida, imagine eu — retrucou Márcio. — Mas acho que entendi alguma coisa do que se passa aqui. Esse Anfion, Sumo Sacerdote, deve comandar com mão de ferro esta comunidade e não deixa ninguém sair nem entrar, e esse grupo quer virar o jogo. Eles querem liberdade. Abaixo a ditadura!

— Não me pareceram tão inocentes assim — redargüiu Christian. — Eles querem dar um golpe e matar todos os que se puserem na frente. Você viu como eles falam desse Anfion? Reconhecem haver nele mais "pureza" e querem sua deposição para matá-lo a sangue-frio, e a todos os seus seguidores. Está difícil para nós arranjar um aliado aqui...

— E esse alemão? Fiquei abismada ao vê-lo metido nisso. Terá sido obrigado? — perguntou Mirella.

— Não! O mago chamado Seneb afirmou terem feito um acordo. Agora já sabemos quem tem o *Livro de Amenóphis* original, roubado do Museu de Piracicaba. Ele também está com a maleta do professor. Foi roubada, é claro. Isso e mais os sócios que ele arranjou aqui são provas suficientes de ele não ser o mais santo dos homens — concluiu Christian indignado com a lembrança da maleta.

— Vamos verificar a sala onde ele entrava e saía? — propôs Mirella.

Eles foram até o outro lado do amplo salão, pisando silenciosamente. Não conseguiram abrir a porta de jeito nenhum. Tiveram a idéia de usar a água do amuleto de Mirella para descobrir. Uma cena surpreendente se formou.

— Um computador?! E isso mesmo? — perguntou a dona do amuleto.

— E. E com baterias do lado, certamente por não haver eletricidade aqui. Agora dá para entender o CD na mão — respondeu Márcio. — Então é para isso o revestimento de metal da sala...

— Para quê? — perguntaram os dois.

— Para formar uma calota isolante das interferências eletromagnéticas. Só assim o computador poderá funcionar.

— Os celulares! — disse Mirella afoita.

Ela e Christian tiraram os telefones das mochilas e se decepcionaram ao ver que estavam desligados. Márcio, porém, não se admirou:

— Mesmo se as baterias estivessem carregadas, só daria para usar algumas funções. O sinal jamais chegaria a esta profundidade e muito menos atravessaria a calota metálica. Bom, o que vamos fazer?

— Dormir. Amanhã Mirella lerá a mente do alemão para saber como se abre isto e de Ahmed para descobrir onde é a entrada para o fogo líquido de Osíris. E você sugerirá a ele que deixe a maleta guardada aqui por ser mais seguro. Assim conseguiremos recuperá-la — sugeriu Christian.

Em alguns minutos estavam deitados no chão, com a cabeça apoiada nas mochilas. O sono pesado carregou os três. Dormiram profundamente, sem poder imaginar nem metade do que encontrariam no dia seguinte.

Cripta secreta da Serpente Vermelha Algum dia de dezembro de 2003, Hora local desconhecida

SEM NOÇÃO DE DIA E NOITE e sem relógio, seus ritmos ficaram desregulados. Quanto tempo dormiram? Impossível saber. Acordaram, comeram e beberam. Só mais alguns sanduíches e garrafas restavam. Para mais um dia, talvez. O estranho é que eles bebiam e comiam somente quando lembravam, quase não tinham sede nem fome.

Quanto tempo se passou até que os bruxos comessem a chegar, eles não saberiam dizer. Poderia ser uma hora, ou quatro, era difícil calcular. Por fim, os magos chegaram e se reuniram, coordenados por Seneb, e sentaram-se novamente nos mesmos cubos de pedra.

Mirella estava mais atenta que no dia anterior. Em alguns minutos localizou Ahmed, com seu andar vagaroso e passos largos. O amuleto estava à mão e a vasilha com água no chão. Imediatamente ela pôs o pingente na água. Em alguns segundos

apareceu a imagem de um túnel, por onde haviam passado. Ao final do túnel, uma porta. Na imagem apareciam duas mãos empurrando a porta e esta se abrindo para uma caverna escura.

— Se não apareceu mais é porque ele nunca entrou no túnel — deduziu Christian, cruzando os braços.

— Passamos por ele antes, e não me lembro dessa porta — objetou Mirella.

— Passagens secretas não faltam aqui. Olha, o bruxo- chefe vai começar o *sabbath*...

— falou Márcio sarcástico.

Seneb, à frente, de pé, começou a falar. Os demais pararam de conversar e ficaram em total silêncio.

— Servos fiéis da Serpente Vermelha! Aqui está a segunda parte do plano. Muitos de nós, desde tempos muito antigos, sonharam em governar reinos diversos e assumir o comando da manada estúpida e ignorante que vive lá fora. Pois devo lhes dizer: apesar de algumas tímidas invenções e descobertas, os mortais continuam cegos, sem enxergar mais que três passos além do nariz. Os reinos poderosos continuam explorando e escravizando os fracos. Aos ricos e fortes só falta sugar o sangue dos pobres e ainda lhes cobrar por isso. A violência e o crime ainda passeiam impunes na maior parte das terras deste planeta. Sim, após milhares de anos, o luxo e a sofisticação avançaram em alguns aspectos. O mundo continua, porém, o mesmo que sempre foi! Nações poderosas e organizadas derrotaram o Egito, como estava profetizado por nosso mestre Hermes, e o estrangeiro pisou com seu pé impuro nosso solo sagrado! Nosso Egito amado desapareceu. E hoje, pessoas do mundo todo vêm para cá para admirar os restos dos monumentos erguidos por nosso povo refinado. Esses ignorantes não sabem que tudo o que viram e encontraram no País das Duas Terras até hoje não é nem a décima parte do que nossa pátria infeliz já produziu.

À medida que Seneb falava, seu tom ficava exaltado. Os sacerdotes, por sua vez, indignavam-se ao lembrar do destino inglório que seu amado país tivera. As fisionomias, antes despreocupadas, estavam agora sisudas. O discurso inflamado e nostálgico tocava fundo na alma deles. Eram egípcios verdadeiros, orgulhosos das conquistas de sua pátria, cientes de terem sido o povo mais rico e civilizado da sua época.

Na opinião de muitos ali, o destino e o dever do Egito era governar o mundo, como tinha começado a acontecer na época de Ramsés II. O grande faraó anexou vários territórios, mas os faraós posteriores, fracos e desinteressados, cessaram a expansão do império, para depois perder as colônias. Tebas, a magnífica cidade das cem portas, capital do mundo antigo, foi sendo aos poucos abandonada. Séculos mais tarde o mesmo aconteceria com todo o império e com os conhecimentos sagrados. Após breve pausa, parecendo reviver antigas lembranças, Seneb prosseguiu:

— Enfim, os deuses não ouviram nossas preces e nos voltaram as costas! E o grande Egito se foi, e dele só sobraram três coisas: as ruínas, a lembrança e Maha-Ettel: reduto inexpugnável de nossa sabedoria. Hoje nosso destino será decidido na batalha contra Anfion. Vencendo-o, assumiremos o comando da comunidade e dissolveremos o Conselho dos Doze Sábios, fiéis ao seu Sumo Sacerdote. Para viver nesta comunidade, todos terão de optar: ou filiam-se à Serpente Vermelha, ou bebem do fogo líquido letal! Só assim poderemos realizar nosso sonho de viver no mundo exterior, governar reinos hoje conduzidos pelos mortais e poder amar e odiar a quem quisermos. E então teremos o controle da Luz de Osíris, que hoje só Anfion e os sábios sem-rostro de Zarzura possuem.

Ele apontou para o objeto coberto no meio do salão:

— Com este invento, e sem a interferência dos piedosos seguidores de Anfion, poderemos estender nosso poder pelo mundo, e nenhum mortal, mesmo muito poderoso, fará frente a um mago imortal. Todos os prazeres da vida nos serão possíveis, todas as riquezas, palácios e domínios nos pertencerão. Quem poderá conosco? Quem poderá com magos capazes de, num estalar de dedos, fabricar ouro, erguer e destruir palácios suntuosos? Nada poderá fazer contra nós quem no passado nos disse "não" e furtou nossos direitos. Muitos hoje se escondem sob outros corpos em outras nações. Não importa! Todos eles, responsáveis por nossas frustrações e sofrimentos, serão encontrados, estejam no corpo, raça, povo ou país que estiverem, e a justiça será feita pessoalmente!

Gritos e vivas da multidão interromperam Seneb. Os atentos ouvintes aclamaram satisfeitos aquele plano de vingança e poder. Era exatamente aquilo que queriam. Precisavam de uma pessoa assim, um líder corajoso, com idéias firmes e com a solução pronta para resolver mágoas e ressentimentos quase esquecidos por milênios inteiros dedicados ao estudo e à ciência. Sim, a antiga glória do Egito seria recuperada e, mais ainda, os próprios magos poderiam viver novamente no mundo exterior, com todo o poder e fausto a que tinham direito. Esse era o mais recôndito dos seus desejos.

Após as manifestações dos magos cessarem, um deles se levantou e perguntou, ansioso pelo passo seguinte daquele plano:

— Seneb, como poderemos dominar no mundo exterior? Como faremos isso, se os reinos estão organizados segundo suas próprias leis e métodos? Não temos como guerrear como fizeram nossos gloriosos faraós.

— Não precisaremos guerrear. Outros farão isso por nós. Hoje existe um fenômeno em quase todos os reinos do mundo, pouco conhecido em nossa época. Quando um determinado grupo se rebela contra a autoridade do país, esse grupo manifesta publicamente essas idéias e pode chegar a assumir o comando. Isso, em nosso tempo, custaria a vida do ousado oponente do regime. Hoje há possibilidade de

sucesso. Essa é a oportunidade de que precisamos.

Nesse momento, Márcio sussurrou:

— Estão falando de partidos políticos?

— Não acho... — respondeu Mirella sem olhar para ele. Ela prestava atenção aos diferentes sotaques. Alguns magos falavam muito rápido e era difícil compreender.

Seneb prosseguiu:

— Com este nosso invento, ficará claro para todos como os reinos se desorganizarão, e como nós poderemos assumir o comando em meio ao caos estabelecido. E claro, nem todos os reinos nos interessam. Somente os ricos e maiores. Oportunamente, cada um de nós poderá fazer a escolha de qual deles governar. A idéia básica é enfraquecer justamente as nações mais poderosas. Existe hoje um conflito crescente entre reinos do Oriente e do Ocidente. Quando o Egito florescia, o Ocidente era formado apenas por tribos bárbaras. Hoje é diferente. Lá está o maior poder e riqueza. Por isso, eles serão os primeiros a serem atacados. Para nós não importa se essa riqueza for parcialmente perdida durante as guerras, pois poderemos facilmente reconstruir tudo. Importa apenas a desestruturação dos impérios para facilitar nossa entrada. Observem!

Alguns servos vestidos apenas com o saiote branco, tal como todos os outros com aquela subserviência bovina, acercaram-se do objeto coberto no centro do salão e puxaram o pano que o encobria, e o amontoaram num lado afastado do salão.

Descortinou-se um enorme cilindro de aspecto vítreo, translúcido, de uns seis metros de comprimento e um de diâmetro, em posição inclinada, isto é, com uma extremidade voltada para cima e a outra para o chão, lembrando um telescópio num observatório astronômico. O cilindro cristalino repousava sobre um suporte de pedra. O suporte segurava o cilindro pelas extremidades e pelo centro. Na extremidade mais baixa havia um disco metálico polido, como um espelho, do diâmetro exato do cilindro. O suporte de pedra era, por sua vez, sustentado por uma meia-lua de metal. Soldado a essa meia-lua e atravessando-a dos dois lados, um eixo metálico grosso repousava sobre dois cubos de granito, um de cada lado. Podia-se ver, num detalhe na base do colosso de cristal, um pequeno motor elétrico, cujos fios se dirigiam aos computadores da sala onde estava o alemão sentado, em posição de digitação.

Em torno do cilindro havia fios finíssimos brancos, parecendo fibra óptica, dando milhões de voltas, formando uma bobina. Esses fios saíam de ambos os lados do aparelho e terminavam na extremidade de cones de vidro, de uns vinte centímetros de diâmetro e outro tanto de altura, dispostos às dezenas no chão, ao lado dos cubos graníticos que sustinham o eixo.

A um sinal de Seneb, dez magos levantaram-se de seus assentos e pegaram um par de cones cada um, sentando-se novamente em seus bancos de pedra. Eles puseram

os cones no colo e espalmaram as mãos sobre eles. Os fios pareciam feitos do mesmo vidro dos cones. Não havia emenda no encontro dos dois. Cada cone tinha um fio e a dupla se enrolava no cilindro em sentidos opostos.

Os garotos não tardaram a deduzir que estavam prestes a ver mais uma vez algo miraculoso. Que aparelho seria aquele? Elétrico não poderia ser, pois, excetuando-se o pequeno motor na base, não havia fios, ímãs, engrenagens e outros componentes metálicos. Mesmo sem Mirella confirmar, os dois rapazes perceberam não ser o aparelho invenção dos antigos egípcios.

Seneb chamou dois magos ajudantes. Coordenados por ele, tiraram seus bastões da túnica. O de Seneb tinha os quatro nós já vistos. O do rapaz mais magro tinha dois nós, e o do outro moço tinha três nós. Eles giraram algumas vezes os bastões no ar. De repente, Seneb apontou com rapidez o bastão para a parede e pareceu que um feixe de luz azulada, meio transparente, saiu da ponta do bastão, atingindo a parede. Os dois magos auxiliares fizeram o mesmo. Quando os raios tocaram a parede metálica, pequenas esferas luminosas também azuladas se formaram. As esferas alargaram-se e se uniram. Depois a esfera única começou a ficar achatada como um disco, aumentando seu diâmetro e tomando conta da parede. Quando as beiradas do disco tocaram o chão, o disco foi adquirindo formato retangular. Depois de segundos a parede parecia uma tela cinematográfica azulada. Ela começou a escurecer e borrões coloridos foram se formando. Em instantes estava formada uma imagem tridimensional de uma sala cheia de homens sentados no chão. Era como se não fosse uma imagem, mas a parede tivesse desaparecido e todos estivessem diante do lugar real. As pessoas e objetos tinham tamanho real.

A sala era cercada por cortinas coloridas. Pesados tapetes cobriam o chão. Os poucos móveis de madeira reproduziam as conhecidas ogivas em seus desenhos. Cerca de vinte homens trajados com uniforme militar de estampa camuflada, bota e boina preta sentavam-se no chão. Na frente deles, sentado num banco ou almofada baixa, não era possível ver direito, estava um homem grisalho e barbudo, com turbante preto e túnica cinzenta. Os presentes pareciam esperar por suas palavras, enquanto ele conversava num telefone celular.

Para os três, escondidos, estava muito difícil compreender como aqueles feiticeiros reclusos iriam tão abertamente conquistar o mundo como diziam. Mas estavam se acostumando a não duvidar de nada. Naquela masmorra multimilenar, tudo parecia possível.

Por mais alguns segundos, o árabe conversou com alguém num dialeto desconhecido. Ele finalmente desligou o telefone e se dirigiu em árabe aos homens à sua frente.

— Está tudo certo. O avião chegou na hora certa. Nosso homem está na cidade. Precisamos de você, Abdul, ou o poder de Satã continuará a se espalhar sobre a

Terra.

Um moço bastante jovem, de uns quinze anos no máximo, usando uma túnica árabe branca, estava parado de pé no fundo da sala. Ele baixou a cabeça. Seus olhos negros, grandes e brilhantes, não escondiam uma profunda tristeza.

— Se é a vontade do Único Deus e do profeta... Eu vou - disse o garoto com desânimo arrasador.

Enquanto essa conversa acontecia na sala, os dez magos com os cones de cristal no colo concentravam-se ao extremo. Olhos fechados e cenho carregado, das mãos começou partir um vapor avermelhado. Essa tênue luz entrava pelo cone e percorria os fios a uma velocidade vertiginosa. Em poucos segundos, o cilindro imenso estava envolto pela bobina de fios avermelhados. No cilindro, luzinhas vermelhas começaram a piscar dentro do cristal, como se fossem minúsculos vagalumes sangüíneos.

Na sala entrevista, os homens trajados de militar e o líder deles olhavam para o garoto, que não os convencera com resposta tão pouco entusiasmada. Um dos homens, de grossos bigodes negros, sugeriu ao líder:

— Talvez outra pessoa, Thaleb. Ele é muito novo. É o único filho de Samir.

O garoto começou a chorar, sem deixar os demais perceberem. Thaleb, o líder, ficou pensativo. Depois, fazendo um gesto nervoso com a mão, respondeu:

— Vocês entendem o problema que temos? Esses libertinos, além de não aceitarem a verdadeira e correta forma de viver, agora estão em nosso país buscando o sangue negro da terra, a única riqueza neste deserto. Nosso governo é um fantoche deles! Temos de defender nosso pão e nossos princípios! É preciso fazer alguma coisa!

Os guerrilheiros ficaram pensativos.

A essa hora, as pequenas luzinhas vermelhas piscando enchiam o cilindro. Uma infinidade de luzes dava à peça um brilho avermelhado. Da extremidade mais alta, um facho de luz avermelhada se projetava, atingindo o teto metálico do salão.

Seneb observava tudo atentamente, com seu olhar de águia. Ele dirigiu-se enérgico para os dez magos:

— Comecem!

O brilho no interior do cilindro aumentou de uma vez. O facho de luz rubra intensificou-se. No cilindro surgiu uma nuvem alaranjada, com revérberos amarelados, vermelhos e marrons. A nuvem se tornou uma pasta espessa e depois uma forma humana foi se delineando. Em segundos, a figura humana tinha se tornado idêntica à do garoto visto na parede. A semelhança chegava à perfeição, exceto pelas cores de tons amarelo, vermelho e laranja. A aparição começou a andar sem sair do lugar. De repente, a figura de um homem se formou com rapidez. O homem vestia terno e gravata. Um ramalhete de flores apareceu na mão do garoto. Ele se aproximou do homem e entregou-lhe as flores. Assim que o homem pegou o

ramalhete, o rapaz enfiou a mão numa dobra da própria túnica. As imagens desapareceram. Em seguida, a cena começou a se reconstituir com exatidão: o garoto caminhando, o homem, as flores, a mão na túnica.

A cena se repetiu algumas vezes. O facho de luz vermelha estava bem mais forte. Seneb olhou para o outro lado do salão e gritou:

— Webermann!

— Webermann de novo? — murmurou Mirella.

— Shhh! — fez Christian.

Imediatamente o motor elétrico na base do engenho foi acionado. Como um telescópio, o cilindro foi mudando de posição. A extremidade de saída do feixe luminoso desceu até o feixe incidir diretamente na sala onde estavam os terroristas. Depois o feixe se alargou, como um leque se abrindo, até atingir todos os presentes na sala atapetada.

Eles não tiveram qualquer reação. Não perceberam a luz.

Quase instantaneamente o cérebro de cada um se fez visível, tornando o crânio, o cabelo, a boina e o turbante invisíveis. Cada região cerebral irradiava uma cor própria, em todos os matizes do arco-íris. A intensidade do brilho era diferente de uma pessoa para outra. O cérebro do líder tinha um brilho intenso. Uma forte luz amarela-escura se irradiava dele, quase inexistente nos outros.

Segundos depois, as regiões centrais do cérebro de todos começaram a mudar de cor. Apareceram os tons vermelho-escarlata, alaranjado e amarelo-escuro, parecidos com as cores da figura formada no interior do cilindro. Essas colorações tornaram-se mais intensas e, para espanto dos magos e dos garotos, todos os atingidos pela luz vermelha começaram a alterar a fisionomia. Ficaram sérios e carrancudos, inclusive Abdul, que parou de chorar.

Thaleb pareceu tomado de uma energia inexistente antes. Falou com decisão:

— Irmãos, estamos numa guerra santa! Não há como ficarmos indecisos ou penalizados com perdas de vidas. Elas precisam ser sacrificadas para salvar nosso país desses malditos estrangeiros. Eles estão aqui para roubar a riqueza do solo. E ficarão cada vez mais ricos, fortes e pecadores. E nós? O que sobra para nós? Miséria? Fome e doenças? Essa batalha é nossa e ninguém vai lutar por nós. Somos nós e mais ninguém! Ou matamos hoje esse político corrupto que está entregando tudo para os ricos da sua religião, ou amanhã todos, não só Adbul, morrerão de fome! Chega de pensar.

O velho olhou para Abdul esperando uma resposta. Os demais fizeram o mesmo. Agora pareciam concordar. Um deles acrescentou, com sua voz fina e esquisita:

— É verdade, Abdul. O paraíso está reservado para você e para sua família. Faça o que o Único Deus espera de você.

O garoto, tomado de coragem, eliminou as últimas dúvidas. Aproximou-se dos

terroristas e ergueu a túnica até o peito. Um dos homens abriu uma caixa e tirou bananas de dinamite e outros explosivos potentes. Ao cabo de alguns minutos, os explosivos estavam presos ao corpo do jovem e fios elétricos rodeavam tudo. Como a túnica era larga, não dava para perceber nada.

O mesmo homem ensinou o garoto a acionar o mecanismo. Em seguida, tirou a boina, mostrando os cabelos negros ondulados, e vestiu uma túnica cinzenta comum sobre o uniforme militar. Abriu uma cortina e saiu apressado, seguido por Abdul.

Mirella estava aterrorizada e confusa. Observava a cena com os olhos úmidos e a mão na boca, antevendo a tragédia, mas sem saber como aconteceria.

Para surpresa dela e dos dois amigos, a parede aberta no salão funcionava como uma câmera de TV, seguindo os dois pela rua. Era uma viela de terra, cheia de casas paupérrimas e ladeiras íngremes. Pelas montanhas esverdeadas vistas no horizonte, aquela terra não era o Egito. O rapaz entrou num carro amarelo velho e empoeirado, seguido pelo garoto. O veículo voou pelas ruas tortas e estreitas até chegar a uma ampla avenida asfaltada. O motorista deixou o garoto em frente a um grande edifício e saiu depressa. O garoto atravessou elegante multidão apinhada em frente ao prédio. Algum evento de expressão deveria estar acontecendo ali.

O sol se punha naquele país pobre. O horizonte estava tingido de tons rosados e alaranjados. O ar estava quase parado.

Abdul caminhou decidido para os fundos, por onde entrou.

Algumas mulheres reclamaram do atraso dele e lhe entregaram um enorme ramallete de flores vermelhas. Ele entrou correndo por um corredor e chegou ao palco. Parou para observar. Uma salva de palmas era oferecida a um ilustre visitante. O homem de cabelos grisalhos, vestido com terno cinzento e gravata púrpura, estava diante de um pequeno púlpito. Acabara de fazer um discurso. A assistência, elegantemente vestida, aplaudia, vivamente entusiasmada. Ele, por sua vez, sorria e acenava para todos. Um telão no centro do palco ainda estava aceso, embora sem qualquer imagem, indicando que alguma coisa fora projetada.

Abdul vacilou por um momento antes de prosseguir. A sua mente vieram lembranças da sua curta vida. Recomeçou a andar. O pai, a mãe, os brinquedos, os amiguinhos, uma menina que pedia ao pai para casá-la com ele quando crescessem, a mesquita onde ele gostava de ir enquanto o pai rezava ajoelhando-se e encostando a testa no chão. O filme de sua existência passava em sua mente, trazendo lembranças cada vez mais antigas. Era como se revivesse cada momento. Caminhava célere e emocionado. Estava alheio a tudo em derredor. Não ouvia as palmas do auditório nem notou o sorriso falso do homem que se curvava para pegar o ramallete.

Ele entregou as flores. Sua última lembrança surgiu: ele brincava com um menino na areia do quintal de sua casa, comendo um pedaço de pão e rindo com o garoto. Uma lágrima correu no rosto bronzeado. Vagarosamente ele pôs a mão no interior da

túnica e acionou o detonador.

Uma fumaça cinzenta tomou conta de tudo e o barulho da explosão foi ouvido a vários quarteirões do prédio. O teto e algumas paredes do edifício caíram, tirando a vida dos poucos do lado de dentro sobreviventes à explosão. Manchas de sangue e pedaços de corpos espalharam-se até na calçada. As pessoas do lado de fora corriam e gritavam enlouquecidas. Por cima do edifício viam-se fumaça e fogo. O tumulto tomou conta daquele trecho da rua e o trânsito parou. Em meio à confusão, ouvia-se choro, chamados desesperados e gritos de horror. Logo depois alguns telefones celulares das vítimas principiaram a tocar ininterruptamente, entre pedaços de corpos e escombros.

O sol se punha melancolicamente no horizonte rosado, como todos os dias, no Oriente Médio.

Mirella fazia um esforço hercúleo para não desatar em choro. Tapou a boca com o tecido da túnica e enxugava as lágrimas insistentes.

Márcio preferiu não olhar os últimos instantes. A cena presenciada no Cairo o havia impressionado demais.

E Christian observou cada detalhe com atenção. Uma mistura de revolta e mágoa se avolumavam nele. Inconscientemente associava a tragédia à morte de seu pai. Teria sido vitimado por algo similar? Quando partiu para essa viagem, achava poder encontrar o pai ou alguma pista dele. Essa hipótese acabou sendo abandonada. Não surgira uma única pista. Quando entraram na sala das múmias, observou, sem os amigos perceberem, um por um dos corpos masculinos com roupas ocidentais. Com muita sorte seu pai estaria entre eles. Mas não estava. E, agora, ele constatava que aquela sociedade doentia tinha uma maneira sofisticadíssima de incentivar o terrorismo. Uma nova e sutil forma de aumentar a violência contra ocidentais.

Os magos estavam admirados com a eficiência do aparelho. Nunca tinham visto nada parecido. Os comentários eram entusiasmados. Foi possível perceber, entretanto, que alguns ficaram pensativos. Teria a morte do inocente rapaz tocado seus corações? Era difícil dizer.

Seneb sentiu a violência da cena e teve um instante de remorso. Sem querer, lembrou-se de quando era um jovem sacerdote em Tanis, quando seu único filho morreu aos seis anos, dias antes da esposa. Ambos contraíram violenta diarreia causada por água contaminada. A saudade dos poucos anos de felicidade familiar fê-lo duvidar por um instante de todo o seu projeto. Seria mesmo essa a melhor maneira de conseguir o que queria? Sacrificando até crianças? Incomodado com esses pensamentos e tentando afastá-los passando a mão na testa, recobrou a sobriedade costumeira:

— O homem alvo desse ataque era um político corrupto. Ele se esforçava para vender as riquezas da própria pátria a estrangeiros ricos. Por algum dinheiro

recebido desses estrangeiros, negociava dentro do próprio governo o empobrecimento do seu povo, já miserável. O que merece um traidor desse tipo?

— A morte!! — gritaram os sacerdotes.

— Pois bem. Ele teve o que mereceu. E deverão ter o mesmo destino todos os usurpadores de riquezas, por direito do próprio povo. E nós, com este poderoso aparelho, poderemos controlar esse processo de revolta, escolhendo o reino e os insatisfeitos à nossa conveniência — ele fez uma ligeira pausa e prosseguiu: — O aparelho tem a capacidade de projetar criações mentais-emocionais a qualquer distância, sem estarmos presentes no lugar. Se fizéssemos a mesma coisa com esses revoltosos pelo método comum, teríamos de adormecê-los e trazê-los para cá ou ir até lá. Por isso, economizaremos tempo, esforço e suspeitas.

A platéia de feiticeiros assistia a tudo pasmada. Ao mesmo tempo que aquilo representava um desafio para suas vidas pacatas e rotineiras, sempre dedicadas ao estudo e à prática das ciências ocultas, era a porta aberta para a vida há muito tempo sonhada. O bruxo prosseguiu, mirando todos com seu olhar impenetrável:

— Há outra vantagem. Por este método nossas forças são multiplicadas. A cada volta dos cabos no cristal aumenta a potência da mentalização do mago. Estes dez magos usando o aparelho passam a ter a força de cem magos juntos!

Um dos presentes, um mago de barriga respeitável, levantou-se e falou calmamente:

— Nossos informantes do leste acabaram de comunicar que aquele outro grupo de descontentes que temos observado se reunirá em algumas horas, para decidir se vão mesmo caçar os pássaros — o mago barrigudo arqueou as sobrancelhas, em sinal de dúvida, e continuou: — Mas, Seneb, pelo que o mortal disse, apenas vinte pessoas reunidas decidirão isso. Não entendo por que não podemos usar nelas a projeção do aparelho como acabou de ser feito com os seguidores de Thaleb.

Seneb parecia esperar pela pergunta. Em seguida fez um sinal para um mago mais distante dele. O moço abriu uma porta na parede de metal e entrou por ela. Pela fresta entrevia-se uma outra câmara, parecendo uma gruta de aspecto natural com algo parecido com um altar no fundo. Em segundos o rapaz retornou segurando um babuíno jovem por uma corrente presa ao pescoço por um anel metálico. O rapaz levou o macaco até uma parte da parede, próxima à "tela" azulada, e prendeu-a num gancho.

Seneb apontou para uma grande bacia de cerâmica, rasa, cheia de um líquido branco. A bacia deveria ter pelo menos uns mil litros do líquido. De dentro dela um cano saía e chegava bem próximo à tela, sem tocá-la. Da bacia partiam fios elétricos estendidos até a sala onde o alemão estava.

— Estão vendo a areia? Ela é formada de grãos tão pequenos que, quando misturada em água, leva muito tempo para se depositar no fundo. Como vocês sabem, areia, algo que o Egito tem de sobra, é a mesma substância deste cristal — ele bateu com

seu cajado de quatro nós no cilindro. — Com a ajuda deste aparelho, transformaremos esta simples areia na semente de nossas sugestões. Nós a denominamos de "semente de Sobek" por essa razão. Vejam.

Ele girou o bastão no ar quatro vezes e apontou para a tela azul retangular, ainda visível na parede. Uma fraca luz amarela apareceu na ponta do cajado. Ele continuou sacudindo-o para cima e a ponta luminosa esticou, parecendo uma corda solta e meio transparente. Enquanto murmurava, a corda luminosa aumentava. Quando essa corda atingiu uns três metros de comprimento, ele a lançou com força em direção à tela azul. A extremidade ficou presa na tela. A outra ponta permaneceu no cajado. Ele aproximou a ponta do cajado da cabeça do macaco.

O babuíno quis brincar com o cajado, tentando segurá-lo. Seneb ignorou a brincadeira e tocou com a ponta do bastão a nuca do animal. O babuíno tremeu, como se tivesse levado um choque. Seneb se afastou. O macaco continuou com o comportamento anterior, tentando brincar com o terrível bruxo.

O cordão dourado começou a desaparecer. Em menos de um minuto, tinha sumido. Na tela azulada da parede, porém, imagens começaram a surgir. Manchas rosadas e avermelhadas se formaram. Depois essas manchas tornaram-se nítidas e pôde-se ver com clareza um tubo rosado atravessar uma estrutura ramificada, também rosada. O interior do tubo era visível, por onde passavam minúsculos corpúsculos de todos os formatos e cores, levados por uma corrente de líquido transparente, pulsante. Por fora, as estruturas formavam ramificações que lembravam árvores desfolhadas. A imagem era tridimensional. Tudo era bem iluminado, embora não se avistasse qualquer fonte de luz.

O pequeno babuíno estava sentado, observando com seus olhos redondos o cajado do mago. A um gesto de Seneb, um servo aproximou-se com uma tigela de barro cheia de água cristalina e a pôs aos pés do macaco.

— Essa água, aparentemente pura, contém milhões de sementes de Sobek, imperceptíveis ao paladar — comentou ele.

O babuíno deveria estar com sede, pois agachou e bebeu com vontade.

Dali a alguns minutos, que pareceram dias, dada a curiosidade de todos, apareceram na tela pequenas lascas quase totalmente transparentes, como microscópicos cacos de vidro, misturadas à infinidade de corpúsculos presentes no líquido transparente. Esses corpúsculos tinham formatos arredondados, compridos, achatados, ovalados, maiores e menores. Alguns cristais fixaram-se nas paredes do tubo. A cena tridimensional, como se fosse captada por uma câmera de TV, aproximou-se de um cristal, fazendo-o ocupar quase metade da "tela".

O macaco agora brincava com a vasilha de água. O que sobrou da água espalhou-se pelo chão. Da posição onde estava, às vezes o macaco via os três garotos escondidos e ficava espiando. Os garotos então se esquivavam e ficavam imóveis,

petrificados pelo medo de olhares curiosos seguirem os do macaco.

O cristal, até então incolor, começou a brilhar na cor vermelha, parecendo um rubi atingido por um raio de sol. Em seguida, algumas substâncias flutuantes na linfa aderiram ao cristal. Eram atraídas. Levadas pelo fluxo da corrente, atravessavam transversalmente o vaso por entre os demais corpúsculos, caminhando decididamente para a lasca de cristal. Algumas dessas substâncias tinham formato globular, de cor amarela. Outras eram compridas como fitas, e brancas. As fitas e os glóbulos foram se amontoando e acabaram por envolver completamente o cristal, formando uma capa. Alguns minutos se passaram sem nada aparente acontecer. Depois, pequenos orifícios apareceram nessa capa. Por alguns deles entraram fitas curtas, orifícios como se fossem verdadeiros ralos a sugá-las. Em alguns segundos, de um orifício maior no topo, começou a sair uma fita enorme. Enquanto saía, ela se enovelava. Essa fita tinha as mesmas cores das fitas pequenas absorvidas. A grande fita se soltou do orifício e seguiu com a corrente. Logo depois outra fita grande começou a sair e se enovelar. Outras fitas grandes enoveladas passaram flutuando em frente ao cristal encapsulado, evidenciando que o mesmo processo estava ocorrendo nas outras partes do tubo. A imagem afastou-se novamente e o tubo pôde ser visto cheio de outros cristais encapsulados eliminando suas fitas na circulação do sangue. Do lado de fora, algumas das fitas apareceram flutuando entre as estruturas ramificadas: os neurônios do babuíno.

Quando as fitas tocavam os neurônios, estes estremeciam, parecendo sacudidos. Quase instantaneamente, uma substância rosada era emitida do corpo do neurônio para os seus longos braços. A substância percorria todo o braço e parecia se transferir de um neurônio a outro.

O babuíno, a essa altura, não brincava mais com a tigela. Tinha se aquietado.

Vários neurônios estavam agora cercados por novelos de fita, produzidas incessantemente pelos cristais encapsulados. O número de neurônios emitindo e transmitindo a substância rosada aumentava vertiginosamente.

O macaquinho deu um guincho agudo e começou a pular. Depois pegou a vasilha e a atirou com energia contra um mago próximo. Este só não foi acertado por ter se desviado rápido.

Os neurônios produziam mais e mais substância rosada. Estavam cercados de fitas enoveladas.

O babuíno gritava e pulava, tentando arrancar a corrente do pescoço e mostrando os dentes ameaçadoramente para os magos próximos. Num certo momento, o babuíno olhou para os garotos e emitiu um guincho alto e prolongado. O grito e o eco arrepiaram o pêlo dos três, tal o medo de estarem sendo denunciados.

Os magos e servos afastaram-se alguns passos do macaco ensandecido. Alguns olharam para os blocos de pedra, sem entender a raiva do macaco por aqueles

objetos inanimados.

Os três estavam impressionados. Por mais que imaginassem ser aquela uma sociedade diabólica, jamais seriam capazes de prever tal nível de sofisticação. Christian, em particular, estava boquiaberto. Ele exclamou, num sussurro:

— A nanotecnologia não é mais ficção científica...

Os dois não responderam. Mirella, por não conhecer aquela palavra. Para o estudante de ciência da computação, aquilo era simplesmente incrível. Um cristal programado, se assim se pudesse chamar, tinha feito ali em minutos o mesmo que um sofisticado laboratório faz; sintetizava um composto químico indutor do comportamento agressivo. Cientistas e industriais gastavam vários anos e milhões de dólares construindo aparelhos para sintetizar substâncias compensadoras das deficiências químicas dos órgãos e tecidos. Enquanto ali, usando poderes estranhos, conseguiam fazer a minúscula partícula de quartzo produzir o mesmo em poucos minutos!

Seneb olhava tudo com naturalidade. Voltando-se para a platéia, falou tranqüilo:

— A substância desprendida do grão produz efeito idêntico ao da projeção. Por se tratar de um irracional, sua única reação é a emoção violenta, sem controle.

O bruxo fez um gesto com a mão na direção da cabeça do macaco. Ele caiu no chão desacordado quase instantaneamente. Seneb aproximou-se do animal, agora inofensivo, e tocou com o cajado a nuca. O cordão amarelado brilhante reapareceu. Ele golpeou o cordão com o próprio cajado, fazendo-o partir-se em dois. Uma contração estremeceu o babuíno desacordado. Cada parte do cordão energético encurtou rápido, uma rumo à imagem, outra rumo à nuca do macaco. Mais alguns gestos com o bastão mágico e um estalo se fez ouvir. A tela azulada começou a ficar transparente, mostrando a parede metálica por trás, até sumir completamente.

— A areia está quase pronta. Está sob irradiação do aparelho por mais de dez horas. Será despejada na água de beber de toda a cidade onde vivem nossos terroristas. Não apenas os terroristas, e sim toda a cidade receberá a semente de Sobek. Então, todos na comunidade partilharão da mesma opinião, dos mesmos rancores e das mesmas reações contra os estrangeiros usurpadores. A preocupação que hoje ocupa a mente deles será o foco de sua raiva, como a corrente e nós fomos os do macaco. Não é difícil prever como o grupo armado aumentará e se fortalecerá. Se, sem fazermos nada disso, eles enviam os filhos para morrer, imagine sob uma sugestão tão poderosa como essa...

Ele falava sorrindo, orgulhoso de seu poder e engenhosidade. Deu um passo à frente e, após guardar o bastão na túnica, continuou:

— Ao todo serão seis pássaros aprisionados pelo grupo. Se as exigências deles não forem atendidas — e não serão — os pássaros partirão para seus ninhos. Ao final de nossa batalha, retornaremos para despejar a semente de Sobek na água e acompanhar

os primeiros efeitos nas pessoas. Se os seis reinos mais influentes receberem os pássaros, os interesses comerciais falarão mais alto e eles responderão com violência à provocação. Essa oportunidade não pode ser perdida. O sucesso dela encorajará muitos outros grupos ainda vacilantes.

Os magos, atentos, observavam Seneb, admirados com sua paixão pelo ideal há tantos séculos acalentado.

— Seneb! — chamou um mago postando-se à frente da assistência com uma pequena faca à mão e uma caixa de madeira.

— Oh, é verdade, quase me esqueci. Fiéis amigos, aproximem-se antes de sair. No caso de alguma coisa sair errada ou alguém ser tocado pelo fogo líquido letal...

Os magos se aproximaram vagarosamente de Neshi e estenderam-lhe a mão. O bruxo cortava uma lasca de unha e a depositava na caixa.

Terminada a coleta, Seneb, enérgico, arrematou seu plano tão meticulosamente costurado:

— Voltemos aos nossos laboratórios, antes de sentirem nossa ausência. Na hora oitava estejam em frente ao Templo de Osíris. Consegui uma audiência com Anfion. Lá dentro evocaremos apenas Seth. Seus demônios chegarão em seguida — o bruxo, com um sorriso de maldade verdadeiramente diabólica, concluiu: — E depois de Anfion tomar do fogo líquido letal, eu mesmo o sacrificarei para Seth beber seu sangue... — ele direcionou seu olhar de águia para os magos e ordenou: — Não se esqueçam dos novos amuletos. Ah! Outra coisa: ninguém ouse nos trair; a vingança da Serpente Vermelha é cruel e infinita! Agora vão!

— Seneb, uma última pergunta: e os mortais em letargia? — quis saber um mago.

— Serão todos sacrificados para os demônios de Seth.

Aquela resposta apavorou os três. Precisavam, pensou Christian, tirar o professor de lá imediatamente! A coisa estava tendo um desdobramento muito além do que eles imaginavam. A situação estava cada vez mais embaraçosa e até aquele momento não tinham conseguido nada. Nem a maleta, nem o professor, nem como sair. Tudo isso parecia ficar cada vez mais distante e difícil. A busca a uma pessoa desaparecida virou a fuga de uma sociedade secreta e escravocrata, com feiticeiros em guerra civil e de braços dados com o terrorismo internacional! E eles, estudantes universitários estagiando num projeto de pesquisa, estavam mergulhados nesses problemas até o pescoço. Esses pensamentos foram interrompidos quando notaram os magos se retirando do salão. Os três aguardaram pacientemente até todos se retirarem.

Márcio lembrou de induzir mentalmente o alemão a deixar a maleta do professor Manccini na sala do computador e a lembrar-se de como abrir a sala, enquanto Mirella via na água os pensamentos dele.

Webermann vacilou um pouco, mas acabou por deixar a maleta na sala. Depois

retirou-se apressado pela escadaria.

— Para mim chega disso tudo! Quero sair daqui agora!! — falou Márcio para os dois.

Eles o olharam surpresos. Christian percebeu o nervosismo do amigo e tentou ser animador:

— Estamos quase conseguindo, Márcio, só precisamos...

— Estamos quase conseguindo o quê? Vocês podem me dizer? — interrompeu irritado. — Não temos nada, absolutamente nada, e nem sabemos como vamos sair! Se pegarmos essa maldita maleta, faremos o que com ela?

— Encontraremos a maleta e o professor, só precisaremos achar a saída e... — disse Mirella.

— E daí? Como vamos carregar o corpo do professor para fora? Dentro da mochila? Vocês não estão enxergando o tamanho do problema? Não temos qualquer chance! Se esse amuleto presta para alguma coisa, você, Mirella, deveria ver como se sai daqui, só isso. O resto não é com a gente. Não agüento mais essa situação. Sem contar as complicações que teremos lá fora. Nós simplesmente sumimos e vocês acham que está tudo bem! Não sei por que aceitei me enfiar nessa loucura...

— Márcio, essa loucura toda é pelo professor, principalmente. Acha que não vale a pena se arriscar por ele? — falou Mirella com delicadeza.

Márcio não respondeu. No fundo sabia que Mirella e Christian tinham razão. Na verdade, queria estar convencido do mesmo, mas seu medo o deixava sempre inseguro. A idéia de ter nova crise de pânico às vezes era mais assustadora que os bruxos e seus feitiços. "Não adianta", pensou, "sou voto vencido, eles não vão desistir enquanto não pegarem esses papiros e o corpo do professor. Droga!"

— Vamos logo — respondeu mal-humorado.

Mirella pôs o amuleto na vasilha. Na água, apareceu a mão branca de Webermann pressionando e girando um detalhe no relevo da porta.

Após certificarem-se de não terem testemunhas, procuraram pelo detalhe e, com algumas tentativas, a porta foi aberta.

— Computadores, baterias e outros acessórios. Bem estranho para uma caverna de bruxos — comentou Márcio enquanto ligava o computador.

Na pequena sala quadrada e baixa, um microcomputador com impressora e *scanner* de mesa estavam sobre uma mesa de granito. Num canto da sala, várias baterias. Delas partiam fios ligados ao computador. Numa parede estava fixada uma luz de emergência, dessas usadas por estabelecimentos comerciais para os momentos de queda de energia. Do computador, outros fios partiam em direção ao motor na base do aparelho de cristal e do tanque com a areia magnetizada.

Márcio sentou na cadeira e vasculhou os diretórios do microcomputador.

— Ele controla tudo daqui. Menos a luz do miolo de cristal; ela é produzida pela

feitiçaria deles. Não há lâmpada nenhuma lá.

Enquanto isso, Christian examinava o armário de madeira, fechado com cadeado.

— O único jeito de recuperar a maleta é arrombar — disse Christian tentando abrir a porta do armário.

— Vamos ver... Hmm... Veja! — disse Márcio a Mirella ao ver a árvore de diretórios do computador. Ele clicava em pastas e subpastas. — Tem bastante coisa aqui. Tudo isso está sendo informado para alguém. Alguém recebe os dados arquivados aqui.

— Como você sabe? — interessou-se Christian, desistindo do armário.

— Há uma pasta chamada "*sent*" e outra "*to send*" — Márcio abriu vários arquivos. Páginas e páginas de texto com números e sinais de todos os tipos usados em informática. Ele tentou copiar, marcar e escrever nos documentos, sem sucesso. — Ele é esperto. Os documentos estão protegidos por senha, não podem ser alterados. E, mesmo que pudessem, está tudo criptografado.

— Criptografia não é só para mensagens pela Internet?

— perguntou Mirella.

— Criptografia é qualquer linguagem cifrada. Os hieróglifos são considerados a mais antiga forma de criptografia. Olha, só números e símbolos. Impossível ler sem a chave

— respondeu Márcio.

— Há muita coisa sendo informada a alguém. Olha, há quase cinco *gigabites* de texto só na pasta *sent* — observou Christian apontando para o rodapé da tela.

Márcio começou a pesquisar noutras pastas e diretórios. Janelas e mais janelas apareciam e ele ia clicando "Ok".

— Aqui está o comando do aparelho de cristal e... Oh! Aqui também há o programa de controle do despejo da semente diabólica! — num certo instante, as janelas do *browser* não avançavam mais; aparecia um pedido de inserir o "CD 14". — Olha só, sem o CD certo, o programa não funciona. O alemão fez de um jeito para só ele conseguir controlar. O envenenamento coletivo depende desse CD 14.

— Alguém está descendo. Desligue tudo — disse Mirella, ouvindo passos na escadaria.

Márcio clicou em "desligar o computador" e em seguida desligou o monitor. A sala escureceu. Esperou uns minutos para depois desligar tudo. Assim, quando o alemão ligasse novamente, não apareceria a mensagem de desligamento incorreto; isso evidenciaria alguém que não ele ter mexido ali.

Christian e Mirella espiavam pela grade da porta metálica. Três magos passaram pelo salão. Dois deles abriram uma porta e entraram na gruta vista anteriormente. O terceiro pegou o macaco adormecido, libertou-o das correntes e voltou para a escadaria. Nesse instante, quando o computador foi totalmente desligado por

Márcio, o barulho do botão foi ouvido pelo mago. Ele parou, olhou para a sala e aproximou-se para verificar. Christian e Mirella correram para trás da mesa do computador. Quando o bruxo estava prestes a empurrar a porta entreaberta, um quarto mago apareceu na escada e o chamou vigorosamente. Ele deu meia-volta e foi embora com o macaco nos braços.

— Ele nos percebeu. Daqui a pouco seremos múmias também — comentou Márcio.

— Fica frio — tentou acalmá-lo Mirella.

— Estou gelado...

— Não nos percebeu ainda. Vão deduzir daqui a pouco

— interrompeu Christian.

— Por quê? — perguntou Mirella — E só sairmos rápido. Christian fez um sinal negativo com a cabeça.

— Ele viu a porta aberta. O alemão vai saber disso e lembrará que deixou trancada

— respondeu Christian.

— E daí? Qualquer sacerdote poderia ter aberto a porta - respondeu Márcio.

— O que um sacerdote imortal faria num computador? - falou Mirella.

— Jogaria... *paciência*? — brincou Márcio, menos mal- humorado. — Tanto faz, agora já foi. É melhor Mirella ver na água se há alguém no caminho. Se não, damos o fora daqui.

A garota assim fez e viram a passagem livre. Correram para a sala dos crânios e de lá para a sala-esconderijo.

— A COISA está realmente complicada. Temos de acordar o professor antes do sacrifício, reaver a maleta e, se possível, sair vivos daqui — disse Mirella desanimada, deitada na sala-esconderijo, com a cabeça sobre a mochila.

— Não entendi essa história de pássaros e ninhos. Esse CD 14 deve ser a chave de tudo isso; precisamos destruí-lo — disse Christian sentado no chão.

— Não dá para fazer tanta coisa! Primeiro a nossa sobrevivência — discordou Márcio.

Christian cruzou os braços e respondeu calmo:

— Eu sei, mas, dentro do possível, devemos tentar acabar com esse plano misterioso. Há algo estranho no ar, algo grande que não consigo entender. Se passarmos pelo salão novamente, podemos tentar destruir o computador ou arrombar o armário e encontrar o CD — ele deu por encerrado o debate, mudando de assunto. — Bem, nosso próximo passo é o fogo líquido de Osíris, ou o professor não será salvo. Mirella, você se lembra do caminho?

— Lembro. Há um probleminha...

— Um só...?

— Naquele corredor não há a porta da imagem da água; o corredor termina numa parede.

— Deve ser uma passagem secreta, como tantas outras.
— Na imagem era uma porta de madeira com um grande ferrolho. E quando estivemos lá era uma parede comum.
— Bem, vamos. Lá tentamos descobrir o que fazer. Quanto tempo temos?
Saíram cuidadosos ao encontro do pequeno corredor, ramal de um maior, à procura da entrada controvertida.

Caverna do fogo líquido de Osíris
Dezembro de 2003
Hora local desconhecida

Ao CHEGAR AO FIM DE UM TÚNEL mal-iluminado, depararam-se com uma parede de pedra, desenhada com o olho de Hórus e um braço erguido ao lado.

— Um belo desenho. Não há porta nenhuma aqui — disse Mirella.

— Veja na água se há algo do outro lado — sugeriu Christian.

Ela preparou tudo com rapidez e logo após surgiu a imagem daquela mesma parede, porém com uma porta de madeira. Uma alavanca de metal virava para a direita, a porta se abria e via-se escura gruta ao fundo. Depois tudo sumiu.

— E aqui, só que tem algo errado — falou Márcio erguendo os ombros.

Christian pôs a mão no queixo. Para ele aquilo era uma forma de despistar curiosos.

— Hmm... Não sei. O cristal silenciava quando perguntávamos o caminho. O acesso é proibido, é claro — falou Mirella.

— Esse olho com a mão na frente... O que poderia ser? — ele pensou mais um pouco e arriscou: — Essa mão está dizendo... A visão está obstruída? É claro! Aqui é a passagem. Mirella, onde estava a alavanca?

— Bem aqui — ela indicou a posição exata da mão desenhada.

— Então vamos ver — disse Christian aproximando sua mão da mão desenhada.

Ele tocou e apalpou o desenho, sem perceber nada de especial. Após outras tentativas sem sucesso, lembrou da faca mágica. Apontou-a para o desenho da mão e, para sua surpresa, teve a impressão de a mão se mover. Depois percebeu a mão sair da parede e tornar-se tridimensional. Não dava para entender. Ele e os outros viam apenas o desenho na parede, mas ele sentia como se segurasse num braço de verdade. Forçou a mão para a direita, como havia visto a alavanca se mover na imagem da água. Então, o desenho na parede virou junto. Em seguida a parede se abriu. Márcio e Mirella continuavam vendo a parede de pedra com os desenhos parados. Christian, sem soltar a alavanca, atravessou a passagem. Lá dentro ele olhava para os dois lá fora e para a porta de madeira aberta para dentro.

— Venham! — disse ele.

Os dois lá fora, estarrecidos, não entendiam como ele pudera fazer aquilo. Tinham visto nitidamente Christian atravessar a parede. Eles não ouviam o chamado dele nem o viam.

Christian gritou várias vezes sem obter resposta, apesar de estar a dois passos deles. Sem se preocupar em dar maiores explicações, chegou ao umbral da porta e puxou os dois pelo braço de uma vez. Eles atravessaram a passagem fazendo caretas como se fossem bater o rosto na parede. Ao entrar, fecharam a porta atrás de si. Uma barra de ferro simples, ao ser girada no sentido contrário ao da abertura, trancava-a.

— Uma hipnose para deixar Charcot e Freud de boca aberta — comentou Christian.

A frente deles uma gruta enorme se descortinava. O teto escuro deveria estar a mais de quinze metros acima. O fundo, também escuro, não era possível ver; estava muitos metros abaixo. Só era possível enxergar a trilha estreita na qual estavam, escavada na parede da imensa cavidade e perdendo-se à frente.

Era uma caverna natural. Estalactites e estalagmites imensas estavam por toda parte. Grande parte delas era unida, com aquele aspecto de coluna construída pela natureza. Uma única tocha presa a uma "coluna" iluminava o caminho, logo na entrada. Eles a pegaram.

Caminharam com cuidado por talvez centenas de metros. Subiram, desceram, viraram várias vezes. A caverna possuía vários ramais, mas o caminho estreito e possível para andar era um só. Em alguns pontos ouviram o som de água corrente e julgaram que talvez aquela fosse a fonte do fogo líquido de Osíris. Contudo, devido à escuridão, não conseguiram localizar a correnteza.

— Barulho de água! Deve ser a mina de água medicinal. Por que tão escondida assim? — disse Márcio.

— Essa água deve ter alguma propriedade terapêutica muito rara para ficar tão bem escondida — disse Mirella tentando perceber de onde vinha o som de água corrente.

— O som vem daqui de baixo! — falou Christian. — Mas a trilha segue para lá. É impossível descer aqui. Vamos em frente?

— Deixa eu espiar — murmurou Mirella ajoelhando-se e tentando enxergar alguma coisa embaixo, na escuridão. A borda da trilha tinha pontas, estalagmites, que dificultavam o apoiar-se. — Realmente o som da água vem daqui, a gente podia...

— ela se levantou bruscamente. — Oh, não! — exclamou, tentando pegar alguma coisa. Ao erguer-se, a corrente do amuleto enganchou numa imperfeição de uma estalagmite e quebrou. Quando conseguiu agarrá-la, o sol alado com a esmeralda já tinha caído na escuridão. Os três ouviram o tilintar do metal nas pedras algumas vezes e não fizeram um único comentário.

Prosseguiram a passo acelerado sem trocar palavra. O caminho parecia infundável. Centenas de metros depois, ouviram o som de água caindo em quantidade. Ao se aproximarem, o barulho aumentava e parecia ser de uma grande cachoeira, pois o som era bem alto.

— Daqui a pouco chegaremos à Foz do Iguaçu — brincou Márcio.

Mirella não achou graça. Sentia-se uma retardada. Como pudera ser tão displicente com o precioso amuleto? Só crianças quebram cordões e correntes de pescoço desse jeito. Na verdade, quando criança, ela quebrara vários assim...

Centenas de metros à frente encontraram uma luz meio alaranjada refletida nas paredes. Alguns metros mais e a luz cor de salmão, um misto de alaranjado e rosado, ficou tão forte que tiveram a impressão de estarem prestes a encontrar um incêndio de proporções homéricas na curva seguinte.

Por fim, depois de uma curva fechada, chegaram ao final da trilha e pararam. O panorama foi o mais inesperado possível. O túnel terminava numa cavidade de proporções colossais, com forma de ovo em pé: arredondada, teto alongado, quase pontudo e fundo achatado. O ponto mais alto da caverna deveria estar a pelo menos cento e cinquenta metros de altura, e a largura deveria ser de mais de cem metros. A caverna, com suas formações minerais, cores e texturas, era algo digno de ser fotografado, tal a beleza dos cristais, rochas e minerais formando desenhos e combinações das mais variadas. Um olhar mais arguto perceberia todas as espécies minerais do planeta nas paredes e "colunas". Espeleólogos e mineralogistas consumiriam meses observando e catalogando todos aqueles detalhes.

Uma escadaria descia do fim da trilha pela própria encosta da cavidade e acabava numa plataforma quadrada, com uns vinte metros de lado, a uns dez ou quinze metros acima do fundo. Na plataforma, algumas esculturas. No canto direito oposto

à escada, uma coluna avermelhada de uns dez metros de altura erguia-se solitária. Era uma única peça de mármore vermelho com veios brancos. No canto esquerdo, outra coluna idêntica, porém preta com veios azul-claros. E, no centro exato do quadrado, uma esfinge em pé nas quatro patas.

Entre as colunas, começava uma passagem de pedra no mesmo nível da plataforma e igualmente apoiada no fundo da caverna. Com menos de dois metros de largura, ligava a plataforma a um platô rochoso e rústico bem no centro da caverna. No centro do platô, havia um tanque circular de pedra, com cerca de cinquenta metros de diâmetro, erguido a meio metro de altura. No tanque, um líquido rosa-alaranjado irradiava luz forte nas paredes, como se dezenas de holofotes estivessem no fundo da água. Do centro dessa piscina irrompia uma coluna do líquido a uns quarenta metros de altura, caindo sobre si mesma e agitando o conteúdo do tanque. O espetáculo lembrava tranqüila erupção vulcânica. Uma fina névoa da mesma cor esvaía-se de toda a massa líquida. Esse vapor subia e encontrava saída pelas concavidades do teto.

A esfinge, no centro da plataforma quadrada, não era como a de Gizé. Estava de pé sobre as patas, que lembravam as de um felino, musculosas, peludas, cor de palha, com grandes unhas. O corpo lembrava o de um búfalo ou boi preto, de pelagem lisa, curta e lustrosa. Duas asas enormes, brancas, erguiam-se da região das omoplatas, completamente abertas. E a cabeça do monstro era humana, coberta por uma *klafta* branca de listras douradas. O rosto, claro como alabastro, tinha finos traços e fisionomia andrógina, não sendo possível saber se era homem ou mulher. O queixo do monstro deveria estar a uns dois metros do chão. Seria possível a um adulto passar encurvado sob seu corpo. Todas essas partes eram coloridas e possuíam textura muito aproximada das superfícies que imitavam. O aspecto da escultura era tão real que poderia ser tomada por viva, destoando completamente do tradicional rigor artificial da arte egípcia.

A esfinge e as colunas, apesar de simples, eram totalmente inesperadas ali. Quem teria construído aquelas colunas e as carregado por aquele caminho estreito, para simplesmente deixá-las ali, sem sustentar nada? E mais difícil ainda era imaginar como a esfinge havia sido transportada. Além disso, ela fugia de todo aos padrões sagrados da arte egípcia; era obra de um artista talentoso e bastante original. Por fim, o que pensar da fonte inusitada?

— Achei que seria uma nascente de água medicinal — comentou Mirella.

— Beber lava vulcânica dá a vida eterna? — brincou Márcio sem despregar os olhos do monumento líquido.

— Se fosse lava, o calor desde a entrada da caverna seria insuportável. E os gases fariam o ar irrespirável. Mas a temperatura é fresca e o ar, puro — falou Christian.

— Onde está o guardião que o crânio disse? — perguntou Mirella, receando que

alguém pudesse aparecer. — Isso pode ser uma armadilha.

— Nunca saberemos se não tentarmos — finalizou Christian descendo a escada.

Christian chegou ao fim da escadaria e olhou para trás. Márcio e Mirella ainda estavam lá em cima, contemplando o espetáculo, receosos de descer. Ao pisar na plataforma, Christian ouviu um chiado alto, como se água estivesse sendo despejada numa chapa de ferro em brasa. Assim que o barulho acabou, sentiu forte tontura e perdeu o equilíbrio. Quase caiu. A visão escureceu. Instintivamente levou a mão direita ao cabo da faca. Com a esquerda cobriu a nuca e inclinou a cabeça. A tontura foi passando devagar e ele reequilibrou-se. A visão começou a voltar. "Só como sanduíche de queijo há três dias", pensou. Não chamou Márcio e Mirella para não preocupá-los.

Olhou de novo para a frente. Um olho da esfinge era verde, parecendo uma esmeralda, e o outro, azul, como uma safira. Não tinha notado esse detalhe da distância em que estava. Deu alguns passos olhando em volta e percebeu algo se movimentando. Nada viu. Procurou de novo olhando para os lados. Dali a pouco, uma voz forte como trovão ecoou na grande caverna, dando-lhe um susto:

— Este é um caminho sem volta. Dado o primeiro passo, não há como voltar!

Christian virou-se rápido. A esfinge olhava para ele e o encarava, como um ser vivo, despregado do chão, movendo-se vagarosamente e batendo as asas como se fosse alçar vôo. Seu único pensamento foi estar diante de nova materialização diabólica, parada à primeira vista. Sacou a faca mágica e apontou-a sem nada responder. Faltavam-lhe palavras e pensamentos.

— O que você procura aqui? — continuou o monstro em tom desafiador, aproximando-se. — Pretende ter a vida eterna neste mundo de frustrações e sofrimentos? Ou a saúde temporária, para prolongar alguns anos a caminhada frustrante rumo ao inevitável? Qual das ilusões você busca? Cuidado com o que procura, pois cedo ou tarde encontrará!

O rapaz, completamente sem ação, sentia o fôlego do monstro que o encarava. Onde teria ouvido algo similar? Buscando coragem, ele arriscou:

— O que é você, ser diabólico?

— Eu? Eu sou a análise interminável para quem ainda não compreendeu a lógica subliminar dos fatos. E a síntese para quem está encontrando o caminho! O discípulo ainda me procura; o iluminado me encontrou! Se você não passar por mim, terá incontáveis milênios de experiências pela frente, na cega tentativa e erro. Mas se me venceu quatro vezes, então o caminho foi trilhado, as experiências vividas, a intuição da escolha acertada e a síntese esclarecida substituiu a análise sem propósito útil!

O garoto não conseguiu captar o alcance daquelas palavras. Por que "aquilo" falava por charadas?

— Bem, vim pegar um pouco do fogo líquido de Osíris e tentar salvar a vida de

algumas pessoas.

— Você veio resolver *o seu problema*. Para se sentir melhor ao acreditar que é bonzinho tentando fazer alguma coisa boa por alguém antes de fugir! Você só se enfiou nisso tudo porque sua honra está ameaçada! Acusado de roubo e de assassinato, não te sobrou outra escolha senão resolver seu problema sob o disfarce da abnegação e do altruísmo! Ou você resolve, ou sua vida estará para sempre marcada. Esse é o motivo verdadeiro.

A crueza das palavras atiradas no rosto surpreendeu o rapaz. Como poderia o ser demoníaco saber de tais acontecimentos? Isso — pensou — não importava no momento. Estava decidido a conseguir o que fora buscar e não perderia tempo tentando entender mais essa manifestação mágica.

— Não senhor! Estou aqui porque alguém precisa de ajuda e eu talvez possa ajudá-lo — retrucou enérgico. — Não há muito tempo para isso, preciso ser rápido! Deixe-me passar!

— E como vai ajudá-lo? Por acaso você conseguirá vencer os feiticeiros poderosos? Essa sua faca fará frente àquele exército de bruxos, experimentados na ciência mágica há milhares de anos? Como poderá vencê-los? Você quer satisfazer seu amor-próprio, para dizer para todos e para si mesmo: "Fiz o que pude...". Mas você sabe muito bem ser incapaz de empreendimento dessa envergadura. Desista! Não o deixarei passar!

— Seja lá você quem for, não sei por que me acusa desse jeito. Vim com a intenção de salvar pelo menos uma vida. E você está me atrapalhando e me fazendo perder tempo. Por favor, deixe-me pegar um pouco do fogo líquido! — pediu ele nervosamente.

A esfinge andava de um lado para outro, encarando-o e fixando nele os olhos faiscantes. Ao final da frase do garoto, ela soltou uma gargalhada tão alta que estremeceu a caverna.

— Há, há, há! Diga-me a razão de salvar uma vida, jovem herói... Em que se apóia sua pretensa convicção de que fazer o bem é a melhor escolha num mundo de incertezas e de corrupção? Esse idealismo utópico será, mais cedo ou mais tarde, rematado quando seu corpo estiver apodrecendo numa sepultura e ninguém mais se lembrar de você. Qual benefício carregará consigo dessa luta inglória? Você se ilude, sabe que o mal, o crime e a desonestidade quase sempre triunfam. Essas virtudes pregadas em prosa e verso prometem um céu difícilimo de alcançar e uma futura justiça divina. Ah, a justiça divina... Sempre longe quando se precisa dela! Sabe quem mantém um ideal maravilhoso por muito tempo? Quem não tem como experimentá-lo e colocá-lo à prova!

Christian não respondeu. Como podia o monstro saber tanto a seu respeito? Ele expunha, de maneira franca e direta, inseguranças e perguntas feitas por ele próprio

em momentos de reflexão, sem nunca enfrentá-las realmente. Christian não era ateu. Acreditava na existência de Deus e na sobrevivência da alma após a morte. Achava esse mundo invisível bem longe, sem qualquer interferência direta na natureza e na vida das pessoas. Com essa convicção, nunca havia se preocupado em demasia com tal assunto. Tratava a questão de modo simples: não há como saber nada sobre uma outra vida; então devo me dedicar a esta. Mas, apesar desse desinteresse, pensava sinceramente que cultivar virtudes era um dever de todas as pessoas, fosse qual fosse o estado humano após a morte. A voz retumbante da esfinge não permitiu a seus pensamentos lhe tomarem mais de um segundo.

— Onde está a recompensa por essa atitude insensata de trocar o sólido, a realidade vivida, pelo futuro duvidoso, a promessa de uma futura justiça, neste ou noutro mundo? Por acaso alguém conhecido retornou para atestar ter valido a pena sacrificar-se? Alguém já voltou para te mostrar a recompensa ganha com o enorme esforço? Os aparentemente virtuosos na verdade preferem as recompensas deste mundo. Você sabe perfeitamente que por trás das boas iniciativas há um algo mais a ser descoberto. Chegue mais perto de qualquer um: um parente, um amigo, um casal, um negócio, um governo ou uma nação. Observe bem de perto e me diga: quem ali não esconde por trás das intenções louváveis segundos interesses? Quem? Qual parente se mantém afetivo quando não leva a melhor parte da herança? Qual cônjuge se mantém fiel e apaixonado quando o mais bobo resolve parar de financiar o convívio? Qual governante busca o bem-estar do seu povo acima do seu próprio? Você apenas engana a si mesmo ao manter-se na cômoda convicção superficial de que ser honesto e correto é a melhor escolha. É mais fácil seguir e repetir o discurso simplório da maioria, sem se dar ao trabalho de verificar como o mundo funciona. É mais fácil deixar-se enganar, ao invés de remexer nas próprias convicções e correr o risco de descobrir desejos deploráveis em si mesmo! Porém, a vida tem te mostrado ser o discurso bem diferente da prática, não é mesmo?

Por mais estranhos que fossem o interlocutor e as circunstâncias do diálogo, cada palavra da esfinge tinha o poder de tocar fundo em Christian. Uma avalanche de lembranças derramou-se sobre ele, e casos e mais casos conhecidos e vividos ressuscitaram em sua memória, exibindo todas as cores dos dramas acontecidos.

Uma lembrança nítida se impôs à sua atenção: o noivado de sua irmã, mais velha alguns anos. Embora o garoto quisesse voltar a pensar no caminho até o tanque do fogo líquido, a lembrança era dominadora, impedindo-o de pensar em qualquer outra coisa. A história da irmã era o exemplo vivo das assertivas da esfinge. Ela conheceu um rapaz por intermédio de amigos comuns, e se tornaram amigos também. Meses depois o namoro começou e assim os dois prosseguiram por cinco anos, quando decidiram se casar. O rapaz era simpático e muito atencioso com ela e... excessivamente ciumento. O simples fato de ela sair de casa sem avisá-lo o irritava

a ponto de fazê-lo gritar e destratá-la grosseiramente. Passado o mal-entendido, ele voltava a ser a pessoa doce de sempre, o acesso de raiva parecia nem ter acontecido. E, quando ela falava disso com ele, ele apenas respondia que estava "tudo bem". Se, porém, ele telefonasse e não a encontrasse onde esperava, a crise agressiva se repetia com a mesma intensidade de antes. Esses acessos de raiva tornaram-se freqüentes e chegaram a acontecer quase diariamente. Conversando com amigas, um dia ela recebeu um conselho:

— Por que tanto ciúme? Se ele desconfia de você desse modo doentio, é porque ele faz ou faria alguma coisa desse tipo. Investigue a vida dele. Você descobrirá alguma coisa, tenho certeza.

Ela decidiu fazer isso. Jamais desconfiara dele antes. Afinal, quando estava com ela, ele nunca olhava para outras garotas, mesmo as mais bonitas. Comportava-se exemplarmente quando estavam juntos. Num sábado, ele disse não poder sair com ela à noite, pois teria de dormir cedo; trabalharia no domingo de manhã para fazer uma grande venda a um cliente importante. Esses clientes importantes sempre apareciam e ela compreensivamente ficava em casa, sem se divertir nesses fins de semana. Mas na noite desse sábado ela foi até o edifício dele e aguardou no próprio carro. Ele morava e trabalhava em Santana, um bairro na zona norte de São Paulo, bem longe dela, que residia em Higienópolis, na zona oeste. Para sua surpresa, por volta das nove da noite, ele saiu de carro. Ela o seguiu com cautela e descobriu o pior: o noivo fora encontrar amigos num bar nojento da rua Augusta, onde moças dispostas a tudo praticamente se atiravam sobre eles. Ela o viu abraçado com mais de uma. Com ele estavam outros quatro amigos: dois casados, um noivo e outro que tinha namorada. Ela conhecia todos e as duas esposas, a noiva e a namorada; nenhum era descompromissado! Minutos depois, os alegres casais entraram num hotel pequeno e feio ali perto.

Arrasada, ela investigou mais a vida do noivo e dos amigos. Descobriu que o grupo fazia aquilo havia alguns anos!

Quando ela finalmente contou ao noivo toda a descoberta e encerrou o noivado, ele a xingou ameaçadoramente. Disse ter o direito de manter as amizades e costumes "normais" e que ela jamais poderia tê-lo seguido. Criticou-a duramente por ter desconfiado dele! Toda a confusão e problema que seus amigos poderiam ter dali para a frente seriam culpa dela! Ela deveria se envergonhar de tentar prejudicar a vida de tantas pessoas...

O caso da irmã foi impressionante para Christian. Após o fim do noivado, ela se tornou mal-humorada e deprimida. O pai havia desaparecido sem notícias havia pouco tempo, aumentando na família a sensação de tudo estar desmoronando. Ela nunca mais acreditou poder haver sinceridade num relacionamento. E quais argumentos os amigos e parentes poderiam ter para animá-la, se os mais próximos

amigos dela e do ex-noivo faziam a mesma coisa? Ao contar o fato presenciado às duas esposas, à noiva e à namorada traídas, também suas amigas, estas não deram muita importância. As duas esposas derramaram um discurso pronto, justificando e atenuando o que nem tinham visto! A noiva e a namorada desentenderam-se com seus pares, reatando relações depois de uma semana. E, é claro, os quatro casais pararam de falar com ela, chamando-a de invejosa, mentirosa, obsessiva e intrometida. Marcada pelo acontecimento, passou a proclamar para todos que um casamento, para ser estável e duradouro, precisa de uma mulher retardada, ou que finja sê-lo.

Essa lembrança não lhe roubou mais de um segundo. A esfinge laçou seu pensamento em seguida.

— Exatamente! O caso de sua irmã... Eis um bom exemplo da recompensa pela virtude. Não era ela uma pessoa dedicada e honesta? Não amava com sinceridade o noivo? Não estava mudando o rumo de sua vida e fazendo concessões em nome do amor verdadeiro? Qual foi a retribuição? O que o noivo imbecil ofereceu em troca? Nada! Ele sequer aceitou seu erro. Na tentativa desesperada de continuar o domínio sobre a vítima, tentou fazê-la acreditar ser *ela* a errada. E, para coroar a farsa, o imprestável e seus amigos responsabilizaram-na pelo despedaçamento do futuro deles. Há, há, há! Como é medíocre a vidinha humana... Agora vou te confirmar a mais triste realidade, descoberta por sua infeliz irmã: casos como esse não são exceção nem minoria! A conclusão dela, taxada de extremista pelos que se consideram mais espertos, é a mais indigesta verdade! — a esfinge deu um passo à frente, nivelou o rosto ao de Christian e perguntou, esboçando um sorriso irônico: — Se ela fez tudo certo, como pôde ser a castigada? Pode me responder, paladino da verdade e da justiça?

— Ela foi prejudicada por ser ingênua. Nunca se interessou em descobrir mais sobre alguém tão importante em sua vida. Simplesmente confiou e preferiu acreditar que ele não teria defeitos graves. Se ela não o visse como príncipe encantado, teria deixado-o logo no início. Afinal, seu comportamento era desequilibrado e suspeito. Ela demorou muito para ler o sinal. Foi isso.

A esfinge franziu as sobrancelhas e retrucou sarcástica:

— Entendi. Então, para a virtude triunfar na Terra, devemos todos ser sábios, capazes de entender tudo e saber enxergar numa ruga de expressão todo o mal que alguém do nosso lado é capaz de fazer. Então poderemos nos defender. Puxa, como ninguém pensou nisso antes? O problema é...

— Não dá para saber de tudo, é claro. Mas devemos ser atentos e nos precaver com o que mais nos afeta e nos importa. Quis dizer isso do caso dela. Ela não foi atenta. Preferiu continuar apaixonada pela fantasia que fez do noivo, ao invés de descobrir quem era o noivo real. Talvez tivesse medo de descobrir nele uma outra pessoa.

Enfim, não foi realista nem prática. Não é fácil, eu sei — ele baixou o olhar por um instante, lamentando a infelicidade da irmã, depois continuou: — Por outro lado, se ela fosse mau caráter como ele, o mundo não seria melhor. Nem a vida dela seria melhor. Os princípios nobres, acredito nisso, podem nos trazer felicidade se não formos ingênuos.

— Todos esses princípios nobres não passam de um discurso vazio usado pelos mais espertos para enganar os mais crédulos! Só isso. Aceite a realidade da vida: buscar a virtude o faz distrair-se da maldade governante do mundo, fazendo do ingênuo seguidor uma vítima fácil. A história é sempre a mesma, em todas as épocas, em todos os povos. Os próprios defensores de tais valores nobres mudam muito fácil de convicção quando seus interesses estão em jogo. Essa convicção é tão durável e sólida quanto a chama de uma vela no meio de uma tempestade de vento — falou a esfinge, agora séria e deixando as ironias de lado.

Christian não parecia convencido do ponto de vista do monstro. Apesar de aquelas mesmas dúvidas e indagações existirem dentro dele, o debate havia demonstrado justamente a superficialidade da argumentação. Ele retrucou, sem entender por que se sentia mais convicto e até empolgado com o duelo:

— Então, o que devemos fazer? Concordar com o crime e a violência, piorando este mundo caótico? Independentemente das promessas das religiões, a virtude é uma necessidade para o mundo melhorar sempre. A virtude não serve para receber um paraíso numa outra vida; serve para *esta* vida se tornar melhor. As boas intenções ajudam a diminuir os problemas aqui mesmo, fazendo o convívio mais fácil e o progresso mais rápido. Você fala do lado negativo das boas intenções. E esse lado positivo? É o que mais interessa! Isso não é ingenuidade. Segundo você, a virtude só valeria se fosse imediatamente recompensada. Então não será virtude. Será um cálculo financeiro, um investimento. Ora, isso já existe. Quando procuramos um trabalho para ganhar dinheiro, fazemos esse cálculo. A moral é justamente aquela parte onde não dá para fazer cálculo. E a adesão voluntária a uma regra para tornar a convivência melhor. Quero ajudar o professor porque gostaria que fizessem o mesmo por mim, não porque isso irá me salvar. Não sei como o professor reagirá quando acordar. Talvez me acuse e me culpe. Talvez ele seja um criminoso enganado por bandidos mais espertos. Também tenho dúvidas sobre ele. Como posso saber? Na verdade, eu estaria mais seguro se não tivesse vindo para cá, em vez de me envolver ainda mais numa situação tão estranha e confusa. Estou aqui para isso, para fazer o possível por ele, por meus amigos e por mim mesmo também, pois não valho menos que ninguém. Não é egoísmo eu tentar resolver meus problemas, ao contrário do que você disse, se para isso não prejudicar outras pessoas — ele falava convicto e, após rápida pausa, prosseguiu: — É verdade, um lado egoísta existe. Meu ego é acariciado ao me sentir capaz de fazer algo bom para

alguém. Isso, porém, não tira o valor do que faço. Você está errado, guardião! Não vou desistir de salvar a vida dele, não aceito fazer o papel de vítima indefesa das circunstâncias.

Vim aqui para isso e assim vou fazer. Saia da frente e deixe-me passar! Eu vou passar! — e ele tirou a faca mágica da cintura e apontou-a para a esfinge.

O monstro não tardou em responder:

— Palavras o vento leva. Prove! Se tudo isso é verdadeiro, se está se arriscando pelo seu professor e não só por si mesmo, então prove: só passará se deixar sua faca mágica aí.

Por essa o rapaz não esperava. Largar a faca mágica? Essa era sua única proteção contra aqueles feitiços. Se o fizesse talvez estivesse caindo na armadilha daqueles bruxos terríveis.

— Por que você me pede isso? E como posso ter certeza que me deixará passar?

— Não pode ter certeza. Eis o dilema: se largar a faca, talvez eu o deixe salvar o professor e a si mesmo, ou talvez eu o destrua, e os dois morrem. Se continuar com ela, não o deixarei passar e terá duas certezas: você continuará vivo, e o professor morrerá! — o belo rosto deu um sorriso sádico e gritou como trovão: — Escolha!!

Christian olhou para o monstro. Este se afastou e pôs-se exatamente em frente ao caminho que levava à piscina do fogo líquido de Osíris. Realmente não havia como atravessar o espaço e escapar àquele ser. Uma patada o jogaria longe.

Quando esse pensamento ocorreu a Christian, o animal pareceu percebê-lo. Estendeu as asas e bateu-as vigorosamente. O vento produzido ergueu a poeira do chão e o monstro elevou-se no ar.

O rapaz pensou em agredi-lo com a faca. Instantaneamente o monstro fez um movimento rápido com as asas para a frente e para baixo. O forte vento produzido quase derrubou Christian. Com alguns movimentos de asas como aquele, seria jogado com facilidade para fora da plataforma. Estava bem claro: não tinha qualquer chance de vencer uma luta. A faca não o ajudaria. Realmente, estava diante de um dilema: arriscar sua própria vida para salvar a do professor ou assegurar sua sobrevivência com a certeza da morte do professor.

Ao fim de alguns segundos, decidiu. Solto a faca no chão.

A esfinge ficou séria e disse em tom solene, para surpresa dele:

— Você está ciente de suas escolhas. Avance. Não há mais volta!

Em seguida forte luz branca inundou o ambiente, como se um relâmpago tivesse caído ali dentro, ofuscando totalmente a visão de Christian. Quando a luz sumiu, Christian olhou a esfinge. Estava com o aspecto inicial: uma escultura imóvel e rígida na plataforma de pedra. Ele aguçou o olhar e deu um passo à frente. Nesse momento, retirou o pé direito de uma poça de água. Ele olhou para trás, surpreso:

— Como não percebi essa poça?

Em seguida, Mirella o chamou:

— Christian, sua faca caiu!

Ele virou e ficou indeciso ao vê-la no chão. Depois olhou para a esfinge, esperando que algo acontecesse. Avisou aos amigos que a deixassem lá enquanto fosse buscar o fogo. Avançou, passando ao lado da escultura. Ele bateu com a mão no corpo daquela obra de arte e viu que era feita de pedra. Depois lembrou-se de que Mirella e Márcio estavam descendo a escada quando ele chegou à plataforma. É que, quando Mirella o chamou, eles tinham descido apenas um degrau. Ele virou-se rápido e perguntou:

— Depois de descer a escada, o que fiz?

— Você pisou na água, deu um passo e a faca caiu. Porquê?

Ele pensou por segundos sem poder entender.

— Nada. Venham, vamos pegar o fogo!

Eles atravessaram a estreita estrada elevada até o rochedo da piscina do líquido rosa-alaranjado.

— Cuidado Christian. Não encoste nesse líquido — aconselhou Mirella.

O rapaz aproximou-se cauteloso do tanque. Márcio e Mirella seguiam-no de perto. Antes de coletar o líquido, teve um instante de indecisão. "E se eu tocar no fogo líquido e adquirir a vida eterna? Não haverá mais doenças, nem velhice, nem riscos. Por outro lado, isso implica tantas mudanças. Seria tão bom se..." Mergulhou uma vasilha plástica no fogo líquido. Depois tapou-a e enxugou-a com um pedaço de pano; embrulhou-o e guardou-o num saco plástico. Uma pequena porção estava garantida! Agora faltava fazer o professor respirar o vapor. Contudo, ao guardar o pedaço de pano no saco plástico, notou que o saco principiou a estufar até que estourou e o pano caiu no chão.

Os três observaram o tecido. Pequenos pontos verdes surgiram. Logo se tornaram minúsculos brotos com folhas, e estas aumentavam de tamanho devagar. Eram algodoeiros se formando e crescendo em velocidade espantosa. Infelizmente estavam apressados e não havia tempo para apreciarem o fenômeno. Deixaram o pano para trás e correram de volta para a saída. Ao passarem na plataforma da esfinge, Christian não se esqueceu de pegar a faca e guardá-la novamente na túnica.

Câmara do Templo de Amon

Hora e data desconhecidas

ENQUANTO TUDO ISSO ACONTECIA na caverna do fogo líquido de Osíris, noutro lugar um grupo preocupava-se com interessante descoberta.

Numa sala do Templo de Amon, na praça ensolarada, Seneb chamara para uma reunião secreta alguns dos seus mais próximos cúmplices na conspiração contra o

Sumo Sacerdote Anfion. Isso aconteceu tão logo saíram do salão do aparelho de cristal e da "semente de Sobek". A sala espaçosa, servindo de laboratório e biblioteca para Seneb, tinha teto baixo, pequenas frestas verticais na parede à semelhança de janelas e rica mobília. As poltronas e mesas eram decoradas com figuras de animais e plantas em relevo, os detalhes eram de ouro e pedrarias. Algumas lâmpadas a óleo iluminavam fracamente o local e, num canto da sala, uma trípode sustentava uma tigela metálica com brasas acesas. De vez em quando via-se uma labareda mais alta.

Seneb, sentado numa poltrona, assentava os pés numa pele de leopardo, usada como tapete. Dois outros sacerdotes também estavam sentados, em silêncio. Ar de preocupação estampava-se no rosto sério dos três bruxos.

Dali a instantes, um servo de olhar inexpressivo afastou uma cortina de couro na entrada da sala. Por ela entrou o sacerdote com o babuíno adormecido nos braços. Os três magos olharam para ele ansiosos. Após pôr o macaco no chão, olhou para os três e fez um sinal afirmativo com a cabeça.

— Como desconfiávamos, há intrusos não capturados.

— Quantos são? — perguntou um deles.

— Não sei. Tentei visualizá-los a distância, mas não consegui. Algum encantamento poderoso os protege — respondeu o mago com voz baixa e calma.

— Vamos ver o que o macaco viu — determinou Seneb resolutivo.

Em seguida, a um sinal feito para o servo, parado ao lado da saída, este retirou-se e voltou em seguida com uma bacia de barro cheia de água. Ele a pôs no chão, entre os quatro homens.

Seneb levantou-se depressa. Pegou dois potes de cerâmica e despejou de um deles um pó vermelho na água. Do outro, um líquido amarelado, gorduroso. Com uma pequena baqueta, remexeu o líquido até uma leve fumaça com cheiro de sangue começar a se desprender. Depois pegou um pote menor e dele tirou uma pasta branca. Com uma pequena espátula, untou a testa do macaco.

Finalmente, sentou, fechou os olhos e pareceu concentrar-se em algo. Tocou com a mão esquerda a cabeça do macaco. O animal continuava imóvel. Mais alguns segundos e Seneb estendeu a mão direita sobre a bacia. Seneb tirou a mão da cabeça do macaco, abriu os olhos e olhou para a bacia, junto com os outros.

Apareceu na água, então, a imagem, um tanto transparente, do salão, mas visto da posição em que o babuíno estava. Apareceram os magos sentados, Seneb, o aparelho de cristal, a tigela com água no chão e as pedras do lado direito do salão. Entre elas, três pessoas vestidas de branco, agachadas, espiando tudo por entre as rochas. Na mão de uma delas um papel branco cheio de hieróglifos. Seneb, ao notar o detalhe, passou novamente a mão sobre a bacia. A imagem se aproximou e os magos leram, atentos, trechos do papel. Entre os vários hieróglifos, estava inscrito o nome

"Amenhotep" dentro do sinal conhecido na egiptologia como "cartucho". Em segundos a imagem empalideceu e sumiu.

Seneb fez um gesto de contrariedade e os outros magos franziram o canto da boca, antevendo problemas.

— Espiões! Provavelmente já nos denunciaram — comentou um deles.

— Não acredito. Anfion teria feito alguma coisa, se soubesse — duvidou Seneb.

O que trouxe o macaco falou, em seu tom sóbrio imperturbável:

— Alguém já leu as estrelas após desconfiar deles?

— Li ontem — respondeu um mago com enfado. — Morte e destruição causadas por um homem. Um homem protegido. Em breve.

— Morte de quem? — perguntou um outro.

— Não consegui saber, mas se somos imortais só pode ser dele.

— Protegido por Amenhotep?! — admirou-se o que trouxe o macaco. — O grande sábio nos deixou há mais de cem anos. Como seu feitiço estaria tão potente após sua morte? Ao se despedir, quebrou seu cajado e libertou todos os elementais por ele dominados. Lembram?

— Talvez a loucura sagrada nos esclareça — disse Seneb, e os outros silenciaram.

Ele acomodou-se na poltrona, pôs as mãos sobre as coxas e fechou os olhos, concentrando-se. Em pouco tempo sua respiração tornou-se profunda e lenta, como se dormisse. Logo em seguida um espasmo agitou seu corpo. Sacudiu-se na poltrona, respirando fundo, sonoramente, ofegante, como se cansado de prolongado exercício. Então, com um tom de voz completamente diferente do seu, a cabeça balançando para a frente e para trás, pronunciou, sem abrir os olhos:

— Hmm... O altar... Ossos no altar... O fogo letal... Três é demais, três é demais... O carneiro manco...

Seneb não disse mais nada. Novo tremor sacudiu-o. O transe cessou e sua respiração voltou ao normal. A cabeça pendeu para trás e após alguns segundos ele abriu os olhos. Encontrou o olhar dos demais cravado nele.

— É melhor adiarmos o plano até termos estratégia melhor — sugeriu nervosamente um deles.

— O que eu disse? — quis saber Seneb, piscando os olhos e recompondo-se. Pediu água ao escravo, que atendeu pressuroso.

— Não foi direto, Seneb. Mas houve nítida referência a você: o carneiro de Amon — esclareceu um deles, repetindo depois cada palavra dita no transe. — É melhor adiarmos para...

— Impossível! — retrucou Seneb, indignado. — Há mais de duzentos anos buscamos o melhor momento e nunca agimos! Quantos séculos ainda vamos esperar? Lá fora as circunstâncias estão mais favoráveis que nunca. Devemos nos empenhar para vencer os meandros ameaçadores do destino. A qual classe de magos

pertenceríamos se não soubéssemos manejar os signos invisíveis do destino? — e mais calmo, esboçando um leve sorriso: — Não perceberam o significado? "Ossos no altar." Quem será atacado no altar? Anfion, claro! "Três é demais" são os espiões profetizados. Eles precisam ser detidos.

Dois dos magos não pareceram muito convictos daquela interpretação.

— Realmente não temos razão para esperar — interveio o mago que trouxera o babuíno, encostado a uma parede com os braços cruzados. — Temos todas as condições favoráveis reunidas. Não conseguiremos aliciar mais ninguém para a Serpente Vermelha. Cada um já fez sua opção. Temos quase um quinto da comunidade ao nosso lado. Nunca conseguimos tanto.

— Precisamos destruir os invasores. Certamente são espiões de Anfion — Seneb pensou um pouco e depois falou animado: — Tenho algo especial para eles. Bom, primeiro vamos criar *o nosso* espião.

O bruxo pôs sobre uma mesinha uma pequena bacia de cerâmica. Depois despejou pós de plantas secas e resinas de aspecto oleoso. Em seguida fez um corte no próprio braço esquerdo e deixou algumas gotas de sangue pingarem na mistura. Remexeu tudo vigorosamente com a baqueta. Do amarelo, a mistura passou ao vermelho-escuro.

Ele fechou os olhos e se concentrou, impondo a mão direita sobre a tigela. Dali a pouco a mistura começou a se mover e a tomar consistência cada vez mais grossa. Em um minuto uma figura bizarra se formou. Da tigela levantou-se um pequeno ser, um humanóide de uns vinte e cinco centímetros de altura, magérrimo. A fisionomia era simiesca e as orelhas, grandes e pontudas. Das omoplatas partiam asas grandes, idênticas às de morcego. O monstinho cambaleou e logo aprumou-se. Em seguida começou a bater as asas e tentou ensaiar um voo. Tentou diversas vezes sem sucesso. Logo após saltar, perdia altura e caía no chão.

— Posso ajudá-lo, Seneb? — ofereceu-se um dos magos.

O bruxo concordou. O mago pegou delicadamente a criatura e a pôs na bacia. Impôs as mãos sobre ela. Quase instantaneamente, o monstinho ergueu-se de pé. As asas começaram a bater com maior rapidez, elevando-o no ar com equilíbrio. Voou silenciosamente de um lado para outro, com absoluto controle.

— Ele encontrará os espiões e me mostrará cada passo deles — disse Seneb. — Assim que tiver novidade aviso vocês. Teremos uma surpresa para nossos discretos amigos... — concluiu ele com um sorriso malicioso.

Os demais magos se despediram, levando o babuíno, e deixaram o bruxo-chefe sozinho.

O gárgula, se assim se pudesse chamar o monstro criado, voou pela sala e atravessou uma janela, ganhando o exterior em voo acelerado pelo céu da praça rumo à pequena pirâmide que dava entrada para as galerias. Seneb, de olhos

fechados na poltrona, via e sentia tudo o que sua criação experimentava. Ele a guiava. A criatura era, na verdade, uma extensão temporária dele, animada por sua força vital. A criatura iria vasculhar todos os lugares possíveis na busca dos visitantes não convidados.

Câmara dos sarcófagos

Data e hora desconhecidas

APÓS SAÍREM DA CAVERNA do fogo líquido, os três rumaram para a sala dos crânios. Lá, atravessaram a passagem secreta e chegaram à sala das múmias. Por pouco não foram vistos. Duas duplas de servos carregavam sarcófagos para outro lugar, através de uma passagem desconhecida para eles até aquele momento.

Tiveram de ser rápidos para conseguir entrar na sala sem serem vistos, pois tão logo uma dupla saía com um sarcófago, outra chegava. Nos intervalos, entraram e se esconderam no fundo da sala. Como o professor estava bem no fim de uma das fileiras, ele poderia ser removido sem ser notado. Aos poucos, durante o intervalo entre uma dupla e outra, Márcio e Christian retiraram o professor do sarcófago, deitaram-no no chão num lugar escondido e puseram outro senhor idoso em seu lugar. Mirella ficava perto da porta, avisando quando uma dupla se aproximava pelo túnel escuro.

Quando finalmente o professor foi colocado num lugar seguro, Christian pegou o frasco com o fogo líquido de Osíris. A parte incompleta da vasilha estava cheia do vapor cor de salmão evolado do líquido luminoso. Reclinaram o professor e removeram a cera das narinas e dos ouvidos com um pano. Profundo mal-estar os dominou ao verem tão de perto o professor inerte, pálido como cadáver. Depois entreabriram o frasco debaixo das narinas dele. O vapor principiou a sair, tocando no nariz. Em menos de um minuto o professor começou a respirar e a cor rosada foi voltando à sua face cheia de rugas.

— Está funcionando! — Mirella sorriu satisfeita.

Mais alguns segundos respirando o vapor e ele abriu os olhos. Quando viu seus três alunos observando-o, nada compreendeu e tentou falar alguma coisa. Imediatamente Christian tapou-lhe a boca e sussurrou:

— Estamos em perigo. Querem nos matar. Faça silêncio absoluto e venha conosco.

O professor Manccini não aceitou passivamente a ordem.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo? — pediu indignado e, sem esperar resposta, continuou: — Como vocês vieram parar aqui, Mirella e Márcio? Christian veio sozinho de São Paulo.

— Professor, a história é longa e complicada. O senhor se lembra de entrar aqui e ser aprisionado? — ensaiou Christian, calculando como fazer um resumo de todo o

ocorrido.

— Sim, me lembro. Só não entendo como vim parar nesta sala cheia de cadáveres.

— Bem, professor... O senhor dormiu naquele sarcófago por cinco meses. Não estamos em julho, mas em dezembro de 2003.

— Cinco meses?! Mas como é possível...

— Agora não dá para explicar, professor. Precisamos fugir deste lugar antes de sermos todos capturados — interrompeu Christian impaciente, olhando para os lados.

— Espere. Hmm... Estou me lembrando. Tentei fugir quando dei um tiro num homem que usava uma saia branca, como os escravos egípcios antigos. Foi isso mesmo!

Os três interessaram-se pela história. Nenhum deles sabia que o professor estava armado.

— Foi isso. Aí descobri uma coisa: esses escravos não podem tocar em nada de metal. Ao ser atravessado pela bala, ele derreteu como cera. Ouvi um sacerdote falar "Ele atirou um metal no escravo!"

— Só os escravos não podem encostar em metais, ou todos os sacerdotes? — perguntou Christian, levando a mão ao queixo.

— Só os escravos. Eles não são pessoas vivas. São criaturas... não sei o nome dado a elas. Os magos criam-nas e, com uns líquidos e pós, formam um corpo. Deve ser algum tipo de clonagem.

Os três lembraram-se de ter visto apenas os sacerdotes usando cintos, braceletes, jóias e adereços de metal. Os servos, ou escravos, não possuíam qualquer peça metálica. Também não conseguiam se lembrar de momento algum dos servos tocando em algo metálico. Christian lembrou de ter ouvido alguma coisa assim antes, sem conseguir precisar onde e quando.

Após essas rápidas recordações, Christian voltou novamente a atenção para o lugar onde estavam. Uma dupla de servos poderia chegar a qualquer momento.

— Sim, percebemos isso também, professor, mas temos de sair daqui antes de...

— Ah! Tem outro detalhe — continuou o professor, recuperando a cada segundo uma nova lembrança. — Minha maleta e meu revólver foram tirados quando estavam me levando para a reunião.

— Vamos! No nosso esconderijo conversaremos — sem esperar resposta, Christian levantou e puxou o professor pelo braço.

Quando os três se levantaram, o professor disse sentir tontura e que suas pernas formigavam e não o obedeciam. Fizeram-no respirar mais do vapor fortificante. Ele, por sua vez, não entendia nada e queria de todo jeito saber o que estava acontecendo. Mirella, autoritária, forçou-o a inalar o vapor sem fazer perguntas.

Após algumas inspirações, o ancião pareceu adquirir a mesma disposição que tinha aos vinte anos. Ficou de pé com facilidade e a tontura desapareceu completamente.

Quando nenhuma dupla de servos estava por perto, correram pela escadaria e chegaram à sala dos crânios. Algum tempo depois chegaram à sala-depósito de coisas velhas, o quartel-general deles de vez em quando. Sem o amuleto de Mirella, o trajeto foi percorrido bem mais devagar, pois a toda hora viam sacerdotes passando de um lado para outro e tinham de voltar correndo para onde estavam.

MAIS TARDE, ACOMODADOS NA SALA-ESCONDERIJO, retomaram o assunto, sentados atrás de mesas de pedra e móveis velhos entulhados.

— Também vimos, professor, o plano deles para um grupo de terroristas — falou Márcio tirando da mochila o último sanduíche.

O professor, entre goles de água na boca da garrafa oferecida por Mirella, contava o que havia visto.

— Pouco antes de me capturarem, presenciei o início de uma reunião entre os sacerdotes e os guerrilheiros...

— Guerrilheiros? Os sacerdotes rebeldes? — quis saber Mirella.

— Não, guerrilheiros árabes! Pretendem fazer uma tal "semente de Sobek" atingir seis cidades do Ocidente. Nunca ouvi falar dessa semente. Christian, você, da área de biologia, sabe qual planta tem o nome do deus crocodilo?

Os três garotos se entreolharam, receosos.

— O senhor disse seis *cidades*? — sublinhou Christian.

— Sim. Os terroristas vão atacar seis cidades. Só não entendi como nem para que essa semente vai servir.

— Como o senhor soube disso? — intrigou-se Mirella.

— Presenciei a conversa. Eles falavam em ninhos e depois disseram os nomes dos ninhos: Los Angeles, São Paulo, Paris, Tel-Aviv, Tokyo e Sidney.

— E os pássaros? Será o que estou pensando? — falou Márcio.

— Aviões, é claro! — disse Christian.

— Entendi que os aviões vão jogar a semente de Sobek nessas cidades. Mas não tem muito sentido... — afirmou o professor.

— Os aviões vão se jogar sobre aquelas grandes cidades. As pessoas do povoado vão beber a semente de Sobek e darão apoio cada vez maior aos ataques — respondeu Christian, finalmente reunindo os fatos.

— É... perfeito! — exclamou Mirella. — Os terroristas seqüestrarão os aviões e atacarão justamente as cidades dos países mais influentes em seus continentes: se o Brasil se puser contra um grupo terrorista, a América do Sul provavelmente apoiará. Os Estados Unidos e a França conseguirão apoio de toda a América do Norte, Europa e sem dúvida de Israel; Japão e Austrália conseguirão o apoio dos Tigres Asiáticos. Quem sobra?

— Sobra o mundo árabe, China, Coréia do Norte, Paquistão e Índia, todos com armas

atômicas — respondeu Márcio.

— E todos insatisfeitos com a política econômica do Ocidente! É bem provável que, se entrarem no conflito, apóiem os países árabes — completou Christian.

Os três ficaram estupefatos com a ousadia do plano. Quiseram saber se o professor tinha ouvido direito, se não estava sob algum transe ou estado alterado.

— Sim, tenho certeza — disse ele convicto. — Ouvi algumas vezes antes de me doparem com a luz azul hipnótica. Fingi não entender o idioma egípcio e ouvi a conversa. Lembro perfeitamente: irão atingir seis cidades com seis ou mais pássaros. Por instantes, os três pararam para refletir sobre as dimensões do problema. A catástrofe atingia proporções muito além do imaginado. Não se tratava da vida somente deles quatro e de algumas dúzias de múmias; milhares e, com o tempo, milhões de pessoas morreriam se o projeto dos magos insubmissos fosse posto em execução. Como os países poderiam se defender sem serem avisados? Ou melhor, com aquele poderoso projetor mental e a nanotecnologia da areia, de que adiantaria avisar os países-alvo? Quem acreditaria num relato tão fantástico? Situados num país do Oriente, desaparecidos há alguns dias e suspeitos de roubo de antigüidades, seriam os primeiros a serem acusados de cumplicidade, caso os atentados acontecessem. Teriam de encontrar outro tipo de solução.

Mirella estava sem palavras. Aquilo tudo era por demais sádico para ela. Uma cascata de planos diabolicamente criminosos despejava-se sobre eles, surpreendendo pela crueldade a cada minuto. A idéia poética e romantizada que fazia do antigo povo egípcio estava desmoronando. Seus olhos passeavam pelo ambiente, revendo cenas e fatos, encaixando uns nos outros.

Márcio, calado até então, repetiu tudo o que tinha ouvido, para ter certeza de a situação ser realmente complicada como tinha entendido. Era tudo tão diferente e inesperado. As vezes achava que nada daquilo era real. Parou de comer o sanduíche.

— Se bem entendi, daqui a pouco eles atacam o Templo de Osíris para depor o Sumo Sacerdote. Se forem vitoriosos, irão para o salão do projetor de cristal e despejarão a areia na água da cidade dos terroristas. Seis grandes cidades do mundo verão repetir-se o que foi visto em Nova York, em 2001. E nós deveremos salvar tudo e todos... É isso? — falou com sua costumeira ironia.

— Exato! — concordou Christian igualmente irônico. - Por isso, proponho o seguinte: vamos nos dividir. Márcio e o professor seguem para o salão do projetor de cristal. Lá vocês tentam reaver a mala com os fragmentos de papiro e pegar os CDs, para, pelo menos, dificultarmos essa tragédia. E muito importante, Márcio, destruir esses CDs; caso contrário, os programas serão acionados, não é isso?

— É.

— Mirella e eu tentaremos chegar a esse Sumo Sacerdote Anfion e contar sobre a ameaça contra ele — propôs, olhando para ela.

Ela admirou-se com a proposta.

— O quê? Como vamos nos apresentar? E se ele nos aprisionar?

— Vamos ter de nos arriscar. Temos esta faca, caso ele ou outros tentem nos enfeitiçar — ele parou por um segundo e observou a expressão de indecisão e medo dos demais, e rematou, decidido: — Não há outra opção. Será um tudo ou nada, Mirella!

— Ai, meu Deus... — lamuriou-se ela.

— Por que não vamos todos juntos pegar a maleta e os CDs? Seria mais seguro — sugeriu o professor.

— Não dá tempo. E, mesmo que desse, não temos mais o amuleto de Mirella para enxergar as passagens — discordou Christian. — Se os bruxos rebeldes não forem detidos ou pelo menos distraídos por esse Anfion, não temos qualquer chance de escapar! Além disso, há as outras centenas de múmias. Não temos tempo de acordá-las. Se atrasarmos o plano deles, talvez consigamos salvá-las do sacrifício.

Márcio ouvia a tudo circunspecto e desconfiado.

— Christian, ponha os pés no chão! Você está planejando o impossível e ainda quer que nos separemos! Para quê? Para ficarmos mais desprotegidos?

— Márcio, vocês dois só precisam correr até lá, arrombar o armário, pegar os CDs e a maleta e voltar para cá. E isso. Se os magos chegarem ao salão e nós não tivermos voltado, fomos capturados. Aí vocês não precisam esperar; devem procurar a saída destes subterrâneos imediatamente.

— E vocês, como vão fazer se o Sumo Sacerdote não acreditar? — retrucou Márcio. Mirella aguardava para fazer a mesma pergunta.

Christian suspirou, sentindo-se vencido. Duvidava do seu próprio plano.

— O professor e eu pegarmos o CD e a mala é possível, mas vocês irem ao Sumo Sacerdote é loucura! Vocês podem deixar um recado escrito em algum lugar, sei lá, sem aparecer pessoalmente.

Christian reconheceu que o amigo, normalmente tão preso a sistemas teóricos, tinha toda a razão, enquanto ele próprio voava alto demais.

— Ok, você está certo. Só vamos falar pessoalmente com ele se um outro recurso não funcionar. Mirella e eu resolveremos isso. Quanto ao resto, podemos fechar assim?

Eles concordaram com um movimento de cabeça. O plano era arriscado, sem dúvida. Não havia outras opções nem tempo para planejar nada. Intimamente reconheciam que Christian estava certo; tinham de fato chegado a um momento de apostar num "tudo ou nada". Caso contrário, se preferissem ser muito cautelosos e demorados, restar-lhes-ia só o "nada".

Christian olhou para eles e, recobrando a habitual praticidade, falou enfático:

— Temos de correr!

— E a Luz de Osíris? — falou o professor subitamente lembrando-se de alguma coisa.

— O quê? — perguntaram os três.

— A Luz de Osíris! Não a encontraram?

Eles disseram ter ouvido Seneb falar alguma coisa, sem desconfiarem do que se tratava.

— Esse será o achado mais precioso de todos! Foi por isso que me arrisquei tanto vindo aqui. Os papiros citam a

Luz de Osíris como sendo a fonte de poder e força que manteve o Egito forte e vivo por tantos séculos. Essa Luz ficava escondida nos subterrâneos dos maiores templos iniciáticos e nem mesmo o faraó podia conhecê-la sem a autorização dos mais graduados sacerdotes. Por isso esses papiros eram tão importantes: para encontrá-la!

— Esse era outro segredo só seu, professor? — falou Christian com olhar reprovador.

O cientista não respondeu.

— E onde está ela agora? — interessou-se Márcio.

— Está aqui! Em algum lugar. Os historiadores acham que ela é só uma lenda ou mito, mas é algo real. Uma jóia ou tesouro talvez, transferido para estas galerias antes de os templos serem definitivamente destruídos. Alguns papiros e inscrições referem-se a ela como sendo o maior tesouro e riqueza que o Egito já teve. Nem mesmo Cleópatra e os conquistadores estrangeiros ousaram possuí-la. Esse achado arqueológico repercutirá tanto quanto a descoberta da tumba de Tutankhamon! Devemos procurar em algum santuário ou câmara de culto a Osíris. Existe algo parecido por aqui?

— Professor, não vai dar para procurarmos isso! — interrompeu Christian secamente.

— Não temos tempo para mais nada! Precisamos agir. Agora!!

Mirella concordou, mas estranhou a forte oposição de Christian à idéia. O professor, percebendo a gravidade do momento, acedeu ao pedido e saiu com Márcio imediatamente, rumo ao salão do projetor de cristal.

Criptas e galerias subterrâneas

Hora e local desconhecidos

Instantes antes da entrada no Templo de Osíris

ALGO COM QUE ELES NÃO CONTAVAM estava prestes a interferir no plano. Desde o momento em que passaram por um corredor rumo à sala-esconderijo, uma pequena criatura os observara discretamente. O gárgula criado por Seneb, agarrado ao teto do corredor, não foi percebido por qualquer um dos quatro. Ele voejou em silêncio, seguindo-os até a sala-esconderijo. Como foram rápidos ao entrar, o monstrinho não

conseguiu entrar junto e teve de ficar do lado de fora aguardando até saírem.

Seneb, sentado em seu laboratório no Templo de Amon, observava e tentava ouvir as conversas deles através do gárgula. Pouco conseguiu de proveitoso; o grupo atravessou os túneis sem trocar uma palavra. Pelo menos soube serem quatro mortais e onde se escondiam. Qual deles seria o homem cuja morte fora lida nas estrelas? Pensou em ir ao encontro deles. Não, não era boa idéia. Um confronto com os protegidos de Amenhotep seria duro e chamaria a atenção antes da hora. Deduziu que três deles voltariam ao salão para sondar a preparação da semente de Sobek, pois esse era o número assinalado nas profecias e o macaco também vira três escondidos.

Pegou um pedaço de papiro e escreveu um bilhete curto com rapidez. Estava com pressa. "Encontrei os três espiões. Eu mesmo os capturarei em breve. Tudo segue como planejado", dizia o manuscrito em caracteres hieráticos. Depois chamou um escravo e este rapidamente pôs a mensagem numa caixinha de madeira e retirou-se apressado para a praça. Foi mostrar a mensagem a cada um dos três magos que estiveram com Seneb quando leram a mente do macaco.

Seneb ajeitou o cajado de quatro nós na túnica. Pôs num saco de linho um pote pequeno de cerâmica tampado, uma ânfora de cerâmica tampada e três embrulhos de papiro. Saiu depressa. Atravessou a ampla praça dos templos quase correndo e dirigiu-se à entrada das galerias. Pouco antes de entrar, parou e observou a posição do Sol. O astro-rei brilhava sereno bem próximo do horizonte oeste. A hora decisiva estava próxima. Em minutos aquela comunidade, coesa e organizada por tantos séculos, seria sacudida por uma rebelião. E teria seu destino decidido de uma vez por todas. Esse era seu grande projeto, seu sonho dourado há séculos alimentado. Se alguma coisa pudesse dar errado, como diziam as previsões, ele naquele momento estava tomando todas as providências para vencer o destino. Afinal, se o próprio deus Seth estava com eles, quem se atreveria a enfrentá-los?

Ele correu pelos corredores subterrâneos, cada vez mais afobado. Entrou por aqui, saiu por ali, deslizando por entre as salas sem ser percebido, como um felino no encalço da presa pela mata densa. Em pouco tempo estava no salão do aparelho de cristal.

O bruxo observou cuidadosamente os blocos de pedra dispostos a esmo no chão, no local onde os três foram vistos escondidos. Estudou o local, olhando para o chão com a mão no queixo. Subitamente, retirou o bastão de quatro nós da túnica e os objetos do saco de pano. Ergueu os braços e pronunciou fórmulas em linguagem desconhecida. Depois desenhou no chão com a ponta do bastão uma circunferência. A medida que deslocava o bastão no chão, um filete luminoso de cor alaranjada, como se fosse tinta fosforescente, ficava para trás. Após desenhar essa circunferência de uns dois metros de diâmetro, pôs-se no centro dela e apontou o

cajado para os quatro pontos cardeais, falando palavras e frases incompreensíveis ao apontar para cada direção. Em seguida saiu do círculo e desenhou sinais do lado de fora da circunferência, também de cor alaranjada fosforescente. Terminado esse ritual, ele refez tudo de novo noutros dois lugares. Ao fim de poucos minutos, três circunferências brilhavam no chão, com símbolos enigmáticos em volta.

Afastou-se um pouco dos desenhos e descreveu no ar com o bastão mágico uma estrela de cinco pontas, com uma delas apontando para baixo. A figura tinha arestas luminosas, tais como os desenhos do chão, porém era branca. Desembrulhou os pacotes. Neles havia corpos de animais ressecados. Um gato, um morcego e um sapo. Pôs um animal no centro de cada circunferência e jogou o pó amarelo do pote sobre os corpos e em volta deles. Afastou-se, ergueu o cajado e agitou-o no ar. Deu cinco voltas em torno de si mesmo gritando três nomes com voz estridente. Um vento gelado percorreu o salão. Cheiro horrível de esgoto inundou o ambiente e, se o poderoso mago não estivesse preparado para tais fenômenos, certamente enjoaria. Depois, dentro da estrela de cinco pontas invertida, surgiram três rostos um tanto transparentes, meio humanos meio animais, olhando ávidos para o bruxo. Ele agitou novamente o bastão no ar e os três corpos secos de animais e o pó amarelo incendiaram-se. Os rostos olharam para os corpos incinerando e flutuaram até eles. Eles pareciam sentir enorme prazer em respirar a fumaça com cheiro de carne queimada.

— Sejam pacientes e lhes permitirei mais um pouco do prazer da vida. Ao final, as almas serão de vocês — informou ele, ríspido.

Com um gesto rápido das mãos e do bastão, tudo desapareceu, a estrela de cinco pontas, os rostos e os desenhos no chão. Punhados de cinzas onde os corpos dos animais queimaram ainda soltavam alguma fumaça. Ele chutou as cinzas, espalhando-as em volta. Depois, despejou o conteúdo da ânfora de barro no chão, em volta de todas as pedras, deixando secas somente as áreas dos círculos. O líquido não tinha cheiro, era pegajoso e viscoso.

— "Três é demais." Realmente... Eliminarei todos! — pensou em voz alta.

O mago olhou ao seu redor, certificando-se de não ter testemunhas, e sumiu na escadaria.

Sala-esconderijo

Data e hora desconhecidas

CHRISTIAN E MIRELLA PERMANECERAM por algum tempo planejando como fariam para alertar o Sumo Sacerdote da rebelião iminente.

— Não sabemos como vai reagir, se conseguirmos encontrá-lo. E provavelmente ordenará nosso imediato aprisionamento. Márcio tem razão — disse Mirella sobre o plano da denúncia.

— Eu sei. Mas ocorreu-me fazermos de outro jeito. Podemos escrever num papiro e pedir que seja entregue a ele com urgência. Você pode escrever em hieróglifos.

— Algo desse tipo seria escrito em hierático ou demótico, e essas duas escritas eu conheço muito pouco — objetou ela, pensativa.

— Ora, isso não importa. Quem vai ligar para esse detalhe diante de um fato tão grave?

— Tem razão. Deixa eu tentar aqui — ela pegou um pedaço de papel e uma caneta da mochila.

Discutiram algumas frases e chegaram à conclusão de algo curto e chocante ser melhor.

— Podemos dizer assim: "Cuidado! Seneb e seus seguidores, que cultuam Seth, irão atacá-lo hoje e tentar assumir o comando. Perigo de morte para você".

— Está ótimo. Escreva, temos pouco tempo — disse Christian observando como ela desenhava cuidadosamente os hieróglifos um ao lado do outro.

Ao final, no pedaço de papiro, uma lista contínua de sinais estava desenhada. Christian leu cuidadosamente, pondo-se de pé.

— Para quem vamos entregar isto? — perguntou ela, permanecendo sentada.

— Podemos fazer assim: você se esconde na praça com as mochilas, enquanto vou ao Templo de Osíris e falo simplesmente a quem aparecer: "Anfion". Deixo o papiro com a pessoa e me retiro rápido — ele pensou um pouco e depois falou, tendo nova idéia: — Outra maneira seria embrulhar uma pedra com o papiro e atirar na porta ou pela janela do templo.

— Deselegante, mas seguro — falou ela desenhando no verso do pedaço de papiro alguns sinais.

Christian observou a rapidez e beleza de sua escrita.

— "Coisa muito importante." É isso? — perguntou ele lendo o escrito.

— É... Pena o amuleto não estar aqui para nos mostrar o caminho.

— Bem, temos de ir agora ou não haverá mais tempo. Você ficará escondida e eu tentarei o possível. Vamos! — falou ele decidido, ajeitando a túnica e a *klafta*. — Talvez esses sacerdotes na praça sejam do grupo de Seneb.

Ele se dirigiu rapidamente para a porta.

As sensações de Mirella eram indefiníveis naquele momento. Medo, insegurança, angústia e uma certa desconfiança se revezavam nela. Desde quando começaram a fazer planos de fuga e de sabotagem ao projeto diabólico, ficara cada vez mais pensativa. Para não incomodar nem aumentar a insegurança de seus amigos, ela silenciava. Mas pensava no que aconteceria se nada daquilo desse certo. E se

fossem capturados pelos bruxos milenares? Ninguém no mundo exterior jamais desconfiaria dessas passagens e câmaras subterrâneas, e menos ainda da sociedade secreta que ali vivia. Ninguém procuraria por eles. Tal como a investigação sobre o professor Manccini fora encerrada em poucas semanas pela falta de elementos, o mesmo aconteceria com eles. E, caso alguém desconfiasse da existência de túneis secretos, como os encontraria? Eles e o professor só conseguiram encontrar a entrada por terem decifrado o enigma do *Livro de Amenóphis*, desconhecido do público. Ninguém poderia ajudá-los. Ninguém! Estavam ali exclusivamente por sua conta e risco e agora precisavam sair sozinhos da confusão em que se meteram. Uma saudade aguda de casa, dos familiares e da própria cama cheia de almofadas dominou-a. Desejou ardentemente estar longe dali, livre, sem conhecer esses segredos medonhos e essa sociedade macabra.

"E Christian?", ela se perguntava. Ele parecia tão calmo e sempre com alguma sugestão prática em todas as situações. Não estava com medo? Ou ela era medrosa demais? Talvez estivesse seguro por saber de coisas ignoradas pelos outros. Ele era a única testemunha do desaparecimento do professor. Ou melhor, ele e Gassan, o ajudante que ela e Márcio nunca viram. Como poderia ele, em circunstâncias inusitadas como aquelas, manter-se tão controlado? Será que realmente nunca entrara nas galerias? Ou conhecia os túneis e tinha alguma participação no desaparecimento do professor e dos fragmentos? Talvez as acusações do professor Eurípedes tivessem fundamento. Numa situação tão confusa como aquela, era temerário pôr a mão no fogo por alguém. Sim, Christian ainda era o suspeito número um. Justamente agora, num momento decisivo, ele sugeria que se separassem, mudando a tática e afastando o professor. Minutos antes ele demonstrara sua contrariedade devido ao professor não partilhar suas descobertas; também queria essa tal Luz de Osíris! Em seguida, habilmente sugerira a Márcio, indeciso e sempre perdido em conjecturas teóricas, acompanhar o professor. Agora ela estava sozinha com um rapaz forte, esperto e armado com uma faca. Ela, como mulher, deveria ter tentado assumir o comando da expedição, em vez de deixá-lo sempre fazer as melhores propostas. Christian tinha o controle da situação. Não havia mais como virar o jogo. Ela fora lenta demais em perceber a astúcia do amigo!

Ele estranhou a demora dela em se levantar.

— O que foi? Teve outra idéia de como podemos fazer?

Ela pensou um segundo antes de responder.

— Não, não. Acho melhor ficar enquanto você vai. Despertará menos suspeitas se alguém o vir.

— Ok. Sozinho consigo ir mais rápido. Tchau — sem mais esperar, ele saiu apressado.

"Ele nem insistiu para eu ir! E o articulador de tudo!", concluiu ela arregalando os

olhos.

Cripta da Serpente Vermelha

Data e hora desconhecidas

ENQUANTO SENEb PREPARAVA OS círculos mágicos no salão do aparelho de cristal e Christian e Mirella discutiam a melhor maneira de atrasar o plano de Seneb, Márcio e o professor Manccini caminhavam cautelosos nos corredores. Andavam devagar e espiavam umas dez vezes antes de saírem de um local para chegar a outro.

Justamente devido a essa vagarosidade, Seneb foi ao salão, executou o ritual dos círculos e saiu, sem cruzar com os dois, que percorreriam parte do mesmo caminho logo depois.

Márcio, andando pelos túneis, era a personificação do pavor. Um caranguejo caminhando numa praia cheia de gaivotas não teria tanto medo como ele. Já o professor era meio deslumbrado; a todo instante esquecia-se do perigo e ficava a prestar atenção aos desenhos, pinturas e baixos-relevos. Márcio lembrava-o do risco de virarem mortos-vivos a cada instante. Quando chegaram ao salão, o professor falou enfaticamente ter estado lá antes de ser adormecido, quando justamente presenciou a conversa dos magos com guerrilheiros.

A idéia de ficar deitado num sarcófago daqueles por centenas ou milhares de anos enquanto o tempo transcorria lá fora punha Márcio de cabelos em pé.

— Sua maleta com os fragmentos está guardada aqui, professor — disse Márcio acionando o mecanismo que abria a porta metálica da câmara onde o alemão operava os computadores. Entraram e vasculharam tudo. Como o armário estava trancado e as gavetas da mesa vazias, não souberam o que fazer. Arrombar o armário faria barulho, mas não havia outro jeito. Arranjaram um pedaço de metal, parecendo uma barra, e tentaram arrebentar o cadeado, sem conseguirem.

Subitamente um barulho foi ouvido pelos dois. Passos rápidos vinham da escadaria. Sem dizer nada, Márcio puxou o professor pelo braço. Atravessaram correndo o salão. Esconderam-se entre as pedras usadas antes, pisando no chão gorduroso. Um vulto vestido de branco assomou à entrada do salão, arfando de cansaço. Era Mirella.

— Aqui, Mirella! — Márcio acenou com o braço.

— Você não ia com Christian? — estranhou o professor.

— Christian é o responsável por tudo! Ele sabe de tudo!

Os dois confessaram não entender. Ela confidenciou resumidamente suas desconfianças e como Christian aceitou de bom grado ir sozinho entregar o recado.

— Ele quis se livrar de nós, é claro. Certamente se unirá ao grupo de Seneb na praça.

O professor Eurípedes tinha razão...

— Não consigo acreditar nisso, Mirella — redargüiu o professor. — Christian não sabia das galerias, não tinha como saber. Nunca contei a ele.

— E daí? Ele tinha sua agenda e descobriu a seqüência matemática. Professor, ele ficou várias semanas sozinho no Cairo depois do seu desaparecimento! E claro que sabia de tudo. Trouxe o Márcio e eu para disfarçar e, quando o senhor acordou, afastou-o dele.

— Ele né não sabia da Luz de Osíris, Mirella.

— Claro que sabia! Sabia de tudo, menos onde ela estava. E o senhor disse ser provável encontrá-la numa câmara de culto a Osíris... Ele armou tudo: foi sozinho para o Templo de Osíris — ela notou os pés aderindo ao piso. — Ei... que meleca é essa no chão?

No momento em que Márcio e o professor deixaram a sala-esconderijo, o gárgula seguiu-os de perto. Os dois sequer desconfiaram da sua presença, nem mesmo Márcio, que parecia ter quatro olhos. E assim a criatura mostrou a Seneb, através de seus olhos, o caminho seguido pelos dois.

Seneb, de volta ao seu laboratório no Templo de Amon, observava satisfeito os dois se aproximando do salão. Quando correram para se esconder e Mirella juntou-se a eles, o bruxo não coube em si de satisfação. Observou cuidadosamente o movimento dos três.

— Os três espiões profetizados! Capturados de uma só vez! — comentou consigo mesmo abrindo largo sorriso. Notou Mirella incomodada com o chão melado entrar no círculo mágico. Depois Márcio fez o mesmo. O professor, porém, não o fazia; ele nem ligava para o chão engordurado.

O feiticeiro reclinou-se em sua poltrona e fechou os olhos. De uma caixa, tirou um pedaço de papiro com o desenho de uma estrela vermelha de cinco pontas, cheia de símbolos pretos em volta. Guiou o gárgula para fazer um vôo bem visível aos três. O monstrinho obedeceu na hora. Soltou-se do teto e começou a voar baixo.

Os três, ao verem aquela forma voadora, pensaram ser um morcego e não deram maior importância.

Depois, sob o comando do seu criador, ele deu uma volta e fez um vôo rasante em direção ao professor. Com medo de uma trombada, o professor abaixou-se, pondo o antebraço sobre a cabeça. Mais alguns vôos assim e o professor deu um passo para o lado, na tentativa de escapar do ser voador. À medida que o ser se aproximava em cada rasante, eles conseguiam perceber mais detalhes, até notarem não se tratar de um morcego. Olharam petrificados para o ser alado, similar a minúscula pessoa esquelética, com asas de morcego e pequenos olhos negros e brilhantes.

O professor finalmente se afastou e parou exatamente onde o chão estava limpo. Os três estavam bem no centro das circunferências mágicas preparadas pelo mago.

No mesmo instante, Seneb abriu os olhos e pronunciou algumas palavras em língua desconhecida, olhando fixamente para o desenho do pentagrama e estendendo a mão sobre ele. Na mesma hora, os rostos animais aparecidos antes ressurgiram atrás dos três, sem serem percebidos. O olhar ávido dos espectros cravou-se nos três mortais. Exatamente nessa hora, Márcio mudou de posição, saindo do círculo. Um estalo forte foi ouvido no salão e os dois que estavam dentro dos círculos caíram desmaiados no chão, após sentirem uma fortíssima dor de cabeça.

Da nuca de cada um partia uma espécie de corda avermelhada fosforescente, quase transparente. Essa "corda" vibrava e rumava para os seres monstruosos atrás. Era possível ver, além dos rostos, alguma coisa dos corpos desses seres quase invisíveis. Um deles parecia um porco imenso, peludo, com unhas enormes retorcidas e fisionomia vagamente feminina. O outro era uma espécie de búfalo, com pelagem espessa e chifres recurvados. Também esse animal tinha uma expressão facial acentuadamente humana.

Seneb, ao ver Márcio escapar no último segundo, enervou-se, dando um murro no braço da poltrona. Em seguida concentrou-se e, fechando os olhos, manobrou o gárgula. Este de imediato voou na direção do rapaz, com a boca aberta e as mãozinhas estendidas para a frente.

O garoto, vendo Mirella e o professor no chão desacordados, deduziu que os dois tinham virado múmia. Desespero irracional tomou conta dele. Pensou em fazer várias coisas, sem atender a nenhuma. Sequer teve coragem de tocar nos dois para saber se estavam vivos. Olhava aparvalhado para os monstros, ligados aos dois deitados no chão pelo cordão escarlate. Em seguida notou, para seu espanto, os monstros e os cordões ficando transparentes até desaparecerem.

O gárgula aproximou-se em vôo rasante na direção de seu peçoço. Num gesto rápido e impulsivo, o rapaz deu violento tapa na criatura, a menos de meio metro de sua garganta. O gárgula caiu no chão com a asa direita quebrada. Em seguida, espessa fumaça escura se despreendeu dele até se desmaterializar por completo.

Sem conseguir raciocinar direito, duvidando de Christian e sem ter a quem apelar, o desesperado estudante viu como única saída correr para o mais longe possível.

Seneb, no seu laboratório, deu um grito surdo e caiu da poltrona. Segundos depois ergueu-se com dificuldade, proferindo todos os xingamentos possíveis. O antebraço direito estava quebrado, roxo e doía só de tocar. Com dificuldade e gemendo de dor, foi a uma prateleira e pegou um unguento azul-escuro; passou-o na região dolorida, sentindo imediato alívio. Pegou uma baqueta e bateu num cilindro de metal que pendia de uma trave de madeira por dois arames. Ao bater, o som metálico ressoou e quase imediatamente um escravo adentrou o laboratório. Este enfaixou com linho o antebraço do bruxo, imobilizando-o. Sendo imortal, o membro estaria perfeito em poucos dias. Entretanto, era um inconveniente chegado em hora errada. Por que não

se precavera? O escravo ajudou-o a vestir uma túnica de manga comprida, para esconder as faixas e o inchaço.

Ao menos dois espiões estavam aprisionados. Não havia mais tempo para perseguir o fugitivo; os magos deveriam estar se reunindo em frente ao Templo de Osíris e ele tinha de ir. Num gesto de contrariedade, bateu com a mão na mesa e resmungou:

— Maldito! E você o terceiro homem profetizado que irá nos destruir? Não, não irá! Vou capturá-lo agora!

Ele aproximou-se do escravo, fechou os olhos e pôs a mão direita na testa do homem de olhar imbecilizado. O escravo se retirou. Seneb saiu em seguida. Ao atravessar apressado as dependências do Templo de Amon, parou numa sala pequena, onde guardava coisas pessoais. Entre essas coisas havia uma espécie de pequeno altar num canto da saleta. Nele ficava a estátua de Seth, feita de argila cozida e pintada. Enquanto punha no dedo anular um anel com faiscante diamante negro, um detalhe chamou-lhe a atenção: a estatueta estava caída no chão, com o pescoço quebrado.

Labirinto de galerias subterrâneas

Data e hora desconhecidas

MÁRCIO CORREU PELA GALERIA de acesso à sala dos crânios de cristal. Passou pelo corredor e encontrou um sacerdote andando vagarosamente. Como o garoto vestia-se como um sacerdote, o homem de aparente meia-idade apenas fez um cumprimento com a mão sem dar maior atenção. Márcio nem respondeu. Continuou correndo. O sacerdote não entendeu tanta pressa.

Ao sair do túnel, viu um grupo de magos vindo na direção dele, de outro túnel. Correu na direção oposta. Mais algumas dezenas de metros de corrida. Portas para um lado, passagens para outro. Nenhum local conhecido. Não foi difícil perceber que tinha se perdido. Entrou e saiu várias vezes por túneis, a maioria deles nunca vistos. A sensação de pânico por estar num lugar fechado e sem saída começou a crescer. Num certo instante, ele viu aproximar-se um escravo com um pedaço de pau na mão. Era o escravo de Seneb. Ele caminhava resolutamente olhando para Márcio. A uma certa distância, o escravo começou a correr. Márcio percebeu que o alvo daquele porrete era ele e fugiu na direção oposta, sem saber aonde ia. O escravo era veloz e estava cada vez mais próximo.

As mãos de Márcio estavam geladas e úmidas e o coração batia acelerado. Num certo momento, passou por outro escravo, que carregava um saco de pano cheio de alguma coisa. Ele esbarrou no homem, e nada aconteceu. Quando o escravo de Seneb passou pelo homem, tocou-o na cabeça, assim como Seneb fizera com ele. O

segundo escravo soltou o saco de pano no chão e acompanhou o primeiro na corrida. De longe, Márcio viu a cena e teve a impressão de os dois conversarem. Não houve, na verdade, qualquer troca de palavras. O rapaz, um tanto cansado, continuou correndo. O medo irracional e o desespero aumentavam. Ele tentava raciocinar, mas não conseguia; a idéia fixa de fugir ocupava sua mente.

Outros escravos encontrados pelo caminho juntaram-se à perseguição. Ao abrir determinada porta, Márcio saiu no salão arredondado, local de convergência dos túneis principais. Reconheceu uma porta e atravessou a passagem. Logo em seguida os escravos entraram também. No começo desse túnel, familiar ao rapaz, tropeçou e esbarrou o braço numa tocha presa à parede, que caiu no chão. Ao continuar a corrida, notou que os escravos se embaraçaram para tirá-la do caminho. Aqueles seres tinham medo do fogo. Em seguida, ao correr, foi jogando todas as outras tochas no chão. O corredor era longo, com dezenas ou centenas de metros, era difícil saber. Por fim, ao abrir uma porta de madeira, viu-se de frente para o canal que haviam atravessado de barco quando chegaram.

A sua frente, três pequenas embarcações estavam amarradas em postes, com remos. Apressado, jogou os remos de duas embarcações na água e desamarrou a terceira. Entrou e remou com coragem contra a correnteza. Esta não era forte, e foi possível fazer o barco avançar. Assim fez e foi ganhando distância da entrada. Quando não era mais possível ver a parte do canal onde estavam os barcos, ouviu um barulho vindo daquela direção. Provavelmente os escravos tinham chegado. Fazia algum tempo que não praticava esportes e seu condicionamento físico não era dos melhores. Os braços estavam doendo e começou a sentir falta de ar. Encostou o barco na parede do túnel, prendendo-o com o remo, para poder descansar um pouco. Estava exausto e ofegante.

Mal sua respiração voltou ao ritmo normal, avistou os barcos vindo na direção dele. Os escravos recuperaram os remos e remavam com velocidade.

— Droga! Por que não trouxe os remos comigo em vez de deixá-los lá?

Remou com força. Os barcos dos escravos se aproximavam. Ocorreu-lhe uma dúvida: onde ficava a porta por onde o escravo-mordomo os conduziu ao canal? Sem saber como encontrá-la, continuou a remar com força. Em poucos instantes lembrou-se dos desenhos no teto e, para sua alegria, ali estava: a pintura de Isis com o bebê Hórus; bem embaixo, os degraus.

Mas a porta não tinha qualquer alavanca ou fecho para ser aberta. Ele lembrou-se do poder de influência do bracelete. Nessa hora, toda a objeção teórica foi afastada para longe. Nem por um segundo pensou em questionar o funcionamento do amuleto encantado e desejou como nunca que seu poder mágico fosse real. Pensou com força no escravo-mordomo que deveria estar do outro lado e pediu a ele para vir abrir a porta. Nada aconteceu. Mais uma tentativa, dessa vez *exigindo* do escravo vir abrir

a porta.

A essa altura, os dois barcos estavam bem visíveis e se aproximando. Foi possível enxergar melhor: três escravos em um e quatro no outro. Todos remando sem qualquer cansaço. O escravo não aparecia. Sua crise de pânico atingia o auge. Ele gemia e chorava, sem qualquer controle sobre as próprias emoções. Mas, se por um lado o pânico o impedia de pensar, por outro dava-lhe uma força que habitualmente não tinha, fazendo-o agir rápido, reação essencial naquele momento. Chegou aos degraus e subiu correndo, olhando aterrorizado para os dois barcos a poucos metros dele.

— Maldito bracelete! Como pude achar que esta bijou- teria poderia...

A porta se afastou: o escravo-mordomo acabara de abri-la.

Márcio entrou correndo e fechou a porta atrás de si. Apontou para o corredor. Como o escravo não se moveu, ele ordenou mentalmente "corra e me mostre a saída". O escravo, como se acionado por controle remoto, pôs-se a correr com tal velocidade que o rapaz acabou ficando para trás. Ao chegar a certo ponto do túnel, esperou o garoto chegar e abriu nova passagem, dando para a pequena câmara onde começava a escadaria. Indicou a saída com a mão, sem nada dizer, e pressionou uma parte da parede. Os escravos vinham logo atrás.

Márcio subiu correndo. Quando a escadaria estava quase no fim, ele olhou para cima; abria-se o céu azul no final dos degraus. A estreita passagem estava aberta. Uma alegria indizível tomou conta dele. Subiu correndo, pulando dois degraus a cada passo e, quando estava quase no final, ouviu barulho de pessoas correndo embaixo. Os escravos tinham chegado. Imediatamente o escravo de Seneb pôs a mão na cabeça do escravo recepcionista e este em seguida acionou um outro mecanismo oculto na parede. Como por encanto, a passagem se fechou, escurecendo a escadaria.

Márcio estava livre. Segundos antes da passagem se fechar, conseguiu sair. O céu estava magnificamente azul, sem nuvens. O sol descia rumo ao oeste. Por segundos ficou meio atordoado. E agora? O que faria? Deu alguns passos e olhou em volta. Estava no mesmo local de entrada, diante da rocha circular cheia de hieróglifos e figuras de deuses. A crise de pânico passou de súbito, seguida de uma calma agradabilíssima. Deu uns passos e tropeçou em alguma coisa enterrada na areia. Era a picareta usada para golpear a laje de pedra. Ele mesmo a pusera ali fora. Abaixou para pegá-la, quando uma voz estridente gritou a poucos metros dali.

— Parado! Mãos para cima e não se mexa!

Um policial apontava para ele uma arma e se aproximava correndo.

Márcio ergueu os braços.

Ao lado do policial apareceram outros dois e os três correram na direção de Márcio e o algemaram sem falar nada. Ele começou a protestar, mas ninguém respondeu. Por

um instante, pensou se aquilo não seria outra feitiçaria daqueles magos. Da mesma forma que recriaram em algum lugar a planície de Gizé e o rio Nilo como eram há milhares de anos, talvez tivessem feito a mesma coisa ali, para despistar fugitivos. Talvez os guardas fossem escravos, aquelas criaturas materializadas por magia, como explicou o professor. Essa conjectura foi abandonada tão logo lembrou-se das algemas metálicas e de outros metais em contato com o corpo dos oficiais.

Foi posto na viatura policial e levado para uma delegacia em Boulaq, no Cairo. A mesma visitada por ele com Christian e Mirella. Durante todo o trajeto os oficiais conversaram em árabe, ininteligível para ele. Fez algumas perguntas em inglês, sem obter resposta.

O chefe de polícia Jamal o recebeu. Após alguns procedimentos de revista e identificação, iniciou um interrogatório.

— Onde estão os outros brasileiros?

Até aquele momento, Márcio havia se deixado levar pelo calor da emoção. Tinha tentado fugir e com muito esforço tinha sobrevivido e escapado. Estava livre agora e em contato com a polícia. Como começaria a contar tudo? Explicaria toda a trama diabólica desde a chegada do professor Manccini a Gizé. Sim, era o melhor a fazer. As autoridades então salvariam seus amigos e aplicaria a lei a todos os responsáveis, inclusive Christian. E assim estaria acabada aquela sociedade clandestina e seus rituais criminosos de magia negra. Depois pegaria o primeiro avião de volta ao Brasil!

Como ele demorou a responder, perdido nesses pensamentos, Jamal irritou-se:

— Responda! Onde estão o rapaz, a moça e o cientista desaparecido? — exigiu, autoritário. — Diga! Ou pelo artigo 34 da Lei de Processo Criminal ficará preso! Você está coberto de evidências suficientes!

"Ora", pensou Márcio, "*eu* estou sendo tratado como suspeito?" Finalmente, Márcio deu-se conta da situação em que estava: surgira sozinho no local dos desaparecimentos, usava objetos arqueológicos e era o único a reaparecer. Estava claro que os investigadores não iriam lhe dar descanso enquanto não revelasse o destino de Christian e Mirella. Era o suspeito número um! Ou melhor, o único, por não haver ninguém mais para a polícia incriminar! O que diria? Se contasse tudo, não acreditariam; acusariam-no de ladrão de antigüidades e de ser cúmplice num possível seqüestro.

Por outro lado, se nada respondesse, seria sumariamente preso como suspeito daqueles estranhos acontecimentos, assim ficando até futuro julgamento, sabe-se lá quando. E, é claro, Mirella e o professor encontravam-se prontos para virar múmias, sem ter quem os ajudasse. A sensação de liberdade fora breve, mal saíra de uma prisão e estava preso novamente!

— Hmm... bem, é uma história complicada, não sei por onde começar. O problema é

que...

— Comece contando onde estão os outros. Diga logo! Preciso descobrir! — berrou o policial, visivelmente irritado. — Estão no mesmo lugar de onde você roubou essa roupa?

— Estou numa situação muito embaraçosa, oficial, e não vou contar nada porque a polícia só vai me atrapalhar. Se eu disser onde meus amigos e meu professor estão, vocês tentarão ir até lá e eles serão mortos pelos seqüestradores. Não vou contar nada! — disse Márcio cruzando os braços.

O chefe de polícia arregalou os olhos com o atrevimento do rapaz.

— O quê?! Você pensa que estamos aqui brincando de detetive? Você acha que vai escapar assim, com essa conversa boba? Diga agora onde eles estão!!! — gritou o homem possesso, levantando-se da cadeira e dando um murro na mesa. Ele olhava para Márcio com tanta raiva que parecia que ia espancá-lo a qualquer instante.

Nessa hora, um oficial cochichou algo no ouvido do chefe. Este chamou outro oficial e os três confabularam em árabe a meia-voz durante alguns minutos. Márcio não entendia uma única palavra. Enquanto ouvia, começou a imaginar o que estariam dizendo. Lembrou que nos países árabes havia penas severas: ladrões podem ter as mãos cortadas; assassinos, seqüestradores, homossexuais, traficantes de drogas são condenados à morte! Vieram-lhe à mente as denúncias da Anistia Internacional de tortura a prisioneiros. Ele ouvia os oficiais conversando e imaginava a que tipo de tortura mórbida seria submetido. Nova onda de pavor o dominou. As mãos gelaram e suavam. O rosto empalideceu. Precisava inventar uma história que o inocentasse. Tinha cinco segundos para fazer isso!

Quando o chefe o inquiriu novamente, ele esforçou-se para se manter calmo.

— Está bem, vou contar se o senhor me prometer cautela. Se meus amigos e o professor Manccini morrerem por causa dos seus homens, garanto que o Governo Brasileiro exigirá providências contra o senhor. E se os meios legais não o punirem por uma tal imprudência, eu mesmo o farei... — falou ele com toda a insolência do mundo.

— Conte logo! Vamos fazer o possível — concordou o chefe de polícia, menos zangado e disposto a prometer tudo para obter informações.

— Foi assim: fomos atraídos para uma caverna onde um *fellah* nos disse ter encontrado vários fragmentos de papiro e pistas do desaparecimento do professor Manccini. Antes disso, fizemos uma excursão ao Vale dos Reis e nos perdemos. Mas lá nada de anormal aconteceu. Encontramos o caminho e voltamos. Quando *esse fellah* nos indicou um local em Gizé, assegurou que encontraríamos o professor.

Depois fomos encontrá-lo num lugar próximo à necrópole oeste da Grande Pirâmide. Quando chegamos, ele não estava. Havia apenas um papel no chão preso por uma pedra, com indicações do lugar.

— Quem é *esse fellah*? — interrompeu o policial.

— Não sei. Quando chegamos à pensão, esperava-nos do lado de fora para conversar. Nessa ocasião ele nos disse ter essas pistas e poder nos indicar o lugar por quinze dólares. O senhor sabe como eles são...

— Por que vocês não nos contaram isso?

— Queríamos ver primeiro para depois contar. Como as investigações tinham acabado, tínhamos certeza de que o senhor nem ligaria para isso... Seguimos as indicações do papel e descobrimos o túmulo violado. A entrada, escondida pela areia, dava passagem a uma câmara espaçosa. Lá estavam vários pedaços de papiro e alguns pertences do professor. Havia outra sala com homens vestidos como estou — ele indicou a própria túnica. — Eles rezavam e cantavam, como se fossem sacerdotes egípcios de antigamente. Nós fomos amarrados e depois pudemos ouvir que seríamos sacrificados aos deuses.

— Sei, sacrificados aos deuses...

— É. Depois várias confusões aconteceram: tentamos escapar, fomos recapturados, deram-nos algumas bebidas para ficarmos anestesiados. Ficamos trancados numa câmara separada das outras, amarrados, não sei quantos dias. Hoje consegui me desamarrear e fugir. Há um problema muito sério nisso tudo. O sacrifício deverá ocorrer em breve. É preciso libertá-los, Dr. Jamal, ou todos vão morrer. O senhor precisa libertá-los!

Márcio esforçava-se para ser convincente. O chefe de polícia o olhava como quem faz uma autópsia incrédula.

— E por que não desamarrou os outros?

— Estavam dopados com a bebida, não conseguiriam correr. Precisamos voltar lá, logo!

O chefe de polícia olhou sério para o rapaz, em silencioso julgamento. A historinha tinha quase todas as características de uma mentira inventada na hora. Fez mais perguntas, levando Márcio a contar toda a história outra vez, em sequência diferente. E, como previra, o rapaz se contradisse. No entanto, havia alguns pontos estranhos naquilo tudo. A expressão do garoto era de real cansaço e esgotamento, lembrando o estado dos que ficam sob cárcere forçado. Olheiras, emagrecimento, aspecto cansado e olhar nervoso. Ele estava bem diferente de quando foi à delegacia com o ar tranquilo e risonho de turista deslumbrado. A roupa suja e rasgada era mais estranha ainda. Parecia mesmo ter escapado de alguma prisão. Por outro lado, estava lúcido, sem os sinais das perturbações emocionais e nervosas comuns aos reféns.

Observando-o cuidadosamente, o chefe notou o bracelete com a pedra preciosa. Era estranho o criminoso querer ser levado de volta ao local do crime pela própria polícia. O oficial pensou, pensou e estabeleceu uma hipótese: o rapaz era fugitivo de um desentendimento de quadrilha e, para safar-se, apresentava-se como vítima,

indicando gentilmente o palco do crime. Este último detalhe interessava muito ao delegado. Na verdade, estava desesperado por pistas. A mulher da pensão denunciara o desaparecimento dos três hóspedes. Estava sendo pressionado por superiores. Consulados, embaixadas e a imprensa ligavam e escreviam diariamente pedindo explicações. O próprio Governo egípcio o cobrava a todo momento, e ele nunca tinha novidades para apresentar. Pela terceira vez o inquérito foi aberto, nesta última vez incluindo três brasileiros.

Após essas ponderações, chamou para perto um oficial que estava na sala ouvindo tudo. Cochicharam alguma coisa. O oficial chamado retirou-se em seguida.

— Digamos que eu considere sua história como possível — falou calmamente Jamal.

— Você fará o seguinte: voltará a Gizé agora e nos indicará o lugar. Nós o espionaremos a distância, para não sermos vistos. Você localiza a entrada. Em seguida, invadimos o local para prender todos esses fanáticos. Ou você faz isso ou ficará preso até o julgamento. E, se for declarado cúmplice, cumprirá pena aqui, não poderá ser deportado.

— Está certo. Façamos desse jeito. Vamos depressa, Dr. Jamal, pois temo que possam ser assassinados a qualquer momento — pediu Márcio esfregando as mãos.

Cerca de meia hora depois chegava a Gizé uma viatura policial com o chefe de polícia Jamal, Márcio e um policial à paisana. Estacionaram na estrada asfaltada Shari al Ahram, conhecida como "avenida das Pirâmides", perto do campo oeste de mastabas, ao lado da Grande Pirâmide do faraó Khufu.

Sem Márcio saber, quatro viaturas policiais tinham chegado antes e deixado mais de dez policiais vestidos à paisana misturados aos turistas. Armados e com binóculos, cercavam discretamente o local onde Márcio foi encontrado.

O garoto caminhou para o local, seguido a certa distância pelo policial sem uniforme, conforme combinado com o delegado. Sem que Márcio percebesse, um transmissor foi posto na sua roupa. Esse aparelho emitia sinais captados por um aparelho numa das viaturas chegadas antes.

O chefe de polícia e os outros, de longe, observavam com binóculos. Todos foram orientados a localizar o monumento no qual o rapaz entraria e invadi-lo imediatamente para prender todos, inclusive Márcio.

A essa altura, o vento começou a soprar mais forte e a poeira do chão começou a ser levantada. Um policial da viatura estranhou alguma coisa no aparelho que captava os sinais.

— Senhor, o sinal está falhando! — comunicou por rádio ao chefe de polícia.

Faltavam mais de cinquenta metros para Márcio chegar à depressão da laje com os doze deuses, e a tempestade de areia ganhara força incrível. A poeira se levantava e o vento frio agitava a roupa. Os turistas se incomodaram com aquilo e começaram a correr para os ônibus. Em menos de cinco minutos a areia impossibilitava a visão

além de uns vinte metros.

Por ordem do chefe de polícia, os policiais disfarçados correram na direção de Márcio, para não o perderem de vista. Como o rapaz continuava andando e mudou algumas vezes de direção, os guardas se atrapalharam em localizá-lo. A tempestade de areia ficara fortíssima e o vento rugia nos monumentos de pedra. Impossível andar sem tapar os olhos.

Márcio chegou à laje circular e iniciou as batidas nas pedras com a picareta, encontrada no mesmo lugar. Sentiu-se protegido pela tempestade de areia e agiu rápido.

O policial da viatura correu até o chefe de polícia e anunciou:

— Há um campo eletromagnético fortíssimo aqui, o sinal se foi e o rádio não funciona.

Jamal, irritado ao extremo, gritou um palavrão e chutou uma pedra à frente.

— Corram atrás dele e o capturem! — berrou ele a plenos pulmões no microfone do rádio.

Os policiais não responderam.

Márcio deu o último golpe na pedra. A poeira estava tão alta e o vento tão forte que mal conseguia enxergar um metro à frente. O ruído do vento nas pedras não permitia ouvir nada, nem mesmo os gritos do policial mais próximo. Um trovão se ouviu ao longe. Os policiais não enxergavam mais, nem uns aos outros, tal a poeira erguida pelo súbito vendaval. O planalto de Gizé estava coberto de areias esvoaçantes e nem policiais ou turistas conseguiam enxergar coisa alguma.

Márcio entrou e a passagem se fechou em seguida. Desceu a escadaria correndo, levando a picareta na mão. Mal terminou a descida, no corredor o esperava o escravo recepcionista, dessa vez com um pedaço de pau na mão. O escravo avançou rápido contra ele. Ele atirou a picareta na direção do escravo, que desviou ágil. O rapaz então retirou um archote da parede. Isso dificultou a aproximação do escravo. O escravo avançou e estendeu um pedaço de cristal com brilhante luz azul. Márcio fechou os olhos e atirou o archote no escravo. Este desviou, mas, ao se mover, pisou na picareta. Na mesma hora, faíscas azuis pularam do corpo do escravo para todos os lados como se dois fios elétricos de alta voltagem entrassem em curto-circuito, e um barulho de ferro em brasa tocando a água foi ouvido. O escravo começou a derreter como se fosse um sorvete num forno quente. Uma graxa enegrecida foi se acumulando no solo à medida que ele derretia. O homem derreteu totalmente, sem um único gemido ou grito. Depois a massa negra soltou uma espessa fumaça que se foi dissipando no ar. Em poucos segundos a massa havia desaparecido e a fumaça também. O cristal luminescente repousava no chão, com seu brilho hipnótico.

O rapaz pegou a picareta sem olhar para o cristal e avançou correndo pelo corredor, rumo à galeria do canal. Ao abrir a porta, um escravo guardava um barco. Avançou

em seguida contra o rapaz. Márcio esperou o homem chegar bem perto e tirou a picareta de trás do corpo, tocando com ela o braço da criatura. O mesmo estranho fenômeno aconteceu.

Pegou o barco e remou, ajudado pela correnteza. Chegou à porta centenas de metros à frente e rumou para o salão central. Nenhum outro escravo apareceu armado para atacá-lo. "Acharam que eu não voltaria", pensou sorrindo. Localizou a porta da escadaria para a praça externa e correu para ela. Nenhum sacerdote transitava pelo local. Várias salas estavam com as portas abertas pelos corredores que passou. Todas vazias.

— Onde estão todos? — resmungou para si mesmo.

Ao chegar à praça, o mesmo templo gigantesco visto da primeira vez, no centro dela, chamava a atenção. Estava cercado de estranha luminosidade, como se gigantesca redoma de vidro em brasa englobasse a construção. Fumaça negra se desprendia dos jardins em volta do ciclópico edifício. O Sol se punha, tingindo o horizonte de tons rosados.

Márcio correu pelas ruas de areia branca até o lugar. Uma multidão de sacerdotes se amontoava à frente do prédio.

Era o famigerado Templo de Osíris.

O templo ficava no centro da praça, numa praça menor, ponto de convergência de doze largas avenidas de areia branca. Essa praça menor, de formato circular, era formada de vários canteiros de vegetação exuberante, lagos e gramados. Os caminhos de areia e pedrisco atravessavam em linha reta as lagoas, as ilhas de vegetação e os gramados, formando um labirinto de passagens conduzindo a agradabilíssimos recantos.

O templo era um complexo de edifícios de alturas diversas. Dois enormes paredões trapezoidais, desenhados com cenas do deus Osíris diante de seres humanos, formavam as laterais da fachada. Esses paredões deveriam ter mais de vinte metros de altura. A frente deles, um patamar se projetava, totalmente coberto. A cobertura era sustentada por uma colunata cujos capitéis imitavam flores de lótus. As colunas eram pintadas de branco e verde, e os desenhos cheios de detalhes coloridos contornados por filetes de ouro, prata e cobre. Duas colossais portas de bronze na parede atrás das colunas vedavam o acesso. Em cada porta, uma aldraba de uns trinta centímetros de diâmetro, para serem batidas quando o visitante quisesse entrar. Por cima do templo viam-se jardins e uma cúpula translúcida redonda, parecendo uma peça inteiriça; algo inimaginável para a tecnologia do Antigo Egito.

O santuário estava envolto por uma espécie de gigantesca bolha alaranjada semitransparente. Lembrava um aquário globular de boca para baixo. Brilhos e raios coloridos atravessavam-na de um lado para outro, e barulhos estranhos, dos mais variados tipos e intensidades, acompanhavam essas formas coloridas que

atravessavam velozes a redoma de energia. Em todo o perímetro da redoma, a vegetação se incendiava, levantando espessa fumaça preta. Nas portas de bronze fechadas, estava pregado um pano branco com o desenho de um grande crocodilo vermelho de pé, como se fosse uma pessoa, só que com chifres voltados para trás e cabelos loiros. Da boca do monstro saía uma chama vermelha.

Bem próximos à concha de energia, alguns magos erguiam seus bastões e tentavam lançar feitiços contra ela. Mas as projeções não atravessavam a cúpula de jeito nenhum.

Vencendo o medo, Márcio aproximou-se de uma sacerdotisa magra, de feições delicadas e pele clara, e perguntou o que acontecia, no idioma egípcio.

— Algo terrível — respondeu ela, estranhando a pronúncia horrorosa do rapaz e a túnica em farrapos. — Ninguém sabe ao certo. Um grupo de magos entrou no templo alegando querer falar com o Sumo Sacerdote, carregando dois mortais. Depois ouviram gritos e explosões. Quando tentamos entrar, essa proteção se formou.

— Qual o significado do desenho no pano preso à entrada?

A sacerdotisa olhou prolongadamente para Márcio, admirada da pergunta.

— E Seth! Quem não conhece o terrível Seth?

— Oh, não! Seneb e seu grupo vão matar Anfion! Tarde demais... — respondeu olhando para o templo e se afastando da delicada jovem, que comentou imediatamente o fato com outros.

Fumaça preta saía de uma janela do templo. Sons de explosão e gritos animais eram ouvidos.

Salão principal do Templo de Osíris

Data e hora desconhecidas

A mordida da serpente

ENQUANTO MIRELLA IA AO ENCONTRO de Márcio e do professor, Christian chegava à praça, magnificamente iluminada pelos últimos raios do sol da tarde. Carregava o pequeno pedregulho embrulhado no pedaço de papiro. Sua roupa quase não estava suja e, por isso, não chamou a atenção dos poucos magos encontrados no caminho. Tinha observado atentamente os costumes daqueles homens e procurava imitar o andar e os gestos. Cumprimentava os magos de longe, erguendo o braço e mostrando a palma da mão, como eles faziam. Os sacerdotes respondiam igualmente. Apenas evitava chegar perto deles e principalmente encará-los, pois, exceto por ele, praticamente ninguém ali tinha olhos verdes.

Vários magos seguiam para o centro da grande praça. Notou que traziam no pescoço o aparelho de cristal com fios metálicos, capaz de produzir a concha energética protetora. Seguiu os bruxos até uma praça central circundando enorme edifício. Mais

magos chegaram e, em pouco tempo, uma pequena multidão estava diante do estupendo Templo de Osíris.

Alguns outros sacerdotes atravessaram ocasionalmente a praça, olhando curiosos para a aglomeração.

Dali a pouco Seneb chegou, apressado, vestindo túnica de mangas compridas. Atravessou a praça com ar determinado, denunciando suas expectativas. Os magos cumprimentaram-no. Passou pela multidão e subiu as escadarias do templo. Bateu várias vezes a aldraba de uma das duas colossais portas de bronze.

Alguns minutos se passaram em silenciosa expectativa. Christian aproximou-se da multidão de magos.

A imensa porta abriu e dela saiu um sacerdote sem *klafta*, mostrando os cabelos negros curtos. Ele conversou com Seneb e depois entrou. Um curto tempo se passou, parecendo uma eternidade. Todos estavam tensos, mas procuravam disfarçar. O sacerdote retornou e falou algo a Seneb. Depois abriu totalmente a porta.

Seneb voltou-se para a multidão e falou, em voz alta:

— O Sumo Sacerdote irá nos receber em breve. Aguardaremos num salão do templo.

Ele entrou pelo portal, seguido pelas dezenas de magos. Christian juntou-se aos revoltosos e entrou. Jogou fora a pedra embrulhada.

Pouco depois, entraram quatro escravos carregando, suspensa por dois varais de madeira, uma jaula, onde estavam presas duas pessoas. Christian concentrou toda sua atenção nos olhos, para ter certeza de ver corretamente. Sim, eram eles: Mirella e o professor, sem as roupas sacerdotais usadas como disfarce. Estavam sentados no chão da jaula e tinham aspecto estranho. Pendiam para um lado e para outro com o movimento dos carregadores, como se estivessem dormindo. Outros carregadores levavam quatro caixas de madeira.

Lá dentro, uma sala muito alta era percorrida por duas fileiras de colunas de pedra com capitéis em forma de flor de lótus. O chão de granito rosa era tão liso que parecia vidro. As colunas e capitéis tinham desenhos e hieróglifos artisticamente pintados em cores vivas. As paredes apresentavam cenas diversas em que o deus Osíris era sempre a figura de maior estatura. Na parede do fundo, oposta à entrada, uma estátua de uns cinco metros de altura representava Osíris de pé, segurando com os braços cruzados o açoit e o cetro, ambos em ouro e pedras preciosas de várias cores. Na cabeça, a coroa dupla do Alto e Baixo Egito, com uma pena enorme de avestruz de cada lado. As penas eram douradas e brilhavam magnificamente. Os olhos da estátua eram pedras polidas negras que cintilavam ao brilho das tochas presas às paredes.

Os escravos carregaram a jaula e as caixas de madeira para uma sala ao lado desse salão. Christian não entrou e ficou escondido atrás de uma coluna. Não conseguia

entender o que poderia ter acontecido a Mirella e ao professor para ficarem com aquela aparência de doentes. E Márcio, onde estava? Ele saiu da sala-esconderijo com o professor, onde Mirella o esperaria voltar. Não dava para entender.

Algun tempo se passou em absoluto silêncio. Os escravos carregadores saíram da sala e rumaram para a saída do templo. Depois barulhos estranhos começaram a sair do salão onde os revoltosos aguardavam. Os barulhos ficaram mais altos. Uivos, gritos animalescos e urros.

Christian, morto de curiosidade, resolveu espiar pela porta entreaberta. Antes de poder ver alguma coisa, a porta foi fechada e trancada por dentro, e ele se limitou a ouvir.

Os magos despejaram de ânforas tiradas de três das quatro caixas um líquido vermelho no chão e entoaram cânticos. Falaram palavras estranhas e jogaram pós no líquido sangüíneo espalhado. Depois entoaram um cântico em coro, uma ária selvagem e ritmada.

Do líquido uma fumaça espessa se ergueu, formando uma nuvem negra de uns quatro metros de altura. Faíscas coloridas surgiram de todos os cantos da sala, voando pelo ar. Um vento frio bafejou o ambiente, mexendo as roupas dos magos. Um cheiro insuportável de carne em decomposição tomou conta do ambiente. A ária ia se tornando cada vez mais acelerada e agressiva. A medida que a nuvem aumentava, o líquido do chão diminuía e mudava de cor, tornando-se cada vez mais transparente. Ao cabo de poucos segundos, o líquido havia desaparecido totalmente, e a nuvem tornava-se mais densa, parecendo uma pasta negra. Mais um pouco e uma figura com braços e pernas começou a se formar.

Christian sentiu o cheiro horrível e tapou o nariz com a mão, para não vomitar. O cheiro forte e o canto agressivo espalharam-se pelos ambientes do templo, despertando a curiosidade de sacerdotes em outras dependências. Alguns reconheceram o estranho odor e foram ao salão principal. Viram Christian com o ouvido colado à porta e, sem se interessarem por ele, aproximaram-se buscando a fonte do odor pútrido.

O garoto não percebeu a aproximação de três sacerdotes; concentrava-se nos urros medonhos e no coro que, para ele, lembrava os corais das óperas selvagens de W. Richard Wagner.

Um imenso lagarto ou crocodilo, com pernas e braços meio humanos e garras de réptil, se materializara. O corpo escamoso era cor de vinho, com o abdômen vermelho-claro, quase rosado e bem avantajado, lembrando o abdômen de um hipopótamo. Dois chifres grossos se recurvavam para trás, lembrando chifres de carneiro. A boca, bem pronunciada, exibia dentes enormes, e uma baba viscosa pingava devagar. A cauda pendia no chão, parecida com cauda de crocodilo.

O canto cessou.

Quando terminou a materialização do monstro de quatro metros de altura, Seneb falou, solene:

— Seth! Os fiéis servos da Serpente Vermelha te saúdam! — ao dizer isso, ergueu os braços e curvou-se para a frente, reverente.

Em seguida, todos os magos ajoelharam-se, respeitosos.

O monstro emitiu em resposta um urro tão alto e assustador, que pareceu que o templo desabaria. Tanto do lado de fora do templo como nas outras dependências o urro foi ouvido.

Sem trocar uma palavra, os três sacerdotes correram para as profundezas do templo. Christian afastou-se e correu para a parede oposta, ocultando-se por trás de uma coluna.

O monstro dirigiu-se à parede que separava aquela sala do salão principal e, com um golpe violento dos punhos fechados, fez a parede desmoronar e atravessou o salão na direção da estátua de Osíris, erguida sobre uma espécie de altar. Com um soco, derrubou a estátua, que se quebrou em vários pedaços. Depois avançou para a parede do fundo e empurrou-a com força. Os tijolos enormes de pedra cederam e desmoronaram, caindo do outro lado. Os bruxos seguiram o monstro, aparentando satisfação com o enorme poder do terrível deus. A jaula com Mirella e o professor foi carregada pelos escravos, ao fim do cortejo. A caixa de madeira restante também foi levada.

O salão além da parede derrubada era ainda maior e mais magnífico. Mais alto que o primeiro, tinha talvez uns quinze metros de pé-direito. Não tinha colunas sustentando o teto. Uma cúpula translúcida, parecendo de vidro amarelado, em forma de calota convexa para cima, servia de teto, por onde entrava a iluminação natural. O recinto deveria ter uns quarenta metros de lado, em formato quadrado. Ao fundo, um altar elevava-se a sete degraus do chão. As paredes estavam revestidas de baixos-relevos e pinturas onde Osíris era o tema principal. De cada lado do altar havia algumas tripodes sustentando bacias metálicas cheias de brasas, com ervas aromáticas desprendendo suave perfume. No fundo do altar, outra estátua de Osíris, pouco maior que a do primeiro salão. De cada lado da estátua, atrás dela, partia uma pequena queda-d'água. As cascatas caíam em lagos retangulares de cada lado do ídolo. Canaletas no piso de pedra saindo dos lagos serviam de canal e desciam os sete degraus. Avançavam até um terço do salão, depois viravam a noventa graus. Uma para a esquerda e outra para a direita, atravessando pequenas frestas no rodapé das paredes, despejando a água na forma de cascatas nos lagos em torno do templo. A luz amarelada dos fogareiros aos pés da estátua dava-lhe um aspecto fantástico e misterioso.

No altar, alguns magos estavam sentados no chão em círculo, entoando um cântico. O rito foi interrompido pela entrada inesperada do ser monstruoso. Eles olharam

boquiabertos para o monstro e para os magos agrupados atrás. Um deles falou em voz alta:

— Seth?! Seneb?!

Seneb correu para a frente de Seth e gritou, ameaçador:

— Anfion! Chegou o fim do seu reinado em Maha-Ettel! A partir de agora, Seth será proclamado o deus supremo dos magos destas galerias e eu serei o Sumo Sacerdote! Os magos no altar não entenderam tão absurda afirmação. Nada responderam. Um deles riu, desacreditando nos próprios ouvidos.

Seneb continuou:

— Não há mais tempo para seu reinado aqui! Renda-se imediatamente ou tomaremos seu lugar à força, o que te custará a vida. A sua e a de seus discípulos!

— Ficou louco, Seneb? Somos todos imortais! E como você ousa falar tais absurdos para Anfion, o mais sábio de todos os sábios, mestre e tutor desta comunidade? — retrucou um sacerdote, pondo-se de pé.

— O que você faz, Sumo Sacerdote Anfion? — insistiu Seneb, ignorando o interlocutor.

Anfion era um homem magro e forte, aparentando menos de trinta anos. Cabelos pretos lisos curtos, sem a *klafta*. Olhos grandes e castanho-claros de expressão severa e calma. Pele levemente bronzeada e uma expressão de enorme doçura e bondade, apesar da energia do olhar. Vestia a túnica branca sacerdotal, de linho, sandálias de fibra e não tinha braceletes nem jóias, exceto por um amuleto em forma de cruz ansata dourada, pendendo do pescoço por fina corrente de prata. Ele se levantou, mostrando sua estatura alta.

Adiantou-se com andar vagaroso e elegante. Parou próximo aos degraus.

— Lamento que as coisas sejam dessa maneira, Seneb. Sempre sonhou com este dia. Devo dizer-lhe que você não tem qualquer chance. Você não aprendeu o essencial nesses séculos todos de estudo da ciência. Desista! — disse Anfion com calma imperturbável.

Christian impressionou-se com a figura do famigerado Anfion, o Sumo Sacerdote tão criticado pelos revoltosos. Reconheceu-o imediatamente: era o *fellah* do Vale dos Reis. Ele mesmo, o "eremita". Aquele homem era a expressão da calma e do autocontrole. Era difícil imaginá-lo como um ditador despótico. Em vez de ameaçar Seneb, que falava aos gritos, respondeu com suavidade, parecendo dar um conselho em vez de aceitar o duelo.

— Há, há, há! Ora, não venha com essa conversa! — respondeu Seneb. — Tentei de tudo para você mudar o rumo de nossas vidas e você sempre me impediu. Sempre foi o maior, o mais inteligente e o mais poderoso! Você se recusa a viver no mundo exterior e exige obediência aos seus princípios. Não conquistamos com tanto esforço nossa estrela de mago para isso, Anfion! Esse tempo de escravidão chegou ao fim.

Renda-se! Ou conhecerá, depois de tantos séculos, a morte humilhante! Você e seus discípulos idiotas.

— Chega, Seneb! Esta comunidade não seguirá as regras que você disfarçadamente pretende impor para satisfazer suas ambições egoístas e megalomaniacas. Tenho o comando aqui e ordeno que se retirem agora!

Seneb sabia ser impossível obter a rendição somente por ameaça. Olhava para Anfion fixamente. Seu ódio e rancor atingiam o auge. Sem despregar os olhos do seu oponente, tirou da túnica seu cajado de quatro nós e, erguendo-o como se fosse uma espada na mão esquerda, gritou colérico:

— Ataquem!

Nesse instante, Anfion olhava para o gigante Seth. Os olhares dos dois cruzaram-se como se as lâminas de duas espadas se tocassem. Anfion, ignorando o grito de guerra de Seneb, falou mansamente para Seth:

— Você não desiste, não é Kapel?

O mencionar daquele nome pareceu irritar Seth. Fechou os punhos e gritou, com voz potente e cavernosa, fazendo Mirella e o professor arrepiarem-se até os ossos.

— Vou beber seu sangue, Anfion! E possuirei a Luz de Osíris! — e após dizer isso, deu uns passos à frente e começou a bater os punhos fechados no chão. A laje de pedra trincou e desabou, revelando um buraco abaixo. Do buraco começaram a sair dúzias de seres monstruosos de todas as formas. Uns pareciam porcos, outros bodes, crocodilos, serpentes gigantescas, macacos, dragões e até invertebrados, como escorpiões, caranguejos e moluscos. Todos com órgãos desproporcionais, de aspecto monstruoso. Algumas línguas e dentes não cabiam na boca, certos braços eram maiores que as pernas, os olhos, antenas, garras e orelhas possuíam tamanhos diferentes, e havia muitas outras deformações. Apesar do aspecto animalesco, não pareciam irracionais. Tinham olhar inteligente e feições humanas. Um cheiro terrível de esgoto invadiu o salão quando o buraco se abriu. E os sons desses animais sujos, de pelagem oleosa e couro viscoso, formavam uma sinfonia composta no inferno.

Os magos em torno de Anfion não entendiam aquilo. Como poderia do solo sagrado do Templo de Osíris sair aquela massa asquerosa de demônios? Como era possível o Amenti (o inferno, na religião egípcia) regurgitar ali todas aquelas criaturas nojentas?

Christian finalmente entrou no salão. Ele olhou para um lado e outro, procurando avidamente por alguma coisa.

Os magos fiéis a Seneb puseram para fora da túnica seus amuletos de cristal. Concentraram-se e, em poucos segundos, as conchas energéticas estavam formadas em torno deles. Um grupo de seis magos sentou-se no fundo do salão em roda. Um deles tirou da túnica um grande cristal de quartzo envolto em alguns fios, formando uma espécie de bobina. Eles deram-se as mãos, exceto dois. Desses dois, um pegou

uma ponta do fio de cobre da bobina, e outro pegou a outra. Em torno deles formou-se um escudo azulado, com brilhos de várias cores. Após se concentrarem, do cristal começaram a surgir feixes luminosos que subiam velozes e atravessavam o teto vítreo do salão. Esses feixes aumentaram em quantidade e do lado de fora uma outra concha de energia gigantesca formou-se, envolvendo todo o magnífico Templo de Osíris. Em segundos, uma cúpula alaranjada semitransparente cobria a imensa construção, impedindo qualquer um de sair ou entrar. A vegetação dos jardins circundantes, ao ser tocada pela calota de energia, incendiou-se imediatamente. A formação energética, a fumaça negra e o fogo tornaram-se visíveis de todos os pontos da imensa praça.

O fato alarmou os sacerdotes e sacerdotisas do lado de fora. Eles deixaram seus trabalhos e reuniram-se em frente ao templo. Todos se perguntavam o que estava acontecendo e ninguém sabia explicar. Desconheciam o estranho fenômeno e menos ainda as circunstâncias. Alguém logo espalhou a notícia de tratar-se de um ataque de Seneb e seus seguidores a Anfion. O comentário gerou revolta e indignação. Quem seria capaz de desafiar e desrespeitar o manso e sábio Anfion? Como Seneb ousara agredir o mago adorado e venerado por gerações inteiras de hierofantes, cuja sabedoria inigualável confundia-se com a própria sabedoria egípcia? E todos ficaram ainda mais revoltados e ofendidos quando, do lado de dentro da cúpula de energia, um mago saiu e afixou na porta de bronze do templo um pano branco com uma pintura de Seth soltando fogo pela boca.

Em Gizé, na superfície, logo após a entrada de Márcio, a tempestade de areia diminuiu até desaparecer. A tarde caiu tranqüila e, quase em seguida, os turistas saíram de seus ônibus e voltaram a passear entre os monumentos, filmando e fotografando tudo ou montando cavalos e camelos. Somente para a polícia do Cairo a tarde não fora das mais agradáveis; como explicariam o desaparecimento de alguém preso na delegacia uma hora antes?

Assim que a concha de energia envolveu o templo, um vento mais forte soprou novamente em Gizé. Em poucos minutos, os olhos e cabelos dos despreocupados transeuntes já estavam recebendo areia de novo, e as pessoas, irritadas, protestavam em vão contra a pouca boa vontade da natureza para com eles. Os idosos tinham mais dificuldade em se locomover e se livrar da areia nos ouvidos, na boca, nos cabelos e nos olhos. Nuvens cinzentas começaram a aparecer, apesar de o dia ter sido limpo.

No salão do templo, os ânimos se incendiavam. Seneb agitou com dificuldade seu cajado de quatro nós no ar, e faíscas se desprenderam dele. O cajado acendeu como se fosse ferro em brasa e dele saiu uma espécie de corda amarela luminosa. O mago balançou a corda no ar como um chicote e a lançou com violência na direção de Anfion.

Anfion, com toda a calma do mundo, ergueu a mão direita. Das pontas dos dedos saíram feixes de luz azulada. Estes se uniram num único facho que atingiu a corda jogada em sua direção. A corda, ao ser tocada, desfez-se em milhares de flocos luminosos caídos no chão.

Enquanto isso acontecia, Seth correu na direção do altar, junto com os demônios saídos do buraco.

Os magos do altar, para proteger Anfion e a si mesmos, retiraram seus cajados das túnicas e cada um fez um movimento diferente. Luzes, flocos luminosos, faíscas e feixes coloridos saíam de cada bastão. Uns tinham quatro nós, mas a maioria, somente dois ou três.

Essas projeções atingiram a massa demoníaca, fazendo muitos deles pegarem fogo. Os monstros voltavam correndo e gritando. Um dos magos direcionou seu cajado para a perna de Seth, atingindo-o com uma emissão parecida a um pequeno cometa verde. Abola de fogo voou pelo salão e acertou o pé do deus, que tropeçou e caiu, esmagando vários demônios. Esses demônios esmagados transformaram-se em graxa preta. Depois a conhecida fumaça erguia-se dessa graxa até ela desaparecer por completo, como acontecia aos escravos quando tocavam num metal.

Seneb fez outros gestos, sempre com a mão esquerda, e desenhou um círculo no chão em torno de si. Palavras mágicas e gestos com o bastão, e os elementais do fogo fizeram-se presentes. A nuvem de seres ígneos, parecendo lâminas, flechas e espinhas de peixe lançou-se contra o altar rapidamente como um raio. A um comando de Seneb, rajadas de fogo de diversas cores e texturas foram lançadas contra Anfion e os magos.

A julgar pelo que se via, todos saíam dali completamente queimados, pois as chamas cobriram o altar. Mas, para surpresa de Seneb e de seus seguidores, Anfion, com um simples gesto, erguendo as duas mãos e unindo-as acima da cabeça formando uma concha, produziu um vento gelado que soprou com tanta força que todas as chamas instantaneamente apagaram.

Depois os auxiliares de Anfion agruparam-se e apontaram a mão direita para um ponto acima de suas cabeças. No ponto de convergência das mãos, surgiu uma bola azulada que brilhava como um sol. A bola rodopiava cada vez mais rapidamente e veios esbranquiçados começaram a se destacar dela. Esses veios foram se afastando e de repente a bola explodiu. Uma onda verde-esmeralda, parecendo os anéis de Saturno, surgiu da explosão, aumentando de tamanho rapidamente. A medida que a onda avançava, desmaterializava todos os elementais e demônios que tocava. Estes últimos, ao verem o anel indo em sua direção, correram aterrorizados e, quando eram atingidos, gritavam desesperadamente. Depois disso, transformaram-se em fumaça.

Seth fez um gesto rápido com as mãos e o anel desintegrador não o afetou. Dividiu-se ao passar por ele, sem tocá-lo, enquanto ele tentava ficar de pé novamente.

Depois disso, tanto os demônios como os magos de Seneb produziram vários feitiços e projeções de energia, enviando-os contra Anfion e seus magos que, para surpresa dos atacantes, defendiam-se de tudo. Um deles, aquele mesmo indiano que os garotos viram na aula de materialização, sentou-se no altar na conhecida posição de lótus, isto é, com as pernas cruzadas sobre as coxas, e fechou os olhos. Um brilho violeta, como se fosse vapor, começou a se desprender dele e envolveu-o completamente, tomando mais ou menos a forma de um ovo com a ponta para cima. Alguns magos de Seneb, vendo o rapaz vulnerável, correram em sua direção apontando seus cajados. Contudo, quando tocaram o vapor violeta, uma tal explosão se deu, que os magos foram jogados desacordados para o outro extremo do salão, batendo violentamente contra a parede, com as roupas queimadas e vários ossos quebrados.

Depois, flutuando em volta do vapor violeta formaram-se pequenas chamas, parecendo penas de aves, douradas. Em seguida, todos ouviram com nitidez o piar de um pavão repetidas vezes, aquele piado característico, semelhante a um miado de gato. Assim que o piar cessou, o indiano abriu os grandes olhos e ergueu a mão direita à altura do peito, mantendo o dedo médio e o polegar unidos e os demais dedos esticados. Subitamente, ele separou o polegar do médio. Então, as penas douradas, como se fossem flechas lançadas de arcos, voaram com velocidade vertiginosa pelo salão na direção dos magos de Seneb. Parte das penas não conseguiu atravessar as conchas de energia, mas a maior parte sim. As pontas douradas atingiram os magos no pescoço, seccionando-os quase totalmente e, é claro, fazendo os bruxos caírem inconscientes. O sangue tingiu a laje granítica em grandes poças.

Os demais magos do altar, com seus golpes e projeções, conseguiam manter-se a salvo e impediam o avanço dos demônios e dos magos agressores.

Seth avaliava cautelosamente a situação, assim como Seneb. Anfion parecia nem estar preocupado; defendia-se com maestria de todos os golpes. A batalha estava mais difícil do que imaginaram.

O monstro-deus estendeu as mãos para a frente, como se segurasse uma bola invisível. Entre as palmas das mãos uma névoa luminosa vermelha começou a surgir e logo depois tomou o aspecto de um globo semi-transparente. Dentro dele, no centro, formou-se uma espécie de diminuto cérebro humano, também avermelhado. O minúsculo cérebro começou a girar e adquiriu tal velocidade que não dava mais para ser reconhecido. Da esfera partiram raios amarelados, parecendo relâmpagos, em todas as direções. Um desses raios atingiu um mago na cabeça, no altar. O mago deu um grito agudo e caiu no chão, desacordado. Sua roupa pegou fogo. Outros raios dirigiram-se a outros magos. Eles desviavam e rebatiam com projeções de energia de seus cajados ou com as mãos.

Quando Seth principiou a fazer isso, Seneb gritou a plenos pulmões:

— Os quatro elementos! Todos!

Imediatamente todos os magos, protegidos por seus escudos de energia, ergueram seus cajados mágicos e convocaram os espíritos dos quatro elementos: fogo, terra, ar e água. Apontaram para os quatro pontos cardeais pronunciando fórmulas mágicas. Dali a pouco um verdadeiro exército de criaturas das mais incríveis formas tornou-se visível, ocupando todo o espaço da sala e das salas adjacentes. Eram um tanto transparentes. Os mesmos tipos de elementais surgidos quando Seneb demonstrou o funcionamento dos amuletos novos: os seres do fogo aumentaram em quantidade; os seres da água, com seu aspecto gelatinoso lembrando peixes e seres aquáticos; os seres do ar, lembrando pássaros, insetos voadores e outras formas emplumadas; e os seres da terra, parecidos com pessoas, animais rasteiros e até pedras. A massa semitransparente urrava e silvava e, ao sinal dos magos, jogou-se contra Anfion e seus defensores.

Fogo, pedras, vento, jatos de água, lava vulcânica pingando do teto, estalactites de gelo formando-se e caindo sobre o altar... Toda criação daquelas criaturas sem vontade própria era atirada contra os infelizes magos escolhidos como alvo, exatamente como Seneb fizera quando demonstrou os seres dos quatro elementos atacando Harkhuf. Até mesmo gigantesca onda, verdadeiro maremoto formado em minutos, jogou-se contra o altar, desaparecendo em seguida.

Eles se defendiam corajosos, rechaçando com golpes e projeções tudo quanto se aproximava deles.

Anfion, todos perceberam, era realmente senhor de um poder incalculável. Quando o maremoto varreu a parte da frente do salão rumo ao altar, o mago concentrou-se e fechou os olhos. Os discípulos, um pouco amedrontados com a força dos opositores, aproximaram-se dele, esperando uma solução. Ele apenas ergueu os dois braços para cima, murmurando palavras incompreensíveis, e uma espécie de globo cristalino formou-se em torno do grupo. Quando a água se abateu sobre o altar, derrubou a estátua de Osíris e desmoronou a parede. Ao tocar no globo, a água começou a se desfazer, desmaterializando-se em seguida.

Enquanto isso acontecia, uma bagunça estava estabelecida naquele campo de batalha. Ninguém prestava atenção a Christian e à jaula. Pedacos de madeira, de móveis, da parede derrubada, água e sangue espalhavam-se pelo chão. O garoto aproveitou a confusão para se aproximar da jaula. Encostou nela, próximo a Mirella. Estava pálida, com olheiras, suava em bicas, visivelmente enfraquecida. Parecia estar com febre alta. Mal conseguia ficar sentada no chão. O professor Manccini estava em idêntica situação.

— O que aconteceu? Onde está o Márcio? — quis saber Christian.

— Traidor! Por sua causa vão... vão nos matar — falou ela com dificuldade.

— Não consegui chegar a tempo, Mirella. Não entendo como vocês...

— O fogo... o fogo líquido letal... Está ali. Destrua... — conseguiu sussurrar o professor, interrompendo-o e apontando para a única caixa de madeira ainda fechada. Antes de Christian fazer alguma coisa, uma criatura assustadora, meio macaco, meio humana, com o horrível cheiro de esgoto, atravessou veloz o salão e agarrou-o pelo pescoço, tentando enforcá-lo com suas mãos peludas e engorduradas. O rapaz, com agilidade, pegou a faca mágica e cravou-a na perna do monstro. Este nem teve tempo de gritar; derreteu, como acontecia com as demais criaturas materializadas.

Do lado de fora, os magos impedidos de entrar ouviam os gritos, urros e explosões. Fumaça às vezes saía pelas aberturas nas paredes do templo. De vez em quando, o solo tremia. Os magos tentavam por formas diversas ultrapassar a cúpula de energia protetora, sem conseguir. Em certo momento, um grupo de doze formou uma roda, sentados no chão de mãos dadas, e um décimo terceiro sentou-se no centro. Pronunciaram palavras em língua desconhecida e fizeram gestos com seus bastões. Uma nuvem azulada começou a se formar em volta deles e a rodopiar. De repente, o mago do centro ergueu o cajado e a nuvem azulada subiu e formou um pequeno tornado; depois desceu com rapidez para dentro da roda e sumiu. Quase em seguida, o bastão do mago brilhou como se fosse o filamento aceso de uma lâmpada elétrica. Do bastão partiu um raio azul em forma de arco, parecendo um jato de água luminescente, que atingiu em cheio a cúpula energética alaranjada do templo. Nessa hora, um estrondo foi ouvido e na cúpula uma brecha irregular de vários metros se abriu, fechando vagarosamente depois.

No momento do choque do poderoso raio na cúpula, dois dos magos que dentro do templo sustentavam-na, sentados em círculo fornecendo as energias necessárias, gritaram e caíram desmaiados. Os demais soltaram das mãos deles e fecharam o círculo novamente.

Em Gizé, tinha anoitecido. Os turistas tinham ido embora com o aumento da tempestade de areia. Nuvens negras cobriam o planalto e suas proximidades, inclusive o Cairo. Relâmpagos caíam a todo instante no deserto e trovões violentos eram ouvidos ininterruptamente. O vento forte batia a folhagem das árvores e palmeiras e formava ondas cada vez maiores nas águas do Nilo. As embarcações menores preferiram atracar para evitar acidentes. A repentina e inexplicável mudança do tempo chamou a atenção da população, sendo noticiada pelas redes de televisão do Egito. Devido ao vento forte e à tempestade de areia, os vôos que partiriam do Cairo foram cancelados, e os pousos transferidos para Luxor e Alexandria.

Seth continuava projetando da esfera sangüínea raios contra os magos, deixando-os inconscientes. O número de magos ao redor de Anfion diminuía, e ficava mais difícil para eles se defenderem do ataque feroz.

Christian aproximou-se da caixa indicada pelo professor. Alguns monstros tentaram

agredi-lo. Usando a faca, eliminou-os sem dificuldade. Abriu a caixa. Dentro, três ânforas de cerâmica com as bocas tapadas por panos impermeabilizados com cera. Ele tirou uma delas e correu pelo salão.

— Traidor! Traidor e assassino! Vai matar o eremita que salvou nossas vidas no Vale — falou Mirella chorando, agarrada às barras da jaula, com o olhar desesperado pregado em Christian.

Christian, alguns metros atrás da multidão de magos e demônios que desferiam golpes e projeções contra o altar, jogou a ânfora com toda a força no chão, entre a multidão. Ao espatifar-se contra o piso de pedra, o líquido negro espalhou-se. Diversos seres materializados correram para agarrá-lo e, ao pisarem no líquido, desfizeram-se.

Mais de uma dúzia de magos pisou no líquido sem perceber ou foram respingados por ele. Passaram, então, por uma transformação incrível: em segundos seus cabelos embranqueceram e caíram, as costas se encurvaram, os dentes caíram da boca, a pele enrugou e cobriu-se de sardas nas mãos e na cabeça. Mais alguns segundos e os velhos decrepitos caíram no chão, magérrimos e trêmulos. O corpo foi murchando e ressecando até sobrar um monte de ossos (empoeirados e restos de couro ressecado amontoados no piso. A roupa, da mesma maneira, foi totalmente consumida. Só as pedrarias e jóias metálicas continuaram perfeitas.

Toda essa transformação aconteceu em menos de um minuto, deixando horrorizados os magos ao notarem o poder destrutivo do fogo líquido letal. Mas a maioria dos atacantes continuava concentrando toda sua atenção nos feitiços contra Anfion, inclusive Seth e Seneb, sem tempo de olhar para trás e ver essa cena macabra.

Christian voltou correndo para a caixa e começou a retirar outra ânfora. O professor deu um grito apontando para alguma coisa. Ele só teve tempo de olhar para o lado e viu um mago fazendo um gesto. Uma bola luminosa avermelhada saiu da palma da mão do feiticeiro e foi veloz na direção de Christian.

Com agilidade ele apontou a faca para a bola. Ao tocar a lâmina, a bola explodiu, jogando faíscas para todos os lados.

O mago foi jogado para trás como se uma explosão acontecesse em seu peito. Caiu desmaiado com a túnica queimada.

Os monstros materializados tiveram medo de tocar Christian; ele andava com a faca em punho e não vacilava em golpear qualquer criatura que se aproximasse.

Christian quebrou o segundo vaso, dessa vez entre os magos postos mais à frente, espalhando o conteúdo pelo chão, voltando em seguida para se apossar da última ânfora. Dezenas de magos foram atingidos e o exército rebelde diminuiu sensivelmente.

A massa de seres elementais, apesar de numerosa, tinha esgotado seus recursos para atingir o poderoso mago.

Seneb, alertado por um mago, percebeu Christian correndo para a última ânfora e fez o mesmo. O bruxo, com a rapidez de um raio, correu na direção do rapaz e deu-lhe violento pontapé no estômago, jogando o garoto de costas no chão, gemendo de dor. Seneb rapidamente pegou a última ânfora com dificuldade e se aproximou do altar. A mão direita lhe fazia muita falta. Segurando a ânfora com a esquerda, não tinha como manejar o cajado. Soltou-o no chão e rumou para o altar. A massa de demônios e de magos abriu passagem e ele chegou perto dos degraus, a menos de cinco metros de Anfion. Pretendia jogar o fogo líquido letal nele e nos seus três últimos defensores. Ele anteviu o sucesso. Faltava pouco para matar aquele homem aparentemente indestrutível. O gosto da vitória era sentido por ele e um sorriso de escárnio emoldurou-se no rosto de olhar duro.

Anfion, com incrível rapidez, ergueu o braço mostrando seu bastão, nunca visto antes. Um estranho silêncio fez-se no salão e tanto magos como criaturas materializadas pararam o ataque, estupefatos. Seth e o reduzido grupo de magos rebeldes surpreenderam-se. Até mesmo Seneb, diante daquilo, vacilou por um instante em atirar o líquido contra seu inimigo.

O bastão de Anfion tinha sete nós. Sete! Em toda a história da magia egípcia nunca se teve notícia de algum mago-sacerdote chegar a tal nível de aperfeiçoamento. Cada nó representava um enorme acúmulo de poder e conhecimento. As vezes eles tinham de se esforçar fazendo experiências e domando forças da mente e da natureza durante milênios inteiros para conseguir um único nó.

Havia o rumor de que Anfion possuía cinco nós, sem ninguém saber ao certo, dada a discrição do sábio. Seneb, ao decidir pela batalha, resolveu arriscar. Julgou ser um blefe o comportamento discreto de Anfion, para esconder um bastão de quatro nós. Como Seneb também tinha chegado ao quarto nó, a vitória seria possível. Sete, porém, significava muito. O sábio dominava não só os quatro elementos, como também as três forças cósmicas criadoras dos quatro elementos. Isso lhe dava poderes suficientes para varrer aquele campo de batalha e eliminar a todos num estalar de dedos. Quem chegasse a tal nível de conhecimento e poder estava apto a criar um oásis, fazer emergir uma nova ilha, erguer uma cadeia de montanhas ou desintegrar tudo isso em minutos! Seu domínio das forças planetárias era incalculável; uma batalha como aquela jamais seria ganha. Todos os oponentes de Anfion sentiram-se, naquele momento, como a borboleta querendo derrubar um muro com investidas de cabeça.

Os magos passaram da admiração ao terror, perderam a concentração no encantamento criador das conchas de energia protetora, e estas desapareceram. Reconhecendo a impossibilidade de vencerem a batalha, a maior parte saiu correndo em desespero. E, sem prestar atenção, pisaram no fogo líquido letal esparramado no chão e misturado a água e sangue. Ao pisarem, davam mais dois ou três passos e,

emagrecidos e envelhecidos, caíam de chofre, transformando-se ao cabo de alguns segundos num monte empoeirado de ossos. Os magos sentados em roda mantendo a concha de energia maior, sobre o templo, estavam mais concentrados e demoraram um pouco mais a se distrair. Mesmo assim, o gigantesco escudo começou a falhar e a tornar-se mais fino e difuso.

Seneb, ao ver a debandada de seu exército e o poder surpreendente de seu rival, teve um acesso de ódio irracional. Estava decidido. Mataria Anfion naquele instante. Recobrou a coragem e correu na direção do altar, segurando a ânfora com as duas mãos e fazendo esforço inimaginável para vencer a dor do antebraço direito.

O mago que levava o babuíno ao Templo de Amon teve um segundo de distanciamento ao ver o cajado de sete nós. Viu Seneb correndo para o altar.

— O fogo letal, três é demais, ossos no altar... — murmurou para si mesmo, depois gritou: — Seneb! Afaste-se! Largue a ânfora!!

A correria dos desertores e a própria determinação de Seneb não lhe permitiram ouvir o alerta.

Nessa hora, uma esfera branca formou-se acima do cajado de Anfion e explodiu, iluminando todo o salão com luz ofuscante. A explosão fez os tijolos soltos das paredes caírem para fora e várias pessoas e seres materializados perderam o equilíbrio. Da explosão saíram sete ondas, como se fossem sete bolhas de sabão uma dentro da outra, cada qual com uma das cores do arco-íris, com textura e espessura diferentes. As esferas de energia expandiram-se velozes e em três segundos varreram o salão em todas as direções, atingindo os monstros materializados e os seres elementais.

A bolha mais externa era vermelha-escarlate, grossa e tinha aspecto granulado, como se cada grão fosse um pequeno ouriço espinhoso. Esses minúsculos ouriços explodiam ao tocar no corpo dos seres materializados, fazendo-os gritar horivelmente. Quase todos os seres desapareceram quando da passagem dessa capa de energia.

A segunda era alaranjada e parecia feita de milhões de pequenas lascas com pontas afiadas de todos os lados. Elas se enterravam na pele dos seres demoníacos, produzindo sangramentos e fumaça, arrancando deles gritos de dor. Alguns seres resistentes à bolha vermelha desintegraram-se com ela.

A esfera amarela, cor de ouro, era lisa e parecia líquido. Ao tocar nos seres machucados pelas anteriores, fazia-os derreter como se fosse um ácido violento. Com esta terceira camada os últimos seres materializados desfizeram-se por completo. O salão ficara quase vazio e os urros, gritos e xingamentos desapareceram. Exceto por alguns magos fiéis a Seneb, o recinto era preenchido pela multidão de seres elementais semitransparentes e pela névoa cinzenta resultante das desmaterializações. O cheiro misturado de esgoto e queimado era insuportável.

A esfera verde e a azul atravessaram o salão sem qualquer efeito visível.

As esferas índigo e violeta, de aspecto menos material, lembravam um vapor vibrando em ondulações rapidíssimas. Elas varreram as criaturas elementais do salão e das salas vizinhas e, ultrapassando as paredes do templo, estenderam-se em volta da pequena praça e continuaram a aumentar, até sumirem nos horizontes da praça maior. Do lado de fora, Márcio e os magos, impedidos de entrar, viram as ondas de energia passarem por eles, sem compreender.

No salão, somente os humanos permaneciam ilesos e sem nada sentir.

As ondas atingiram também Seth. Ele urrava e ameaçava Anfion com todas as maldições possíveis. O corpo do monstro começou a derreter e a pegar fogo. Quando a esfera violeta terminou de se expandir, seu corpo materializado já estava transformado numa enorme poça de graxa preta sobre a laje de pedra e lá permaneceu.

Com a explosão da esfera branca, o líquido do chão espirrou para o fundo, e vários magos foram atingidos, desintegrando-se. A luz da explosão e a passagem das sete camadas de energia perturbaram demais os magos sentados em roda que mantinham a cúpula de energia em volta do templo. Eles se distraíram e perderam a concentração. Os escudos de energia começaram a falhar, tanto o pequeno que os protegia quanto o maior, de fora.

Christian aproveitou a oportunidade e correu rapidamente para onde eles estavam. Atirou-se sobre eles e golpeou o cristal no centro da roda com a faca mágica. O cristal explodiu e os magos e ele foram jogados para trás. Os magos caíram todos desacordados. Cinco deles caíram sobre o líquido letal. Com a explosão do cristal, estilhaços voaram em todas as direções e tanto os magos mais próximos quanto Christian foram atingidos por estilhaços no rosto, no peito e nos braços, produzindo sangramentos.

A redoma envolvendo o templo tornou-se difusa e, por fim, se desfez. Márcio e os magos do lado de fora entraram correndo. Os recém-chegados pararam diante do buraco aberto na parede. A visão de vários magos caídos, misturados a escombros, sangue e esqueletos, era chocante para eles, desacreditando que tal hecatombe pudesse ocorrer no recinto sagrado.

— Então era você o profetizado causador de nossa destruição... — murmurou Seneb, olhando rancoroso para Christian.

Ninguém falou nada. Silêncio de morte reinou no salão. Todos pregaram os olhos em Seneb, que ainda não se tinha dado conta do acontecido. A explosão fê-lo perder o equilíbrio e, ao tentar manter-se de pé, deixou cair a terceira e última ânfora. O líquido espalhou-se pelos degraus do altar, molhando seus pés.

Seneb olhou para a própria roupa suja com o líquido da morte. Depois olhou para suas mãos. Estavam enrugadas, magérrimas, cobertas de sardas e incontrolavelmente

trêmulas. Um frio subiu-lhe pelas pernas e tomou-lhe todo o corpo, como se congelasse. O antebraço direito caiu no chão, enrugado e esquelético. O bruxo deu um grito horrível, que ecoou no templo, sem qualquer semelhança com a voz humana. A visão escureceu e forte tontura fê-lo perder o equilíbrio. Tentou falar alguma coisa, mas a garganta não o obedecia. As costas entortaram, as pernas fraquejaram, os dentes e os cabelos caíram e ele soltou-se inconsciente sobre os degraus de granito. Segundos depois era um esqueleto amontoado nos degraus, a alguns passos de Anfion.

O carneiro de Amon, manco da pata dianteira, estava morto!

Os seguidores de Seneb, assistindo a tudo chocados, abandonaram o templo desesperados, rumo às galerias.

Mas um estranho fenômeno ainda se preparava. A poça de graxa negra resultante da desmaterialização de Seth começou a formar uma protuberância no centro. Essa elevação rapidamente aumentou e se alongou, e a forma de Seth delineou-se novamente. A cor negra transformou-se no vermelho-vinho e todos os detalhes da horripilante materialização se reconstituíram com exatidão, como ele era antes. O poderoso deus urrou assustadoramente e encarou Anfion, mostrando que não se dera por vencido. Avançou em direção ao sábio. Na corrida, fez um gesto com a mão e um globo incandescente amarelo-escuro, de uns dois metros de diâmetro, voou em direção ao mago deixando atrás de si uma cauda de fogo.

Anfion pôs o cajado na frente, segurando-o com as duas mãos. O cajado começou a brilhar na cor azul-celeste como se estivesse aceso por dentro. O choque da bola de fogo com o cajado provocou uma explosão tão violenta que nas paredes do templo formaram-se rachaduras, e todos os que estavam de pé caíram para trás, inclusive Anfion e Seth. Da explosão, bolas de fogo menores, idênticas à original, voaram para os lados e para cima, abrindo buracos no teto e nas paredes. A cúpula de vidro despedaçou-se e uma chuva de cacos se abateu sobre o piso, atingindo os que permaneciam desacordados.

As bolas de fogo continuaram a subir pelo céu da praça e sumiram.

Nessa mesma hora, no mundo exterior, em Gizé e nas redondezas, a tempestade de areia, os relâmpagos e trovões continuavam agitando o início da noite. Segundos depois que as esferas de fogo saíram do templo e subiram até desaparecer no céu da praça, um pequeno tremor de terra sacudiu o Cairo. Não durou mais de quatro segundos nem chegou a danificar construções, mas foi sentido pelas pessoas. Depois, para pavor dos mais assustados, um blecaute deixou todo o Egito sem eletricidade.

Na usina hidrelétrica de Aswan, choveram telefonemas, fax e *e-mails* perguntando o que estava acontecendo. Repórteres e altos funcionários do Governo queriam saber do problema. Em Aswan não houve tremor de terra nem tempestades. Tudo estava

normal. Os técnicos de plantão procuravam em vão por anomalias. Todas as turbinas, geradores e sistemas de transformação e distribuição funcionavam normalmente. Na verdade, não tinham parado. Os sistemas de informação não acusavam qualquer interrupção no fornecimento de energia. Em seis minutos a energia elétrica voltou e as cidades se iluminaram novamente. A imprensa noticiava tudo. Os meteorologistas e geólogos tentavam explicar tudo. Mas, é claro, ninguém imaginava a causa de tudo aquilo. Surgiram boatos de ataques terroristas e de guerra, com início de pânico generalizado entre os habitantes do Cairo e das redondezas. Como nada disso se confirmou, a população se acalmou, acreditando tudo ser causado pelo leve terremoto.

Lá embaixo a batalha não havia terminado. Anfion fez um gesto circular com o bastão no ar. Por onde ele passou a ponta do bastão, desenhou-se um risco azul fosforescente, que parecia ser formado de milhões de pequenos pontos mais e menos brilhantes. Ele sacudiu rápido o bastão e o arco voou em direção a Seth. No espaço percorrido entre o bastão e Seth, o arco entortou-se e enovelou-se. Seth tentou deter o objeto, enviando da palma da mão um feixe de fogo alaranjado, semelhante a um pequeno cometa. O cometa incandescente chocou-se contra o novelo azulado e desfez-se em minúsculas estrelinhas que caíram no chão. O novelo prosseguiu em sua trajetória. Seth virou rápido, e, antes de correr ou desviar, o novelo aderiu ao seu corpo. O monstro começou a contorcer-se e a gritar como um elefante enraivecido. O novelo se avolumou e acabou por envolver o corpo gigantesco do terrível deus, imobilizando-o.

— É hora de voltar, Kapel. Ou melhor, de continuar onde você sempre esteve! — falou Anfion olhando nos olhos do monstro.

O corpo de Seth começou a derreter, liberando uma fumaça cinzenta e faíscas violetas. No chão formou-se uma poça de líquido negro. Mas um outro Seth, meio transparente, continuou amarrado pelo cordão azulado.

Com outro gesto giratório do bastão, surgiu um disco brilhante ovalado, branco, que se avolumou, flutuando no ar. O disco se alargou e começou a ficar escuro. Dali a pouco viu-se uma paisagem através dele. Não era uma imagem bidimensional, como numa tela de cinema, mas uma espécie de abertura por onde se via em três dimensões um outro lugar.

A paisagem descortinada era uma planície pantanosa que se estendia até o horizonte. O chão úmido estava cheio de poças de líquido marrom-avermelhado. Viam-se, misturados a essas poças, pedaços de ossos, caveiras, braços, pernas e outras partes do corpo humano, nos mais variados estados de decomposição. O céu era escuro e cinzento, parecendo feito de chumbo. Um vento gelado cortante às vezes arrastava os pedaços de corpo humano de um lado para outro. Não havia plantas ali nem qualquer sinal de vida. O salão do templo foi invadido pelo vento frio e por um

cheiro repugnante de sangue e carne em decomposição.

O corpo amarrado e meio transparente de Seth começou a flutuar na direção daquela paisagem horripilante. Seth debatia-se e xingava. Por fim, quando estava prestes a passar pela abertura, gritou com sua voz cavernosa:

— Eu te odeio, Anfion! Vou voltar e você me pagará por isso!

Anfion ignorou a ameaça com sua tranquilidade inquebrantável.

O monstro atravessou a passagem e logo depois as amarras se quebraram e evaporaram. Ele caiu abruptamente e afundou quase até a cintura no lodo nojento. Quando afundou, deu para perceber que o chão não era feito de lama comum; era uma massa vermelha-escura, parecendo sangue coagulado. A passagem começou a empalidecer até ficar completamente branca. Depois o disco foi ficando transparente até se desfazer no ar.

A batalha, enfim, fora vencida.

O chão estava repleto de imensos tijolos de pedra, cacos de cerâmica, poças de graxa preta, poças do fogo líquido letal, água, sangue, cacos de vidro amarelo e mais de uma centena de esqueletos.

Anfion chamou alguns magos e distribuiu ordens. Os magos chamados apressaram-se a cumpri-las.

Christian olhou para a jaula. Márcio, vestido ainda com a roupa sacerdotal, conversava com Mirella e o professor. Os dois estavam mortalmente pálidos. Subitamente Christian exclamou:

— A semente de Sobek!

Cripta da Serpente Vermelha Noite em Gizé

CHEGARAM CORRENDO AO SALÃO do projetor de cristal. Mirella e o professor eram amparados por sacerdotes para conseguirem andar.

Dois magos esperavam a volta de Seneb, sentados em blocos de pedra com os cones de cristal no colo e as mãos espalmadas sobre eles. O cilindro cristalino, aceso como uma lâmpada sangüínea, estava apontado para o recipiente, projetando um feixe de luz vermelho-alaranjada na água esbranquiçada, onde a semente de Sobek estava misturada. No interior do cilindro havia a imagem tridimensional de um avião explodindo ao chocar-se contra uma verdadeira floresta de edifícios altos. Após a explosão, a imagem se repetia. Na sala do computador, Webermann e outra pessoa, curvados, observavam a tela.

Na parede do salão, estava aberta a mesma imensa "tela" onde os três viram Seneb demonstrar os efeitos do projetor de cristal. Por ela, via-se o reservatório de uma central de tratamento de água de uma cidade do Oriente Médio. A mesma onde Thaleb e seus guerrilheiros incentivaram o suicídio do garoto Abdul. No reservatório

de milhares de metros cúbicos depositava-se água cristalina. A julgar pela transparência da água e pelos vários outros compartimentos onde eram despejados pós e líquidos, esse deveria ser o último estágio de tratamento. A água estava pronta para ser distribuída à população. Pela planície e pelas colinas abaixo estendiam-se as luzes da cidade pobre. Era noite alta naquele país e as pessoas dormiam.

Quando os dois magos viram Anfion e seus discípulos chegando acompanhados dos mortais, apavoraram-se. Largaram os cones de cristal no chão e correram em direção à sala do computador. O movimento chamou a atenção do alemão e de seu acompanhante. Este último segurava a maleta roubada com os fragmentos. O professor imediatamente avistou-a e gritou:

— Os papiros!

Christian e Márcio correram na direção da sala. Os magos retiraram seus cajados da túnica e começaram a movê-los, provavelmente para acertar os dois rapazes com algum golpe mágico. Não tiveram tempo de fazer nada. Anfion fez um gesto com a mão. Pareceu que de seus dedos saiu uma tênue luz azul-claro. Eles olharam para a mão de Anfion, como hipnotizados, e caíram, desmaiados.

Quando Christian e Márcio se aproximaram, o acompanhante do alemão recuou e escondeu-se na sombra, acuado, sem ter para onde fugir. Webermann permaneceu sentado, exibindo uma ruga nos cantos da boca.

A essa altura, vários magos fiéis a Anfion chegavam ao salão, vindos de outras galerias, e observavam admirados aqueles aparelhos desconhecidos. Cinco deles notaram uma porta na parede, por onde entrevia-se uma caverna, e entraram nela. Estavam todos curiosos. Aquelas câmaras eram completamente desconhecidas de todos.

Márcio agarrou o alemão e o arrancou da cadeira, jogando-o no chão. Ele sentou-se ao computador. Na tela era exibida a janela que pedia o CD 14 para iniciar o bombeamento da semente ao reservatório.

Christian, quase junto dele, pegou o CD da mão do alemão. Notou a mão do homem; nela faiscava uma pedra negra num anel.

Os três garotos estranhavam uma coisa: quem era a pessoa com Webermann? Um dos mortos-vivos teria sido acordado? Ele, porém, parecia cúmplice do alemão, a julgar pelo modo como se postava quando chegaram. As roupas eram ocidentais. Só dava para ver a calça social cinzenta e os sapatos pretos. O peito e o rosto estavam no escuro. Ele pressionava a maleta do professor Manccini contra o peito, encostado numa parede no fundo da sala do computador. Parecia não querer largar a maleta de jeito nenhum.

Christian, com o CD na mão, aproximou-se do homem misterioso. Estava escuro e era difícil enxergar.

— Quem é você? O que faz com essa mala que não te pertence? — falou Christian

sério.

O homem nada respondeu nem se mexeu.

Estavam todos trincando de curiosidade.

Christian aproximou-se um tanto receoso; o homem poderia estar armado. Como as mãos estavam visíveis segurando a maleta, ele julgou poder se aproximar. Chegou perto do homem. Este, com rapidez, enfiou a mão no bolso da calça e sacou de um revólver. Antes de poder apontá-lo, Christian, mais rápido, segurou-lhe a mão e, dando-lhe um soco no rosto, arrancou a arma da mão. Durante a briga, dois tiros foram disparados contra a parede. Ninguém foi acertado. Depois Christian deu-lhe um puxão violento no braço, jogando-o na direção da porta da sala. O homem tropeçou e caiu alguns passos à frente, na saída, em frente a Mirella, o professor, Anfion e os outros magos. A mala abriu-se na queda e milhares de fragmentos de papiro amarelo-claro espalharam-se no chão.

Christian pegou o CD caído no chão e, empunhando o revólver, ordenou ao homem e a Webermann sair da sala e não tentarem fugir, sob pena de serem baleados.

No salão, mais iluminado, foi possível ver o rosto do homem. Ninguém estava contente de ter achado a mala e os fragmentos. A surpresa da descoberta do verdadeiro ladrão chocou a todos. Christian e Márcio nada falaram, tão surpresos ficaram.

— Não acredito!! — falou Mirella de queixo caído.

— Como...?! — desacreditou o professor.

Era o professor Eurípedes.

O professor Manccini, embora muito fraco e esgotado, arranjou forças e pulou sobre seu colega, dando-lhe violento soco no rosto. Os óculos grossos do professor Eurípedes foram parar longe e ele caiu de costas. Um filete de sangue escorreu do canto da boca. Márcio afastou Manccini, pedindo para se acalmar.

— Essa pesquisa era minha, Manccini! Eu me esforcei muito antes de você. Essa descoberta é minha, e não sua — vociferou Eurípedes, ainda caído e se apoiando nos cotovelos.

— Como você pode dizer isso?! Você abandonou essa pesquisa, ou melhor, você roubou dinheiro do projeto, e por isso foi expulso! — retrucou Manccini com dificuldade, amparado por Márcio para conseguir ficar em pé.

— Se não tirasse dinheiro do projeto, que recompensa eu teria se o dinheiro para as expedições tinha sido cortado? Além disso, você se aproveitou dos meus dados para começar seu trabalho! — acusou Eurípedes, pegando os óculos do chão.

— Você é um velho mentiroso, Eurípedes! Mentiroso, ladrão e traidor! Jamais poderia imaginar que fosse capaz de ser tão mau-caráter — o professor falava exaltado. Depois de uma pausa para recuperar o fôlego, disse, mais controlado: — Você está muito encrencado, se quer saber. A reitoria, a polícia e a imprensa vão

saber disso!

— Ah, é mesmo? Eles também poderiam saber como você participou da Guerra do Golfo... Christian, peça ao seu professor para contar como seu pai desapareceu. Você pensará duas vezes antes de quebrar o CD... — ironizou Eurípedes, olhando para o garoto.

Christian estava arrasado. Tudo o que tinha presenciado até então não o chocou tanto como descobrir que aquele homem que o acusara em público tentara afastá-lo da pesquisa e incriminá-lo para encobrir seu golpe e sua ligação com o terrorismo internacional. Ele fora orientador do professor Manccini justamente no seu mestrado em egiptologia nos anos setenta e, para levar avante seu plano megalomaniaco, traiu seu colega e discípulo! O professor Eurípedes era, pensava ele, tão diabólico e cruel como Seneb e os outros bruxos, sem um traço de dignidade e caráter. E ele ainda atrevia-se a falar de seu desaparecido pai. Talvez ele tivesse algum envolvimento com isso. Será que ele já participava de alguma ação terrorista em 1991, quando seu pai desapareceu? Não era possível duvidar de mais nada.

— Não fale sobre meu pai, criminoso! — falou Christian ameaçador, apontando o revólver.

— Eu não vou dizer nada! O Manccini sim, tem algo a te dizer... — revidou Eurípedes, levantando-se do chão com dificuldade.

— Há alguma coisa sobre os seqüestradores do meu pai aqui? — inquiriu Christian olhando para o professor Manccini e mostrando o CD. Talvez o mesmo grupo terrorista que Seneb e a liga da Serpente Vermelha influenciavam fosse o responsável pela morte de seu pai.

O professor Manccini calou-se com o comentário de Eurípedes, alimentando as especulações de Christian.

— Conte logo o que você sabia e sempre escondeu dele! — falou Eurípedes mais alto.

Christian olhou desconfiado para o professor Manccini, arcando as sobrancelhas.

— O que esse demente está falando é verdade, professor? O senhor também guarda segredos sobre meu pai?!

Manccini ficou embaraçado. Olhava para Christian com pena e para Eurípedes com raiva.

— Ele sempre soube, sempre! — completou Eurípedes, agressivo. — E não quis te falar para você não sair do projeto.

O egiptólogo relutou, mas achou melhor contar. Era melhor encerrar logo toda aquela confusão. Se Christian resolvesse pôr o CD no computador, as coisas poderiam realmente se complicar.

— Bom... Seu pai não desapareceu, Christian; ele pesquisava tribos nômades e... — ele olhou para cima, estudando como completar a história. — Qual a importância

disso agora? Precisamos sair daqui e recuperar esses papíros. Nada mais importa agora!

— Eu te garanto, Christian: se quebrar esse CD antes de saber a verdade, vai se arrepender amargamente quando souber — insistiu Eurípedes. Depois, olhando para o professor Manccini, gritou: — Conte logo, senão eu conto!

Christian olhava para o professor Manccini abismado. Então era verdade, ele realmente sabia de alguma coisa e nunca lhe dissera!

— Agora não é hora para essa conversa! Vamos sair daqui primeiro e... — convidou Márcio.

— Nada disso! — cortou Christian asperamente. — Parece que todos aqui sabem de tudo, menos nós três. Além de nos envolverem nesta encrenca, não querem contar nada! — e olhando para o professor Manccini, acrescentou agressivo: — Talvez o guardião estivesse certo: deveria ter deixado o senhor mumificado e a semente ser jogada na água!

Os presentes perceberam que a paciência de Christian chegara ao limite e ficaram com medo. Ele mantinha o revólver apontado. Mirella e Márcio decidiram se calar. Os magos assistiam a tudo sem saber que drama era aquele. O olhar penetrante e devassador de Anfion diagnosticava silenciosamente os invasores de seus domínios.

— Está bem. Não há mais sentido esconder coisa alguma — Manccini fez uma pausa, suspirou e olhou para baixo, como quem escolhe as palavras. — Como você sabe, seu pai era pesquisador da FFLCH, como eu. Eu em História e ele em Antropologia. Tínhamos um projeto de pesquisa sobre tradições antigas presentes no cotidiano de algumas etnias do Oriente Médio. Durante os conflitos militares do começo dos anos noventa perto do Golfo Pérsico, decidi não viajar mais para lá. Ele quis arriscar e continuou a ir todos os anos. E, num desses anos, ele desapareceu porque...

— Não fale sobre meu pai, criminoso! — falou Christian ameaçador, apontando o revólver.

— Eu não vou dizer nada! O Manccini sim, tem algo a te dizer... — revidou Eurípedes, levantando-se do chão com dificuldade.

— Há alguma coisa sobre os seqüestradores do meu pai aqui? — inquiriu Christian olhando para o professor Manccini e mostrando o CD. Talvez o mesmo grupo terrorista que Seneb e a liga da Serpente Vermelha influenciavam fosse o responsável pela morte de seu pai.

O professor Manccini calou-se com o comentário de Eurípedes, alimentando as especulações de Christian.

— Conte logo o que você sabia e sempre escondeu dele! — falou Eurípedes mais alto.

Christian olhou desconfiado para o professor Manccini, arcando as sobrancelhas.

— O que esse demente está falando é verdade, professor? O senhor também guarda segredos sobre meu pai?!

Manccini ficou embaraçado. Olhava para Christian com pena e para Eurípedes com raiva.

— Ele sempre soube, sempre! — completou Eurípedes, agressivo. — E não quis te falar para você não sair do projeto.

O egiptólogo relutou, mas achou melhor contar. Era melhor encerrar logo toda aquela confusão. Se Christian resolvesse pôr o CD no computador, as coisas poderiam realmente se complicar.

— Bom... Seu pai não desapareceu, Christian; ele pesquisava tribos nômades e... — ele olhou para cima, estudando como completar a história. — Qual a importância disso agora? Precisamos sair daqui e recuperar esses papiros. Nada mais importa agora!

— Eu te garanto, Christian: se quebrar esse CD antes de saber a verdade, vai se arrepender amargamente quando souber — insistiu Eurípedes. Depois, olhando para o professor Manccini, gritou: — Conte logo, senão eu conto!

Christian olhava para o professor Manccini abismado. Então era verdade, ele realmente sabia de alguma coisa e nunca lhe dissera!

— Agora não é hora para essa conversa! Vamos sair daqui primeiro e... — convidou Márcio.

— Nada disso! — cortou Christian asperamente. — Parece que todos aqui sabem de tudo, menos nós três. Além de nos envolverem nesta encenação, não querem contar nada! — e olhando para o professor Manccini, acrescentou agressivo: — Talvez o guardião estivesse certo: deveria ter deixado o senhor mumificado e a semente ser jogada na água!

Os presentes perceberam que a paciência de Christian chegara ao limite e ficaram com medo. Ele mantinha o revólver apontado. Mirella e Márcio decidiram se calar. Os magos assistiam a tudo sem saber que drama era aquele. O olhar penetrante e devassador de Anfion diagnosticava silenciosamente os invasores de seus domínios.

— Está bem. Não há mais sentido esconder coisa alguma — Manccini fez uma pausa, suspirou e olhou para baixo, como quem escolhe as palavras. — Como você sabe, seu pai era pesquisador da FFLCH, como eu. Eu em História e ele em Antropologia. Tínhamos um projeto de pesquisa sobre tradições antigas presentes no cotidiano de algumas etnias do Oriente Médio. Durante os conflitos militares do começo dos anos noventa perto do Golfo Pérsico, decidi não viajar mais para lá. Ele quis arriscar e continuou a ir todos os anos. E, num desses anos, ele desapareceu porque...

— Por quê? — interrompeu Christian, ansioso.

— Bom... Não foi por assalto de um grupo terrorista... — gaguejou o professor.

— Anfion, o mago todo-poderoso, poderia te mostrar com mais realismo a história. Então, grande mago? Por que *você* não mostra a ele? — falou de modo insolente Webermann, abrindo a boca pela primeira vez e mostrando sua pronúncia do inglês com fortíssimo sotaque germânico.

Anfion ignorou Webermann. O sábio percebera a complexa história presente ali. Psicólogo profundo, havia estudado a alma humana ao longo dos milhares de anos de dedicação à ciência e no contato com vários povos e etnias. Num segundo notou o grande nó a ser desatado dentro de Christian, uma dúvida traumatizante nunca resolvida nem tratada. Os cientistas sabiam de tudo e se omitiram, por conveniência ou por incapacidade, deixando a marca se aprofundar na alma do rapaz. As forças do universo reuniram todos os envolvidos ali, naquele momento crucial, e o rapaz estava sendo empurrado para o momento da revelação da maneira mais inábil possível, a fim de fazer uma opção precipitada. Com sua intuição apurada, percebia e compreendia o turbilhão crescente na alma de Christian e as intenções criminosas de Webermann e Eurípedes.

— O senhor também sabe o que aconteceu? Também apóia o terrorismo? — perguntou Christian a Anfion, receoso de o poderoso mago responder afirmativamente.

— Ele pode te mostrar tudo. É fácil para ele... — adiantou-se Webermann antes de Anfion responder.

— Sumo Sacerdote Anfion, eu peço encarecidamente: mostre-me a realidade! Eu quero saber, preciso saber! Tenho pensado nisso há anos sem encontrar nunca uma resposta. Essa dúvida me inferniza. Por favor! — implorou ele, cravando seus olhos esmeraldinos nos do mago, castanhos como um olho-de-tigre, enquanto abaixava o revólver.

Anfion, sem dizer uma palavra, retirou seu cajado de sete nós e o ergueu no ar. Na ponta do cajado uma estrela esverdeada brilhou esplendidamente. Com a outra mão ele tocou na testa de Christian delicadamente, depois afastou-se. Da estrela verde partiram raios luminosos, semelhantes a cordões flexíveis com velocidade vertiginosa, em todas as direções. Cada fio atingiu a cabeça de um dos presentes, e um brilho forte como de relâmpago inundou a sala.

Todos sentiram aguda dor de cabeça, que passou tão rápido quanto apareceu. Alguns puseram a mão na testa e na nuca e olharam para baixo.

Magos e mortais viram-se, então, num ambiente completamente diferente. O salão do projetor de cristal e seus objetos haviam desaparecido. Estavam numa planície arenosa e meio pedregosa, iluminada pelo sol escaldante, num ambiente árido. Estavam nas mesmas posições ocupadas no salão. Márcio continuava amparando o professor Manccini e um mago apoiava Mirella. A planície era cercada por todos os lados de montanhas ressecadas. Aqui e ali um arbusto seco era o único sinal de vida

vegetal. O céu azul não tinha nuvens. Mais além, na encosta das montanhas, várias cavernas. Algumas tinham a entrada coberta por panos coloridos. Em frente deles havia uma tenda armada na planície árida, balançando ao vento. A tenda não tinha paredes. Estacas sustentavam um tecido vermelho-escuro listrado. O chão estava coberto de tapetes orientais, almofadas, bancos, baús e outros objetos.

Homens de túnicas coloridas, turbantes e sandálias conversavam animadamente sentados nos tapetes. Eles falavam alto e gesticulavam bastante. Barbas longas e negras cobriam os rostos queimados de sol. Em volta da tenda, crianças brincavam. Algumas mulheres, com o corpo e o rosto totalmente cobertos, passavam raramente. Camelos de uma corcova estavam amarrados em estacas de madeira fincadas no chão. Montículos de pedra cheios de carvão e cinzas indicavam que fogueiras eram feitas ali.

Enquanto observavam o cenário, um camelo próximo caminhou na direção de Mirella e do mago ao seu lado. Ela ia sair do lugar, com medo de ser atropelada. O mago a segurou, dizendo não haver como "os de lá interferirem aqui nem o contrário". O camelo atravessou-os e ela não sentiu nada, a não ser o cheiro da pelagem do animal.

Os homens da tenda estavam reunidos em torno de alguma coisa. Eles falavam e falavam. Depois alguns deles se retiraram e foi possível ver um homem de uns cinquenta anos sentado, com as mesmas roupas dos demais. Pele branca, olhos verdes, cabelos loiros e expressão séria no rosto sem barba. O homem, de maneiras polidas e sóbrias, conversava com os outros e anotava tudo numa prancheta. Os outros falavam animadamente coisas para ele.

— É meu pai! E meu pai! — falou Christian emocionado, em português, dando um passo na direção do homem. Lágrimas começaram a escorrer pelo rosto. Os olhos ficaram vermelhos e uma profunda e represada saudade tomou conta do rapaz.

Anfion percebeu a avalanche de emoções que soterravam o jovem. E falou serenamente para Christian, em claríssimo inglês, segurando-o pelo braço:

— Isso é o passado. Acalme-se.

Dali a pouco, algumas crianças descalças chegaram correndo com um embrulho de pano na mão. Elas se aproximaram do cientista e lhe ofereceram o pacote. Ele abriu na hora. Era uma espécie de sanduíche feito com um pão achatado cheio de frutas dentro. O homem agradeceu gentilmente e ofereceu às crianças canetas coloridas e papel. As crianças adoraram e saíram correndo para mostrar para as mulheres nas entradas das cavernas.

Em seguida, a atenção de todos foi chamada por um barulho. Todos saíram de baixo da tenda e olharam para o céu. Um avião de guerra fazia um vôo baixo. O medo estampou-se nas fisionomias antes bem-humoradas. Não houve, felizmente, qualquer perigo; o avião deu meia-volta e foi embora.

Alguns minutos se passaram e outro barulho chamou a atenção de todos. Dois jipes militares, cheios de soldados com uniforme militar camuflado, apareceram no outro extremo da planície. Vinham a toda velocidade na direção da tenda. Uma nuvem de poeira subindo e se deslocando vagarosamente para o lado ia ficando para trás.

Os homens pararam de conversar de novo e observaram. As mulheres e as crianças entraram nas cavernas, atemorizadas.

Os jipes pararam a alguns metros da tenda. Os soldados desceram e, sem cumprimentar ninguém, começaram a andar em volta da tenda. Eram altos e bem jovens. A maioria ali não tinha muito mais de vinte anos. Olhos castanhos, verdes, azuis. Cabelos loiros, ruivos, castanhos e pretos, cortados bem curto. Pele branca e sem barba nem bigode. Rostos de quase meninos. Cada qual com um fuzil preso ao ombro. No jipe, os soldados seguravam algo similar a uma bazuca.

Um deles, parecendo ser o chefe, falou ríspido, em inglês:

— As mulheres?

Os árabes não entenderam. O moço repetiu mais algumas vezes, gritando. Como ninguém entendia, ele se irritou e apontou uma arma de mão, semelhante a um revólver, para o rosto de um homem gordo.

O pai de Christian, vendo que o soldado não percebia ou fingia não perceber que eles não entendiam, intercedeu, com voz calma e grave:

— Eles não falam inglês, soldado.

O rapaz não fez qualquer cerimônia nem demonstrou interesse ou surpresa de haver um ocidental entre eles. Respondeu simplesmente, gritando:

— Então pergunte você a eles onde estão as mulheres!

O pai de Christian repetiu para os homens no dialeto deles o que os soldados queriam. Eles se indignaram e começaram a falar alto. O pai de Christian pediu calma várias vezes, mas os homens já sabiam como aquilo acabaria. Um deles, mais exaltado, sacou de uma faca e correu em direção ao soldado. Este simplesmente atirou à queima-roupa, matando-o com três tiros.

Alguns soldados mais atrás faziam piadas e riam de tudo e de nada. Quando os tiros foram dados, eles nem se incomodaram.

O pai de Christian aconselhou os homens a atenderem o pedido dos soldados. Após a concordância deles, indicaram as cavernas. A maior parte dos soldados saiu correndo em direção às entradas. O que seu viu depois foi algo deplorável. Mulheres e crianças gritavam e corriam. Os fugitivos eram acertados por tiros de fuzil. A maioria dos homens não resistia vendo aquilo e tentava reagir. Os soldados atiravam neles sem cerimônia. Depois de o espetáculo bárbaro chegar ao fim, alguns homens, inclusive o cientista, estavam sentados nos tapetes da tenda, vigiados por alguns soldados com os fuzis apontados para eles.

— Vocês não podem fazer isso! É contra todos os tratados internacionais agredir e

roubar civis! — falou o pai de Christian, indignado com a tragédia.

— Ah, é? E quem vai contar para eles? — replicou sarcástico um soldado que acabara de violentar alguém numa caverna.

Os soldados pegaram granadas e jogaram no interior das cavernas após sair. Elas explodiram e desmoronaram. Depois todos correram para os jipes e os três últimos metralharam todos na tenda, inclusive o pai de Christian. Depois um deles espalhou gasolina sobre os corpos. Um isqueiro aceso foi lançado. As chamas engoliram a tenda e o que havia nela.

Os jipes saíram velozes e desapareceram à frente de uma nuvem de poeira.

A planície pedregosa tornara-se silenciosa, semeada de corpos ensangüentados. Os únicos sobreviventes do massacre foram os camelos.

Os camelos e um homem.

Entre rochas adjacentes à estrada de terra que saía da planície rumo a uma cidade próxima através das montanhas, um homem se escondia. Subitamente a paisagem transfigurou-se, e todos se viram nessa estrada, de frente para o homem. De longe, observara tudo apavorado e chorava em silêncio. Era o professor Manccini. Um pouco mais novo, com menos cabelos brancos. Os mesmos óculos metálicos, a mesma barba e bigode cortados rente ao rosto e o mesmo tipo de chapéu e colete usados em trabalhos de campo. Após alguns segundos de choque, o professor voltou correndo pela estrada rumo à cidadezinha, fugindo da tragédia horrorosa que acabara de testemunhar.

Mirella chorava, tapando a boca com a mão. Christian também chorava, sem alterar a fisionomia. Não havia mais como negar. Seu pai fora brutalmente assassinado. Não por terroristas ou fanáticos religiosos, mas por soldados ocidentais, pessoas ditas "mais civilizadas". Pessoas da idade dele. E o professor Manccini estava lá, viu tudo e nunca contou nada.

Anfion fez um gesto com a mão e uma luz amarela irradiou-se de seus dedos. A paisagem desapareceu. Todos viram-se novamente no escuro salão do aparelho de cristal.

O professor Eurípedes e Webermann olhavam satisfeitos para Christian, com um risinho sórdido no canto da boca. Os demais sentiam o sofrimento do rapaz.

— Aí está! Como você viu, não foram os terroristas os vilões da história! Há, há, há!

— falou o professor Eurípedes, com uma gargalhada. E depois rematou, sarcástico:

— O Dr. John Nightingale Wardall morreu por mãos civilizadas, não é mesmo?

— Claro! Terroristas são os que exploram os mais fracos de todas as formas possíveis. Essa é a realidade da vida, Christian! Agora faça logo o que deve ser feito. Deixe-nos continuar com o plano! — pediu o alemão sério e gelado.

Christian estava revoltado. Jamais imaginara tal possibilidade. Além de nutrir a esperança de encontrar o pai vivo, para ele os terroristas eram os criminosos, os

culpados. Para sua decepção ele fora assassinado; não por terroristas, mas por soldados ocidentais divertindo-se sadicamente ao matar e violentar pessoas! Incentivar a violência era algo muito forte para ele. Ele olhava para o CD, indeciso. Poderia quebrá-lo. Poderia colocá-lo no computador e deixar as coisas seguirem. Ou poderia simplesmente ignorar tudo e entregá-lo ao alemão para fazer como quisesse. De repente ele olhou sério para o professor Manccini, esperando uma explicação. O professor, igualmente emocionado por reviver tudo aquilo, decidiu falar sem reservas.

— Eu estava no Egito quando John foi para aquela aldeia... Eu o avisei do perigo, da guerra, mas ele preferiu arriscar. A pesquisa estava quase no fim e... sei lá... ele era uma pessoa boa e honesta, não conseguia enxergar maldade nos outros facilmente — enxugou os olhos com os dedos. — Então... uma vez, quando ele foi ao vilarejo ali perto... me telefonou no Cairo pedindo para eu o ajudar. Disse faltar pouco para acabar e não precisaria mais voltar. Depois de duas... duas semanas, eu fui e o ajudei no diagnóstico. Faltava só mais uma semana e ele voltaria ao Brasil. Por isso fui à capital confirmar o vôo e... e tomar outras providências. Aí, quando eu chegava pela estrada... vi os jipes e me escondi... Então assisti a tudo...

— Por que o senhor não denunciou isso às autoridades? — quis saber Márcio.

— Aquela região estava em guerra! Quem iria se importar com uma tribo nômade se nem na capital o governo se preocupava com a população? — explicou Manccini, já mais equilibrado. — Não tive escolha. Atravessei a fronteira com a Jordânia e de lá fui para o Egito. Só então voltei ao Brasil.

— Por isso disseram que talvez meu pai tivesse vindo para o Egito?

— Foi. Confundiram-me com ele. Pensavam que ele era pesquisador da Inglaterra.

— E por que o senhor não contou nada quando chegou ao Brasil?

— Fui ajudar John sem ninguém saber. Meu patrocínio era só para trabalhar no Egito. Se ao chegar contasse a verdade, teria muitos problemas. E se fosse acusado de ter participação na morte de John, não haveria como me defender. Não houve outras testemunhas, não houve investigação oficial, não havia relações diplomáticas do país com o Brasil e eu não poderia ter ido até lá. Se eu contasse alguma coisa, me complicaria até o pescoço e nada seria resolvido. Nada. Por isso usei o passaporte de John para atravessar as fronteiras e entrar de volta no Egito.

— Ponha logo esse CD para rodar e faça justiça ao seu pai! — incitou Eurípedes, cortando a conversa. — Deixe quem sofreu como você enviar os aviões para seus alvos!

A descoberta não fizera Christian mais tranquilizado nem satisfeito. Uma tempestade de emoções contraditórias rugia dentro dele, e a idéia de vingar-se lutava ferozmente com seus ideais de não-violência e civilização.

— Não posso colaborar com o aumento da violência. Embora isso me decepcione

muito, acredito na paz — revidou ele desolado, tentando se convencer.

— Paz? Que paz? — provocou Eurípedes. — Você sabe como esses soldados serão recebidos quando chegarem em casa? Serão premiados e tratados como heróis de guerra! Ou melhor, já foram. Já devem ter assumido postos mais altos no comando militar do seu país. E assim que se constrói a paz?

— O terrorismo não vai resolver isso. Irá apenas aumentar as agressões — retrucou Christian, dividindo sua atenção entre os argumentos do professor Eurípedes e o julgamento confuso e tormentoso da situação.

Os dois homens sabiam que o coração de Christian tinha levado funda punhalada. Estava sangrando e sangraria por muito tempo. Tinham de ser hábeis e escolher bem as palavras ou perderiam a chance de pôr o plano em prática. Se a coisa se complicasse, haveria maior chance de escaparem dali. Webermann não queria dar muito tempo para o rapaz pensar. E respondia rápido:

— Essa é a única saída para essas minorias encurraladas. Graças ao terrorismo e à guerrilha, o Oriente ainda não foi totalmente colonizado e leiloadado. Só por isso! Você não percebe que o equilíbrio entre Oriente e Ocidente é hoje mantido por eles? Sem eles o mundo todo seria hoje a colônia de um único país!

Anfion, calado até então, decidiu interferir. Ele poderia acabar com a discussão e, com um golpe de seu bastão, eliminar o computador, o CD e tudo o mais. Mas, além de não saber se o problema persistiria, não queria violentar o livre-arbítrio de Christian. Enquanto os mortais viam no debate a oportunidade de vantagem material, o sábio enxergava no dilema do rapaz uma grande oportunidade de amadurecimento pessoal. A decisão tomada consolidaria seus valores e lhe daria força e coragem para muitas outras decisões difíceis exigidas ao longo da vida. Ou poderia destruí-lo para sempre, fazendo-o nivelar-se a um assassino cruel, arrastando-o de vez para um submundo.

Como um autêntico mestre, ele se preocupava em fazer o discípulo entender com clareza para escolher. Era importante tomar a decisão mais certa por convicção, e não por persuasão. Ele percebeu logo de início que Christian centrava atenção na argumentação lógica; os meandros do raciocínio tinham o poder de influenciá-lo. Era assim que tentaria lhe mostrar as coisas de maneira mais ampla. Em seus milênios de experiência com as pessoas, havia se tornado profundo conhecedor da natureza humana. Os poucos segundos da conversa foram-lhe suficientes para extrair, com seu olhar certo, camadas profundas da alma de Webermann e de Eurípedes. Num instante ele percebeu serem os dois cruéis e egoístas, capazes de matar milhares de pessoas para a satisfação de suas ambições e caprichos descabidos. As expressões, a entonação da voz, a linguagem corporal e a fortíssima intuição mostravam ao sábio com toda clareza existirem interesses megalomaníacos e desumanos nos dois homens, única razão para persuadirem Christian.

— Eles querem, Christian, que você ceda ao desejo de vingança. Assim os interesses deles não serão afetados. Infelizmente, nenhuma violência trará seu pai de volta. Hoje ele vive outra vida melhor que esta, fruto de sua conduta digna e nobre nesta última passagem pela Terra — ponderou o Sumo Sacerdote serenamente, captando a atenção de todos com sua pronúncia impecável.

— No mundo real, a violência é uma necessidade para sobreviver — acrescentou Webermann. — Fugir disso é acovardar-se.

— Se você aceitar vingar seu pai, estará lhe prestando uma verdadeira homenagem. Estará lhe fazendo justiça. A ele e aos inocentes metralhados com ele. Essa é a verdade, Christian — completou o professor Eurípedes.

O garoto olhou para o recipiente com a semente de Sobek. Estava pronto para funcionar. Certamente dentro dele havia uma bomba elétrica. Ao comando do computador, a bomba jogaria a água com a semente no reservatório da cidade. Era só pôr o CD no computador.

Anfion estava decidido a apostar na lucidez de Christian. Sabia como aqueles minutos eram decisivos. Falou calmamente:

— Se a vingança fosse a melhor das opções, o mundo já seria um paraíso... A sabedoria não está em atender cegamente ao desejo violento, e sim em aplicá-lo de maneira planejada para combater o crime. Se você pretende sinceramente contribuir para a melhoria do mundo, o trabalho disciplinado e calculado trará resultados mais apreciáveis que um massacre. Mesmo porque a maioria dos atingidos nesses casos não é a responsável pelo crime cometido.

— Se esses aviões se atirarem sobre as grandes cidades, é claro que os governos, os militares e as grandes companhias pensarão duas vezes antes de destruir e explorar os povos mais fracos. O medo é um argumento forte — replicou Christian olhando para Anfion.

— Claro que é — completou Webermann.

— E o mais convincente de todos — acrescentou Eurípedes.

— Não é — rebateu de chofre Anfion. — O medo apenas produz um afastamento temporário, não muda os valores de ninguém. Veja a coisa de forma mais ampla: quantas pessoas sem responsabilidade ou mesmo contrárias a essa expropriação dos mais pobres serão atingidas? Os principais responsáveis não serão atingidos pelos atos terroristas. Ao contrário, usarão a tragédia para obter mais poder.

Christian lembrou de vários casos conhecidos do povo saindo às ruas pedindo a guerra.

— Mas eles elegem esses políticos! — discordou Christian. — Eles votam neles justamente por defenderem a guerra e o armamento; vão às ruas em passeatas exigindo isso e assistem à guerra na TV por assinatura como diversão. Eles são responsáveis sim!

— A idéia inicial e a decisão final, contudo, não são deles, e sim de uma minoria que finge representar a maioria e a engana facilmente. E se os eleitores dessa minoria apóiam tudo isso, Christian, é por serem ingênuos e manipuláveis. Não são muito diferentes das crianças e adolescentes que explodem a si mesmos por ordem dos pais e dos líderes religiosos. Qual a lucidez dessas pessoas? Qual a compreensão que têm da coisa toda? Muito pouca! Uns iludidos por líderes religiosos, outros por políticos produzidos pela TV, mas todos usados. São crianças mentais, mentes facilmente influenciáveis, entusiasmadas com bobagens e incapazes de fazer a melhor escolha! Não se deixe levar pelo aspecto óbvio, enxergue mais fundo. A riqueza de um povo não significa mais inteligência ou mais sabedoria. Orgulho e ingenuidade. Orgulho e fanatismo. Ingredientes perfeitos para a manipulação coletiva. Enxergue o que há por trás das aparências. Perdoar é a consequência inevitável quando se percebe esses ingredientes...

— Perdoar?! — indignou-se Christian. — O senhor acha que simplesmente devo esquecer tudo? Isso é impossível!

— Perdoar não é esquecer tudo. Nem fingir que nada aconteceu. Nem voltar a se aproximar de quem se revelou perigoso. Perdoar é aprender com a experiência dolorosa e seguir com sua vida, sem alimentar a mágoa revivendo eternamente o fato. Perdoar é ser realista, é não dar ao fato maior importância do que possui — ele fez uma pausa e, olhando firmemente para o garoto, prosseguiu: — Aprenda com essa experiência, Christian. Se você deseja combater a violência e a injustiça, há maneiras mais eficazes. Nossos amigos aqui querem fazê-lo acreditar existir respostas fáceis para tudo.

Christian ouvia-o atento e emocionado. O sábio continuou:

— Como agem os líderes do fanatismo religioso e os políticos exploradores do orgulho pátrio? Apresentam respostas fáceis. "Não precisa pensar nem tentar entender, eu penso por você; a solução é esta." "Não questione a política, eu sou um político de soluções." "Não interprete os livros sagrados nem pesquise o mistério da vida, eu já fiz isso e estou aqui para explicar para você." E agora estão te dizendo "Não pense ponderadamente sobre a agressão sofrida, vingue-se sem pensar em nada! Isso nos interessa". A educação do povo é a chave para os conflitos diminuírem, Christian. A compreensão cada vez mais ampla da vida através da busca pessoal e intransferível das respostas é a forma de o ser humano distanciar-se dos animais e tornar-se nobre. Não há outro jeito. Não há respostas fáceis. Você deve descobri-las e formar suas convicções por si mesmo. Este é um minuto crucial para você. Decida como quiser. Apenas sugiro não agir por impulso, e sim por convicção. As emoções violentas nunca foram boas conselheiras.

Webermann falou novamente:

— E não eram educados aqueles soldados? Não eram pessoas educadas em famílias

cristãs, cheias de bons princípios, com pais formados em universidades famosas? A mistura racial é o problema. E preciso limpar o mundo de certas raças. Savitri Devi estava certa; só a pureza racial ariana deve prevalecer!

Anfion, até então, não tinha se dirigido a Webermann nem a Eurípedes. Mas essa era sua cartada final; precisava ser objetivo e conclusivo. Christian prestava atenção às suas palavras. No íntimo, o rapaz esforçava-se para dar o passo largo, expandindo sua consciência para além dos limites estreitos do rancor. Anfion percebeu a luta interior do garoto.

— Pessimamente educados. Foram apenas *adestrados* para um comportamento social conveniente, nada mais. As mais sofisticadas universidades praticamente só ensinam métodos de ganhar dinheiro. Digam-me: é esse o único desafio da vida humana? Essa é a única coisa que uma pessoa precisa saber para ser feliz e fazer outros felizes? Esse ensino considerado tão bom está muito longe de formar um ser humano preparado para os desafios sociais, culturais e principalmente morais de todos os dias. Ocidentais e orientais, pobres e ricos, estudiosos e ignorantes, todos precisam avançar muito ainda para se portar com habilidade no dia-a-dia. A mais rica, culta e estável sociedade deste planeta não deixa de ser um grupo de desajustados ainda vacilantes diante de elementares dilemas morais, políticos, sociais e até familiares.

Eurípedes ia interrompê-lo, mas o olhar fulgurante de Anfion intimidou-o, retomando o raciocínio:

— Veja o caso de Seneb; inteligente e instruído, senhor dos quatro elementos, capaz de criar chuva no deserto e de se transportar de um continente a outro em poucos segundos. Como agia o poderoso mago? Moralmente como uma criança, incapaz de enxergar o valor da virtude. Para ele, virtude não era uma atitude espontânea, fruto do amadurecimento; era uma desagradável regra obstrutora da sua felicidade. Faltou a ele a orientação apropriada. Não faltou a oportunidade, e sim a disposição dele em aproveitá-la. Hoje a oportunidade acabou. Tal como você, Christian, ele fez uma opção e não conseguirá livrar-se dela tão cedo.

Christian ouviu tudo com viva atenção. Aquelas palavras o tocavam fundo. Precisava decidir. Seu pai, onde estivesse, esperava uma decisão dele. Sua morte não poderia ser em vão. Ele estava ali com a possibilidade de dar-lhe um sentido.

Silêncio de morte reinava no imenso salão. O professor Manccini e Mirella, enfraquecidos, transpirando devido à febre, mantinham-se atentos.

Christian olhou para o CD 14 na mão. Olhou para todos em volta. Deu dois passos na direção do computador, afastando-se de todos. Depois, vagarosamente, aproximou-se da mesa segurando o CD e o pôs sobre ela, junto ao computador, próximo ao teclado. Pôs metade do CD na beira do tampo da mesa e a outra metade para fora. Pressionou rápido a metade sobre a mesa com a mão esquerda e com a

outra quebrou a metade que ficava para fora, com um só golpe. Em seguida, deu tiros no monitor, no computador e nas baterias, até não haver mais balas.

— Idiota! Idiota!! — gritou o professor Eurípedes ensandecido.

Webermann olhou decepcionado para o chão. Estava tudo perdido. As promessas feitas por Seneb, os planos não contados ao bruxo da sonhada supremacia ariana... Mais uma vez tudo ia por água abaixo.

O professor Eurípedes, por sua vez, era a expressão da cólera. Seus olhos ficaram vermelhos e ele xingou Christian, o professor Manccini e todos ali de todos os palavrões que conhecia.

Mirella, Márcio e os magos estavam satisfeitos. Uma dura batalha havia sido travada dentro daquele jovem e a sabedoria saíra vencedora.

Anfion estava satisfeito. O rapaz tinha compreendido, pelo menos naquele momento, o que era enxergar por trás do óbvio. Ele conseguiu perceber os fatos subliminares da situação. Sem esperar nada, Anfion ergueu a mão direita e da palma partiu um fecho de luz azulada para o rosto de Webermann e depois do professor Eurípedes. Os dois amoleceram e caíram no chão desacordados.

— Eles já viram coisas demais por aqui. Devolvam os dois ao Egito antes mesmo do julgamento. Apaguem das memórias deles tudo o que viram e fizeram. Vocês sabem como fazer — ordenou Anfion a dois magos próximos. Depois levantou o cajado e dele partiu uma chuva de faíscas azuis voando como um enxame de abelhas para a tela na parede. O reservatório de água da cidade desapareceu e segundos depois surgiu uma paisagem escarpada com rochas negras e rolos de fumaça cinzenta saindo do chão. Logo depois uma explosão aconteceu e lava vulcânica espirrou para cima. Era a cratera de um vulcão em erupção. O recipiente com a semente de Sobek começou a flutuar e atravessou a passagem, depois caiu no magma fervente. Outra explosão seguida de fumaça. Depois tudo começou a empalidecer e em breve a parede parecia estar coberta por um pano branco. A "tela" foi tornando-se transparente até sumir por completo.

— E agora? O senhor vai nos deixar sair? — perguntou Márcio, olhando para o mago.

Anfion sorriu e não respondeu.

Em seguida, os cinco magos que tinham entrado na caverna pela pequena porta reapareceram.

— Mestre, venha ver esta câmara — pediu um deles.

Anfion, o professor Manccini, os três garotos e os outros magos dirigiram-se curiosos para a passagem. Havia ali uma gruta, cheia de estalactites, estalagmites e "colunas" de pedra. Deveria ter uns dez metros de altura e uns vinte de diâmetro. O mesmo cheiro de esgoto dos demônios materializados estava ali.

Ao fundo, havia uma espécie de altar. Um muro de pedra de forma trapezoidal tinha

a pintura de Seth com cabelos loiros jogados para trás e uma chama sobre a cabeça. Na parte de baixo do muro, havia uma abertura, parecendo ser a entrada de um túnel subterrâneo. A frente desse buraco, uma mesa de pedra com o tampo inclinado, todo sujo de sangue. Na beirada inferior do tampo, uma canaleta terminando numa lâmina, por onde ainda pingava sangue. Pelo chão da caverna, vários potes de cerâmica cheios de sangue e centenas de sarcófagos com esqueletos, corpos ressecados e cadáveres com aparência de terem sido mortos recentemente. Nas laterais do altar, fogareiros tinham cinzas ainda quentes e restos de plantas e animais queimados.

— Que espetáculo de horrores foi este? — questionou Anfion indignado.

— São as múmias. Foram sacrificadas para os demônios aparecerem — respondeu Márcio.

— Não são múmias. Múmias são corpos mortos. Estes parecem vivos em letargia, sacrificados para fornecer as substâncias vitais aos vampiros de Seth — respondeu Anfion, perpassando o olhar indignado pelo depósito de cadáveres de todas as épocas, e concluiu: — Só Seneb e Kapel fariam uma crueldade dessas!

Por que ele chamava Seth de Kapel? Ninguém entendia isso. Preferiam não perguntar.

Anfion virou-se para um dos magos e falou, resoluto:

— Neferaba! Providencie para amanhã o julgamento dos traidores. Será julgamento especial.

— Quando deverei dar o aviso, mestre?

— Agora. Fechou todas as saídas como pedi? E os fugitivos?

— Todas fechadas, mestre. Localizamos quase todos.

— Recolha-os e prepare-os para o julgamento.

Neferaba saiu apressado e chamou alguns magos, que o acompanharam.

A essa altura, Márcio não conseguia conter sua ansiedade. Para ele, era hora de saírem de lá. Quase todos foram salvos, a maleta recuperada e Anfion vitorioso. O que ainda faziam ali?

— Senhor Anfion, gostaríamos de sair imediatamente daqui. Nós sentimos também pelas perdas e pela desordem na sua cidade, mas temos uma certa pressa. Estamos aqui há uns três dias e precisamos ir — pediu Márcio nervosamente. Ele tinha ensaiado muito para dizer isso. Esperava por Christian, o professor ou Mirella tomarem a iniciativa. No entanto, eles pareciam interessados no mistério das múmias...

— Vocês não podem sair agora, pois...

— O quê?! — interrompeu Márcio abruptamente. — Somos prisioneiros? Depois de todo nosso esforço para salvá-lo, o senhor nos aprisionará aqui? Por isso Seneb se rebelou? Quando chegamos, ouvimos dizer "quem entra aqui não sai jamais!" Será possível sermos...

O Sumo Sacerdote olhou para ele e ouviu com calma aquele quase ataque de pânico. Interrompeu-o, dizendo simplesmente:

— Acalme-se, meu jovem. Muitas águas rolarão pelo Nilo antes de você ficar preso novamente numa masmorra de pedra. E preciso libertar sua amiga e seu mestre do feitiço de Seneb primeiro; caso contrário, terão poucas horas de vida. E vocês deverão participar do julgamento amanhã. É preciso.

O professor e os dois amigos surpreenderam-se com o desespero de Márcio.

Sem esperar resposta, Anfion virou-se para os magos e falou decidido:

— Vamos embora. O destino de quem tramou o crime e a morte será decidido amanhã. Fique somente quem estiver encarregado por Neferaba — e dirigindo-se para o professor e os garotos: — Venham, precisamos agir rápido.

Laboratório de Anfion, no Templo de Osíris

Início da noite na praça dos templos

O PEQUENO E ASSUSTADO GRUPO seguiu Anfion até o Templo de Osíris. Havia anoitecido na grande praça. O luar dava um aspecto magnífico à imensa construção, agora cheia de rachaduras e buracos nas ciclópicas paredes de pedra.

Passaram pelo salão principal, sujo e destruído pela batalha terrível. Os esqueletos estavam por toda parte. O mago os levou até uma sala pequena, onde se via uma mesa com vários rolos de papiro, cadeiras, prateleiras cheias de frascos, pacotes de plantas secas e potes com substâncias desconhecidas. Era o laboratório do poderoso mago.

Quando os cinco entraram, os sacerdotes que gentilmente amparavam o professor e Mirella se retiraram. Anfion fechou a porta.

— Vocês dois foram vítimas de um feitiço dos mais perigosos. Seneb os amarrou a vampiros — explicou ele, olhando sério para Mirella e para o professor.

Os quatro ficaram petrificados com a afirmação.

— Esses seres do Amenti estão sugando suas forças. Se o feitiço não for quebrado, vocês ficarão tão fracos ao ponto de terem uma síncope qualquer dentro de algumas horas.

— E o que devemos fazer, Anfion? — arriscou Mirella tossindo, visivelmente fraca.

— No corpo de vocês deve haver a assinatura. E preciso saber de qual tipo é para quebrar o feitiço. Verifiquem.

— Assinatura? No corpo? — repetiu o professor, cruzando as sobrancelhas.

— Deve haver em algum lugar um sinal. E a assinatura do vampiro para avisar outros feiticeiros e demônios que vocês estão prometidos — e indicando a roupa deles, enfatizou: — Verifiquem!

Os dois, meio sem jeito, começaram a olhar por dentro da roupa. Mirella, ao olhar

para dentro da camiseta, arregalou os olhos. O professor, ao abrir parte da camisa, ficou igualmente perplexo. No tórax de ambos havia, como uma tatuagem, o desenho em vermelho de um pentagrama com uma das pontas virada para baixo. Dentro e fora desse desenho, sinais diversos: cruzeiros, hieróglifos, traços e figuras geométricas. Alguns sinais estavam entrelaçados com outros.

— Com licença — disse Anfion ao se aproximar para observar. Ele cruzou as sobancelhas e parecia que interpretava os símbolos, olhava os caracteres como se lesse informações detalhadas de alguma coisa. Por fim, falou com sua calma habitual:

— É isso mesmo. Seneb amarrou vocês a almas demoníacas que sugam suas forças a cada minuto. E, após a morte de vocês, farão de tudo para manterem suas almas com eles, escravizadas. Os crimes desse nigromante parecem não ter fim! Mas — disse, mostrando a palma da mão direita — não se apavorem. Vamos resolver isso agora. Aguardem aqui um instante.

Ele saiu da sala. Mirella estava realmente assustada. Depois de pisarem no lugar onde desmaiaram, ela e o professor tiveram sonhos estranhos. Ela sonhara que um porco a devorava e às vezes falava como se fosse gente. O professor viu no sonho um cavalo dando gargalhadas e gritando como uma pessoa, para depois morder sua perna e engoli-lo inteiro. Christian e Márcio perceberam a transformação dos dois. Após saírem da jaula no salão da batalha, continuavam a exalar o mesmo cheiro de esgoto dos demônios. Mirella, muito enfraquecida, tinha os lábios arroxeados, e o professor estava branco como um cadáver.

Em menos de um minuto, Anfion reapareceu segurando um cajado de quatro nós. Ele fechou a porta novamente.

— Sem o bastão mágico de Seneb não temos como destruir seu encantamento.

O mestre dos magos pediu silêncio e concentrou-se. Tirou seu bastão de sete nós e segurou-se firmemente. Agitou-o no ar. Na ponta surgiu uma bola de luz violeta. A bola desprende-se e subiu uns palmos. Depois seu brilho se intensificou e finalmente sumiu. Anfion fez outros movimentos e pronunciou algumas palavras. Apontou para uma parede da sala, e da sua mão saiu uma luz amarelada. Toda a parede começou a ficar transparente até desaparecer.

Do outro lado via-se um terreno acidentado, meio pantanoso. O céu escuro era coberto por nuvens cinzentas. Moitas de capim aqui e ali, arbustos retorcidos e algumas plantas de brejo completavam a paisagem. Mais além, um lago de águas completamente paradas parecia um espelho. Nenhum som saía desse lugar sombrio. Um vento frio e úmido bafejou todos dentro da sala. O cheiro nauseante de esgoto novamente era sentido.

— Venham — convidou Anfion levantando-se e pegando o cajado de Seneb.

Os quatro o seguiram, silenciosos. Márcio e Christian ajudavam Mirella e o

professor a andar.

Atravessaram a passagem onde antes havia a parede e caminharam alguns metros pelo terreno cheio de poças. A paisagem de brejos, pântanos e pequenas lagoas estendia-se em todas as direções. Numa determinada direção via-se um paredão de montanhas negras no horizonte.

Márcio olhou para trás e, para sua surpresa, não viu a parede nem qualquer outra construção. Só a planície pantanosa, que se estendia sem fim. Dessa vez preferiu confiar no mago e não fazer perguntas.

Contornaram o lago parado e depois viram surgir uma pequena elevação onde o terreno se tornava rochoso. Subiram-na e do alto desse diminuto platô avistaram um vale sombrio a seus pés. No fundo, pelo menos quatrocentos metros abaixo, outro lago de águas negras existia. Nas encostas do precipício, incontáveis buracos e grotas de todos os tamanhos.

— É aqui.

O mago perpassou o olhar circunspecto pelo abismo insondável. Pôs o cajado de Seneb no solo e ergueu os braços, segurando seu bastão de sete nós.

— Ó poderoso Osíris! Senhor da Luz e de todos os mundos! Poderosa essência que a tudo perpassa, origem e fim de todas as coisas. Origem de toda sabedoria, bondade e eterna inspiração para o progresso das almas, ajude-nos neste momento. A alma que cruelmente tenta tirar a vida dos mortais esconde-se aqui, e sem ela não poderemos desfazer a maldosa combinação das forças por ela produzida. Ajude-nos, ó criador do universo, para o Bem mais uma vez vencer o Mal! Permita-nos desfazer o terrível encantamento!

A medida que o mago orava, uma espécie de fumaça azulada começou a se desprender dele e a subir, desfazendo-se no ar. Depois, do topo de sua cabeça surgiu uma espécie de luz violeta em forma de cone, ficando gradualmente mais forte. Ele prosseguiu:

— Ajudai, ó poderoso Osíris, essas almas cegas a encontrarem o caminho do progresso. Ignorantes e imaturas, não conseguem ainda perceber ser o crime a eterna fonte de seus sofrimentos. Ajudai a todos eles, ó Senhor da Luz, pois eles precisam de ajuda.

Quando terminou, o cone violeta afinou e emitiu um jato da mesma cor para cima. Este subiu até não poder mais ser visto. Logo depois a fumaça azulada e o cone violeta sumiram.

Quase instantaneamente, uma estrela cadente com um rastro colorido rasgou o céu escuro. A estrela vinha na direção do pequeno grupo em velocidade vertiginosa. Ao se aproximar, foi possível ver sua forma: um cometa verde-azulado, meio transparente. Milhares de pequenas estrelinhas brancas cintilavam em sua cauda luminosa. Antes de terem tempo de reagir, o cometa atingiu-os todos e explodiu no

chão, desfazendo-se. Os cinco e o chão em volta ficaram impregnados da mesma luminosidade verde-azulada. Para surpresa dos mortais, nem um fio de cabelo foi movido. Apenas um suave aroma, talvez de eucalipto e menta, mas não exatamente fez-se sentir. A massa do cometa formou um círculo de uns dez metros de diâmetro, de onde subia o vapor verde-azulado com as estrelinhas brancas cintilando no chão. Eles estavam bem no centro.

Nesse instante, os quatro foram tomados por uma sensação de bem-estar e logo passaram a ver duas cordas flutuantes avermelhadas meio transparentes, parecendo ferro em brasa, vindas do fundo do vale e terminando no peito de Mirella e do professor. Todos, menos Anfion, olharam arrepiados para as cordas, sem conseguir falar nada. Em seguida, Anfion agitou seu bastão mágico no ar e apontou para o fundo do vale. Da ponta do bastão saíram raios amarelos, semelhantes a relâmpagos, que desceram até as profundidades sombrias. Tão logo os raios chegaram ao fundo, gritos horríveis, uivos, mugidos, urros, gargalhadas sinistras e outros aterrorizantes sons humanos e animais foram ouvidos. Logo depois, uma multidão de seres medonhos, parecida com aquela surgida no salão do Templo de Osíris, começou a sair dos buracos e grotas nas encostas do abismo e do lago do fundo do vale sombrio. Escalaram as paredes do precipício na direção deles.

— Não tenham medo — encorajou-os Anfion olhando com energia. — A oração feita a Osíris nos protege de tudo.

Os seres horríveis chegaram ao pequeno platô e tentaram se aproximar do grupo. O simples tocar no solo verde luminescente fazia-os saírem gritando. O toque parecia produzir-lhes queimaduras e choques elétricos. Alguns monstros corriam de volta gritando de dor. Outros apenas caíam para trás em convulsões e estertores, como num ataque epiléptico. Os três garotos e o professor abraçaram-se, enojados. Anfion observava indiferente a manada asquerosa, verdadeira multidão de dementes em pleno surto psicótico.

Ele não ligava para aquelas almas desequilibradas; procurava alguma coisa no fundo do abismo.

Num certo momento, pareceu encontrar o que procurava. Estendeu as mãos para a frente e delas surgiram vários cordões finíssimos brancos, luminescentes, como se fossem fios de náilon. Esses cordões esticaram sem parar e desceram o vale dirigindo-se a um alvo certo. Centenas de metros abaixo chocaram-se com duas criaturas e envolveram-nas. Os cordões começaram a puxar os seres para cima. As criaturas se debatiam e tentavam escapar de toda maneira. Urravam, gritavam, xingavam e falavam as coisas mais horríveis.

Flutuando no ar chegaram os monstros convocados por Seneb quando preparou a armadilha mágica no salão do projetor de cristal. Um era o porco enorme, peludo, com unhas retorcidas. O pêlo era sujo, oleoso, cheio de insetos e bichos nojentos. A

cara do animal era meio humana. Era um rosto de mulher com dentes enormes que não cabiam na boca. Ela protestava, xingando e ameaçando.

— Solte-me! Ela me pertence! Vou levá-la! Vou levá-la! — gritava a mulher-porco.

Do ventre desse suíno saía o cordão energético vermelho até chegar ao peito de Mirella.

O outro animal era uma espécie de búfalo, com chifres desproporcionalmente grandes e uma face meio bovina, meio humana. Da boca escorria uma saliva grossa e escura e um sorriso doentio tornava-o ainda mais assustador. De sua barriga também partia uma corda vermelha até o tórax do professor Manccini. Ele gritava, colérico:

— Não vou perdê-lo! Não vou! Saia daqui ou te perseguiremos para sempre!

Anfion nem ligava para aqueles impropérios. Os monstros pararam num determinado lugar do pequeno platô. Anfion agitou as mãos. Os fios luminosos se desprenderam de seus dedos e voaram rápido na direção das criaturas. Os fios se enovelaram neles, imobilizando-os completamente. Caíram estrondosamente no chão. Pareciam moscas presas numa teia de aranha.

Depois Anfion ergueu novamente seu bastão e outro relâmpago amarelo desceu para as profundezas do abismo. Em seguida, ele pegou o bastão de Seneb e estendeu a mão direita sobre ele. Uma outra corda alaranjada foi se densificando devagar, partindo do bastão e descendo o precipício. Para surpresa dos quatro mortais, das profundezas do vale emergiu, arrastada por força invisível, uma figura humana, em quem terminava a corda energética do bastão. Vestia uma túnica preta em farrapos. Pés descalços e feridos, olhos vermelhos arregalados, boca entreaberta espumando e expressão de loucura agressiva. Cabelos desgrehados e empapados. Era Seneb. Antes de fazer qualquer coisa, foi atingido instantaneamente por um raio verde do bastão de sete nós de Anfion. Ele se contorceu como se levasse um choque elétrico. Começou a gritar e a xingar o Sumo Sacerdote. Do bruxo surgiram duas outras cordas vermelhas unindo-o à mulher-porco e ao homem-búfalo.

A essa altura, de todos os lados da imensa planície, das poças d'água, do ar e do solo surgiram legiões de criaturas semitransparentes de todas as formas e cores possíveis. A multidão cercou a clareira de luz verde onde os humanos estavam, atravessando os seres monstruosos como se nem existissem.

Anfion pegou o cajado de Seneb com as duas mãos e o pressionou contra o joelho esquerdo. Quando o cajado quebrou, ouviu-se um barulho como o estalo de um chicote. Ao longe, seguiram-se trovões e os relâmpagos iluminaram o horizonte. A corda alaranjada ligando Seneb a seu cajado partiu-se ao meio e desapareceu.

— Estão livres, espíritos elementais do fogo, da terra, da água e do ar! — gritou Anfion. — Espalhem-se pelos quatro cantos do mundo, pois o seu antigo senhor não os comanda mais!

As criaturas elementais silvaram, gritaram e urraram agitadas. Com velocidade espantosa, afastaram-se em todas as direções, até sumirem completamente.

Seneb gritava e ameaçava Anfion, sem conseguir se mover.

Anfion aproximou-se dos garotos e pediu a Christian a faca mágica. O rapaz, surpreso com o pedido, entregou-a incontinenti. Anfion ergueu-a no ar e, de um só

golpe, trespassou o cordão vermelho de Mirella e depois fez o mesmo no do professor. Os cordões avermelhados se romperam e desfizeram-se no ar.

A mulher-porco e o homem-búfalo gritavam e xingavam. Com um gesto dos dedos de Anfion, os fios transparentes arrebentaram, libertando as criaturas indignadas pela perda de suas vítimas.

Nas cordas vermelhas que ligavam os dois monstros a Seneb, Anfion não tocou. O mago olhou firmemente para a multidão de seres demoníacos.

— Saiam do nosso caminho, dêem-nos passagem! — gritou autoritário, erguendo seu bastão de sete nós no ar.

A massa demoníaca ignorou a ordem. Continuava a gritar, urrar, ameaçar e xingar.

O sábio não pediu uma segunda vez. Pronunciou palavras ininteligíveis em voz alta, mantendo o bastão levantado. Surgiu a bola branca luminosa, parecendo um pequeno sol, brilhando acima do bastão, como na batalha do templo. Parte dos demônios lembrou-se do que acontecera no Templo de Osíris e saiu correndo rumo ao fundo do vale, em desespero. A manada asquerosa tropeçava, rolava, pisoteava e era pisoteada, buscando as profundezas do abismo. Outros, inclusive Seneb, ficaram, desafiando o poder do Sumo Sacerdote. Então a bola branca explodiu, iluminando todo o vale e a planície pantanosa com viva luz branca e produzindo forte estrondo escutado em todos os cantos e cavernas. Foi como se, por um segundo, o sol do meio-dia a tudo iluminasse. Em seguida surgiram as sete esferas concêntricas coloridas alargando-se e varrendo todos os seres para longe, com violência, provocando-lhes ferimentos e queimaduras. O espetáculo lembrava a calota de fogo da bomba atômica, expandindo-se e perdendo força com a distância. Seneb também foi jogado longe, despencando pela encosta rochosa.

Com toda aquela movimentação, desde a queda do cometa verde, vários outros habitantes do vale e da planície saíram de seus esconderijos sujos e úmidos para ver o que acontecia. Animais com rostos humanos emergiam de poças de água e de lama para assistir à movimentação. Até mesmo nas distantes montanhas negras do horizonte, seres estranhos saíram de seus esconderijos ao ouvirem o estrondo e verem o pequeno sol que brilhou na planície. Ao verem as sete esferas coloridas crescer e varrer tudo pelo caminho, os seres monstruosos afundaram o quanto puderam em suas sombrias cavernas. Em segundos, não se via mais nenhuma criatura viva no vale e na planície, além deles cinco.

— Pronto! Estão livres — anunciou Anfion indicando a própria túnica à altura do peito.

Mirella e o professor olharam para dentro de suas roupas e viram apenas um vermelhão, como se a pele estivesse irritada. Os sinais demoníacos tinham sumido. Eles sorriram satisfeitos.

— Vamos sair deste local deprimente — convidou o poderoso mago.

Saíram do trecho protegido pelo vapor esverdeado e andaram rápido rumo ao local de onde tinham vindo. Apesar de não estarem mais no terreno protegido, o vapor verde-azulado agora emanava deles, enquanto o círculo luminescente deixado atrás ia retomando o aspecto escuro.

Ao chegarem num certo ponto do terreno sem nada além de pântanos sem fim, Anfion parou. Estendeu a mão direita para a frente e, em seguida, surgiu um retângulo meio esbranquiçado, parecendo uma lâmina de vidro, tornando-se gradualmente transparente. Do outro lado estava o laboratório de Anfion. Atravessaram e, em seguida, com um gesto e um movimento do bastão, a abertura se fechou. Estavam novamente na sala com quatro paredes de pedra.

— Agora é melhor vocês irem dormir — sugeriu o mago gentilmente. — Estão muito cansados e algumas horas de sono farão se sentirem bem melhor. Amanhã vocês deverão participar do julgamento. E muito importante estarem lá. Um mago virá chamá-los.

— Anfion — chamou Mirella cautelosa. — Esses monstros, os fios luminosos, Seneb. O que foi isso tudo?

— Seneb enfeitiçou-os com a mais autêntica magia negra. Quando alguém faz um feitiço para prejudicar a saúde ou a mente de outro, faz como ele fez: escolhe seres vampirizadores para sugar as energias da pessoa viva e o ligam a ele. Com aquele cordão, vocês não tinham escapatória; a energia vital seria toda sugada apenas para o prazer deles, enquanto substâncias virulentas eram depositadas em seus corpos. Vocês estavam enfraquecendo e ficando doentes, e em mais algumas horas a vida se extinguiria. Pode-se fazer isso usando animais vivos, como sapos, morcegos, abutres e até pessoas doentes. Ou almas demoníacas, como foi o caso.

— Por que o senhor quebrou o cajado de Seneb? — quis saber Christian.

— Na verdade, só o próprio mago pode quebrar seu feitiço. Um feitiço tem uma espécie de fórmula única, nenhuma outra pessoa tem igual. Como ele relutava em quebrá-lo, tive de forçá-lo a ligar-se ao cajado para que, quando eu o quebrasse, tivesse o mesmo efeito de um contrafeitiço feito por ele. Só então as ligações entre os dois e os demônios poderiam ser destruídas. Se sua faca fosse usada antes, não adiantaria — ele fez uma pausa e concluiu, levantando-se. — Vão dormir agora. Amanhã conversaremos mais!

Sala do julgamento, no Templo de Osíris **Manhã ensolarada na grande praça**

NO DIA SEGUINTE, QUANDO ACORDARAM na câmara oferecida para dormir, tiveram uma grata surpresa. Numa mesa de madeira encostada à parede estava posto um banquete: maçãs, figos, cerejas, tâmaras, nozes e outras frutas, legumes cozidos,

verduras, pães de vários tipos, ovos, suco de frutas, mel e leite.

Não viam uma mesa dessas há alguns dias. Comeram com vontade. Apreciaram especialmente um pão recheado com frutas cristalizadas e umedecido com mel e calda de cereja. Pelo visto, os magos apreciavam a boa mesa. Contudo, Márcio reclamou não haver ali qualquer tipo de carne.

— Seria de admirar se pessoas com hábitos tão espiritualizados como eles tivessem coragem de matar animais para fazer churrasco — comentou Christian, o vegetariano convicto. Mordendo com prazer um pedaço de pão e tomando suco de damasco, completou: — A não ser o pessoal de Seneb; eles talvez gostassem de carne mal-passada...

— Pode ser, mas um hambúrguer não cairia mal. Não mesmo! — defendeu-se Márcio lambendo o mel dos dedos.

Os três foram a uma sala de banho ali perto, algo como um banheiro, indicada na véspera por um sacerdote. De volta à sala onde dormiram e comeram, Mirella revelou com estranheza que sua menstruação voltara novamente. Nessa hora, ouviram o som de um gongo ou sino ressoar alto três vezes. O que poderia ser? Segundos depois, um mago bateu à porta. Era o mesmo que amparara o professor quando este não conseguia andar no dia anterior.

— Bom dia, senhores. O julgamento vai começar. O Sumo Sacerdote Anfion pede para comparecerem com urgência. Importantes decisões serão tomadas hoje.

Os quatro entreolharam-se receosos. O que seria decidido? Seria possível cogitarem da não-saída deles do mundo subterrâneo? Certamente não seria o julgamento só dos traidores; afinal, para isso eles quatro não eram necessários. Talvez aquele momento fosse ainda mais decisivo que todos os outros.

— Estão prontos? — cobrou o sacerdote.

— Sim — respondeu Christian, levantando-se. — Diga-nos, por favor, quem será julgado?

— Todos, inclusive vocês — esclareceu o mago tranquilamente.

Os quatro pegaram suas mochilas e a mala de papiros e seguiram o mago. Não estavam mais usando as túnicas, pois não precisavam mais de disfarce. O mago era tão sério e direto que as demais perguntas que tinham a fazer entalaram na garganta, e eles seguiram-no submissos e silenciosos. Atravessaram salas e corredores e chegaram a um grande salão arredondado no fundo do Templo de Osíris.

O recinto deveria ter uns trinta metros de diâmetro e uns oito de altura. Era totalmente cercado por um lago e muros vegetais, como se fosse uma ilha. As paredes chegavam apenas à metade da altura, sendo a metade superior formada por grossas colunas que sustentavam o teto. Suave luminosidade entrava pelo espaço entre as colunas, atenuada pela folhagem de palmeiras, sicômoros, acácias e outras árvores. O acesso dava-se por um túnel que passava sob as águas. Teto, colunas e

paredes repletos de pinturas maravilhosas, de colorido vivo com detalhes em ouro, prata, cobre e bronze. No centro do salão, o piso era rebaixado, também em formato circular. Alguns fogareiros estavam acesos, levantando fumaça aromática. Em bancos de pedra dispostos em círculo, assentavam-se centenas de magos. E, no círculo rebaixado, outros bancos, onde os sobreviventes da terrível liga da Serpente Vermelha sentavam-se cabisbaixos e carrancudos.

Anfion, seis sacerdotes e cinco sacerdotisas formavam uma circunferência entre os traidores e a assistência maior.

Mirella e o professor reconheceram nas pinturas murais algumas parecidas com as do Livro dos Mortos. Mas a situação era um tanto preocupante para pensar nisso. Se bem que o professor, um distraído incorrigível, não parava de olhar para todos os lados apreciando aquela arte ao mesmo tempo tão antiga e tão recente.

Quando entraram, todos olharam para eles, deixando-os constrangidos. Estavam sendo esperados para o julgamento começar. Silêncio total reinava no salão. O mago acompanhante indicou-lhes bancos de pedra com um gesto. Eles se sentaram amedrontados.

— Os criminosos estão soltos! — admirou-se Mirella ao reconhecer os revoltosos.

— Não tema — aconselhou o mago. — Estão sob encantamento e são inofensivos assim.

Anfion levantou-se do banco, seguido dos onze magos. Estenderam os braços para os lados e fecharam os olhos. Anfion rompeu o silêncio, falando alto e claro para todos no recinto ouvirem:

— Osíris, Senhor de todas as coisas criadas neste mundo! De teus raios luminosos surge a vida! Da tua essência surge o impulso transformador da pedra em solo, do solo em planta, da planta em animal, do animal em homem, do homem em mago, e do mago em iluminado! Pela tua força iniciam-se o gestar e o ruir do cosmo. Do vôo de um grão de areia com o vento do deserto até o rodopiar das constelações pelo espaço sem fim, tudo recebe teu impulso, tua energia e tua direção! Ó grande e poderoso criador do universo, nós evocamos teu nome para nos iluminar nesta ocasião especial, para o futuro nosso e de nossos irmãos ser decidido da forma mais sábia e correta possível. Nos percalços e enigmas apresentados pela vida, nos incontáveis dilemas e decisões exigidas pelo caminho, erramos e acertamos e, após reformular o plano, tornamos a experimentar, sempre na busca da iluminação e da felicidade. Ó poderoso Osíris, ouça a nossa prece e nos ajude a decidir com sabedoria. Ajude-nos a encontrar o melhor caminho, a tomar a melhor decisão e a descobrir como encontrar a luz orientadora pelos escuros e enigmáticos meandros da vida!

Após a oração do grande mago, os quatro mortais tiveram a impressão de ver um vapor azulado luminoso se desprender dele. E provavelmente os demais magos

oravam da mesma forma, pois idêntico vapor pareceu envolvê-los também. Um aroma de jasmim muito suave foi sentido pelos presentes, inclusive pelos quatro amedrontados que transpiravam ansiedade.

— Comece, Neferaba! — ordenou Anfion dirigindo-se a um dos onze magos.

Neferaba acercou-se dos acusados e, sem dizer uma palavra, simplesmente estendeu a mão direita sobre o rosto de cada um. Eles imediatamente pendiam a cabeça para o lado, com os olhos fechados, como se dormissem. O mago olhou firme para um deles e disse em voz alta:

— Você me ouve?

— Sim — responderam todos ao mesmo tempo, sussurrando.

— Você dorme o sono de Ísis?

— Sim — disseram todos, como se um não ouvisse a voz do outro.

— Sabe o que está fazendo aqui?

— Sim, o Sumo Sacerdote Anfion vai se vingar de nós pela nossa traição — disseram alguns, cada qual de um jeito. Outros deram outras respostas. A maior parte fez uma fisionomia de choro e pronunciou as últimas palavras com viva emoção.

— Anfion não vai se vingar. Este julgamento irá auxiliar a entender o que não conseguiu e protegerá esta comunidade de futuras agressões. Entende o que digo? Não haverá vingança. Ordeno que pare de ter medo e diga tudo o que souber — falou o mago com energia.

— Sim, direi — murmuraram todos.

— Quando acordar, responderá às nossas perguntas com toda sinceridade. Não conseguirá mentir nem esconder, ouviu? Não esconderá nada, nada! Vai nos dizer tudo o que viu, somente o que viu. Tudo! Entendeu?

— Sim, explicarei tudo o que vi.

Em seguida Neferaba fez uns gestos com a mão sobre a cabeça de cada um deles e, ao final dos gestos, soprava com força em seus rostos. Eles acordavam de repente, sem se lembrar da conversa e parecendo não entender o que ocorria.

Depois Neferaba acercou-se dos garotos e do professor. Tocou a região entre as sobrancelhas de cada um com o dedo indicador. Os mortais tiveram uma súbita distração e, quando prestaram atenção novamente ao que acontecia, Neferaba estava longe deles.

Um dos doze magos juízes dirigiu-se ao grupo rebelde e falou secamente:

— Comecem contando como se estabeleceu essa forma abominável de culto a Seth aqui dentro.

Um dos acusados começou a falar, meio indeciso e franzindo a testa e os lábios.

— Não podemos quebrar nosso juramento de silêncio.

— Ordeno quebrá-lo agora! — interferiu Neferaba enérgico. Estendeu a mão e tocou

com o dedo indicador na região entre as sobrancelhas de cada um, repetindo: — O juramento não tem mais valor, entende? Quebre-o agora e diga tudo o que sabe.

Após serem tocados por Neferaba e por seu olhar faiscante, os acusados visivelmente relaxavam, descongestionando o rosto. Um deles iniciou tranqüilamente:

— Há mais ou menos oitocentos anos, um sacerdote iniciante, Taá era seu nome, foi surpreendido por Seneb evocando Seth numa cripta desconhecida de todos. Taá, como muitos devem se lembrar, tinha caráter fraco e acabou por se arrepender de fazer parte desta comunidade. Através de suas evocações, ele estabeleceu um pacto com criaturas do mundo inferior: sem poder sair daqui, passou a oferecer sacrifícios humanos aos demônios, para estes lhe trazerem o prazer da vida, materializando sensuais incubos e súcubos. Assim ele se envolveu com a magia negra. Um dia, alguém o denunciou a Seneb, seu mestre. De início, Seneb indignou-se com aquilo. Depois quis ver tais experiências e em pouco tempo passou a participar delas. Um dia, durante a sessão de materialização, em vez de os demônios do prazer se materializarem, um ser enorme com voz de trovão apareceu e fez uma proposta a Seneb. Era o terrível Seth. O poderoso deus ofereceu ao mago muito mais que horas de prazer sexual caso fizesse um pacto com ele. Se aceitasse formar um grupo para derrubar Anfion e produzir o caos no mundo exterior, ele lhe permitiria assumir o comando das nações, tornando-o uma espécie de faraó do mundo inteiro.

Os magos ouviam compenetrados, parecendo lembrar-se de antigos acontecimentos quase esquecidos.

— Qual foi o destino de Taá? Nunca mais o vimos — quis saber o mesmo juiz, enquanto enrolava um papiro lido minutos antes.

— Uns seiscentos anos mais tarde, quando o fogo líquido letal já havia sido criado, Taá desentendeu-se com Seneb e ameaçou denunciá-lo a Anfion. Seneb ofereceu a Taá um jantar de trégua e deu-lhe vinho com algumas gotas do fogo líquido letal. O tolo Taá desapareceu em segundos — acrescentou um outro acusado que, a julgar pela convicção e segurança do falar, devia ter participado do jantar.

— Como Seneb aceitou a proposta de Seth?

— Seth exigiu de Seneb fundar aqui, ao lado dos domínios de Anfion, uma sociedade chamada "Serpente Vermelha". Segundo Seth, essa sociedade de feiticeiros existia no mundo inferior há mais de quinze mil anos e era preciso fazê-la reviver na Terra. Seneb fez o pacto. Em seguida, juntamente com Seth, passaram a fazer experimentos diversos para descobrir um meio de causar a morte a quem tivesse bebido do fogo líquido de Osíris. O fogo letal levou quase quinhentos anos para ser criado. Era um segredo de Seneb e de mais dois de seus seguidores. Justamente por ser um segredo, foi fácil matar Taá. O propósito para o fogo letal, segundo o poderoso Seth, não era apenas matar Anfion e seus seguidores. Era pôr nas mãos de Seth e do comando

oculto da Serpente Vermelha o que eles sempre almejavam: o controle absoluto de quem viveria e morreria em toda a Terra! Com o fogo líquido de Osíris, a vida eterna seria oferecida somente àqueles a quem Seth autorizasse e, quando mudasse de idéia, ser-lhe-ia tirada com o fogo letal.

Uma sacerdotisa integrante dos doze foi quem perguntou dessa vez. Ela olhava para os acusados de modo sério, arcando as sobancelhas e às vezes franzindo o canto da boca. A bela mulher tinha cabelos castanho-claros e traços europeus, talvez oriunda da época da dominação grega no Egito.

— Se o fogo letal estava criado há dois séculos, por que só agora tentaram usá-lo?

— Seneb nunca conseguiu se aproximar o suficiente de Anfion para envenená-lo. Além de Anfion ter optado por deixar de comer e de beber muito antes de o conhecermos, o grande sábio sempre foi muito recolhido, não sendo fácil aproximar-se dele. Além disso, Seth mandava esperar até as divergências entre Oriente e Ocidente estarem suficientemente extremadas. Essa não foi a primeira tentativa de jogar os povos uns contra os outros. Houve várias. Umas mais, outras menos, bem-sucedidas. Na tentativa anterior, tentou-se jogar as nações européias contra as nações americanas, mas o plano teve alguns pontos fracos e o jogo se inverteu. Naquela ocasião, o foco principal eram as diferenças de raça. Esse foi o pretexto para um grupo de bonecos gananciosos estremecerem a Europa. Desta vez seria o terrorismo e as diferenças religiosas. Estas, até onde sabemos, aumentam dia a dia nas mais gritantes e absurdas interpretações. Lembra-se do constrangimento imposto pelo faraó Akenaton ao criar sua religião para nos enfraquecer? Hoje vê-se no mundo lá fora algo mil vezes pior. Agora são centenas de religiões no mundo todo com as interpretações mais superficiais e tolas possíveis de símbolos e ensinamentos velados, ficando cada vez mais longe do real significado.

Os sacerdotes e sacerdotisas estavam boquiabertos com as revelações. A maioria deles sequer desconfiava da existência dessa sociedade secreta e muito menos das iniciativas criminosas dos seus membros. Os rostos, antes calmos e sérios, estavam agora carregados, evidenciando sutilmente a indignação e repulsa por esses crimes e pela atitude contrária a tudo o que sempre cultivaram.

Um outro mago dentre os doze, parecendo ser dos mais sábios pelo olhar inteligente e compenetrado, perguntou sobriamente:

— Como isso poderia ajudar esse plano sórdido? Como essas diferenças de opinião poderiam motivar a guerra entre os diversos reinos?

O mesmo acusado portador de fluência no falar explicou.

— Levamos algum tempo para aprender, grande Nectanábis, que a essência da manipulação das massas ignorantes consiste em agir de uma forma alardeando outra. A enganação sutil é a mais eficiente forma de conduzir uma multidão inteira a atirar-se num abismo acreditando que estão seguindo o melhor caminho para um jardim

florido! Essa é a tática: as massas incultas brigam e se matam por motivos religiosos, por orgulho pátrio ou até por uma rivalidade sem razão determinada, enquanto os mais espertos tiram proveito disso para suas ambições particulares. O velho truque de oferecer a cesta de flores com uma serpente escondida ainda é muito eficaz — respondeu o traidor com impáfia, sem esconder seu desprezo pelos seres humanos.

— Seja mais claro. Qual foi a enganação utilizada por vocês? — insistiu Nectanábis.

— Não conheço todas as religiões existentes hoje no mundo; tal tarefa seria inútil e sem fim. Contudo, é possível perceber entre as maiores aquele símbolo básico, usado pelos mestres de todos os tempos para descrever a luta da intenção nobre da alma humana com seus hábitos e impulsos grosseiros. Essa "luta", isto é, nossos esforços e conflitos interiores para nos tornarmos melhores, é muitas vezes referida como "guerra", "batalha", "guerra santa" e outros nomes. No entanto, milhões e milhões de mortais têm realmente acreditado tratar-se de fazer uma guerra com armas de metal, lutando fisicamente com pessoas de outras religiões! Para onde pode ser levada uma multidão ignorante como essa, Nectanábis? Para onde quisermos! Diga a ela "o deus tal ordena que você coma areia e pedra" e, tenha certeza, ela vai comer até morrer... Por outro lado, entre os ocidentais, a abordagem religiosa não tem essa mesma força. Lá, o equívoco é de outro tipo. Nos países do Ocidente, é possível justificar o injustificável com explicações técnicas e políticas. Os países escolhidos para se envolverem na grande guerra usariam as provocações terroristas como desculpa para criar mais guerra. Nesse caso, o nacionalismo, a liberdade e outras coisas seriam as explicações mais aceitas pelas massas incultas. Se nosso plano não tivesse falhado pela intromissão do mortal profetizado desde trezentos e quarenta e seis anos atrás, um lado entraria na guerra por ordem de seu deus, e o outro entraria para garantir a paz e a liberdade... Há, há, há! — concluiu o mago, com estridente gargalhada.

Aqueles sacerdotes, em sua maioria, reconheceram desde cedo em suas vidas o gosto pelas ciências da mente e pelos enigmas do Universo. A espiritualidade para eles era algo sério e por demais sagrado. A vida humana era algo muito complexo e carregado de deveres morais. Por isso optaram por levar uma vida, ou antes, a eternidade, dedicada ao auto-aperfeiçoamento e ao apoio oculto aos mortais. Viver, para eles, era participar cada vez mais ativamente do grande fluxo evolutivo do Universo, cooperando com a evolução e o bem-estar de todos os seres. Fizeram a dolorosa opção de deixar familiares, amigos e amores terminarem seus dias no passado distante, para avançarem solitários pela eternidade adentro.

O Egito ficara no passado. A sabedoria egípcia não! Esta continuava a crescer e a evoluir. E essa organização demoníaca tentava dar um golpe em todos, arruinando o esforço milenar de um grupo altruísta e resignado, espalhando sangue e ódio. Quem

imaginaria o terrível Seth sendo cultuado daquela forma? Nem no Antigo Egito seu culto era assim.

Quem acreditaria se lhes dissessem que seus próprios companheiros assassinavam cruelmente mortais para atender a um pacto com demônios, incubos e súcubos do mundo inferior? Era tudo muito chocante. Eles ouviam a tudo indignados.

Para os doze sábios a coisa era um pouco diferente. Embora também surpresos e indignados, eram almas experientes no trato com a natureza humana. Sabiam que ninguém é infalível. Sabiam serem muitos ali, com boas ofertas, perfeitamente corruptíveis. Alguns deles até desconfiavam de algo estranho se processando secretamente nas galerias, sem conseguirem descobrir exatamente a forma do crime.

A mesma sacerdotisa de outrora quis saber mais:

— Os reinos não entrariam em guerra só por isso! Essas interpretações absurdas sempre existiram e nem por isso os povos guerreavam entre si. Um reino sempre atacou outro para lhe roubar as riquezas.

— E por qual outro motivo um reino procuraria a guerra, sábia Semeie? Quem comanda as guerras está atendendo aos seus próprios interesses e aos de alguns mais ricos que lhes pagam para isso. E exatamente essa a estratégia: usar a ignorância do povo para enviá-lo à guerra, para defendê-la e ainda pagar por ela. Nós apenas incentivaríamos esse processo. Os terroristas agiriam atendendo ao chamado do seu deus, e os ocidentais responderiam para defender a honra, a liberdade. E, é claro, o comando de um e de outro lado agiria somente calculando as relações comerciais e as possibilidades de lucro.

Um outro acusado completou o raciocínio:

— As interpretações absurdas sempre existiram, é verdade, mas à margem dos templos. Hoje, ao contrário, elas são as predominantes e são ensinadas a um número cada vez maior de pessoas. Os templos, onde sacerdotes passavam dezenas de anos estudando para depois ensinar, acabaram na época do declínio de nossa desafortunada pátria. Depois disso os ignorantes assumiram a orientação espiritual das massas. Esse é o ingrediente fundamental.

— E como Seneb criou o fogo líquido letal? Qual é a fórmula? — perguntou Nectanábis.

— Só Seneb, Seth e mais dois magos sabiam. Os dois magos também estão mortos — respondeu o acusado mais falante.

— Como os demônios chegaram ao Templo de Osíris?

— Pelo túnel, previamente escavado da cripta onde evocávamos Seth até o subsolo do templo. Na cripta, os mortais adormecidos foram sacrificados para fornecer a substância necessária à materialização dos demônios de Seth.

— Quantos mortais havia dormindo em letargia? — quis saber a sacerdotisa Semeie.

— Quatrocentos e oitenta e dois. Todos sacrificados. Ou melhor, quase todos; esse

foi o único a escapar — esclareceu o acusado apontando para o professor.

Um "Oh!" de assombro percorreu a assistência de magos. Não tinham noção até então, nem vagamente, de quantas tinham sido as vítimas.

— Pelas informações de Neferaba — Sêmele ergueu na mão um rolo de papiro, — havia mortais em letargia desde épocas anteriores ao culto a Seth.

— Os mortais mais antigos foram capturados por Taá. Depois de sua morte, Seneb apossou-se deles.

— E os dois mortais cúmplices, como foram envolvidos? — replicou Sêmele.

— Webermann foi convidado por Seneb. Ele trabalhava para os terroristas criando armas. Seneb quis tê-lo ao lado para ajudar a desenvolver a areia de Sobek, o projetor de cristal e outros inventos que não chegaram a ser fabricados. Ele também explicou muita coisa da política dos reinos atuais.

Um outro acusado menos falante completou a resposta.

— Eurípedes se associou a Webermann mais tarde. Ele descobriu a fórmula para entrar e passou a vender toda a sorte de objetos carregados daqui.

— Servidores dos templos — interrompeu Anfion. — Permitam-me um esclarecimento antes de prosseguirmos o interrogatório. Conheço a criatura que se manifestou como Seth. Ele não é um deus. É um espírito como todos os outros que aqui se manifestaram. Desejava tão-somente aumentar seu poder sobre o mundo dos vivos e aproveitou as intenções criminosas de Seneb e dos outros. Conheci-o pelo nome de Kapel há vários milênios e, na ocasião, ele era um dos magos negros filiados a essa sociedade secreta chamada Serpente Vermelha. Faz parte dos planos dessa demoníaca organização eliminar todas as iniciativas de tornar o ser humano mais espiritualizado. Queriam se apossar da Luz de Osíris, o mais potente de todos os poderes. Se Seneb e seus seguidores realmente acreditaram ter seguido o deus Seth, caíram numa ridícula enganação.

Muitos dos presentes ardiam de curiosidade em saber sob quais circunstâncias o venerado Anfion teria conhecido Kapel. Anfion era discreto e comentava muito pouco de si. E toda vez que vinham a saber algo de sua vida, surpreendiam-se, pois eram extraordinárias as aventuras daquele homem sábio e tão cheio de experiências. Dizia-se não ser ele egípcio. Chegara ao vale do Nilo com os construtores das pirâmides. Outros diziam ter ele vindo da Índia. Ninguém sabia ao certo, e ele nada revelava.

— E os dois mortais, por que foram enjaulados e amarrados aos demônios do Amenti? — perguntou um dos doze magos até aquela hora quieto. Seu nome era Pair.

— Seneb pretendeu capturá-los todos para que fossem sacrificados junto com os outros mortais na cripta. Como o terceiro escapou da amarração mágica, Seneb levou-os ao Templo, para atrair o terceiro e assassiná-lo durante a batalha. Mas o

destino quis diferente... O terceiro desapareceu e um quarto entrou conosco no Templo sem percebermos. Esse quarto intruso — ele olhou para Christian, como se depositasse nele toda a responsabilidade pelo insucesso daquele projeto de séculos — não foi notado por Seneb nem por nós; estávamos concentrados na luta. Essa distração deu-lhe a oportunidade de espalhar o fogo líquido letal pelo ambiente e libertar seus amigos. A profecia dizia que um homem vindo de fora nos traria a morte. Ela cumpriu-se rigorosamente!

— Há quanto tempo isso foi profetizado pela primeira vez? — quis saber Pair.

— Trezentos e quarenta e seis anos. E nas vezes posteriores sempre se confirmou.

Ao ouvir isso, Christian admirou-se; a visita dele e dos amigos a Maha-Ettel estava profetizada séculos antes do seu nascimento! Como isso era possível?

— Além de dominar a comunidade e produzir a guerra, o que mais foi pretendido? — falou uma sacerdotisa de pele branquíssima, grandes olhos verdes, longos cabelos negros como ébano e voz de contralto.

— A Luz de Osíris, sábia Thais. Esse era o segundo objetivo de Seneb e de Seth: controlar a Luz de Osíris! — respondeu um dos acusados com humildade. — Com o controle da Luz, quem poderia nos enfrentar? Talvez nem mesmo o poderoso Anfion. A sacerdotisa Thais, os demais juízes e presentes ficaram desconcertados com o atrevimento e o alcance daquela subversão criminosa. A crueldade e a ambição dessa Serpente Vermelha eram inimagináveis para eles. Se bem que todos tinham pressentido um conflito dessas proporções vindo à tona mais cedo ou mais tarde. Um estranho mal-estar pairava há alguns anos nas galerias de Maha-Ettel, sem que ninguém pudesse identificar a causa. Thais, sacerdotisa e profetisa do Templo de Ísis, avisara repetidas vezes o Conselho dos Doze Sábios em caráter sigiloso, pois entrevira em seus transe cenas de guerra e morte no próprio Templo de Osíris.

Anfion perguntou se não havia mais perguntas e se poderiam passar ao momento seguinte, quando esses fatos seriam julgados. Os doze concordaram. A assistência, os três garotos e o professor mantinham-se em silêncio, observando aquele estranho sistema judiciário.

— Os crimes planejados e executados por vocês são da mais alta gravidade. Morte de magos e de milhares de mortais, e, se tivessem sido bem-sucedidos, com conseqüências destrutivas incalculáveis no mundo exterior — disse Anfion resumindo a acusação. — Ramakhotep, o que eles têm a seu favor?

O juiz questionado abriu um pedaço de papiro e, após ler cruzando as sobrancelhas, enrolou-o de novo. Depois falou, olhando para Anfion:

— A maioria deles nunca se interessou em praticar atos de auxílio no mundo exterior para esclarecer e orientar os mortais. Somente cinco deles dedicaram-se às tarefas de auxílio gratuito a mortais em condições de miséria e doença por alguns anos. Lamentavelmente, acabaram por se corromper, exigindo favores inconfessáveis e

explorando pessoas indefesas ou ingênuas. Esse contato com os mortais degenerou para o seqüestro quando o culto a Seth teve início.

— E para a própria comunidade de Maha-Ettel, o que têm feito de proveitoso? — insistiu Anfion.

— Dos vinte e oito magos sobreviventes, seis sempre se dedicaram a compartilhar suas descobertas com os demais magos e tinham interesse em incentivar o progresso da ciência e da magia. Treze faziam essas mesmas coisas apenas eventualmente, isto é, dedicavam-se mais às suas tarefas pessoais, e nove interessaram-se em aprender sem nunca dedicar seus esforços ao progresso dos demais. Se estivesse vivo, Seneb estaria no segundo grupo — elucidou Ramakhotep.

— É... — suspirou Anfion frustrado. — Eles têm muito pouco a seu favor para podermos lhes atenuar a pena.

— E os quatro mortais, por que foi permitida a entrada deles aqui? — perguntou Thais.

— O primeiro deles fez sem nosso conhecimento — explicou Neferaba. — Seguiu a pista usada por Eurípedes para entrar. Os outros três vieram resgatar o primeiro e, antes de podermos recebê-los, desapareceram pelos túneis.

— A fórmula para entrar está acessível aos mortais lá fora? — perguntou a sacerdotisa pousando seu olhar de águia nos quatro.

— Não exatamente... — respondeu Mirella antes de Neferaba pronunciar-se, como quem se desculpa. — Nós descobrimos por acaso, mas iremos destruir o livro...

— Livro?! — replicou a mulher com sua seriedade desconcertante, virando levemente a cabeça.

— É. O *Livro de Amenóphis* — respondeu Mirella com um risinho. Mirella sentia-se estranha. Tinha planejado nada mencionar sobre o *Livro*, mas uma força desconhecida a impelia a falar. Não conseguia omitir.

— Explique o que sabe sobre esse livro — exigiu a sacerdotisa.

— O Projeto Osíris começou quando o professor quis escavar... — Mirella desatou a falar e contou tudo, desde as primeiras suspeitas, a descoberta no Museu Luiz de Queiroz, a seqüência de Fibonacci e todo o conteúdo do *Livro*. Tentou se conter e resumir a explicação, porém uma estranha força a comandava e a impedia de omitir o menor detalhe. Márcio, Christian e o professor completaram a explicação com detalhes não conhecidos por ela, igualmente impelidos a falar tudo.

— Foi a pista deixada por Seneb num país do Ocidente para atrair mortais — acrescentou Neferaba. — Esse livro viajou de mão em mão e hoje está no país deles. Foi por ele, sábia Thais, que todos têm entrado aqui nos últimos cento e dez anos.

— Neferaba, onde está Neshi? — perguntou um dos juízes.

— Ele desapareceu há vários dias. Talvez ele não esteja mais no mundo dos vivos:

os magos mais poderosos na visão a distância viram-no como uma múmia longe daqui.

— Onde ele está? — repetiu o mesmo mago, agora olhando para os acusados. Um deles respondeu:

— Nem nós sabemos. Ele fugiu antes de a batalha ter início e só Seneb sabia por que Neshi faria isso.

Satisfeitos com os esclarecimentos, os juízes e juízas reuniram-se em colóquio silencioso. Conversaram por alguns minutos. Num papiro aberto por Nectanábis, havia uma lista com os nomes dos acusados. Durante a conversa, o mago foi apondo um hieróglifo ao lado de cada nome. Alguns eram vermelhos, outros pretos. Ao final, eles se afastaram e voltaram aos seus assentos. Aqueles minutos pareceram aos acusados mais demorados que todos os séculos ali vividos.

— Temos nossa decisão — anunciou Nectanábis de pé, olhando para os acusados.

— As decisões são as seguintes: primeiro, o livro com o segredo da entrada em nossa comunidade deve ser imediatamente destruído; segundo, os quatro mortais presentes *não terão* suas memórias apagadas e poderão sair, se quiserem; terceiro, em virtude de termos sido enganados e atraídos, com tentativa de assassinato, todos os traidores terão de deixar a comunidade, tendo de voltar a viver no mundo exterior sem qualquer lembrança de quem são e do que sabem!

Uma alegria indizível tomou conta dos quatro. Estavam até esse segundo temerosos de ficarem prisioneiros ou de passarem por algum tipo de lavagem cerebral. Mas eles eram brasileiros demais para ouvir quietos aquela boa notícia. Os quatro abraçaram-se rindo e se beijaram, falando várias coisas ao mesmo tempo, parecendo torcedores satisfeitos num estádio de futebol. O professor, mais apegado à tradição italiana, beijou emocionado cada um dos três.

A multidão de magos olhou com estranheza aquela manifestação alvoroçada de alegria e alguns sorriram compreensivos, como quem observa crianças ganhando um brinquedo há muito desejado. Quando os quatro perceberam que só eles estavam em festa, aquietaram-se envergonhados e Nectanábis pôde continuar a explicar o veredicto.

— Quanta alegria... Voltemos ao destino de nossos outros companheiros. O exílio é necessário para os magos de comportamento honesto e dedicado não serem novamente ameaçados ou perturbados por aqueles que agiram mais dissimuladamente que... a naja na cesta de flores! Por não terem esses traidores se importado com a sorte dos mortais cruelmente aprisionados e mortos, serão entregues nas mesmas sociedades de origem das vítimas. E, para que todo o saber acumulado em milênios de estudo não seja novamente mal-utilizado, perderão a memória de tudo. No lugar, serão plantadas na mente de vocês lembranças de uma vida fictícia, como se tivessem realmente nascido e vivido nas sociedades para onde

irão.

Os magos acusados ouviam tudo aterrorizados. Alguns fecharam os olhos e baixaram a cabeça. Outros pareceram querer fulminar os juízes com o olhar, e outros ainda permaneceram sem nenhuma reação visível, tal a surpresa. Nectanábis continuou, agora lendo os nomes no papiro.

— Baky, Kerasher, Hunefer, Amasis, Any, Pepy, Mena, Merisu, Jarha, Djer e Anen serão *fellahs* aqui mesmo no Egito, assim como eram suas vítimas. Karem, Wennufer, Siamun e Setau serão pastores nas terras secas do Sinai e noutras partes que vão do Mar dos Sargaços até a Pérsia, locais preferidos por vocês para cometerem suas atrocidades. Den, Paser, Osorkon, Pinheas, Besenmut, Sabef, Ankhu e Sureru serão dispersos como mendigos e imigrantes pelos vários países da Europa, local escolhido por eles para subtraírem suas vítimas. Pamu, Salatis e Djehuti viverão como agricultores pobres nas Américas, por ser esse o principal grupo lesado pelos seus seqüestros e abusos. E, finalmente, Inarus e Horpais viverão em Gaza e Beiruth, por terem colaborado diretamente para o suicídio de pessoas em atentados violentos e desumanos.

Ele fez ligeira pausa após a leitura e olhou para os condenados:

— É claro que, como magos, todos possuem sempre a opção de extinguir suas próprias vidas num milésimo de segundo, se não quiserem trabalhar em prol da própria evolução. Nesse caso, o destino de vocês no mundo inferior não será dos melhores; com tantos crimes hediondos acumulados, a realidade apavorante que lhes tomará a alma é indescritível!

Ao ouvirem os detalhes de suas penas, os condenados davam sinais de revolta contida. Lábios apertados, olhos semi-cerrados e uma terrível expressão de ódio. Alguns, porém, permaneceram impassíveis. Aquilo era o fim de tudo. Fracassaram no plano de subverter a comunidade e, pior, voltariam a ser mortais ordinários, vivendo entre as inseguranças comuns da vida e sem qualquer lembrança de todo o poder possuído.

Os menos revoltados olhavam para baixo, em profundo desânimo, antevendo as dificuldades. Perderam tudo: a imortalidade, o poder, o conhecimento, a subsistência e até a noção de si mesmos. Voltariam à mediocridade da vidinha humana, pobre, cheia de dificuldades, doenças, ignorância e outras misérias. Remorso e desânimo mortal os abatia.

— Esse castigo não é justo! — retrucou um dos mais exaltados. — Nós nos dedicamos por séculos a esta comunidade e não podemos ser excluídos como se fôssemos mortais comuns. Ao menos deixem-nos voltar ao mundo exterior com a memória. Tirar isso de nós é muita crueldade.

Um dos doze juízes, de aparência meio idosa, tinha olhos azuis, fato atípico entre os egípcios. Ele não pestanejou para responder.

— E o que seria justo, Inarus? Deixá-los livres para prosseguirem sua obra destrutiva? Permitir que tragam Seneb e esse Kapel de volta sacrificando mortais inescrupulosamente? Você erra ao chamar de "castigo" seus novos destinos. Você, meu querido discípulo, apenas comprova não ter aprendido o mais precioso dos ensinamentos para se tornar um mago verdadeiro: o Amor Universal. Enquanto não for capaz de produzir esse fenômeno dentro de si, jamais alcançará a graduação superior tão almejada! E, como vocês desprezaram e abusaram da fragilidade dos mortais e dos conhecimentos sagrados, viverão como ignorantes entre eles para aprenderem a valorizar o saber e a condição da qual todos saímos.

Inarus, assim como outros condenados, estava longe de captar o alcance daquelas palavras. Seus sentimentos eram de ódio e revolta. Eles enxergavam a pena como uma humilhação inaceitável.

Perceberam ser inútil discutir. Os juízes estavam decididos e só lhes cabia enfrentar; ou desintegrarem o próprio corpo como sugerido por Nectanábis. Essa opção era mais assustadora ainda. Eles se sabiam culpados e entreviam os sofrimentos se se lançassem ao espaço astral, a pátria eterna de todas as almas. Com certeza, no "julgamento" presidido por Osíris, seus corações não pesariam menos que uma pena, como ensinava a alegoria.

Mesmo sendo criminosos, os magos eram pessoas acostumadas às boas maneiras e ao comportamento sóbrio e lacônico, falando somente o necessário. Ao contrário do comportamento comum entre mortais indignados, não houve gritaria nem discussão. Todos se calaram, pacientes.

Os quatro, acompanhando o terrível drama, sentiram-se inconvenientes e infantis pelo alvoroço anterior.

Os doze juízes, inclusive Anfion, puseram-se de pé. Alguns magos condenados começaram a chorar discretamente. Os doze elevaram os braços em forma de "V" e pronunciaram palavras incompreensíveis em coro. Silenciaram e fecharam os olhos. Após alguns minutos, os magos condenados começaram a ficar sonolentos e acabaram por dormir.

Numa parede do salão, surgiu a conhecida "tela", verdadeira passagem aberta ligando dois lugares. Manchas coloridas surgiram na "tela" e formaram após alguns instantes uma paisagem agrícola numa encosta de montanha percorrida por fileiras de um arbusto de folhas grandes e lustrosas, seguindo a perder de vista. Ao fundo, bem ao longe, alta cordilheira cinzenta de picos nevados formava uma muralha intransponível. Era um cafezal. O sol brilhava. Parecendo sonâmbulo, Salatis, um dos condenados ao exílio, caminhou de olhos fechados e atravessou a passagem, entrando na plantação.

Em seguida a paisagem transfigurou-se na beira de um rio desembocando no mar. Ao fundo via-se uma espécie de farol sobre um rochedo e ao lado casinhas de madeira e

canoas estacionadas na praia. Coqueiros havia por toda parte. Era, por certo, uma vila de pescadores. Um segundo mago levantou-se do banco de pedra e atravessou a passagem, pisando na areia molhada da praia tropical. E assim por diante, novas paisagens foram surgindo e os magos, um a um, levantavam-se e, de olhos fechados, rumavam para esses cenários onde passariam a viver.

Os mais diferentes locais surgiram. Aldeias de agricultores, cidades do Oriente Médio, periferia de grandes metrópoles das Américas e da Europa, desertos de areia onde trafegavam caravanas de beduínos, oásis, campos agrícolas e orlas marítimas. Depois de todos passarem, a passagem se fechou e os doze magos abaixaram os braços.

Talvez fosse de se esperar que os magos estivessem contentes por terem vencido a batalha e afastado os traidores. Contudo, estavam pensativos e alguns cabisbaixos. Na verdade, eles sentiam profundamente essas perdas. Os exilados eram amigos e discípulos dos demais sacerdotes. Amizades nascidas no estudo da ciência secreta e, como qualquer amizade, evoluíram e se transformaram. De repente, tudo acabava com as revelações bombásticas do golpe.

Os juízes, apesar da severidade da decisão, estavam penalizados e decepcionados com o desempenho medíocre dos próprios discípulos. Alguns deles se perguntavam em que tinham falhado na orientação a eles.

Na verdade, como sempre acontece em qualquer grupo, alguns membros são maduros para certas experiências tão logo a experimentem algumas vezes ou mesmo uma única vez, enquanto outras pessoas atravessam a vida inteira experimentando os mesmos fatos sem nunca conseguir amadurecer e reagir de modo sensato. Assim acontecia ali. Embora formassem uma única comunidade partilhando o mesmo sistema de crenças e valores, a crueldade demonstrada pelos traidores era a prova cabal de muitos estarem ainda bem longe de serem luminares da sabedoria. Tinham acumulado conhecimento, e não sabedoria.

Os três garotos e o professor, assim como os doze magos, notaram a decepção da assembléia de sacerdotes. Anfion quebrou o silêncio.

— Irmãos, o ocorrido hoje aqui não é, vocês bem o sabem, nenhuma vingança ou castigo. Foi a medida necessária para incentivar nossos companheiros a aprenderem por outros meios a essência de toda sabedoria. Nas novas experiências com a humanidade lá fora, sem qualquer lembrança dos próprios conhecimentos, terão de se acostumar a novos conceitos de convívio e respeito mútuo. Todos eles serão acolhidos e terão de trabalhar e se esforçar para serem aceitos. Graças a essa necessidade vital, acabarão por dar mais valor ao calor humano, à solidariedade e à utilidade do respeito. E preciso passarem por tal experiência, talvez muitas vezes. Se continuassem aqui, suas megalomanias egoístas iriam aumentar e aumentar, tornando nossa vida insuportável e a vida dos mortais cada vez mais arriscada. Eles serão

atingidos exatamente pelos mesmos problemas que causaram e verificarão como a falta da virtude arruina qualquer projeto. Horpais e Inarus, por exemplo, viverão o horror do terrorismo e serão obrigados a repensar a convicção cômoda de usar a violência de modo tão irresponsável e cruel. Ao que pude prever, casarão, e seus filhos, contra a sua vontade, realizarão ataques terroristas suicidas.

Após pensar nas próprias palavras, o sábio continuou, olhando para os juízes e depois para os garotos e o professor:

— Quem foi para as regiões pobres das grandes cidades verificará como o esforço próprio e o trabalho dos mortais são úteis, necessários e garantem o progresso da humanidade. E os situados nas regiões agrícolas, pastoris e de pesca serão obrigados a experimentar o calor de uma comunidade afetiva como única forma de serem acolhidos e aceitos, se souberem cooperar. Todos eles continuarão sendo vigiados por nós e, por nossa influência, serão intuídos sutilmente a cultivar as virtudes aqui desprezadas. É o melhor que podemos fazer por eles. Agora, voltemos às nossas tarefas. Menos os Doze Juízes e vocês quatro.

Os magos retiraram-se. Uns pensativos, outros comentando os fatos presenciados. Em pouco tempo o salão estava vazio, exceto pelos convocados a ficar.

Mirella e Christian acharam tudo muito estranho. O sistema penal deles propunha-se a corrigir o infrator fazendo-o enxergar por si mesmo a necessidade da virtude e da honestidade remetendo-o ao local do crime para experimentar do próprio veneno. Seria essa uma técnica funcional? Se fosse, certamente seria bem demorada.

Anfion pareceu interceptar os pensamentos deles.

— Esse método é muito demorado mesmo. A vantagem está em formar convicção pela própria experiência, sem memorizar conceitos teóricos. Essas conclusões diminutas e tão lentamente construídas têm a capacidade de se solidificar numa convicção mais firme, tornando-se um hábito.

Ele olhou para os juízes. Sêmele, a sacerdotisa de fisionomia grega, falou:

— Quando quiser, Mestre.

Anfion pediu aos quatro para que compusessem uma meia lua com eles, num local afastado do piso rebaixado central do salão. Eles obedeceram, sem nada dizer. O mestre dos magos, sem dizer mais palavra, fechou os olhos e orou em pensamento com energia. Os garotos e o professor continuavam observando tudo em silêncio.

Dali a pouco, uma brisa suave perpassou o ambiente. Um agradabilíssimo ar fresco, com um sutil perfume de flores do campo, inundou o ambiente. Não parecia estarem sob toneladas de rocha, mas numa campina, no alto de alguma montanha num dia claro e calmo de primavera. Uma sensação de paz intraduzível apossou-se dos quatro mortais. Nunca tinham sentido tal tranquilidade e bem-estar. Qual fenômeno se preparava agora?

No centro do arco formado por eles, uma luz branca começou a brilhar. A luz

transformou-se num vapor alongado tomando forma humana. Em segundos uma figura alta, de mais de dois metros, desenhou-se com perfeição. O homem surgido do além vestia túnica branca não parecendo feita de tecido. Era formada de minúsculos pontos brancos brilhantes e rodopiantes, como se fossem um amontoado de estrelas em movimento. De vez em quando reflexos coloridos partiam desses pontos. Grandes olhos de um azul fulgurante irradiavam bondade e energia.

O rosto tinha uma expressão de calma, inteligência e bondade sobre-humanas, delineado por traços finos e harmônicos. Cabelos loiros, quase ruivos, pendiam até a altura dos ombros, partidos ao meio. A beleza daquela figura esbelta e de traços perfeitos era impressionante. Os quatro instantaneamente refletiram sobre a beleza da aparição: os seres humanos mais bonitos vistos em suas vidas estavam longe daquela perfeição.

Após a figura se materializar, os doze juízes ajoelharam-se respeitosos, seguidos, com certo atraso, pelos quatro mortais. Quem seria aquele? Osíris, Amon ou Hórus? — O Bem sempre sai vitorioso, mesmo quando o Mal consegue vitórias temporárias — disse o espectro com voz suave.

— Cristina Crist, nosso guia e mestre, é uma honra tê-lo conosco! — disse Anfion emocionado. Ele olhou para os olhos safirinos do espectro e continuou: — Todos os nossos recursos se esgotaram para tentar educá-los, Mestre. Falhamos...

O misterioso visitante respondeu tranqüilo:

— Não, não falharam, meus amados. Cumpriram com sua parte. E é só o que deveriam fazer. Eles estão ainda cegos e se apegam aos seus poderes como crianças que acham seus brinquedos as coisas mais importantes do Universo. Quanto a vocês, prossigam na tarefa assumida; o futuro próximo exigirá empenho e decisão.

A magnífica figura fez ligeira pausa e prosseguiu:

— A incompreensão e o crime estão longe de serem erradicados da superfície deste planeta primitivo. A crise envolvendo vários povos vai aumentar, o terror planejado aqui não é nem metade do que os homens produzirão ainda no mundo, e somente o Amor Universal trará a solução. O abuso enganador de certas religiões, a indústria da guerra e da morte, a política da dominação cruel e muitas outras formas de opressão vão aumentar, levando o sombrio planeta Terra a extremos de crueldade jamais imaginados pelo mais fantasioso ficcionista! Nesses dias sombrios, a humanidade desesperada será inevitavelmente empurrada a tomar decisões claramente morais. E, para essas decisões serem acertadas, será absolutamente necessário o combate à incompreensão e à ignorância. Não me refiro só à erudição, ao colecionamento de idéias e conceitos, mas ao aprofundamento e à expansão da consciência e da moral *necessários* a um mundo complexo. Somente assim haverá a materialização do Amor Incondicional em todas as instituições, valores e atitudes. Esse destino está determinado, mas as opções serão livres!

O Mestre dos mestres parou de falar. Com um gesto suave da mão direita apareceu ao lado dele, diante de todos, uma espécie de tela oval, com imagens tridimensionais. As imagens eram vívidas.

Numa cidade do Ocidente, a julgar pelas roupas e fisionomia das pessoas, carros velozes atravessavam avenidas asfaltadas. De repente, de uma tampa da rua, dessas usadas pelos trabalhadores da prefeitura para entrar nas galerias e fazer consertos em tubulações, fios e dutos, começaram a sair pequenos lagartos, parecendo mini-dinossauros, de uns trinta centímetros de altura, com bocas percorridas por dentes pontiagudos, andando sobre as patas traseiras. Os lagartos saíam correndo do buraco e, com agilidade inacreditável, corriam pela rua e pulavam sobre as pessoas, mordendo-as no pescoço. Em minutos, alguns lagartos morderam dezenas de pessoas, tal sua habilidade. As pessoas caíam no chão com violenta hemorragia. Alguns homens dispararam tiros contra os animais. Era difícil acertar, pois eles corriam e se mexiam de maneira rápida e irregular. Eram verdadeiras armas vivas e, pela forma como fugiam de carros, tiros e golpes, pareciam treinadas para se defender. Em minutos a avenida estava coberta de corpos ensangüentados.

Depois a cena se transfigurou e apareceu uma cidade situada num vale cercado de montanhas altas, com picos rodeados de nuvens. Uma mata tropical densa cobria as encostas íngremes. De repente, uma névoa semitransparente começou a sair de um buraco numa das montanhas e descer, como se fosse água escorrendo, rumo à cidade. A imagem desapareceu e em seguida surgiu outra, onde as pessoas caminhavam nas ruas da mesma cidade. As pessoas começaram a tossir e cair no chão, sem sequer gritar ou pedir por socorro.

Uma terceira paisagem apareceu. Um navio cheio de passageiros atravessava um oceano, durante a noite. Pelo tamanho do barco, deveria ser um cruzador com centenas de passageiros. Havia vários andares de escotilhas iluminadas no casco e mais as cabines, piscinas, praças e salões elevando-se do convés. Pessoas conversavam e festejavam no luxuoso transatlântico.

Subitamente, uma vibração começou a perturbar o ar. Dali a segundos, uma espécie de avião negro, com asas largas e curtas, parecendo uma raia marinha, aproximou-se do barco voando baixo, quase tocando a água, sem ser percebido pelos viajantes nem pelos aparelhos de navegação. Da aeronave partiu um raio luminoso, de cor amarela. O feixe de luz atingiu o navio, atravessando-o como se fosse um sabre perfurando um bolo de noiva. Explosões e incêndios surgiram em vários pontos do barco. O pânico se generalizou. Logo depois, helicópteros e pequenos barcos motorizados deixaram o gigante. O navio rugia e contorcia seu esqueleto metálico, anunciando o afundamento iminente.

Para surpresa dos espectadores, novos raios amarelos atingiram todos os barcos salva-vidas e os helicópteros. Quando o raio tocava nessas naves, elas nem

chegavam a explodir; ficavam incandescentes como brasa e depois se transformavam numa nuvem de pó cinzento, logo misturado pela água ou levado pelo vento. O navio partiu-se em dois, afundando pelo meio, e logo a ponta da proa e da popa terminavam de afundar, sugando para baixo os destroços flutuantes. Não houve sobreviventes.

Finalmente uma quarta cena se formou. Eram pessoas caminhando em ruas movimentadas de uma grande cidade. Não havia bombas nem ataques. Mais da metade das pessoas usava máscaras contra gases e apresentava manchas na pele, indicando alguma anomalia. Entre os transeuntes, de repente, alguém com essas manchas caía no chão, sem se mover. As demais pessoas nem se incomodavam ou sequer olhavam. Passavam simplesmente ao lado. A julgar pela indiferença de todos, o fato deveria ser comum.

Por fim, a imagem empalideceu e sumiu. A tela oval ficou mais e mais transparente até sumir por completo.

Todos olhavam preocupados para Cristina Crist. Aquelas cenas eram *flashes* de um futuro não muito distante. Era óbvio que o terror usaria a biologia, a eletrônica e outras ciências para produzir armas muito mais destrutivas que homens, carros-bomba e aviões.

— Embora o Mal produzirá tais frutos podres em breve, as forças do progresso poderão, pelo esforço e empenho, abalá-los e superá-los. E preciso que esse esforço aumente sempre. Sigam à frente liderando tais iniciativas onde puderem e nós, deste lado da vida, os protegeremos e criaremos diversas oportunidades para atuarem. E lembrem-se — o espírito falou com mais ênfase na voz — nosso objetivo não é destruir o Mal, e sim transformá-lo no Bem.

O ser maravilhoso deu um sorriso, o sorriso mais bonito que os quatro já tinham visto, e começou a se tornar transparente e enevoadado. Em menos de um minuto a névoa se dissipou.

Os juízes se despediram respeitosamente de Anfion e se retiraram, vivamente impressionados.

Para os mortais, aquilo tudo era inacreditável. Então até mesmo Anfion, o mago mais poderoso de todos, tinha um mestre, um orientador, alguém mais sábio que ele! Seria isso possível? Quem era esse Cristina Crist?

— Meus conhecimentos são limitados como os de qualquer discípulo. Sempre haverá véus a serem rasgados — falou o sábio adivinhando o pensamento deles. — Venham, vocês viram e experimentaram muito mais que o permitido aos mortais. Antes de retornarem ao mundo exterior, precisam saber certas coisas.

Terraço do Templo de Osíris

O sábio e seus segredos milenares

ELES SAÍRAM DO SALÃO CIRCULAR e subiram enorme escadaria de pedra. Ao final da subida, os mortais estavam ofegantes. Chegaram a um terraço no alto do templo, onde havia jardins e poltronas. De lá viam-se toda a praça e o magnífico planalto de Gize como deveria ter sido noutros tempos. O sol iluminava toda aquela ampla paisagem. Uma brisa fresca passava de vez em quando.

Sentaram-se comodamente. Perto deles, uma pequena mesa tinha ânforas com vinhos e sucos. Copos em forma de flor de lótus estavam postos.

— A maior parte do que viram não é facilmente compreensível e isso irá causar-lhes perturbações. Para preservá-los e para evitar problemas lá fora, vocês devem compreender algumas coisas. Perguntem.

Os quatro esperavam por essa oportunidade, mas as circunstâncias não permitiram qualquer conversa com os magos. Essa era a grande oportunidade. Exceto para Márcio, mais interessado em sair. Mirella engasgou-se ao começar.

— Hum... É... O que é isto tudo? Maha-Ettel? Este mundo escondido?

— Maha-Ettel é esta comunidade formada antes do surgimento dos faraós. Somos voluntários encarregados de preservar e desenvolver a sabedoria egípcia, para quando uma nova espécie surgir.

— Uma nova espécie?! Qual? — interrompeu o professor coçando a barba.

— Uma espécie com maior alcance mental que a atual. Essa nova humanidade terá condições de aproveitar o conhecimento hoje restrito ao nosso meio. Lamentavelmente a espécie atual não consegue levar sua inteligência para além de suas necessidades e desejos, e isso limita o seu desenvolvimento.

— Quem era esse deus de aparência santificada? — perguntou Christian com um copo de suco de maçã na mão.

— Christina Crist não é um deus. Os deuses não são espíritos que possam se materializar, são símbolos para as nossas idéias. Ele é meu mestre e me protege e orienta. E a criatura mais pura já vista sobre a Terra e sua vida é reconhecida por metade do mundo como a mais impecável e exemplar conhecida pela humanidade.

— Anfion, temos ouvido os magos se referirem à "imortalidade" dada pelo fogo líquido de Osíris e que esse fogo existe em outros lugares do mundo. Como alguém pode ser imortal? Isso... pode ser verdadeiro? — perguntou Mirella após beber água.

— O fogo líquido de Osíris é uma energia telúrica; ela flui pelos poros da Terra e irriga tudo o que existe nela. Sem essa energia, a matéria se desagregaria. Todas as coisas estão impregnadas por essa energia.

— Como pode isso dar imortalidade a alguém? Trata-se de uma lenda, certamente. Imagino serem imortais as tradições cultivadas por vocês... — objetou o professor, descrente da explicação.

— Não é lenda. *Nós, os sacerdotes, somos imortais.* As fontes dessa energia foram descobertas há incontáveis milênios por sábios que zelosamente trataram de escondê-las e dar-lhes destinação útil. Todo ser vivo ao receber algumas gotas dessa estranha substância, não importa sua idade ou estado de saúde, retorna ao nível do mais pleno vigor físico e desse estado não sai mais. A pessoa, animal, planta ou qualquer outro ser vivo nunca mais ficará doente e será capaz de se recuperar da mais grave agressão física. Sim, eu, como todos os magos desta comunidade, tomei do fogo líquido de Osíris. Isso aconteceu há quase treze mil anos.

— Como você chegou aqui? Vocês não sentem falta da vida em sociedade? — quis saber o professor Manccini.

Anfion reclinou-se e se acomodou na poltrona, como quem se prepara para contar uma longa história. Ele percebia a curiosidade dos quatro sobre a pessoa dele. Habitualmente falava muito pouco de si mesmo, preferindo a discrição. Contudo, por terem lutado juntos e se dedicado aos mesmos nobres objetivos, uma simpatia muito grande era nutrida pelo mago. Ele sentiu a alegria de fazer amizades diferentes das

costumeiras.

— Na verdade, não sou egípcio... — sorriu levemente. — Sou de Aztlan, um país desaparecido nas profundezas do oceano. Esse país fundou as primeiras colônias civilizadas do futuro Egito. Há quase treze mil anos vim desse país com um grupo de sacerdotes-magos e fundamos os primeiros templos e colônias aqui, como era nosso projeto. Esse início foi difícil; a região era habitada por povos bárbaros e guerreiros, e foi extremamente aguerrido nosso estabelecimento. Nossos templos-fortaleza eram constantemente atacados e foi impossível estabelecer relações amigáveis com eles. Divertiam-se destruindo nossas construções e campos agrícolas. Numa ocasião, quando nós, sacerdotes, estávamos reunidos no templo, violenta horda de bárbaros invadiu o santuário e massacrou quase todos. Não tivemos tempo de escapar. Com o desabamento do teto, uma coluna caiu sobre mim e eles tiveram certeza da minha morte. Essa foi minha chance de escapar. Havia no chão uma passagem secreta para essas emergências. Entrei nela depois da queda da coluna.

Ele interrompeu a história para beber água e prosseguiu.

— Naquela noite fatídica, fugi e percorri não sei qual distância pelo deserto. Assim caminhei durante quatro dias e só em duas noites consegui chegar às margens do Nilo para beber água. Imaginem como foi difícil para mim, com sessenta e três anos e sem ter a quem pedir ajuda. Durante o quarto dia, percebi um grupo me perseguindo e fiquei desesperado. Encontrei uma estreita gruta e refugiei-me nela. Para minha surpresa, a gruta se alargava e era bem profunda. Continuei o quanto pude e me perdi no labirinto de túneis. Os bárbaros também se perderam, para minha salvação. Certa hora, exausto e achando que teria um ataque cardíaco ou coisa parecida a qualquer instante, vi uma luz rosada e um barulho de água. Uma imensa fonte de água rosa-alaranjada, brilhante como fogo, subia e caía em volta, formando um lago. Ao me aproximar, pensei estar diante de um canal vulcânico, mas não havia calor. Ao contrário, havia delicioso frescor. Apenas o respirar daquela atmosfera me fez sentir melhor. Aproximei-me do lago e bebi avidamente o líquido ígneo. Senti forte tontura e meu corpo pareceu incendiar por dentro, num calor insuportável.

Sorriu por um instante, enquanto os quatro ouviam impressionados.

— Talvez pela loucura causada pela fome e sede, realmente acreditei ter bebido lava vulcânica ao invés de água... Em seguida desmaiei e acordei não sei quanto tempo depois, sentindo-me incrivelmente bem e forte. Notei também uma estranha transformação: havia emagrecido e minha pele voltara a ser lisa como quando era jovem. Mais tarde, vendo meu reflexo numa poça d'água, percebi ter remojado uns quarenta anos! Estava exatamente como era aos vinte e poucos anos. Fiz diversos experimentos com animais e plantas, usando o fogo líquido, e percebi ter descoberto a antiga lenda: quem toca no fogo líquido adquire a imortalidade. Muitas outras

coisas aconteceram depois; o Egito nasceu, fundamos Maha-Ettel - nome de uma região da Atlântida - e, por fim, o Egito se foi. E durante todo esse tempo vivi entre magos e sacerdotes, estudando e experimentando. Nós, os colonos atlantes, formamos o Egito e até hoje guardamos e mantemos a benéfica influência desse grande país sobre a humanidade.

Ninguém bebia mais nada, tal a atenção dada à conversa. Quem poderia imaginar, olhando para esse homem de aspecto jovem e disposto, mais de doze mil anos de experiência, estudo e ciência mágica? Realmente, pensavam eles, só poderia ser um sábio sem igual alguém com tanto tempo de vida. O professor estava mais confuso. Ao contrário dos garotos, viu muito pouco das galerias e dos incríveis fenômenos. Para ele, era apenas uma comunidade de saudosistas fanáticos com algum conhecimento de técnicas desconhecidas à ciência acadêmica.

— Qual influência o Egito exerce *hoje* sobre a humanidade? O turismo? — duvidou ele.

— As pirâmides e outros monumentos foram construídos de acordo com rituais mágicos. As estruturas de pedra, ao serem edificadas, receberam um acúmulo energético, por assim dizer, que continuará a existir enquanto os próprios monumentos existirem. Nós chamávamos isso de "amarração". Em cada bloco depositado numa pirâmide foi "amarrado" um potente mecanismo energético. Tal como os monumentos são uma referência arquitetônica e cultural para a humanidade, as amarrações são a referência psíquica.

Os quatro não conseguiram entender nada. Mirella pediu mais explicações.

— Já repararam como o velho Egito exerce incrível fascinação sobre todos os povos, especialmente do Ocidente? Por que os caldeus, persas, macedônios, hititas, fenícios e outros passam quase despercebidos, enquanto o Egito é um ícone do mistério e do misticismo, cuja atração não pára de aumentar?

— Pela grandiosidade de seus monumentos, pela fama de Cleópatra, pelo obsessivo culto aos mortos e por vários outros fatores — assegurou o professor.

— Há vários outros monumentos grandiosos, reis famosos e culturas originais, excêntricas, avançadas e estranhas. Os povos da Mesopotâmia tinham tudo isso. A Índia tem tudo isso até hoje. O México tem pirâmides gigantescas. Nenhum deles exerce metade da fascinação do Antigo Egito.

— E qual seria o motivo, em sua opinião?

— Esse efeito foi planejado... Em cada monumento, magos poderosos encravaram um conjunto de forças, vontades, projeções mentais, mensagens e outras energias. Essas forças permanecem presas às estruturas de pedra. Os feiticeiros do seu país fazem exatamente o mesmo quando tentam prejudicar alguém: projetam suas energias em objetos como agulhas, tranças, cordas, linhas, penas, lã e têm o cuidado de amarrar e entrelaçar tudo. O nó material retém as energias nele projetadas quando

estava sendo feito. Da mesma forma são ostemplos, tumbas, pirâmides e mastabas. O sábio fez uma pausa e notou, pelas fisionomias imóveis, que seus atentos ouvintes não haviam ainda compreendido e prosseguiu explicativo:

— A amarração é o aprisionamento das energias numa forma material: um amuleto, um cajado, um edifício. Nos monumentos foram amarradas energias destinadas a chamar a atenção do ser humano para a espiritualidade, o mistério, o invisível. É um recado subliminar, não perceptível, transmitido à intuição que toda pessoa tem, dizendo: "Venha! Venha descobrir o mistério da vida! Há muito mais por trás da exótica aparência. O mais importante ainda não foi descoberto!" Essa mensagem irradia-se para o mundo inteiro. Todo aquele que pisou o solo sagrado do Egito e viu os monumentos foi tocado por essa benéfica influência e não pode mais escapar dela. Não importa se isso foi hoje ou há cinco mil anos. A conexão com o inconsciente está criada por incontáveis milênios. Quem vê os monumentos através de fotografias, filmes e até desenhos estabelece a mesma conexão, embora mais fraca. Só o pensar no assunto é suficiente para fazer a ligação invisível. Criada essa ligação, a potente espiritualidade egípcia sensibiliza a intuição da pessoa com seu tênue mas inconfundível recado. E por isso que o mundo responde cada vez mais à influência do Egito e busca, de forma consciente ou inconsciente, acertada ou equivocada, a própria espiritualidade. Mais que uma referência material, o Egito é uma estação emissora espiritual irradiando sua mensagem e chamando o ser humano à busca e à aventura existentes além da vida cotidiana. Esse era o plano. E está se cumprindo fielmente.

Anfion parou de falar e observou a reação dos quatro. Acabara de revelar um dos maiores segredos do País das Duas Terras e, sem o dizer, da própria comunidade de Maha-Ettel.

Eles ficaram embaraçados. Não sabiam avaliar a envergadura de um projeto tão amplo e tão antigo. O professor estava particularmente pasmo, tudo fazia sentido, Anfion encaixara as peças de um quebra-cabeça que ele e seus colegas, em mais de trinta anos de egiptologia, nunca conseguiram fazer. O modo de pensar científico não admitia energias psíquicas nem magia. Pela primeira vez, sentiu-se oprimido pela ciência acadêmica, sempre considerada esclarecedora e libertadora. Ao aceitar sem maior crítica as "normas" do pensamento científico, por quantas coisas deixara de se interessar e compreender? A ciência, pensou, era louvável e útil na sua tarefa de apurar os fatos com a maior cautela possível. Era, porém, forçoso reconhecer o quanto essa cautela o limitara.

O sábio pareceu pescar o pensamento do professor. Olhou-o demoradamente e advertiu:

— A sua ciência está correta em ter prudência. O equívoco é restringir o imenso conteúdo da mente aos limites do método científico. Imagine o seguinte: um dia você

é tomado por feroz dor de cabeça e não dispõe de um remédio, exceto o chá anestésico de certa erva preparado por uma "benzedeira", como vocês dizem. O princípio ativo medicinal da erva ainda não foi descrito cientificamente, apesar de a erva ser usada há gerações com sucesso. O que você faz? Desmaia de dor de cabeça por não existir publicada prova científica sobre a erva e a "benzedeira"? O senso de oportunidade muitíssimas vezes precisa esquecer rigores teóricos sem utilidade no momento. O ser humano beneficia-se da ciência, mas não pode esperar por ela para avançar. Todo cientista tem por dever não confundir a ciência consigo mesmo. Apurar com rigor deve ser um recurso, jamais uma compulsão.

— Anfion, quero fazer-lhe uma pergunta-chave, que acredito explicará muitas coisas ao mesmo tempo. Como é possível que os poderes de vocês se manifestem de forma tão visível e tão potente? Como é possível com um simples gesto de mão produzir fenômenos tão concretos? — falou Márcio, curioso.

— Após muito tempo de exercícios incansáveis adestrando a vontade e as faculdades da mente, acabamos por aprender a extrair energias do próprio corpo da Terra. O uso de ervas, resinas e, no caso da magia negra, animais e pessoas é apenas uma forma elementar de obter energias que o próprio planeta exala. Com o tempo vamos aprendendo a extrair os mais variados tipos de forças e substâncias produzidas pelo planeta. Para os fenômenos se materializarem, revestimos quase todos os nossos encantamentos da mesma substância etérica usada nas materializações — ele fez uma pausa, tomou um gole de água e prosseguiu: — Notaram como o Mestre Cristina Crist materializou-se sem quaisquer misturas, resinas e plantas queimadas? E porque lhe fornecemos a substância extraída da própria Terra. Nessa forma ela é virgem, não foi alterada pelos corpos físicos como acontece com as fontes vegetais, animais e minerais e, por isso, reproduz com mais fidelidade o objeto astral.

A explicação parecia lógica, embora fosse um tanto difícil para eles identificar o que seriam aquelas energias e substâncias "etéricas".

— Por que nos deu estes amuletos mágicos? — falou Christian pondo a mão na cintura, onde guardava a faca mágica.

— Eu os preparei desconfiando da vinda de vocês para cá. Também nós enxergamos nas estrelas três mortais entrando na comunidade e nos auxiliando a vencer um grande perigo. Quando vi vocês no Vale, não tive mais dúvidas. Então lhes entreguei as armas.

O mago, apesar de estar gostando da conversa, levantou-se e convidou-os a descer.

— Vamos. Vai amanhecer em Gizé. Vocês devem ir agora — disse ele sem rodeios.

Márcio foi o primeiro a se levantar, antevendo o momento de sair das galerias e sentir novamente o ar puro do deserto passando pelo rosto.

— Anfion, e as pirâmides? — voltou a questionar o professor.

Márcio sentou-se novamente, meio embaraçado por não ter escondido a vontade de

sair.

— Sim? — dispôs-se o mago, querendo saber pelo que era indagado.

— O que são as pirâmides? Nossa ciência afirma serem túmulos de faraós, nada mais. Outras pessoas, inclusive cientistas em menor número, dizem serem templos. Você mencionou um outro povo responsável pela construção...

— Sim, as maiores foram construídas por nós, atlantes. Eu soube dessas explicações sobre túmulos. Na verdade, cada uma das pirâmides atendeu a objetivos diferentes que foram sendo modificados com as necessidades. Algumas *das egípcias* eram inicialmente túmulos mesmo e depois foram ampliadas com outras finalidades, mas todas com função iniciática. Nelas, magos poderosos e sábios sacerdotes orientaram seus discípulos desde muito tempo antes do surgimento do Egito conhecido pela História. É um erro vocês tentarem descobrir a finalidade de uma câmara e achar que do primeiro ao último dia elas nunca tiveram outros usos.

— Há teorias incríveis sobre a Grande Pirâmide de Gizé. Muitas parecem-me completamente absurdas. Vocês já ouviram falar disso? — falou Mirella, olhando para Márcio e Christian.

— Só ouvi falar. Nunca me interessei em descobrir mais — respondeu Márcio.

— Já. Um livro dizia ser o formato piramidal capaz de acumular energias especiais, que conservam alimentos, preservam tecidos vivos e revigoram seres doentes — disse Christian.

— Essa pirâmide tão pesquisada ainda não foi entendida. Ela é um conjunto de símbolos que resume a sabedoria egípcia e pré-egípcia sobre a aventura do ser humano neste planeta e dá diretrizes para o seu sucesso enquanto estiver aqui. Ela representa o próprio planeta, em suas medidas. As galerias representam a saga humana. As dificuldades e facilidades para caminhar nas galerias representam o melhor e o pior caminho a seguir nas experiências da vida no planeta. Sobre as energias, é verdadeira essa afirmação; qualquer réplica sua cria uma conexão com ela e reproduz em miniatura suas propriedades energéticas.

— Como ela representa o planeta Terra? Essa semelhança parece arbitrária. Se pelo menos ela fosse redonda... — duvidou o professor.

— A semelhança é matemática, e não visual. As medidas da base, da altura, dos ângulos, a quantidade de camadas de blocos, os prolongamentos em direção às estrelas, tudo corresponde aos números do planeta: dias do ano, diâmetro da Terra, distância da Terra a Ra, tudo.

— Essas medidas não são precisas — rebateu o professor, lembrando de um congresso de história no qual foram apresentados trabalhos científicos tentando desmistificar teorias sobre as pirâmides. — Há pequenos erros. Por exemplo, da galeria de saída vê-se a Estrela Polar, o que teria uma série de significados. Os astrônomos, porém, descobriram que há quatro mil anos a Estrela Polar não estava

lá; era outra estrela ocupando a mesma posição. E, como o céu é cheio de estrelas, não se pode deduzir que simbolize alguma coisa.

— Seria simplório achar que um monumento desse porte traria mensagens apenas para os dias em que foi construído. Cada estrela vista nessa posição indica um fato diferente. Não há irregularidade alguma; há um ciclo simbolizado. Todas as outras aparentes imprecisões apontadas como desvios ou erros de construção correspondem a uma variação astronômica ou geofísica real. Todos os movimentos de Ra, da Terra e das estrelas não são absolutamente regulares. Todos eles, sem exceção, sofrem pequenas variações. Por exemplo, a rotação da Terra em torno de seu próprio eixo. Essa rotação não é perfeita; o "eixo" está sempre mudando de lugar. Nunca foi e não há como ser um movimento uniforme, sem variações. Variações como essa estão representadas como pequenas diferenças nas medidas.

— E as galerias? Qual o significado delas? — quis saber Christian.

— Elas mostram a aventura espiritual dos seres inteligentes neste planeta. Das espécies extintas às que surgirão.

— Como assim, espiritual?

— As tentativas, acertos e erros da espécie humana, tornando-a melhor, mais sábia e mais nobre desde quando aprendeu a pensar, há milhões de anos. Isso é a aventura espiritual do ser humano. A trajetória apresentada ali não se refere apenas ao passado; ela pressagia os passos futuros da humanidade. Na verdade, a humanidade experimenta o que cada ser humano experimenta em si mesmo.

— Não entendi nada — disse Márcio, conformado com a idéia de adiar sua saída em troca de uma conversa para lá de estratosférica.

— Quando a pessoa escolhe agir de maneira mais nobre, leva em consideração fatos mais amplos. Ao invés de agir impulsivamente, ela considera mais fatos em seu julgamento e em seu plano, o que acaba por modificar seus sentimentos e hábitos. Essa evolução comum da criança ao adulto, a humanidade levou milhões de anos para conseguir. Por exemplo, se Christian tivesse se vingado dos cruéis assassinos de seu pai, estaria agindo de forma enérgica, simplória, pouco inteligente, obedecendo aos instintos fortes da autodefesa. Tais instintos violentos *foram* úteis na fase animal da humanidade e só raramente são úteis para o homem civilizado. Para o homem pré-histórico, uma atitude violenta dessas era essencial; ou matava seus inimigos, ou os inimigos o devoravam. Não havia muito em que pensar. Instintos são sempre cegos e, por isso mesmo, têm conteúdo infantil, primitivo; dificilmente apresentam a melhor solução.

Pelo olhar de Márcio, Anfion percebeu que ainda não se tinha feito entender e explicou:

— Christian optou por agir pensando em fatos maiores; seu julgamento da situação foi mais abrangente. Ele conseguiu entender que perdoá-los e combater a violência

de outras formas seria muito mais eficaz. Usando como símbolo a galeria de entrada da Grande Pirâmide, podemos dizer que ele teve de ir descendo até ver de perto o crime, o horror, para depois fazer a escolha: nivelar-se a esse horror, vingando-se, e continuar descendo para o subsolo, ou agir de acordo com sua compreensão esclarecida, ajudando a resolver o problema de forma mais ampla e eficaz, isto é, subindo para as câmaras ventiladas, chamadas por vocês de "da Rainha" e "do Rei", para descobrir a melhor maneira de agir no seu caso particular. Pessoas, povos, países e toda a humanidade vêm-se diariamente diante de opções a fazer. Sempre podemos escolher: o caminho das emoções cegas e resultados imediatos ou o plano elaborado para a correção do problema, com um objetivo nobre e inteligente. Esse esforço nos faz chegar a um lugar mais alto que o inicial, assim como as câmaras se situam mais altas que a entrada da galeria. É tudo muito claro.

O mago fez uma pausa e, olhando para o professor, rematou:

— Há muitos túneis, fossos e outras estruturas inimagináveis para vocês a serem descobertos em Maha-Ettel. Na verdade, nossa comunidade utiliza menos de um quinto delas. Galerias nas pirâmides serão sempre descobertas por aparelhos cada vez mais sofisticados. E mais detalhes matemáticos poderão ser extraídos e a compreensão dos símbolos refinada. Cada ângulo, aresta ou prolongamento imaginário de uma parte da pirâmide possui um significado. Essa é a mensagem mais importante. O túmulo de Khufu...

— Não está na pirâmide? — interrompeu Mirella, ansiosa e surpresa.

Anfion sorriu e não respondeu.

— E a Luz de Osíris? Onde está? — quis saber o professor, após ensaiar para perguntar o que acreditava ser a coisa mais importante de todas.

— A Luz de Osíris é a fonte de todo o poder e luz que o povo egípcio produziu através de suas classes sacerdotais, e nós aceitamos o encargo de preservá-la após o desaparecimento dos faraós, até uma nova espécie surgir e saber como aproveitá-la.

O professor insistiu em saber mais sobre essa fonte de poder.

— Lamento, nada mais posso dizer. Vamos. Vai amanhecer em Gizé — Anfion recusou-se a fazer qualquer outro comentário. Levantou da poltrona de espaldar curvo. O mago gentilmente abriu a porta e os quatro se levantaram, ansiosos e ao mesmo tempo pensativos sobre explicações tão reveladoras. Um mundo inesperado descortinava-se ante eles. O professor pensava "Como poderei averiguar isso cientificamente?"

— Sr. Anfion, o que diremos à polícia? — falou Márcio timidamente.

— Preparamos um fosso perto da entrada usada por vocês. Lá há um sarcófago vazio, cerâmica e sementes de cevada, tudo com mais de dois mil anos. Localizem o lugar, entrem, familiarizem-se com os detalhes, bebam da água e comam parte da cevada.

Os quatro entreolharam-se desconfiados da estranha estratégia.

— Comer cevada de dois mil anos? — repetiu Christian. — Cereais estragados têm venenos violentos, letais!

— Aquela espécie, extinta no mundo moderno, possui um alucinógeno poderoso, mas inofensivo. Vocês serão testados e examinados e o resultado será anunciado: ficaram presos num estado de semidormência, quase mortos. Mas sobreviveram.

Anfion finalizou sua afirmativa com um leve sorriso e saiu do terraço para a escadaria, seguido imediatamente pelos quatro. Saíram do Templo de Osíris e, na praça, antes de entrarem na pirâmide cuja escadaria descia até o salão redondo do qual partiam os corredores, olharam para trás. Despediam-se silenciosamente da formidável paisagem, palco de tantas surpresas. Seguiram pelos corredores longos e fracamente iluminados por tochas nas paredes. Nenhum dos quatro tinha passado por eles antes.

— Onde estamos, Sr. Anfion? — arriscou perguntar o professor.

— Saindo da pirâmide de Khufu.

Subiram uma escada e, por fim, Anfion parou. Pressionou uma parte da parede com a mão e uma pedra retangular afundou, antes completamente imperceptível na parede. Uma porta de uns dois metros de altura e meio de largura deslizou para a direita, fazendo ruído de pedra arrastada. Pela abertura via-se um amontoado de sepulcros destruídos. O céu estrelado e o horizonte rosado prenunciavam o nascer de um novo dia. Estavam no campo ocidental das mastabas, a oeste da Grande Pirâmide, onde localizaram os primeiros olhos de Hórus.

— Outra entrada? — admirou-se Márcio.

— Enquanto o Egito tiver areia, nela estarão os muitos portais de Maha-Ettel — respondeu Anfion.

Os quatro saíram e foram seguidos pelo mago. O professor olhou para a própria maleta, para ter certeza de estar com ela. Os dois garotos começaram a tirar seus amuletos mágicos. Haviam combinado devolvê-los a Anfion quando saíssem. O mago não recusou. Mirella sentiu-se envergonhada ao explicar como perdera o seu. O ar estava parado e fresco. Nuvens rosadas se espalhavam pelo leste. A aurora no deserto era, como sempre, maravilhosa.

— Fiquem com este pequeno presente e usem sempre que precisarem — o mago estendeu-lhes um pequeno rolo de papiro, esclarecendo: — Aqui há noções elementares de desenvolvimento psíquico. Será útil a vocês. Estou autorizado pelo Conselho dos Doze Sábios a convidá-los a fazer parte desta comunidade, se quiserem. Quando precisarem, podem voltar, desde que cercados de total sigilo, e serão recebidos como amigos, para se tornarem discípulos da sabedoria egípcia.

O horizonte, mais iluminado, prenunciava o aparecimento do astro-rei.

— Um último pedido: não comentem nada do ocorrido e visto aqui com qualquer

pessoa em hipótese alguma. Ninguém acreditará em vocês, a não ser ladrões e contrabandistas de relíquias. É melhor, para vocês e para nós, manter sigilo sobre tudo — ele fez breve pausa e continuou: — Agora vão em frente e não se esqueçam de meditar sobre as palavras sábias de Cristina Crist, Mestre e orientador da humanidade terrestre. Vocês têm uma missão a cumprir no mundo.

Nesse instante, o sol surgiu por entre as nuvens rosadas. O primeiro raio de sol do dia iluminava o último diálogo entre os mortais e o mago multimilenar.

Anfion afastou-se em direção à passagem. Ergueu o braço direito mostrando a palma da mão. Um belo sorriso emoldurou-se no rosto jovial de doze mil anos.

Os quatro observaram a figura imponente e ao mesmo tempo simples e terna como uma criança. Levantaram a mão, em despedida. Estavam sérios e fingiam não estar emocionados.

O mago atravessou a passagem e esta se fechou imediatamente, sem qualquer barulho.

O momento era estranho, indefinível. Tudo tinha acabado. Isso era bom ou ruim? Eles não sabiam dizer. Apesar de escaparem e recuperarem os fragmentos, a sensação aguda de perderem algo precioso e de estarem órfãos dominou-os. Olharam em derredor. Onde estava a tumba dita por ele?

Márcio tirou o telefone do bolso. Ele funcionava normalmente. Apenas a data estava errada: 28 de janeiro de 2004. Nessa hora, a areia onde estavam os quatro afundou e eles caíram num buraco estreito. O fosso tinha mais de seis metros de profundidade e estava inundado até cerca de um metro. A água era cristalina. No fundo, areia, objetos artesanais, um sarcófago de calcário e, na parede, um túnel estreito acima do nível da água, dando para uma câmara pequena, seca.

Eles se recuperaram do susto, puseram-se de pé e fizeram o reconhecimento do lugar. Era um local desconhecido até então dos arqueólogos. Arrastaram-se até à câmara seca e lá encontraram algumas dezenas de ânforas, cheias de sementes amarelas. Ficaram receosos, mas após um certo debate acabaram por comer uns punhados da cevada e beberam a água da câmara maior.

Em cinco minutos cada qual foi tomado por forte vertigem e tudo pareceu girar. Eles tentavam se mexer e não conseguiam. Antes de poderem se desesperar, perderam os sentidos.

Não se sabe quanto tempo depois, Christian acordou. O céu azul estava por cima.

— A cevada... A cevada... — murmurou tentando se levantar.

— Calma, rapaz, vocês agora estão salvos — disse um paramédico curvado sobre ele aplicando-lhe a agulha para injetar soro. Ele percebeu estar deitado numa maca no campo das mastabas. Mirella, Márcio e o professor estavam deitados ao seu lado, cercados de médicos e paramédicos de uniforme branco com uma lua crescente vermelha. Uma multidão os rodeava: policiais, repórteres, pesquisadores e curiosos.

— O que aconteceu conosco, doutor? — sussurrou Christian ao paramédico.

— Vocês ficaram presos num fosso aqui perto e só estão vivos por milagre.

Christian recuperou-se vagarosamente do torpor. Na verdade, não sentia dores nem mal-estar, apenas uma moleza nos membros e uma sonolência que desaparecia devagar.

Foram para o Hospital Internacional de Gizé e ficaram em observação. Depois de uma semana e meia fazendo exames e recebendo alimentação endovenosa, tiveram alta. O boletim médico tão esperado pela imprensa assim anunciou:

"Os pacientes Christian War dali, Márcio Melo e Mirella Cardellini parecem ter ficado presos por quase dois meses num ambiente sem luz solar. O paciente Caio Manccini parece ter ficado um período maior, não sendo possível especificar quanto. Os exames de sangue e do conteúdo do trato intestinal dos quatro revelaram terem se alimentado de grãos de cevada, água, frutas e legumes por não mais que três dias. A catalepsia induzida por toxinas de cevada parcialmente deteriorada parece ter sido o motivo de terem sobrevivido, embora não haja consenso sobre isso nesta equipe médica."

Nos dias seguintes, a imprensa não lhes deu sossego. Eles não deram qualquer declaração, exceto que ficaram "presos alguns dias comendo o que restou da comida e dos grãos encontrados e, a partir daí, não se lembravam de mais nada até acordarem do lado de fora".

Após os exames médicos, veio a investigação policial. Interrogatórios e alguns outros exames pedidos pelos peritos criminais. Cada um disse sempre a mesma coisa:

— Depois de entrar e não poder sair, gritamos durante horas por socorro, mas ninguém apareceu. Comemos a comida até o final. Quando acabou, começamos a comer os grãos. Passamos mal e não sei como Márcio conseguiu escapar. Não lembro de mais nada.

Ao final de uma semana e meia, foram chamados novamente à delegacia de Boulaq.

— Pela quarta vez este inquérito investigou vocês — iniciou o chefe de polícia. — Não houve outra explicação melhor que a dos médicos para a sobrevivência de vocês, embora muitas coisas estranhas tenham ficado sem resposta.

— Coisas estranhas, Dr. Jamal? — quis saber o professor.

— É. Há uma lista delas. Aliás, como quase tudo neste caso. Os próprios médicos declararam ser impossível o senhor viver sete meses naquela cova. Mas como o senhor está vivo... Ficou meio difícil dizer o contrário.

— Dr. Jamal, como vocês encontraram o fosso onde caímos? — perguntou Christian querendo mudar o rumo da conversa.

— Um *fellah* procurou um policial noço ali perto. Ele nos levou ao local dizendo ter ouvido gemidos vindos de um buraco. Foi desse buraco que você escapou, não foi?

— Jamal olhou meio desconfiado para Márcio. O rapaz concordou com um movimento de cabeça.

— Um *fellah*? Que dia foi isso? — quis saber Mirella.

— Sim, um *fellah*. Foi dia... Deixe-me ver... 28 de janeiro, isso mesmo, à tarde. Três semanas atrás. Ele nos levou até o fosso. Levamos equipamento de filmagem e finalmente vimos vocês quatro deitados na câmara como mortos. Ele falava inglês com uma perfeição que nunca vi num *fellah* e em muitas outras pessoas — o chefe de polícia fez uma pausa, remexeu em papéis na mesa e prosseguiu: — Chamei-os aqui para dizer outra coisa: o caso foi encerrado e vocês podem sair do Egito a partir de hoje.

No DIA SEGUINTE, ALGUMAS HORAS ANTES de embarcarem no vôo da Egyptair para Roma, onde fariam a conexão para São Paulo, os quatro voltaram a Gizé para tirar fotos do terreno em torno do fosso "descoberto". Essa foi uma preocupação do professor e os garotos acolheram.

Como deveriam estar no aeroporto às treze horas, chegaram a Gizé bem cedo. Eram nove da manhã quando o professor terminou de fotografar.

O sol iluminava de frente a Esfinge e um vento forte varria o planalto.

— Sabem de uma coisa? — indagou Christian, olhando para a pirâmide de Khafre antes de tomarem o caminho de volta até a estrada asfaltada.

Os três olharam para ele.

— Pela primeira vez na vida, tive noção de como perdoar alguém é algo grandioso e íntimo ao mesmo tempo. Perdoar os assassinos de meu pai não mudou nada no destino deles, mas no meu sim. Agora sinto-me livre como nunca fui. Meu pesadelo acabou. Amo meu pai como nunca e sei que ele é feliz numa outra vida. E eu pela primeira vez estou sendo nesta. E assim que as coisas devem ser — concluiu ele.

— Christian! — o professor pegou no braço do rapaz. — Nunca tive a intenção de envolvê-lo em tudo isso. Na verdade, depois de descobrir não se tratar apenas de uma tumba, omiti tudo de você justamente para não colocá-lo em risco.

Mas não funcionou. Desculpe por tudo. Vocês três, me desculpem.

— Não há o que desculpar, professor. Somos mais doidos que o senhor — sorriu Márcio.

— É verdade — concordou Mirella.

— Cada um de nós fez o melhor que pôde, professor — acrescentou Christian, sorrindo. — Sempre me lembrarei disso.

O azul límpido do céu era inigualável. Um dia perfeito nascia. O sol tingia de dourado a face pétrea da Esfinge.

Eles se apressaram. Havia ainda muito por fazer.

A terra do Egito apenas começara a levantar para eles uma ponta do véu indevassável que a encobre. E também as suas almas.

[\[1\]](#) A Ordem Rosacruz, conhecida pela sigla A.M.O.R.C., é um movimento esotérico presente em vários países da Europa e das Américas que afirma ter suas raízes no Antigo Egito.

[\[2\]](#) Acredita-se que os construtores das três maiores pirâmides foram os faraós Khufu, Khafé e Menkhaure, também conhecidos pelos nomes que os gregos lhes deram: Keops, Khefen e Mikerinos, respectivamente.

[\[3\]](#) *A Association for Research and Enlightenment* (ARE) é uma organização milionária sediada em Virginia Beach, Estados Unidos, destinada a pesquisar e divulgar os ensinamentos e profecias de Edgar Cayce.

[\[4\]](#) Necrópole: cidade dos mortos, cemitério. Toda cidade do Antigo Egito era construída com uma área reservada à Cidade dos Mortos. No planalto de Gizé, perto do Cairo, há um complexo arquitetônico misturando templos, necrópoles e as pirâmides.

[\[5\]](#) Supremo Conselho de Antigüidades (Supreme Council of Antiquities) é o órgão do Governo Egípcio que fornece autorização para escavações, remoção e estudo de material arqueológico.

[\[6\]](#) CRUSP: Conjunto Residencial da Universidade de São Paulo; é um alojamento para alunos da USP.

[\[7\]](#) Nomo: dizem os egiptólogos que, antes de o Egito tornar-se um reino, o território era dividido em pequenas regiões chamadas nomos. Os nomarcas eram seus chefes. Acredita-se que tais tribos guerreavam tentando dominar uns aos outros. Namer, um nomarca, conseguiu vencer e submeter todos os nomos à sua autoridade, sendo considerado o primeiro faraó.

[\[8\]](#) Mastaba: túmulo típico do Antigo Egito, feito de tijolos, acima do solo, com as paredes inclinadas, lembrando um trapézio. Os túmulos do Vale dos Reis, ao contrário, são subterrâneos, escavados na rocha.